

**JOÃO  
UBALDO  
RIBEIRO**  
SELO LITERÁRIO



# A DEVOÇÃO DO DIABO VELHO

Ordep Serra



Fundação Gregório de Mattos

Ordep José Trindade Serra

# **A DEVOÇÃO DO DIABO VELHO**

Fundação Gregório de Mattos

Salvador, 2015

## PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR

### Prefeito da Cidade do Salvador

*Antonio Carlos Peixoto de Magalhães Neto*

### Secretário de Cultura e Turismo

*Érico Pina Mendonça Júnior*

### Presidente da Fundação Gregório de Mattos

*Fernando Ferreira de Carvalho*

### Chefe de Gabinete

*Sílvia Maria Russo de Oliveira*

### Assessora Chefe

*Gildete Nascimento Ferreira*

### Assessora Jurídica

*Thais Conceição de Santana*

### Gerente de Arquivo Histórico Municipal, Museus e Bibliotecas

*Lucimar Oliveira Silva*

### Gerente de Promoção Cultural

*Wilton Rafael Souza Magalhães*

### Gerente de Sítios Históricos

*Milena Luisa da Silva Tavares*

### Gerente Administrativo-Financeiro

*Ivã de Araújo Oliveira*

### Gestor do Núcleo de Tecnologia da Informação

*Éric Castro*

## COLEÇÃO SELO LITERÁRIO JOÃO UBALDO RIBEIRO

### Coordenação

*Lucimar Oliveira Silva*

*Plutarco Drummond Magalhães Neto*

*Claudius Portugal (consultor)*

### Produção

*Lídia Santos Costa*

*Felisberto dos Santos Gomes*

## Comissão de Avaliação do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro

*Aleilton Santana da Fonseca*

*Elísio Ferreira Lopes Júnior*

*Elidinei Maria Bonfim*

*Gerana Costa Damulakis*

*Iray Maria Galvão*

*Lídia Santos Costa*

*Lourdes de Fátima Santos Pinto*

*Luis Antônio Cajazeiras Ramos*

*Myriam de Castro Lima Fraga*

## Fazem parte do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro - Ano I as seguintes publicações:

---

### Contos

A Devoção do Diabo - *Ordep José Trindade Serra*

### Romance

Alzira Está Morta - *Goli Guerreiro*

### Republicação

Canudos: A Luta - *José Guilherme da Cunha*

### Crônicas

Crônicas Hipermodernas - *Mar Zalez*

### Poesia

Mar Interior - *Renato de Oliveira Prata*

### Literatura infantil

O Circo da Alegria - *Betania Paz Lisboa*

### Prêmio Jovem autor inédito

O Sangue é Agreste: Os livros do sertão - *Ian Fraser*

### Dramaturgia

Partiste - *Paulo Henrique Alcântara*

## Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP) Fundação Gregório de Mattos

---

S487 Serra, Ordep José Trindade

A devoção do diabo velho / Ordep José Trindade Serra  
Salvador : Fundação ADM, 2015.

400 p. - (Selo Literário João Ubaldo Ribeiro, Ano I)

ISBN: 978-85-88182-07-3

1.Literatura brasileira - Conto I. Fundação Gregório  
de Mattos II. Título

CDU: 82-34

---

**JOÃO  
UBALDO  
RIBEIRO**  
SELO LITERÁRIO



# A DEVOÇÃO DO DIABO VELHO

Ordep Serra

**FGM** Fundação  
Gregório de Mattos

Secretaria de  
Cultura e Turismo



Salvador, 2015

A Fundação Gregório de Mattos sente-se orgulhosa com o lançamento da Coleção Ano I do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro. A coletânea reflete o esforço da Prefeitura de Salvador, da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (SECULT) e da Fundação Gregório de Mattos (FGM) para incentivar a cadeia produtiva do livro em toda sua extensão.

Aproximadamente uma centena de escritores e escritoras inscreveu suas obras no Edital do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro, que foram avaliadas por uma comissão de notáveis do setor da literatura baiana. A expressiva participação e o alto nível das obras inscritas comprovaram a demanda da área por um concurso de excelência literária em Salvador.

A intensa relação de João Ubaldo Ribeiro e sua obra com a cidade de Salvador, ao tempo em que reafirma a relevância universal de sua literatura, o credencia para denominar o Selo, cujos objetivos são fomentar e promover a leitura e a produção literária no âmbito do município. Eleito para a Cadeira 34 da Academia Brasileira de Letras, João Ubaldo, romancista, contista, cronista e roteirista de renome internacional, recebeu, entre outros, os prêmios Jabuti, em 1972, e Camões, em 2008. Suas obras são traduzidas para várias línguas e adaptadas para o cinema, o teatro e a televisão.

A publicação da Coleção do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro - Ano I é de suma importância para o desenvolvimento e consolidação do campo da literatura na capital baiana. Ademais, cumpre o disposto no Decreto Municipal 24.883 de 02 de abril de 2014, que instituiu o Selo, e dispõe que “incumbe ao poder público garantir a todos o acesso às fontes de cultura, apoiando e incentivando a produção, valorização e difusão das manifestações culturais”, consoante o que dispõe o art. 262 da Carta Orgânica Municipal e as diretrizes da Lei 8.551/2014, que instituiu o Sistema Municipal de Cultura.

A primeira coleção do Selo João Ubaldo Ribeiro conta com oito títulos de diversos gêneros literários. A FGM mais uma vez ratifica a sua missão de órgão gestor da política cultural do município e de instituição integrante do Plano Municipal do Livro, Leitura e Biblioteca (PMLLB).

*Fernando Guerreiro*  
**Presidente da Fundação Gregório de Mattos**

*Para Regina, Marina, Helena,  
Zé e Jureba,  
Letícia e Cacau  
minhas fontes de alegria.*



# Índice

Luíla .....	09
Ajuda .....	11
O jardim .....	34
Santa .....	37
Eumeu .....	39
De bares infames .....	78
Mel .....	83
Passeio .....	97
O zotro .....	104
Revelação	
I. O Anjo, quase .....	107
II. Juramento solene .....	108
III. O palpito .....	109
O eclipse .....	121
Sessão solene .....	123
O pródigo .....	126
A sombra nos ombros .....	175
Cherub .....	182
Aparição .....	184
Piano .....	185
Mila .....	192

História de ninguém .....	199
Rosas .....	206
Zau .....	208
Lídia .....	217
O filme .....	223
O Homem do chapéu azul .....	226
O imperador .....	227
Jesus .....	229
Cajueiro .....	239
História da lua .....	253
Ofélia .....	255
A última sexta-feira .....	271
Jordão .....	272
Alumbres .....	299
Álbum .....	305
Celerilume .....	318
Leão, seu sono .....	325
Procissão .....	333
Estranhas .....	338
A devoção do Diabo velho .....	358



## Luíla (Proêmio)

Ventania, rajadas de chuva. Um estalo, um corisco se desfolhando. Trom de trovão. Estremeço do céu. O rei vagabundo abriu suas asas. A festa furiosa começou aos poucos, mas se espalhou na carreira — bruta, sem breque, num bruaá. Assim passou de trote a galope o desvario das águas soltas. Primeiro, Pai Velho ficou animado: se encorpou, botou anéis de torvelinho, corooou-se de folhas em folia. Vieram plantas dançarinas, baronesas em procissão. Depois, ele trouxe coisas maiores: galhos alegres, troncos e carcaças. Num barravento que não se esperava, cresceu-lhe o frevo: enfureceu-se o Paraguaçu. Baile de nuvens embriagadas no quebra-potes de São Pedro, dança de turundumdum. Mamando gulosamente nas vacas bravas do céu, caboclo bom mudou de corpo. Assim, de uma hora pra outra — no torvo da noite — o assanhado saiu de si. Oxente, e o sereno? Eu tava sonhando? Pois sim, pois não, que mal ouvi e ainda escuto: — *Olha a cobra no pé, olha a água!* — Levanta, corre, grimpa, o frio sobe pela cintura, olha lá que daqui a pouco chega ao pescoço. Como é, como foi? Dor de sem jeito me aconselhou, com uma voz antiga, meio rouca: — *Te avia, homem, não espere mais!* — Num instante fiz o que não pensava: trabalho de gato. Telha despencou, quase vou abaixo. Surgiu a lua de roupa nova, o galo branco no farol. Meu pai defunto soprou de novo nos ouvidos de minha lembrança: — *Quem muito aguarda, o anjo não guarda* — e eu fiz que sim. Ao ver uma vela, pulei do teto, caí na enxurrada. Afundei no olho da noite, no espelho choroso. Zu canoeiro me pescou.

Minha casa ficou para o povo de escama com seus frios aderentes: siri, caranguejo, cobra d'água. Ai, e o consolo? João Boa Mão me deu cachaça. Peguei o litro, peguei a trilha, segui caminho pra lugar nenhum. Me acompanhou só o pam do espanto, a pancada do pé no chão. Zonzo zanzei, até que não pude. Fui parar no bairro do Amparo, na rua de portas fechadas. Tombei na santa ruína,

caí justamente na Casa de Deus. Nula, acabada. Nem paredes, nem altar: só um fantasma de igreja que o negro fez e o branco derrubou. Tinha lajes com nomes apagados, estrelas nuas no alto. Tirei da garrafa meu cobertor e dormi por cima dos mortos.

De manhã, fui carregado que nem um santo — mas num andor muito baixo — da igreja sem muros até o hospital. Não tinha leito na Misericórdia, no bom Hospital da Misericórdia. Entulho de gente, eu lá não cabia. Que fazer? Santo deitado é Senhor Morto: me deixaram na porta. Achou-me um olhar de piedade, que eu mesmo não vi. Assim fui levado a uma casa de gente rica. A moça dos olhos verdes me acompanhava. Por ordem sua, meu corpo fraco se acomodou em boa cama de barão. Fechei os olhos. Tornei a abrir minha pouca luz na palidez do dia seguinte. De novo, a beleza me sorriu. Flor no cabelo, brincos de sol: era um Anjo de Deus que pintou as unhas. Se forças tivesse, eu adorava de joelhos:

***Lila, Luila, Leluiá!***

Meu pobres olhos disseram tudo: um puro amor. O remédio no copo de cristal. O gosto de lua. Mas não era dia? Não amanheci? Ah, finalmente o sol chegou. Pensei até que nascia de novo. Na boca da noite, porém, um friúme tomou meu corpo. Confissão? Pois não:

***Adeus, meu povo, que já vi o céu!***

## Ajuda

O som chegou-lhe misturado com a ponta de luz, um toque sutil no tímpano, um raio rosa a manchar-lhe as pálpebras. Assim colheu o sinal do sino, sem que prestasse atenção. Com o leve repique, num fim de sonho por onde coava a lembrança, viu-se no trem azul, a descer os morros de São Félix. O trem soprava e resmungava, até que o toque refluiu. O camarada então se achou deitado num quarto de hotel. Pelas frestas da persiana entrava a cor da manhã, com um lindo, leve bimbalar. Se este parasse, o vento se escutaria: o sopro do velho Paraguaçu, que estava à beira, segundo logo ele recordou. Deu-se o contrário, recresceu a música. De que torre, de que alta boca, ele não atinava. Não era o bronze da matriz, de voz maior, nem o do Monte, luminoso. Tampouco a prata dos Remédios. Era de perto, sim. Era um sinozinho canário. Dizendo o que? Domingo não, nem aleluia. Mas qual o dia sem festa no diá desta cidade?

O cismarento levantou-se da cama ainda nu, arrepiado. Pôs a toalha na cintura, foi abrir a janela. Da manhã menina lhe veio um suspiro fresco. O Paraguaçu soltava da pele os cordões de bruma e os morros se embandeiravam, zonzos de névoa. Mas já se erguia a coroa do céu, já se afastavam dos telhados as fitas alvas. É a regra do lugar: um raio chega, atira a moeda de sol e a luz floresce, com uma força de ouro que lava a neblina. O dia quente desabrocha no Vale do Paraguaçu.

Um vento antigo soprou lembranças, desenhando um casal idoso. “Num tempo assim, os mortos madrugam” — fantasiou. Viu o menino de outrora junto aos dois velhos. “Esta criança, onde foi parar? De que modo existe?” Sacudiu a cabeça pra ver se mudava a direção das ideias, mirou os dedos, fez as contas: duas décadas redondas longe da Cachoeira. Mas em coisa de quatro anos já era a sétima vez que lhe mostrava sua barba.

A dor da memória persistia. Ele cedeu: voltou à dura manhã em que um fazendeiro caladão trouxe o pequeno para matricular-se na escola pública Barão

de Montezuma. Ficaria o menino com o casal de velhos tios. Ai, longe da avó que o criou, do pai sisudo — mas generoso que nem a copa do umbuzeiro —, dos amigos, das coisas simples de sua estima: longe de tudo em que confiava. Próximo, apenas encontrou o vasto rio, seu conterrâneo — com jeito de outro, porém: sonso de marés, dado a caprichos furiosos. Naquela terra, até o comum ele estranhava... Mas sim, tinha boas lembranças: os quebra-potes, os passeios de canoa, os banhos no rio... Basta a gente saber que mudou, abre-se a porta das saudades. E o que mudou?

A pele do mundo, com certeza.

Nesse ponto, o encabulado interrompeu as lembranças, mirou a hora. A fruta do sol amadurecia. Era um dia claro. O homem prestou-lhe atenção. Foguetes na rua: risca que sobe, chhh... Papocou! Marcha de filarmônica, longezinha. Sinos alegres, de boca fresca. Um louvor da Padroeira? Não, nessa data, não pode ser. Nem Glória, nem Mãe do Carmo. Quem dirá?

Voltou o sino fogofo, lâmpada nova. Depois, batuque: eita que bombos, tambores, uma aleluia de pratos, um lampejo de clarins, tudo a escorrer na mesma direção. Alvorada, decerto. Dia santo, ou feriado. Um estorvo para seus negócios.

Não querendo e sempre querendo, voltou às recordações. Sim, era a sétima vez que vinha ao Vale no tempo de sua madurez. Conta feita, foi logo da sétima à ótima: flechou o pensamento na segunda ocasião, no belo enredo. Fez-se o filme: parecia estar vendo de novo a cara de nem-te-ligo da gostosa nos corredores, a tentação. A cada muxoxo da não-me-toques, ele comia uma cascavel. Com chocalho e tudo. Até que um dia resolveu-se o caso, colheu-se a fruta. Foi quando ele achou a cabocla a arrumar-lhe a cama, no bom do acaso. Passeio curto, sorte grande: voltou o saído no mesmo pé, entrou num vupe, fechou a porta — e deu-se o frege bonito com a égua chucra, que lutava sem tugir, mordendo e se escorregando, as pernas que nem traíras, unhas de sussuarana. (Terá receado o escândalo, se gritasse, pois eram dez da manhã, um reboliço haveria: — *Estão*

*comendo a arrumadeira no quarto seis!*). Pois sim, ela resistiu, mas se queimou de foga: com pouco, pegava ardores. Uma mulher de sangue quente, não tinha como negar.

No fim, o denço. E os agrados: cortes de pano, perfumes, pequenos luxos. Bobagens que ela exigia para seguir com a vadiação. Lá no Caquende, na casa de uma comadre. Em segredo. Depois do tido e havido, se ele quisesse, era assim. Com a danisca a lhe dizer que tinha homem. Ora, ora... Porque respeitar prosápia de corno? Chifrudo é filho do Cão.

Entrou no banho sentindo o gosto da viagem. Achou-se estrangeiro, de novo. No entanto, o certo era o certo: vivera parte da meninice no Vale, na velha cidade. Cinco, seis anos. Tempo de habituar-se, com certeza. E nunca pôde. Jeitos de ser muito diferentes: “Este lugar não fica longe do sertão. É quase a porta. Mas forma outro mundo. O povo fala amaciando as palavras, é cheio de prosas, gosta de se enxerir. Amigueiro, porém chegado a espalha-fatos, a futuca-miguel. Gente de veneta, sim, muito espiritada. O não-sei-quem fala com o desconhecido de dente aberto e até o diabo se chama de ‘meu compadre’. A religião? Folia! Muita igreja, muita reza, grandes festas de procissão — mas faz-se jejum com vatapá e toda novena acaba em samba. Brincam nas portas dos santos, quase na boca da igreja, e dançam de noite, no candomblé. Vivem fazendo bozó. Terra de negro, terra doida”.

Sob os ruídos novos do dia, na orelha pensativa continuava o rumor da véspera preta: o som do trem, profundo-rouco. Cachoeira estava quieta, no pleno de sua noite, quando ele chegou. E o sono tocou viagem. Com o sol é que terminava de aparecer-se onde estava.

Agora... Que foi? Zaiada! O Seu Chico reclamava com malandrêus, cuidando de proteger o sono dos hóspedes. Ó, a pensão quase na zona... Ele mesmo achava engraçada esta preferência. Podia pagar o Hotel Colombo por um conforto maior; feito o costume, porém, só ia pro menos bom. Costume e certas

vantagens, teve de reconhecer: como freguês de importância, tinha seu quarto escolhido, caprichos muito respeitados.

Mas o que ocorria? Pelo jeito, era bem à porta a droga da confusão. Tropa de bêbados zuadentos, devia ser. Mas isso não lhe dizia nada. Já estava acordado. Fazia falta era o chamego. Pena que a rapariga não trabalhava mais na pousada. Folia, agora, só no Caquende — onde logo ele estaria, levando prenda bonita.

Foi escovar os dentes, banhar-se. Quando acabou, vestiu as calças, pôs uma camisa leve e sentou-se na cama. Era muito cedo, ainda. Tinha mais tempo do que desejava. Daria um passeio. Talvez fosse até São Félix, de canoa. Podia voltar a pé, atravessando a grande ponte entre as duas cidades. Iria...

Arre, o que se passava?

Fuzuê!

Ergueu-se de um pulo o camaradinho, com o choque alegre da gargalhada escandalosa. Na porta aberta de golpe, viu um galalau de cabelos de milho, metido num camisolão azul claro, com uma garrafa na mão.

— Oxente! Mas que diabo! Como é que entrou, que porra é essa?

— Ora, ora! Já não me conhece mais, seu cangaceiro?

[A lembrança cantou: transpareceu no espanto o amigo de infância].

— Apois é você, Alemão? Mas que moda é essa? Você não era xibungo, só sem-vergonha. Que aconteceu? O carnaval madrugou aqui?

— É Ajuda, a festa de Nossa Senhora. Não se lembra, cabeça de boi? Agora só pensa em vaca, só cuida em chifre... Ande, Mano, vamos beber.

— Cê tá é doido! Mas passe a branca pra cá. Como foi que soube de mim?

— Eu sei de tudo. Você tem negócios com os homens da Charqueada, voltou ao Vale por conta disso. Só não se lembra dos amigos.

— Falta de tempo, Alemão. Mas que me conta? Não me recordo da Ajuda. Também, é tanta festa nesta terra!

— Acho poucas. As que tem, aproveito. Prepare-se, homem, tome outro golinho. Vamos lá que a vida é curta e tem alegria na garrafa.

— Arre, já vi que ninguém pode com mau elemento. Taí a prova, cabeça de fogo: só mesmo você me força a tomar cachaça em jejum.

— E ensino padre a rezar. Sou bamba nisso. Mas ande, venha ver minha batucada na rua.

— Eeeu? Não tenho essa animação. Vocês começaram cedo, heim? Nossa Senhora!

— Alvorada é isso: grita o sino, toca a banda, pula foguete que bica as nuvens. Então nós vamos nos blocos, com bumbo, caixa e corneta, dando pancadas em gato que já morreu e raspando os pratos limpos.

— A malandragem maior! Para onde vão?

— Morro da Ajuda, Porta da Casa da Mãe de Todos. A festa, não se recorda?

— Até o dobre estranhei. Não era a Matriz nem o Monte, nenhum de minha memória. Aqui tem sino demais. Naquele tempo, tá certo: de tanto escutar, gravei, era capaz de conhecer qual tocava. “Pirão bem grosso, bacalhau sem sal”, dizia um; o outro, mais longe, recitava: “Menina do Monte só mija em pé...”

— Sino da Ajuda só bate uma vez por ano. Já este que agora mesmo principiou a cantiga, você reconhece? Diga lá, que eu quero ver.

— O Carmo velho.

— Acertou. Mas é para a Ajuda que vamos. Tem batucada, rapaz. Depois desse rol de anos, um encontro de gente boa merece muita celebração.

— Não gosto de remelexo. Pinga tomamos, mas primeiro, é beber café.

— No bar de Zó, aqui não. Vamos lá, zebu.

Teve que pôr os sapatos, vestir-se logo, com aquele azogue risonho apoquentando. Era um bom amigo, que não podia ofender. Melhor uma embroação: tomava uns goles e dava no pé.



— Te aviso que estou sem tempo. Depois farreamos forte. Agora, é só mesmo um trago, pois tenho de ir ao Caquende para um negócio.

— Você vai é atrás do rabo da arrumadeira. Pensa que não sei? Já anda em portas de boca a história do teu xodó. Cuidado, Mano. Aquela zinha tem homem.

— Ora, ora... Eu, o que vejo: o diabo pegando quaresma! Você é capaz de comer até a mulher do padre, bota chifre em todo o mundo, nem cabaço respeita... Onde foi que achou moral? Sei muito de tua fama, deixa de coisa. Pra mim, o homem sou eu.

— Te digo: toma cuidado, teu apego é pau de bosta. O dono dela tem fama de caceteiro.

— E eu com isso? Tenho lá medo? Não dou confiança a histórias de corno brabo. Me dá outro gole.

Saíram falando alto. O dono do hotel olhou com raiva o Alemão, mas sorriu ao hóspede. Com pouco, os dois amigos chegaram a uma porta roída que os berros do louro sacudiram.

— Já vai, já vou! Freguês é quem faz a hora — Zó Veado se consolava — É dia de festa e estou precisando, haja paciência. — Me traz dois copos, cafezinho de cana. Com alguma coisa para a gente comer, senão um guloso morre. Ligeiro, porra! Nosso riacho de bolso está quase seco.

Chegou depressa a encomenda do gute-gute. Já o de-comer demorava. O Alemão cobrou o petisco com uma palmada no dono do bar, que se derreteu:

— Calma, querido, já mandei fritar suas pititingas.

— Pois ande logo, bicha velha!

E toca a mulher-cheirosa, goelas adentro. O camará filosofou: “É isso mesmo, minha avó já falava: quem anda com morcego, acorda de cabeça pra baixo”. Emendaram a pititinga com puãs de guaiamum e passaram da uca à cerveja. Então a arrelia sobreveio: foi quando chegou um mulato claro num vestidão estampado, peitos de pano, bunda de almofadas. Tinha balangandãs nas orelhas,

a cara muito pintada. Dava-lhe a mão um careca nanico, de calças curtas, roupinha de marinheiro, mamadeira na boca. Entraram os dois num requefreque, berrando pela bebida. O menor tratou de encher a mamadeira de pinga. No rastro deles, surgiram mais uns caretas, falando fino. Logo umas putas maldormidas apareceram na rua. Um negro baixo, com uma mortalha vermelha, crista de pano gloriosa a cair-lhe em cima da testa, fez que cercava as mulheres: rodou impante, parou quase acororado à frente das raparigas e bateu asas com os braços, largando o cocoricó.

— Olha o galo putanheiro! — gritou o Alemão, do bar.

O grupo correu para dentro, numa algazarra medonha, as mulheres a fingir que perseguiam o preto. Entraram, pediram cana, e uma das putas sentou-se no colo do camarada.

— Porra, imundície, vá se espojar no seu pai!

Com o empurrão que ele deu, a moça caiu na porta.

— Ah, esse é galo de bozó!

O aporrinhado ameaçou dar-lhe uns tabefes e a quenga correu. Alemão interveio:

— Melhor é lhe dar de pica. Não perca tempo com esta.

Foi então que um balacobaco tomou a boca da rua: a batucada passava, rica de todas as cores. Num instante sumiu-se a turma, com o gazo na sua frente. Sisudo ficou no bar. Pagou a conta com raiva, saiu com alívio. Pela borda do rio, fugindo ao frege, tocou de volta para seu hotel. Foi pegar o relógio, a prenda da rapariga. Não demorou. Meteu no bolso o presente e saiu, imaginando a gratidão da cabrocha.

Ao voltar à rua, viu um embrulho no chão. Deu-lhe um chute. Rolaram trapos e pipocas, um espelho se quebrou. Homem da porta benzeu-se e o mano brabo sorriu:

— Seja lá quem for o dono, será pouco o prejuízo.

Dáí seguiu seu caminho, evitando os rumos donde o batuque se espalhava. Com pouco, chegou à Praça Municipal. Ergueu a cabeça de repente, que vinha bem distraído — e quase salta de espanto. Depois, sorriu. No alto da escadaria da velha Casa da Câmara, o vulto de pé: um tição enorme, com chifre e rabo, a segurar um tridente.

Só depois de alguns segundos, o encabulado notou que tinha mais outros: um par de capetas menores, de cócoras, ladeando o Tal.

— Parece a porta do inferno — murmurou. — Eh coisa mais esquisita, em festa da Mãe de Deus!

O diabo grande acenou-lhe. Teve de rir, respondendo. Depois, tocou para a direita, buscando o Caquende. Mas bem defronte da Ordem Terceira, parou. Vinham beatas do Carmo, que ouviram missa das nove. No meio delas, um frei e um sacristão. Um bando de quatro demônios pintados, surgidos da rua à esquerda, mais os três da Prefeitura, que sobrevieram — alguns com espetos, outros tocando chocalhos, e todos a balançar os grandes rabos de pano — foram dar-lhes cerco. O sacristão reclamou:

— Não sabem com quem mexer, brutinhos? Ai, Cristo Rei, que assanhamento horroroso! Ao menos respeitem o santo frade, ele acabou de rezar a missa. Nem venham bulir comigo, ferrabrazes. Esconjuro!

— Esse, meu povo, é um que gosta de espeto — um Cão pançudo berrou, com voz fanhosa, mostrando o zelador de igreja. — Pois tu não entras no inferno, desgraçado. Não vamos te dar o gosto.

Dona Maria do harmônico ergueu o nariz franzido como quem sente um fedor, disse com a cara de lado:

— Os moleques! Não respeitam Sociedade, Famílias. Devia ser proibida essa nigrinhagem. Povinho!

— Orgulho? É conosco mesmo, sinhá. Teu caldeirão tá guardado: mais de cem litros de azeite fervendo em bolhas alegres, com fidalguia e cocô — um fusco sentenciou, enquanto um outro se arrebicava, mil caretas para a beata.

Meninos tinham surgido de todo o canto. Ficavam meio de lado, prontos pra correr, mas eram força na vaia. As beatas resmungavam:

— Safados! Atormentando senhoras!

— Oxém, Dona Teresinha, tormento nenhum: só quero que ocê me dê aquilo que deu ao padre lá da Matriz — fez o Tifute de rabo maior, no tom da reclamadora.

— E eu quero um retalho de sua língua, Dona Loló. É pra fazer um tapete de fuxico lá no inferno — um mequetrefe esmolou. Os outros davam pinotes, jogavam beijos, dançavam com macaquices à volta das carolas, ou imitavam seus gestos, numa algazarra. Barba de Bode anunciou:

— Vocês vão ver lá embaixo: tem mais barata de igreja do que ladrão e assassino.

Uma senhora se aporrinhou de repente e foi de terço pra cima do Tinhoso que lhe mostrava uma língua de palmo e meio. A cruz bateu bem no chifre do Cão pintado, que deu um pulo pra trás e soltou um peido. Um garoto fingiu um chilique:

— Uai, que já fede a enxofre!

Era a confusão. Os Cães rodearam o frade:

— Vamos prender o careca.

O beatério recuou perante a tropa luzida.

— Escutem Vossas Senhorias — o Maioral sentenciava: — Na hora do presta-contas, só nos escapam aquelas — e apontou duas velhinhas que riam sem se conter, para a grande zanga das companheiras mais graves. O carmelita ria também, divertido, no meio de uma ciranda. Davam-se as mãos os rabudos e à volta dele cantavam, bocas de fogo:

*Levanta a barra da saia,  
Não deixa a saia rasgar  
Tem pena do meu dinheiro  
Que me custou a ganhar*

Afinal, o frade lhes pôs a bênção, com a mão erguida no ar, traçando a cruz — e os Tribufu saíram na disparada.

— Isso é invenção do Satanás, do próprio. Tenho certeza! — Dona Maria falou.

— Non foi o diabas non, Dona Maria, foi chessuítas. Por modo de converter os índias, fazendo medo. Muito mau. Hoje é gracinhas do povo, e está melhor.

— Pois eu não sei como é que a Autoridade permite um abuso desses. Tem filho de gente boa que se mistura, que pinta o corpo com óleo, tinta e carvão, enfia na cabeça a touca chifruda... Um horror!

— E esses calções apertados, com rabos tão indecentes, como é que pode?

— Pouca vergonha, Sinhá!

— Estou com Dona Zuzu: O Delegado devia proibir.

— Cachoeira já não tem homem!

— E a senhora, Dona Santa, muito me admira. A rir desses imorais, dando liberdade!

— Ora, brinquedo de rapazes. A mocidade é isso mesmo.

— Que rapazes! Com a figura do Demo!

O grupo de rezadeiras, excitado, seguiu caminho rumo à Capela da Ajuda, para ouvir a missa das dez. O frade entrou no Convento, os Cães tornaram à praça:

— Como é, Senhor Celso, continua roubando o pessoal, lá na venda? Conserte sua balança, que sua conta está grande. Com pouco sua hora chega e padre nenhum lhe arranca de nossa mão.

— Que é isso? Não falem bobagem, vão procurar o que fazer. Arre, que brincadeira mais tola!

Um dos pilantras viu uma guenza que despontava na esquina com seu balaio de frutas carregadinho para entregar à patroa. Assoviou, os outros acharam jeito de esconder-se às costas da multidão, já a essa hora formada; ele coseu-se à parede, como em tocaia. Mal viu a pobre passar — **Oê!** — soltou a lasca de grito, fazendo que ia cravar-lhe o garfo de pau na bunda. Balaio voou foi longe, frutas rolaram pelo chão. E tudo sumiu num instante, que a molecada não vacilou. A guenza saiu zunindo, pior que bala. Não teve Cão que cercasse: entrou e ficou na igreja.

O capetório passou a tanger menino, abrindo claros na praça. Às vezes, com tática e treita, pegavam desprevenido algum bocó:

— Me larga, corno! Sujou minha roupa toda!

— Mentira, querequexé! Só a bunda é que bagunhei!

Um caga-fumo de grandes beiços vermelhos subiu num telhado para atentar a empregada da casa, que conhecia. A pobre tinha fugido para o quintal e quando menos espera, arre que vê o espavento na cumeeira. De zonha, correu para a rua — e topou com o bando inteirinho. Aí é que foi: em plena aflição, a desesperada subiu na primeira árvore. Resultado: os Cães se foram embora e ela ficou no seu galho. Não conseguia descer.

— Tá doido! Que coisa doida!

— Amigo, é festa de tradição.

O camarada virou-se, riu satisfeito com a boa coincidência: o Jessé da Charqueada é que lhe estava falando. Topava uma cervejinha?

— Oh, sim! Pra comemorar. A Mãe da Ajuda gosta de muita alegria.

— Eu nunca vi essa festa.

— Faz pouco tempo que se voltou a fazer. Com a pirraça dos Curas, por anos ficou esquecida. Os padres de nada entendem, mas gostam de criticar. Achavam

erro em costume que vem de nossos avós. O povo, mesmo constrangido, nunca perdeu a lembrança do bom que foi. Hoje tornamos ao nosso, devagarzinho. Você repare: o tempo que se ficou sem celebrar este dia, Cachoeira regrediu. Só teve atraso. Agora, vai melhorar.

— Mas a festa da cidade não é mesmo a do Rosário?

— Sim, senhor. Porém a Senhora da Ajuda é Mãe de nossa alegria. A Cachoeira nasceu foi junto de sua Casa. Daí é que foi crescendo: fez o São Félix, fez muitas cidades boas. A BelaVirgem do Engenho abriu mistério no massapê. Temos naquele morro a Santa mais poderosa, que solta o diabo na rua, faz o demo trabalhar para nossa edificação.

— Acho esquisito demais o carnaval que lhe fazem.

— Espanta a tristeza do mundo. É de lei: devemos ficar alegres quando a Senhora amanhece. A Mãe dos Homens quer sorrisos, faz dos capetas palhaços. E arranca as almas do inferno. É a Dona do Mundo, a Rainha do Céu, que tem a lua por coroa.

Mano encabulou-se: o homem com certeza estava bêbado. O grande Jessé chumbado, era o que ele via. Essa prosa dava sinal de muita espuma no juízo. Mas pelo menos o bebum esclareceu-lhe uma coisa: a boa razão que tinha de não recordar a festa. Cobrando-lhe esta lembrança, o Alemão é que foi maluco, pois naquele tempo não se fazia, a tradição fora interrompida.

Jessé virava copo depois de copo. Com boa razão: nada melhor que a lourinha, no bruto calor. Valente seguiu o exemplo.

Daí a pouco, chegou-lhes o trovejar dos foguetes, junto com a proclamação do sino, que cintilava com as aleluias por sobre os ataques da banda.

— É a missa que se acabou.

Continuaram bebendo.

— Hoje, não trato negócios. Hoje, me alegro.



— Sim, senhor, quem pode, manda! — disse o camará —. Eu lhe faço companhia.

(Com gentileza é que se amarra o freguês).

— É só nesta data que solto o barco — explicou Jessé. E foi aprovado:

— Apois então, vamos tocando.

De repente, bateu a fome. Camarada provocou:

— Haverá de-comer aqui? Vamos, amigo, aonde se ache forro de pança.

— Lá em casa, se me dá o prazer. Tem medo de passar mal?

— Ora, é uma honra!

Logo chegaram ao sobrado da Rua da Feira, à mesa comprida e farta. Tinha lá um bando de gente estranha, cheia de salamaleques. O dono da casa serviu-lhe champanhe, brindou solene:

— Bebamos agora em honra da Mãe de Todos.

Mano acanhou-se, era muita cerimônia. No almoço, desajeitado, quase nada comeu. Estava zozzo, tinha medo de dar vexame. Assim que pôde, se despediu. O dono da casa foi levá-lo à porta. Tinha os olhos molhados:

— Todo o ano festejo assim. Foi minha mulher quem pediu. Minha Beatriz, devota da Ajuda, morreu no dia da festa. Faz nove anos que celebro sua saudade. Tomara a Virgem me leve logo!

Mano disse-lhe adeus e foi-se embora no pé do espanto. Com a barriga roncando — ronco de fome e de raiva —, queria alguma coisa para mastigar. E que nenhum desgraçado viesse barrar-lhe o caminho do Caquende. Na Rua da Ponte Nova, comprou um acarajé de uma preta velha. Comeu um pedaço e largou o resto, xingando muito, enquanto jogava as moedas no tabuleiro:

— Não precisava esse molho todo, diaba! Agora pegue o que eu não lhe devo e me esqueça.

— Tenha mais educação, branco nojento.

— Com bruxa velha não me importo.

Afastou-se, tossindo raiva, marrão de olhos vermelhos.

— *Mané Fulano!* — Alguém o chamava no meio da rua, oferecendo cachaça.

Era o Tal, com muita munganga. Homem sorriu, tomou um gole profundo e devolveu a roupa de vidro da gostosa. Mas então o outro, de surpresa, ergueu no ar a garrafa e derramou-lhe um bocado de pinga sobre a cabeça.

— Demônio!

As vistas lhe arderam. Xingou de novo:

— Peste do Inferno!

E partiu para cima do Carochó.

Na vanguarda de um bloco, um arlequim vinha dançando, rente ao passeio. Bateu com o ombro no seu peito. Lá-ele girou pra dentro do reboliço. — Ehê! Um peixe na rede! — escutou alguém clamar. Caiu sobre uns mascarados que o empurraram pra diante, levou uma renca de chega-pra-lá. Morcego no redemoinho, cambaleava, rodava, torcia os passos — e tome-lhe cotovelo. Até que saiu do bolo, bem longe de onde entrou. Do outro lado da rua.

O Espeque tinha sumido. O Muda-Cores, também.

Enfestado recuou. Entrou num barzinho, pediu cerveja no balcão. Logo que uma mesa ficou livre, abancou-se ao pé da janela. Então um rumor pesado veio da rua: era outro bloco. Devorando salada de bacalhau, o homem beijudo apreciou o furdunço. À frente, vinha o porta-bandeira, um mulato gordo vestido de bailarina; logo atrás, quatro malandros de saio carregavam o andor de um ente pernalta: boneco de ave com plumagem branca e bico vermelho, topete de plumas azuis. Molecada proclamava:

— É o Sabacu de Seu Poporrô.

Seguiu-se a banda furiosa, pipocando música, a puxar a multidão de foliões aos pinotes. Um galalau vestido de anjo — camisolão e asinhas brancas — dançava que delirava. No rosto amarelo, rosas de carmim.

No que o bloco sumiu, entrou no bar um novo freguês: um homem magro de cabeleira comprida, terno amassado, canudo debaixo do braço. Enquanto bebia, retirou uma folha do estojo e pôs-se a riscá-la com um pedaço de carvão. Na mesa contígua, a ruiva de olhos verdes — saia azul, blusa amarela, xale branco, touca vermelha — sorria com seu marfim cercado de roxo, rodela de rouge na cara caiada, sombra limosa nas pestanas. Os olhos do desenhista ficaram dançando entre a mulher e o papel. Com pouco, ele oferecia:

— Um traço de meu louvor à mais bela das princesas.

— Muito obrigada, Mestre Rui. Vejo que o senhor é um grande artista. Sinto-me honrada, muito honrada. Vou tocar em sua homenagem.

Ato contínuo, a sarará guardou o desenho numa bolsa de pano, aprumou-se e pegou a mover os dedos ágeis pela borda da mesa. Assim ficou entretida por um bom tempo, com um sorriso suave nos lábios.

O desenhista pôs-se a riscar em outra folha. Acabou a tempo de aplaudir a amiga. Depois bebeu um trago e encostou-se à parede, relaxadamente. Logo adormeceu.

Homem sério pediu a conta ao garçom e mais um conhaque para coroar. Enquanto esperava o troco, aproximou-se da mesa do dorminhoco, viu o desenho abandonado: sabacu num pé de pau, com uma corrente no bico. No medalhão, o rosto de um homem. O curioso logo reconheceu sua imagem, ainda que posta na extravagância: tinha chifres. O sangue subiu-lhe à cabeça. Num fervor de raiva, agarrou o papel, lascou em pedaços e saiu bufando para a rua. Nem pegou o troco que o garçom lhe trazia. Retribuiu com uma banana a xinga da doida: — *Ignorante! Porque rasgou o retrato? Animal ruim!* — e seguiu caminho, furioso, garrafinha no bolso. Logo chegou ao Caquende, à casa de Dona Marota.

— Cadê o diabo da velha? — indagou-se, falando alto. Da casa de uma vizinha, foi donde ela apareceu.

— Olá, senhora madama! Está correndo coxia?

— Eu tava ali com uns amigos, de visitinha. Não faça barulho que não carece. Estou às ordens, meu senhor.

— Ora, ora! Não sou vadio, nem moleque de recado que fica esperando. Se despache e me trate sério, venha logo. Reconheça Vossa Mercê que pago todos os favores.

— Mas o que tem, homem de Deus? Entre na casa, que é nossa.

Entraram. A dona velha tremia numa capa de silêncio [(Moléstia do Cão te carregue, teu furor que pipoque longe. Não sou capacho de brucutu, não sou isca de cascavel. Urubu te coma, gambá te urine, cachorro doido roa teus ossos. Em má hora você chegou, tão certo como te odeio, pedaço de praga. Te esconjuro: Vôte, Vôte!)].

— Vá me buscar a menina.

— Mas ela estará, com certeza, na casa do outro. Preciso não dar na vista, meu querido. Primeiro, mando-lhe um prato de doces. É o sinal, pra que ela dê um jeitinho. Bem disfarçado, não sabe? Espere um pouco, um tiquim.

— Não sei de nada. Só quero e exijo a mulher aqui, agora mesmo.

— Ai, Cristo! Sossegue um pouco, já vou andando — Dona Marota assustou-se.

Enquanto a velha ganhava a rua, Mano brabo tirou a camisa e foi lavar-se numa pia. Enxugou-se com uma toalha do varal e pegou a garrafa de vinho no armário. Já a esvaziava quando voltou a comadre.

— Ioiô perdoe, dei muitas voltas, varri o Caquende, não acho em canto nenhum a sua moça catita. Ninguém não sabe.

— Tá certo! — ele resmungou, jogando no chão uma nota graúda. — Pegue isto e compre uma corda para se enforcar.

Dona Marota sorriu, feliz da vida. Barrão saiu queimado:

— Aquela burra há de andar se xumbregando no samba. É uma descarada, uma puta.

Logo lhe veio uma ideia com que se entusiasmou: ia procurar por aí, e quando achasse a danisca, mostrava-lhe o que era bom: puxava pelos cabelos a sem-vergonha, metia-lhe o cinturão no meio da rua mesmo, para que todos soubessem quem era o dono. Já quase se alegrou. Tirou a garrafa do bolso, mamou um pouquinho e tocou a caminhar. Dentro em pouco, viu-se na praça foliã. Perto dele, anunciavam:

— Lá vem, pessoal, o batalhão!

Sim, senhor, lá vinham todos. Com seu Chibamba na frente.

— Ah, se eu pego este sacana de jeito!

O Cujo marchava empertigado puxando a corda dos estupores: ao lado, tinha um barbicha que sacudia matraca; atrás, uma bela vintena de outros medonhos, uns com espetos na mão, outros com açoites, outros ainda empunhando tochas acesas. O Bode Mestre fazia o pregão, dando com a pala de pau:

— Senhores do pé na lama, senhoras da vida torta, meu belo povo, atenção! Malandros, alcoviteiras, usurários, velhas com língua de trapo, Vosmecês que estão me ouvindo, andem logo: se remançarem, será pior. Vamos embora que tem fogo pra todo o mundo, espeto pra cada rabo. Políticos, puxa-sacos, ricaços, vamos que vamos! Toca pra nossa casa, meus afilhados!

Com gestos largos, os outros Cães também convidavam o pessoal a seu redor a pôr-se em rumo com eles. Às vezes, faziam de conta que iam prender alguém: — *laiá, o chifre de seu marido já está maior do que o meu!* — E tinham seus chocalhos, davam estalos tremendos com os açoites, brandiam espetos. O povo ria e fugia:

— Credo em cruz! Te desconjuro, Canhoto!

Um cafuringa encostou a tocha viva na boca e cuspiu fogo. Houve um pequeno bafafá. Mulheres com cara de assombro se persignaram, falando baixinho:

— Pr'onde é que vão os Coisa-Ruim, no trote?

— Vão todos banhar-se no rio. Com essa fantasia, eles não podem subir o morro da Ajuda, nem assistir à Lavagem.

— Eita, inda bem. Pensei que tocavam de mesmo para as Cuinhas.

O grupo dos presepeiros medonhos sumiu-se logo, mas outras visagens rondavam. Os Cabeçorras seguiam balouçantes, em passo miúdo. De vez em quando paravam, a espiar o povaréu.

— Que foi que ele viu aqui? Arre, Cabeça de Pote, vá namorar sua mãe!

E velejavam mandus de roupa sonsa, com seu caroço de pessoa todo velado por uma pele de alvo lençol: desde a peneira de cima, o pano branco recobria um engonço raro, com braços de pau de vassoura a sobrar das mangas de um paletó. Saia verde, soutien e asas-de-mariposa de filó presas às costas, um preto gordo se requebrava à frente de um bloco de malandrêus vestidos que nem mucamas. Os ternos saracoteavam, com seu formoso batuque. Arigofes e palhaços, colombinas, esqueletos, valetes, negras-malucas, lobisomens, reis, piratas, iam-se juntos rua acima, em correnteza multicolor, feito uma cobra remexendo. E o samba se desatava:

*Ó meu São José,  
Venha ver a moda:  
Saia de bicão, babadão,  
Laço cor-de-rosa.*

Um gorducho de camisola puxava o elegante: um jeguinho de gravata, a cabeça enfeitada com flores de papel. Atrás, baianas formavam cortejo, com vasos de água floridos no cocoruto. A trova recomendou:

***Ô laiá borboleta,  
Diga a meu bem que apareça!***

O camarada sentiu um pé de vento correr mesmo à sua beira. Quando olhou, era o Arlequim que passava, já se afundando nas ondas do povaréu. O calundu lhe reveio:

— Ó fí'da peste! Só cuida em me derrubar?

Quando ele viu, já estava subindo o morro da Ajuda, que tem na crista a igreja pequetinha. Envolvido pela multidão, só parou no alto, no meio da festa. Bom, talvez ali encontrasse a droga da sua amásia... Melhor assim. Ouviu que o samba sentenciava:

***A Capela da Ajuda já deu o sinal  
Tira a mascr'a, careta!***

Essa ordem foi logo cumprida: rostos fugazes tombaram no chão do morro, ao toque plangente das seis horas. Mais um pouco, a noite descia sobre o devoto carnaval. O padre fechou a igreja, esbravejando:

— Hereges, longe daqui! Quem chamou vocês, quem lhes pediu o serviço?  
A água de um vaso florente caiu bem aos pés do gritador, salpicou-lhe a batina.

— Não dei permissão, ouviram?

— O adro, sempre lavamos!

— *Vade retro!*

Surgiu no bolo a vassourinha hesitante, logo seguida por muitas outras.

— Pagãos desavergonhados! — saia preta recuou.

À volta fluiu um canto morno. O que era? Já terminou.

O samba crescia, brotando de rodas animadas. No meio delas, dançava um de cada vez, enquanto o coro feria:



**Ó raposa!**  
**O que é, guará?**  
**Eu estou chupando cana**  
**Dentro do canaviá.**  
**Ó, raposa,**  
**Tem cachorro lá!**

— Belas trovas — disse uma risada.

— Malandragem — ele censurou.

De repente, a coisa torceu-se: uma cabrocha faceira, arrepanhando o vestido, caiu no samba com um remelexo safado e um raspapratos puxou os versos de desafio:

**Pau dentro**  
**Pau fora**  
**Quem tiver pau pequeno**  
**Que vá embora!**

— Esculhambação — ele protestou. — Sacanagem na porta da igreja, como pode?

A dona se rebojava, a mexer os doces quadris num movimento ansioso, virando os olhos. Um crioulo avançou para junto dela, no vão da roda: ia e vinha, fazia que lhe empurrava a coisa no dentre-as-pernas.

Catrumano indignou-se: — *É muita descarração!* — E um pensamento o mordeu com boca amarga: *Onde andaria a droga da arrumadeira? Será que sambava assim?*

— Pagãos desavergonhados, putos de merda! — xingou: — Nem a Santa respeitam.

Quem ia ligar?

— Nem a Santa respeitam — falou de novo, sem convicção. Bem ao contrário, senti com clareza que aquela Senhora estranha achava graça de tudo — dos cantos, da maluqueira, do ardente samba imoral que às suas portas dançavam, do negro fervor dos homens — e lhes sorria, tranquila, com uma inocência selvagem.

Mano brabo se agonizou, senti uma raiva imensa da Mãe noturna e de seu povo. Sem querer, pensou outra vez na arrumadeira bonita:

— O melhor, mesmo, era eu matar essa égua.

A ideia fazia bem. O arretado desceu a colina num passo bambo, a se chocar com mil pessoas. Veio-lhe súbita certeza de que encontraria a morena lá no Caquende. Tocou a andar por dentro da noite, que já tomava céu e terra, flutuando com velas negras. Cego dos passos, em pouco achou-se no cais vazio. Mirou o Paraguaçu com os olhos torvos: o rio corria para trás, voltava ao sertão.

— Diabo de mundo torto!

Afastando-se da margem, o homem seguiu caminho por uma trança de ruas incertas. Do esconso chegou-lhe um sussurro provocativo. Ele não entendeu o que a brisa dizia, mas ameaçou:

— Te pego, Siá desgraçada!

Estava às portas do Carmo. Imaginou com delícia: ia fingir um carinho, depois gargelava a burra. Deteve-se zozzo entre lâmpadas que piscavam, esperou que a vertigem passasse. Encostado a um poste, mal notou a passagem do tempo, o esmorecer dos brilhos frágeis. Logo que se sentiu melhor, retomou a caminhada. E entrou no Caquende, com tudo escuro.

— Que diabo, a luz deu prego!

Ouviu o coro de pragas, senti os caminhos embaraçados. Então, era isso:

o brabo do breu fechando a boca da noite. Onde estava a luinha? Pois não queria sair, na hora da precisão, de trás das nuvens trevosas. Tão cedo, e tanta da sombra! Seria um eclipse? Pelos seiscentos demônios gordos, pelos outros de rabo magro, não desistia da busca.

Vieram cochichos no vento, malícias de voz alada. Risos de deboche, vagos chamamentos, era muita provocação.

— Eu já te mostro como se corre picula — esbravejou.

De vez em quando, em lampejos, parecia-lhe ver a sombra da desejada se furtando. Então apressava o passo. Mas ela sumia de novo, que nem vaga-lume na valsa.

— Você não perde por esperar — ele prometia. E tocava adiante.

Anda que anda, frieza tomou-lhe os pés.

— Oxente, estou no riacho?! Onde você se meteu? Para onde me puxa agora, sinha desgraçada?

Já encharcava os sapatos, as bocas das calças.

— Ah, vejam só o que faço, atrás de um fantasma que inda não matei. Por acaso Vossa Mercê virou peixe? Pouco importa, feiticeira: já te pego e te descamo.

O frio passou dos joelhos, a correnteza banhou-lhe as coxas. Era a veia do riozinho. Com uma sede repentina, o cabra lembrou-se do ditado: “Quem bebe água do Caquende, desta cidade não sai.” Era assim que ela falava, a burra. Devia estar do outro lado, mangando dele.

Um ruído, um arrepio, uma fagulha... Que foi? Correu um sopro de luz na moita da margem, rabo de estrela. E a silhueta feroz surgiu entre as canas do bambual.

O rio ria.

O camarada estremeceu.

Treva terrível aproximou-se, feito um agouro: ave da noite, rumor de morte, era uma sombra que crepitava. De súbito a lua brilhou, pontas de ferro apareceram. Durinho, o infeliz não conseguia mover-se: pavor cantou-lhe que era tarde. A vara com o dente de metal achou-lhe o pescoço. Num instante caiu para trás o homem ferido, berro abafado, a babatar no lençol de água corrente. Com o pé na sua barriga, o Vulto puxou a arma feroz. E o sangue rompeu, num jorro.

Por um instante ele emergiu, tentando agarrar-se à vida que lhe escorria. Ainda escutou o brado:

— Ehê! A noite rendeu!

E logo afundou de novo nas águas pavorosas. Mas antes que se fechassem na correnteza de trevas, ainda sentiu seus olhos arderem, profundamente, com o fogo leve da lua.

## O Jardim

Dona Hilde era loura da gema, alemã de nascença. Chegou aqui menina, com o pai, que fugia da guerra. Hans Blumenbach comprou um sítio, não muito longe da sede municipal. Estabeleceu-se, aclimatou-se, criou raízes. Logo desenrolou a língua: pegou a falar que nem a gente. Naturalizou-se.

Hoje, ele dorme com boa manta, debaixo do massapê.

Faz tempo, sim. Há anos se deu sua passagem. Fraulein era moça de dezesseis, tem mais de trinta. Ficou com Edna, uma cabo-verde que foi companheira de Hans. Ela criou a menina e continuou no cuidado, que Hilde não tinha lembrança de outra mãe. (Morreu de parto a que lhe deu carne. Lá longe).

Hilde pouco se recordava de sua terra natal, mas certas coisas o pai não deixou que ela esquecesse: a língua, a música, paisagens que lhe pintava.

E um candelabro de sete braços.

O jogo cantante das flores, tradição de sua família, Hans não conseguiu transmitir-lhe, não passou completo à filha única. Ensinou uns princípios: fez da pequena uma ótima jardineira. No entanto, não conseguiu adaptar o sistema de um modo que ela o entendesse direito. O arranjo tinha sido feito para uma flora diferente, com interferência de rudes invernos, cristais de neve, brincos brancos da montanha.

Depois da morte do velho, a saudade fez Hilde preocupar-se de novo com a tradição de seus antigos. Vivia tentando adivinhar como seria aquela arte floral, puxando recordação. Tinha um álbum de aquarelas do pai com imagens de primavera em campos do Reno e de plantas que desafiavam a neve na dura estação. As anotações lhe permitiam tocar ao piano miúdas melodias das pétalas remotas. Uns trechos de seu jardim, recantos onde Hans havia ensaiado a adap-

tação, eram relativamente tocáveis. A jovem solfejava uns canteiros, mas o resto não conseguia harmonizar — em termos sonoros, pelo menos. Quanto aos números vegetais, aos ritmos arbustivos e às frases flóreas do sistema, estava mal dicionarizada.

Ela já quase desistia, quando recebeu da Alemanha carta de uma prima. A moça era historiadora. Tinha localizado a parenta com auxílio de colegas do Brasil. Iniciou-se uma correspondência regular entre as duas. Hilde daqui (a prima era sua xará) escreveu à outra indagando se sabia alguma coisa do jogo da família, do seu músico Blumenspiel. Hilde do Reno sabia não, tinha vagas informações. Mas empenhou-se na procura.

Um dia, a germana apareceu no sítio. Planejava ficar por uma quinzena. Estendeu pouco a pouco sua temporada, ficou um mundo. Passava os dias ritmando flores, compondo sonatas quase-vegetais com a outra. Tentativas, esboços, improvisos, ricas tocatas a quatro mãos, em busca do código ancestral.

O marido veio buscá-la, mas não conseguiu que a Hilde gringa voltasse. Desesperado, ele falou em suicídio. Hilde da Bahia teve pena, pegou a consolar. Quase fica preta da consolação, mas não quis aliança com o esposo da outra. Resignado, Gunther foi para Salvador e amaziou-se com uma doceira. Sua mulher também não perdeu tempo: se amigou com um moço chamado Gongo, um preto muito inteligente.

A Hilde daqui deixou a casa com a xará e foi ver a Alemanha. Voltou com um violinista. Largou-o no Rio de Janeiro, de onde trouxe um compositor. Com este, aquietou o facho.

Sua prima, sem filhos, apegou-se muito a uma neta de Edna, fruto da menina que a roxa tivera no primeiro amor, antes do alemão. Tomou a miúda para criar, que a mãe natural não tinha condições.

A garota cresceu com todo o carinho da mãe adotiva, dos tios postiços e do pai emprestado, sem falar da avó. A mãe de útero e parto mudou-se para São Paulo, deixando a filha a engatinhar. Nunca disse a ninguém quem foi o homem que lhe pôs barriga. Mas a pequena que era seu fruto, a Hilde Preta, ficou em boas mãos.

Foi essa Hilde quem criou o novo jogo, quando chegou aos treze. Plantou um jardim muito variado, misturando flores da terra com as europeias, que a gringa e a semi-gringa mantinham numa estufa. Depois, traduziu a plantação inteirinha no piano.

Radiantes, as Blumenbach escreveram o novo sistema, o código reinventado. Deram-lhe o nome de “Kosmos”, escrito com letras góticas no álbum das partituras. Celebraram sua recriação com um grande concerto. A festa durou três dias, com muitos comes e bebes.

Semana depois, a Preta morreu.

De repente.

O caixão que levaram ao cemitério só tinha flores, máscara e tronco de bananeira. A garota foi enterrada no jardim.

Isso mesmo: no jardim que ela plantou. E o mato comeu.

Depois do enterro, as Hildes Brancas tocaram fogo no álbum, reduziram a cinzas a partitura com todas as anotações, venderam casa e piano, largaram seus homens e foram-se embora. Para onde, ninguém sabe. Uma coisa é certa: suas flores emudeceram. Mas dizem que uma prima da Preta ainda se lembra do código: Danda Maré, uma excelente costureira, que o traduziu em colchas de retalhos.

O filho dela faz poesia.

## Santa

**A MOÇA** tombou quando estava botando corpo. Era uma clara manhã de maio. Na colheita de sempre-vivas, ela parou de respirar. Mãe e Pai deram por morta sua alegria. Mas no soluço da madrugada, ela se alevantou do caixão. E tocou para a gruta.

Ninguém conseguiu que ela voltasse. Por sete anos ficou a Moça no cavo da lapa, sozinha com sua mortalha. Com mel de abelhas se sustentava.

Logo vieram os romeiros, a multidão dos sofredores. Pois a Moça era um sacramento: lavando os olhos no sangue de sua regra, curavam-se os cegos de nascença. Os doidos de pedra que o bebiam, saravam. Com a urina, os tísicos ficavam bons. Ela cuspiam nos enfermos, pingava suor nos aleijados: saúde e felicidade.

No sétimo ano, a Moça morreu.

Arrombada pelos romeiros.

Montaram seu corpo com tanta fúria que a santa não suportou.

Os amantes faleceram logo em seguida.

Depois de mortos, ainda jorravam.

O Governo levou o Corpo para o cemitério. Enterrou a Moça. E o Sol, que era manso, enlouqueceu.

O garanhão fugiu da égua, o boi se afastou da vaca.

Surgiu uma nuvem de gafanhotos, um exército de saúvas.

Era esse o gado.

O resto, a seca matou. Enxugou os homens até os ossos, cavou o ventre das mulheres, chupou seus peitos.

E comeu as crianças.

Por fim, a Moça foi desenterrada. A procissão levou o Corpo para a gruta e aí o plantou, bem na entrada. Marcaram a cova com pedras brancas.



Rompeu a chuva.  
Hoje tem lá um monumento.  
Uma capela.  
E um shopping-center.

## Eumeu

Cosme Três Almas dispôs as fotografias sobre a ampla mesa e ficou a estudar o arranjo com que pretendia mostrá-las nos painéis. Selecionou com cuidado as melhores, que colocou num envelope branco. As rejeitadas, botou no amarelo. No pardo, as quase boas. Era seu sistema.

Feita a distribuição, o artista cerrou as pálpebras. Ficou quase dois minutos de olhos fechados, desenhando a mostra na página viva, no teatro de sua ideia. Caprichava, sonhava claro. Por fim, concluiu que o material não era ainda suficiente para uma exposição. Deu um suspiro, resignado. E mordeu os lábios. Mas logo em seguida ele alvoreceu: abriu os olhos à luz de um belo bom dia, respondeu com o mesmo sol e anotou, sorrindo, o pedido da professora.

Na verdade, a encomenda não era da mestra. Era de sua mãe, Dona Sinhá. O caprichoso bem conhecia a tradição, estava acostumado: fotos na igreja e no palacete, na missa e no grande jantar. Duas vezes por ano, em datas próximas, Dona Valéria — que todo o mundo chamava de Sinhá — fazia uma comemoração especial. No quatro de dezembro, eram as pompas de Santa Bárbara, os parabéns da aniversariante. Coisa de um mês depois, no comecinho do ano, tinha a festa do marido morto, que ela fazia questão de celebrar, à base de pão e peixe, açorda, ricas frutas.

Enquanto fazia o rápido agendamento (dessa vez, além das fotos de sempre, a encomenda incluía um trabalho de restauração), Cosme entabulou com a amiga uma conversa animada. Sobre literatura, como de hábito.

— Me diga, Vera: você acha que Hamlet era louco? No drama, até parece: tanto de propósito como sem querer, ele fez ares de quem pesca na lua. Os outros personagens tiveram motivo de enganar-se, reconheço. Mas o autor era muito esperto. Iludiu meio mundo, não se iludiu. Ele sabia: o que tinha o príncipe era um excesso de lucidez.

— A loucura de Hamlet era justamente essa, Cosme. Homem algum suporta tanta lucidez sem endoidar. O repuxo foi tão poderoso que contagiou Ofélia. Dessa maluquice derivada, você não duvida.

— Doida lucidez, então...

A conversa rendeu, com idas e voltas na feira dos argumentos. Concorde, discorde — e tome-lhe corda.

Entretidos assim, os dois demoraram a dar-se conta de que outra pessoa entrava na sala: um homem nem magro nem gordo, nem alto nem baixo, com um rosto fácil de esquecer, não fosse a marca de uma ruga meio torta, um vinco não muito forte na testa. Foi a professora quem notou o recém-chegado e o indicou ao dono do ateliê. Cosme voltou-se para o cavalheiro e indagou-lhe o que desejava, no mesmo tom do bom dia. O freguês disse logo que precisava de sua ajuda. Discreta, Dona Vera despediu-se. E o novo cliente tratou de explicar:

— Procurei o senhor porque soube da sua fama. Ouvei de muitos que é bom fotógrafo, acostumado a estudar imagens. Com a inteligência de seus olhos, com sua prática e costume, na certa conhece todo tipo de rosto, tudo que é feição de gente: lê na cara das pessoas as diferenças e o parecido. Me disseram ainda que o senhor é poeta. Isso aumentou minha esperança. De acordo com meu finado pai, Maneco Sousa, poeta enxerga longe: sabe espiar o que desabrocha no olho do tempo, reconhece as figuras da vida. E tanto faz que adivinha as treitas do mundo.

— Meu amigo, não passo de um homem simples que faz seu trabalho com muito gosto e se arrisca, de vez em quando, no fogaréu das palavras. Mas se puder, lhe ajudo. Por favor, me diga o que espera de mim.

O homem tirou da carteira, com imenso cuidado, um velho retrato desbotado, que pôs na mesa diante de Cosme. Era a fotografia em preto e branco de um menino magro, de calças curtas, aparência de sete anos, no máximo. Enquanto Cosme contemplava essa foto com atenção, o freguês murmurou:

— Quero saber se este sou eu. Pode ser que sim, pode ser que não. Quero dizer, talvez seja o outro.

— Que outro?

— Nonato, meu irmão mais velho. Ele morreu quando nasci. Mal fez o sétimo aniversário.

— Sente-se, amigo. Conte logo a história que lhe arde na garganta.

O homem principiou com um suspiro fundo:

— A mulher que me deu à luz eu conheci muito pouco, assim como o pai que me fez. A única lembrança que tenho deles é de uma visita breve, quando eu já era menino de escola. Na verdade, não era pra ser visita: o pai que me criou levou-me com intenção de entrega, ou seja, a fim de que eu lá ficasse. Cumpria assim o trato antigo: nos meus sete anos (ou seja, na idade do outro), eu teria de voltar para a casa onde nasci. Fui a uma feira com o casal a quem devo meu corpo e lá eles me fizeram tirar um retrato no lambe-lambe. Talvez seja este. Mas é bem possível que não.

— E que mais? Conte, por favor — insistiu o fotógrafo.

— Com semana e meia, fugi: voltei para a casa donde tinha saído. Meus pais de criação ficaram contentes, acho que esperavam por isso. Quem me pôs no mundo, não tornei a ver. Nem eles me procuraram. Passados uns cinco anos, ambos faleceram.

— Juntos, por algum desastre?

— Um depois do outro, com pouco intervalo. Tremiam da mesma febre. Visitei sua tumba e rezei por eles, mas pai e mãe continuam a ser, para mim, os dois que me criaram: Nena e Maneco, ou melhor, Madalena e Manuel, que Deus os tenha.

— Amém — fez o poeta. — Vá em frente.

— Quando voltamos do enterro do pobre homem de quem nasci (ele se foi por último, era já viúvo de cinco meses), Mãe Nena me entregou a mala feita na

casa dos defuntos. Era minha herança: roupas, um punhado de dinheiro, documentos dos mortos, envelopes com papéis antigos. Num dos envelopes se achou o retrato que ainda me encabula.

O silêncio fez uma sombra. Cosme insistiu:

— Amigo, comece do princípio: me diga seu nome e fale de seu irmão.

— Agora é que vem o difícil. O senhor tocou o dedo na chaga.

— Percebo. Mas para que eu possa lhe ajudar, é preciso que abra a boca da ferida.

— O que vou lhe dizer eu soube por Mãe Nena. Não passou por minha consciência, nem eu podia nunca lembrar.

— Já disse a fonte. Agora, conte.

— Quando nasci, Nonato, meu irmão mais velho, estava de cama com uma doença ruim. Minha mãe natural não sabia o que fazer, de quem cuidava. Ao ver que o primeiro filho estava se finando, voltou-se toda para ele. Seu leite secou. Uma vizinha recém-parida, de seios fartos, me deu de mamar. O mano piorou, entrou na agonia. Posto de banda, eu continuava pagão. Um dia, a pobre mulher que pariu nós dois me pegou no colo e me levou à cama do agonizante. Mostrou-lhe o bebê e disse, chorando: “Nato, este é seu irmãozinho, que ainda não tem nome. Diga você como quer que ele se chame.” O mano suspirou e disse, com voz fraquinha: “Eumeu”.

— Como?

— Eumeu. É assim que me chamo.

Pausa de chumbo. Cosme insistiu:

— Por favor prossiga, meu caro. Abra o baú, me conte o resto.

Só então o homem tristonho recomeçou:

— No mesmo dia, perdi esse irmão mais velho. Nossos pais nunca se recuperaram. A dor era muita. Eles nem conseguiam cuidar de mim. Passado um

tempo me batizaram, depois de enorme briga com o padre, por causa do nome. Que por pouco não era recusado no cartório. Daí voltei à berlinda, caí de novo no esquecimento. Meu padrinho, morador de outro vilarejo, foi ter com eles e disse: “Compadre, comadre, vou pegar meu afilhado, vou criar. Vejo que vocês não podem, pelo menos por enquanto. Deixem que Nena e eu tomamos conta. É para isso que tem padrinho, é para isso que tem madrinha”. Os dois infelizes concordaram. A condição foi que seus compadres me levassem de volta quando eu fizesse meus sete anos. A idade do mano, entende? O resto já lhe contei.

— Não, senhor. Há muita coisa que não disse. Enfim, vamos e venhamos, para tudo há tempo. Explique melhor sua dúvida.

— Ora, tenho muitas!

— Falo do retrato. Não foi por isso que veio aqui?

— Sim, é mesmo! Oh, cabeça! A cisma começou com meus pais de criação, quando se encontrou essa fotografia na mala de minha herança. O velho Maneco dizia que era um retrato meu: aquele que tirei na feira, quando estive com os dois do meu sangue. Sua mulher, Mãe Nena, jurava que era uma foto do mano, guardada pela saudade dos mortos. Eu não sabia o que pensar. Passava horas olhando esse tiquim de papel em que às vezes me reconhecia, às vezes não. Até hoje não saí dessa encruzilhada.

— Bem, vamos por partes. Estudarei com calma o retrato que o senhor me trouxe. Vou copiar e dar-lhe uma boa ampliação. Preciso também fazer umas fotos de seu rosto, como é agora. Isto é, quase: com uma pequena mudança. Por favor, vá ao barbeiro da esquina, peça que lhe corte os cabelos e lhe deixe a cara bem lisa.

Assim foi feito. Quando o freguês voltou, de rosto escanhado, encontrou Cosme estudando com uma lupa o retratinho do lambe-lambe. Foi logo chamado a posar: primeiro sentado numa cadeira; em seguida, de pé, com uma cortina preta de fundo, e tanto de frente como de perfil. De quebra — e por último — foi retratado entre espelhos. Acabada a sessão, o artista decretou:

— Volte daqui a três dias. É o tempo que gastarei, entre outras encomendas, na revelação de suas fotos e na pesquisa necessária. Tentarei dar-lhe uma resposta, só isso prometo. E serei franco.

— É o que peço.

— Ah, tem outra coisa: se não se incomoda, pedirei ajuda a uma pessoa de alto saber, de minha plena confiança.

O freguês assentiu.

...

No dia marcado, Cosme esperou o cliente em seu ateliê conversando com um casal: a professora Vera e seu marido Germano, um homem alto, muito forte. O grandalhão despediu-se logo. Disse que tinha ido de pajem da esposa, por dois motivos apenas: pelo prazer da companhia e pelo gosto de cumprimentar o bom amigo. Era esperado no seu escritório. Explicou-se brincando:

— Vera me falou que vinha estudar com você um assunto de altas caraminholas. Quando entra coisa desse quilate, a conversa de vocês fica complicada, com filosofia que até me assusta. Embola meu juízo.

— Ora, Germano, deixe de bobagem, fique mais um pouco — o poeta protestou. E o graúdo desculpou-se de modo hesitante:

— É que tenho compromisso. Com um sujeito que sempre se atrasa, é verdade. Mas não quero medir meus passos pela corda de seu relógio. Se pego o costume do infeliz, perco o direito da xinga, que sempre me diverte.

A conversa foi interrompida por uma mulher bem feita de corpo, morena, de longos cabelos pretos, maquiagem provocante no belo rosto em que se destacavam os olhos de um negrume intenso. A criatura invadiu o ateliê do fotógrafo anunciando, com estranha calma no seu alarme:

— Gente, desculpem interromper, preciso de ajuda. Apelo aos homens. Mas fique descansada, minha senhora: não é para mim. A questão é com um bicho que rasteja e um punhadinho de santos. Minha tia está histérica.

— Santa Perdição! Vejo duas taças de vinho negro, vejo o abismo florescendo. Esses olhos me matam de sede. Ai, meus demônios do Reino do Céu! Diga, boca de pimenta: posso tirar seu retrato? — Cosme das Almas indagou, botando mais extravagância no diálogo.

A moça retrucou, desdenhosa:

— Vamos com calma, rapaz. Não pretendo fazer pose nem estou brincando de namoro. Meus olhos puxam para o carvão, castanha queimada, de tom sincero. Nada têm do céu, nem do sangue da uva. Muito menos do demônio. Se aquiete, não sople a faísca. Vim em paz e peço ajuda, para o povo de Deus e uma tia velha. Se quiserem acudir, venham comigo, senhores. Isto é, com a licença da madame.

Os dois homens se voltaram imediatamente para a professora, que os despachou com um sorriso:

— Podem ir. Eu tomo conta do ateliê.

Germano e Cosme seguiram a aparecida até uma casa da vizinhança. Lá encontraram a velha Filó torcendo as mãos, a contemplar seu presepe, que tomava metade da sala.

Era imponente a construção: tinha consumido cadeiras, mesas, bancos, estantes, tamboretas, diversos móveis, ocultos e desfigurados pelo novo arranjo, irreconhecíveis na complexa estrutura, inflados com recheios de pano e espuma, mascarados por estranha liga — que incorporava também cestos e bacias, tocos, tarcos e trapos de tela. Tudo isso fora recoberto por papelão, jornais com muita goma e, por cima, papel pintado com tintas corajosas (força nos verdes, graça nos marrons, suave dança de cinzas tendentes para azul). A tanto colorido se sobrepunha, em grande extensão, uma linda pele de musgos, líquens, cascas de árvore. Na base do pequeno mundo escarpado viam-se praias de areia branca com búzios, conchas, estrelas do mar, além de lagoas de espelho em que nadavam cisnes, patos, gansos marciais, impecáveis marrecos. Perto despontavam fontes, com belos repuxos. Onças, cabras, tigres, zebras e cavalos impávidos se desse-



dentavam lado a lado. Aquários com peixes coloridos, dispostos com muita arte, simulavam lagunas em jardins que brotavam de vasos bem ocultos entre seixos de várias cores. Mais acima — em diferentes patamares — leões, rinocerontes, camelos, hipopótamos, leopardos, macacos, veados galheiros, lobos, elefantes, girafas e búfalos, bestas de toda espécie surgiam em penhas, platôs, rampas e vales, por trilhas tortuosas. Despontavam gnomos entre cogumelos, tufos de relva e orelhas de pau. Borboletas apareciam nas florestas de fetos, em campinas de arroz, nas touças de sempre-vivas. Sobre gravetos risonhos se equilibravam pássaros de rica plumagem, escaravelhos furta-cor. O arranjo crescia em forma de montanha: a serra quase chegava ao teto, com rochas escuras cobertas por vegetação musgosa. O pico máximo era dominado por um pinheirinho meio torto de que pendiam bolas coloridas. Crótons, flores e juncos brotavam de jarros velados pelo relevo caprichoso, surgindo de bem disfarçadas crateras. Nas muitas veredas, a multidão de bichos de celuloide, de barro e de plástico via-se iluminada por lâmpadas coloridas que piscavam com um toque de mágica. Havia, porém, uma certa desordem na procissão: animais caídos, uma sereia de rabo pra cima, um papai noel pendurado pela barba num galho rude, uma boneca estrepada num cacto, jegue e raposa se abraçando, automóveis virados, um bode a afogar-se num aquário, um javali atolado no musgo, uma estrela no capinzal, um trem de ferro descarrilado, um gorila atracado a uma zebra sem a menor decência. Aparentemente, um deslizamento numa das encostas levou ruína a essas criaturas e a uma pequena cidade incrustada num vale, onde tombou uma roda gigante sobre o casario.

Apesar dos desarranjos, mantinha-se lindo o presepe. No centro, via-se a gruta para onde convergiram todos os viventes. O Menino Jesus estava vestido com uma túnica branca, rendada, sobre um pedestal em forma de penha, ladeado por São José e Nossa Senhora, plantados um pouco abaixo. Dois dos Reis Magos continuavam de pé, mas um deles tinha caído entre ovelhas e pastores.

O boi estava deitado e o burro de pernas para o ar. Três camelos tinham despencado. Evangélicas ovelhas tombaram no portal da lapa. Rodeava a confusa cena bíblica um belo anel colorido, muito espesso, em que lindas manchas marrom escuro se destacavam, como que bordadas numa superfície mais clara.

— Vejam que desgraça! — lamentou-se a dona da casa. — Ontem passei o dia todo rearrumando meu presepe, porque já é quase seis de janeiro, portanto eu tinha de pôr os Reis na entrada da gruta e mudar a direção dos bichos, em tempo de voltarem da visita ao Criador. Tirei metade dos pastores, deixando só os mais velhos, que os moços precisam trabalhar; depois vesti a roupinha do Deus Menino, que nesta semana sai da palha e fica de pé, conforme a lei da tradição, assim minha mãe me ensinou. Foi uma labuta. Fiz quase tudo sozinha, com a preguiça de Manela, minha empregada. Meus ajudantes do Natal (o sacristão que chamam de Tuta, mais Sirico, seu sobrinho) depois de pagos sumiram, nunca mais apareceram nesta casa. Na lida de ontem, só à noite concluí minha devoção. Dormi satisfeita, acordei tarde, me levantei toda feliz. Mas há pouco, depois que tomei café com a tonta da minha afilhada e vim acender a vela dos santos, encontrei esse monstro na Lapa, o diacho venenoso que não respeita o Senhor. Quase tenho um enfarte. E Manela fugiu, a burra. Por sorte, esta maluquinha estava aqui. Ela me valeu, foi buscar socorro. Deus lhe perdoe os pecados.

— Calma, minha senhora. Esse animal não é monstro nenhum, nem bicho venenoso. É uma bela jiboia, cobra que não tem peçonha — explicou Germano —. Ela deve ter feito um passeio de caçadora pelas ripas do telhado e depois desceu com sabedoria para este trecho mais confortável, passando pela árvore de Natal que a senhora botou no cume da serra. Há de ter comido meia dúzia de ratos gordos, quem sabe um sariguê e um gatinho de sobremesa, pois está muito bem do seu, dormindo o sono dos justos.

— Sono dos justos? Não blasfeme! Por favor, meu amigo, tire daí esse trem herege, filho do Cão.

— Como, senhora? O cão é outro animal, muito diferente. Já vi uns três neste presepe, fora os lobos. São de celulóide, é verdade, mas com toda a aparência de cachorros profissionais. Nada a ver com este belo réptil.

Cosme também elogiou:

— Sim, linda cobra, magnífico anel! — e começou a tirar fotos com a máquina que trazia pendurada ao pescoço. Dona Filomena logo protestou:

— Pelo amor de Deus, meus senhores, não fiquem aí feito malucos falando na dieta da infeliz, gabando sua beleza e tirando retrato dela: expulsem, liquidem a maldita.

— Eu já teria matado a miserável com a tranca da porta — observou a moça. — Mas a senhora não deixou. Disse que assim eu ia era destruir seu presepe. Pela primeira vez na vida, tiazinha, a senhora recomendou que eu procurasse homens. Só por achar que eles têm jeito para certas coisas, não foi? Eu obedeci, trouxe os primeiros que encontrei. Pelo visto, eles tomaram o partido da serpente. Não me surpreende.

— Cale a boca, mulher perdida! Meus senhores, por favor, arranquem logo a invasora da Casa de Deus. E cortem-lhe a cabeça.

— Atenção, agora é do bicho que ela está falando — advertiu a bela sobrinha, com uma risada gostosa. E Germano logo declarou:

— Tirar a cobra da gruta, eu tiro. Matar, não mato, não. Essa jiboia não buliu comigo nem xingou minha mãe, nada me fez. Não atacou, não mordeu pessoa alguma. Dormir em lapa não é crime. Jesus que o diga! Além do mais, acho que a senhora está se contradizendo, Dona Filomena. Botou um monte de bichos no presepe, em visita ao Deus Menino. Feras, inclusive: leões, tigres e leopardos que matam brincando. A jiboia, muito mais mansa, e que veio por vontade própria, quem sabe até por devoção, Vossa Mercê quer assassinar... Não está certo.

— Mas ela é uma cobra, e muito da herege. Derrubou um santo, dois pastores, uma anjinho com seu bandolim...

— Aposto que foi sem querer. Deus perdoa, não é? Farei o que prometi, porém vou logo avisando: agora, na retirada, pode ser que a formosa derrube mais uns bonecos. O povo do céu que se cuide.

— Vamos com calma — Cosme atalhou. — Antes eu tirei os santos.

Dito e feito: primeiro pegou o Deus Menino, depois Nossa Senhora mais são José, e por fim os Magos. Salvou também a vaca, mas desprezou os pastores, as ovelhas, o burro e os anjos caídos. Feito isso, Germano já estava estirando a mão para pegar a jibóia pelo pescoço quando, de novo, o poeta lhe ponderou:

— Espere um pouco, Galo de Trovão. Desse jeito, a lindona vai rabear, varrendo a gruta e os arredores, até que se enrole com todo o amor no seu braço. É cobra forte, fará uma presepada medonha. Pra tudo tem método: vamos pedir à moça bonita que nos arranje um pau de forquilha e um cesto com tampa.

A mulher atendeu: trouxe logo o que lhe pediam, embora resmungando que a roupa usada ficou no chão e a parreira já prometia desabar, por falta de uma das escoras. Realizada por Germano e orientada por Cosme, a operação foi rápida, tranquila. Terminou antes que Dona Filó acabasse de rezar o credo de olhos fechados. A cobra sonolenta até que não fez muito esparrame: agitou-se um pouco ao se ver suspensa no ar, bateu com o rabo num dos pastores (que voou longe), açoitou o burro, a ovelha e o anjo, mas não resistiu a entrar no cesto de roupas em que prontamente se aninhou. Então Germano disse à dona da casa:

— Se a senhora não se incomodar, levarei para mim a bichinha. No meu sítio, ela será de muita ajuda: garanto que logo dismantela uma quadrilha de sari-guês ladrões de galinha e bota ordem no terreiro.

Dona Filomena não hesitou:

— Não me incomodo nem um pouco. Leve com cesto e forquilha, que dessas coisas não faço a menor questão. E menos ainda de sua cativa. Muito obrigada, cavalheiros. Deus abençoe os senhores, todos os dois.

Cosme voltou-se para a moça:

— Não quer vir comigo? Você me parece muito fotogênica. Podemos fazer uma bela sessão de retratos.

A velha interferiu:

— Ai, meu senhor, não se engane com esta desmiolada. É minha sobrinha e afilhada, nunca lhe negarei a bênção nem coisa alguma de que precise, pois lhe tenho apego e a ela me considera. Mas digo com sinceridade, Maria gosta de vida louca. É um furacão para os homens. Tome cuidado!

O poeta insistiu:

— Vamos, eu também não tenho muito juízo.

A resposta veio com uma bela risada:

— Devagar, rapaz. Embora minha tia me chama de perdida, eu cá me acho muito bem. Meu nome é Maria Gavião, mas no momento não estou a fim de pombos. Cuido desta boa velha que vive me censurando. De seu amigo, nem me fale: é boi laçado, cavalo de rédea curta. Quanto a você, garoto, prefiro que bata asas e goze de sua inocência.

O poeta sorriu:

— Obrigado, Maria, por amar-me tanto. Ficarei à espera de sua visita.

...

Quando os dois amigos chegaram ao ateliê, Eumeu já os esperava conversando timidamente com a professora. Vera recomendou ao marido, que gabava a beleza de sua prenda:

— Gê, leve esta criatura o quanto antes para o sítio. Não quero tamanha rival na minha casa.

O grandalhão lá se foi abraçado ao cesto. A professora comunicou ao amigo:

— O senhor Eumeu está ansioso pelas fotografias. Conversamos um pouco. Eu lhe disse que você me pediu ajuda no caso.

Cosme apanhou na estante próxima um envelope de cor parda e o passou ao freguês, avisando:

— As fotos estão aqui, um pouco misturadas. Por favor, separe as suas.

Eumeu fez rapidamente sua recolha. Em seguida, observou:

— Falta justamente aquela...

— Do menino? Essa lhe mostro por último — Cosme retrucou, pegando em seguida o maço de fotografias que o camarada segurava nas mãos e colocando-as com cuidado sobre a mesa, uma ao lado da outra.

— Veja bem, amigo: três desses retratos que pegou são de outra pessoa. De um sócio seu, um homem de São Félix muito parecido com você. Fui anteontem à procura dele e fiz os retratos. Repare: numa das fotos, o camarada está com a barba por fazer. Quanto a você, antes de tirar-lhe o retrato eu lhe pedi para barbear-se, não se lembra? Nas outras duas fotografias que você apanhou por engano, ele também está de cara lisa. Mas falta, evidentemente, a sua ruga na testa. Uma coisa é olhar e outra é ver.

Eumeu ficou por um grave minuto a examinar os retratos, cheio de espanto. Por fim, Cosme os recolheu. Em seguida, colocou na mesa, lado a lado, a fotografia do menino e uma sua cópia muito ampliada. Deixou que o freguês as contemplasse por um belo momento e declarou:

— Dizem meus olhos e minha experiência que esta foto é sua. Mas admito que posso estar errado. É possível que a natureza tenha feito de você uma cópia idêntica, embora atrasada, de seu irmão. Me conte uma coisa: o que lhe disse, realmente, sua mãe Nena? Ela falou dessa possível semelhança?

— Não. Ela só disse que o retrato talvez fosse do outro. Mas Pai Maneco lhe retrucou que o mano era menos crescido quando foi embora.

— Ela se convenceu?

— Sim, mais ou menos. Eu é que não.

— Na verdade — tornou Cosme — há muita coisa coisa que o senhor não me contou.

A professora interferiu de um jeito suave, a modo que mudando de assunto:

— O senhor tem problema com seu nome, não é mesmo? Já me revelou que não gosta dele nem um pouco. Me diga porque.

— Ora, como gostaria? Nome que saiu da boca da morte, que nem a igreja nem a lei queriam aceitar... Só me trouxe vexame, o tempo inteiro. Na escola, no trabalho, todo o mundo me chamava de Meu. Como se eu fosse uma coisa da pertença de qualquer um. Ou me faziam remoques ao contrário. Me alembro da professora que me pegou mexendo na estante onde tinha seus cadernos e gritou: “Sai daí, Euteu, larga minhas coisas!”

— Que mulher estúpida! — disse Vera — Não merece o nome de professora.

— Pois é. Os meus colegas caíram na risada. Passaram a me chamar assim, a modo que esconjurando o embaraço de meu nome com suas pessoas, lá deles. Mas quando alguém da turma fazia uma grande malineza e a mestra vinha com aquela conversa de que era melhor o culpado se acusar, todos me apontavam: “Foi Eu!” E até hoje, lá na minha terra, muita gente me chama de Seu Eu.

Cosme falou sério:

— “Eu” é qualquer um que o diga, logo ninguém. Eumeu ou Euteu dá no mesmo. Quer dizer, dá em outro.

O freguês ignorou sua intervenção:

— Chegou uma hora em que me aborreci, falei com pai Neco que queria trocar de nome. Ele ralhou comigo. Disse que era pecado, que não se cospe na pia do batismo e além do mais seria uma desfeita com o mano mais velho: seria tirar-lhe a última vontade, mais a de minha mãe. Então eu senti que era nulo da pessoa, que o mano me apagou com sua voz de moribundo, cheia de agouro. Era como se eu nem tivesse nascido. Mãe e pai me esqueceram na lembrança dele, me enjeitaram. Eumeu, a sombra do morto...

A professora o interrompeu com sua voz suave:

— Antes da chegada de Cosme nós conversamos um tantinho, mas umas coisas não ficaram claras para mim. Me diga, por favor, o nome da mãe que o teve no ventre. Me fale dela e de seu pai.

— Joana Angélica. Ela se chamava assim. Minha avó lhe botou nome de freira. E quase ela entrava mesmo para um convento. Meu pai a tirou desse caminho.

— O senhor me disse que ela teve problemas no parto, quando o trouxe ao mundo. Fale o que houve.

— Mãe Nena dizia que foi difícil, teve complicação. Ela estava lá. Segundo contava, a mãe que me pariu ficou azoada. Tinha visões, falava sozinha. Um desarranjo de sua cabeça.

— Bem, isso às vezes acontece. Não chega a ser raro que a mulher fique transtornada no pós-parto — disse Dona Vera.

Cosme completou:

— É verdade. Sucedeu com minha mãe, no meu nascimento. Ela jurava que tinha tido três crianças, reclamava das enfermeiras porque lhe entregaram só um bebê. Felizmente o doutor era bom, e mamãe é neta de babalaô. Curou-se com remédios, ebós e banhos de folha. Um dia, eu já moleque de calças curtas, ela me viu no quintal entretido na conversa com dois passarinhos. Ficou assustada: eu lhe disse que falava com minhas almas. Até hoje não vi a terceira, a que afundou no meu corpo. As outras bailam por aí.

— Verdade? Pensa mesmo que são três?

— Sim, amigos, é o que penso. Acredito nos manos inumanos, esses que sou e não sou. Acredito na minha mãe. Ela é muito franca, sempre foi. Até na maluquice.

— Entendo que ela teve uma recaída quando o senhor falou com suas almas — fez Eumeu.

— Sim. Por sorte, nesse belo dia estava em casa o meu bisavô. Ele acalmou



a neta, dizendo que aquilo era nada de mais, era invenção de orixá.

— Querido Cosme, bem está o que bem acaba — disse Vera —. Com sua mãe, tudo ficou pelo melhor, ela superou a crise. Já no caso de Dona Joana, a perturbação deve ter sido mais grave.

— O povo daqui fala que é assim: quando a doidice pega mulher em fim de parto, das duas uma: ou passa logo, ou fica montada na pessoa por sete anos.

— Dessa crença eu nunca soube — replicou a mestra. — Mas talvez tenha a ver com o problema que discutimos. Convém voltar ao caso de nosso amigo. O quadro de Dona Joana por certo se agravou com a doença do filho mais velho. Pobre mulher! Imagino seu desespero.

— É verdade, minha mãe ficou doida varrida — falou Eumeu, com voz sombria. — Segundo contam, ela acabou de enlouquecer com a perda do mano. E nunca mais se curou.

— Ainda assim cuidou do senhor, lhe entregou em boas mãos.

— A decisão parece que foi de meu pai.

— Por favor, diga o nome dele.

— Javan. Nasci de Joana Angélica e Javan da Mata Escura. Nos papéis, Javan da Silva, Joana Angélica Luz da Silva.

— Um nobre casal. A decisão há de ter-lhes custado muito. No entanto, devem ter achado preferível para o filho que lhes restava. A mulher sem leite e delirando, o marido aflito e sem jeito a dar... Pelo que nos disse o senhor, foi assim que seu padrinho os encontrou.

— Realmente.

— Façamos justiça, meu amigo. Vou lhe dizer o que percebo: seus pais lhe tinham muito amor. Quando o entregaram ao cuidado de pessoas de confiança, eles quiseram defender o frágil menino do sofrimento que padeciam. Mas não se desfizeram do seu caçula: queriam que voltasse para sua casa. *Foi o senhor quem fugiu deles.* É verdade que não o procuraram?

— Só um pouco. Ao saber que eu tinha voltado para meus padrinhos, ficaram sossegados.

— Ou seja, eles respeitaram sua vontade. Devem ter pensado que era o melhor para o garoto, para o senhor. Pois ainda sofriam. Segundo há pouco o senhor mesmo nos disse, sua pobre mãe continuava transtornada. Portanto... Não seja injusto.

— Como assim, minha senhora?

— *Nunca mais fale que foi enjeitado.*

Alteando-se, a voz cristalina resplandeceu, fez o sangue subir ao rosto do homem perplexo. E meu baixou a cabeça — e quando ergueu as vistas sentiu-se tremer sob a luz intensa dos olhos da professora. Eram olhos de coruja terrivelmente belos, que pareciam mudados, comunicando uma estranha força às feições suaves da mestra. E meu sentiu-se alquebrado quando ela o interrogou:

— Na mala, no envelope em que seus pais lhe deixaram os documentos de sua herança, havia outras fotos, não havia?

— Sim. Retratos deles. Do casal de que nasci.

— E o que mais?

Um trapo de voz deu a resposta:

— A foto do mano, um retratinho que enterrei no quintal. O garoto no caixão.

Expelidas essas palavras, o camarada fechou os olhos e deu um gemido rouco. Depois cobriu o rosto com as mãos e assim ficou por longo tempo, escondendo as lágrimas. Quando se recompôs, já não viu a professora, que tinha saído em silêncio. Sobre a mesa, à sua frente, havia um copo d'água que ele bebeu com sofreguidão. De costas, o poeta arrumava fotos num painel. O freguês apanhou o envelope com seus retratos e saiu.

...

Houve sol e samba no Dia de Reis, cantoria no mercado. Oferenda de frutas juntou multidão no terreiro jeje, ao pé de uma árvore sagrada. As cobras piaram, o dia cresceu. Chifres de touro despontaram no poente, pontas de prata. Seguiu-se uma noite clara: luar de festa, belos batuque, as pastorinhas, o boi bumbá. Renda de passos ritmados nas ruas, flores de dança, círios nas janelas abertas. As donas de casa, em suas melhores roupas, recebiam na porta os devotos dançarinos e depois do batuque lhes ofereciam petiscos. Moços e moças caminhavam de mãos dadas: muito namoro. Dezenas de bêbados baquearam no bom do zabumba, caindo risonhos no colo da noite. Dormiu-se tarde e a estrela passou. Eram dez da manhã do dia sete quando Eumeu voltou ao ateliê procurando Cosme:

— Amigo, tenho a impressão de que tirei uma barra de ferro do meu peito. Anteontem saí daqui trocando as pernas que nem um bêbado. Ao chegar à pensão, caí na cama e dormi a noite inteira, coisa que há muito não conseguia. Acordei tarde, fui à igreja, fiz minha reza aos Santos Reis. De noite, visitei presepes, dando graças ao Menino. E dormi muito bem, de novo. Já muito lhe devo, mas quero pedir outra coisa: me ensine sua arte. Faça isso por caridade, para que eu não continue cego, olhando sem ver. Por favor, me receba como aprendiz.

— Bom, eu estou mesmo precisando de um ajudante. Só não posso pagar-lhe muito.

— Não faço questão de pagamento. Tenho alguns recursos: vendi o rancho, as cabras e os bois, a terrinha do meu pai. Botei o dinheiro no banco. Herdei também do padrinho, recebo aluguel da casa dele. No sítio, coloquei um administrador que trabalha direito, dá uma renda que não me deixa mal. Aqui, estou disposto a fazer de um tudo. E nada exijo, nada cobrarei, desde que o senhor me eduque na sua arte, abra meus olhos. Seu ensino já será uma grande recompensa.

— Amigo, não quero trabalho escravo. Eu lhe ensino e você me ajuda, mas ganhando seu salário — Cosme decidiu. Eumeu começou no mesmo instante.

...

Quase ao cair da tarde, lá estava o novato sozinho, atarefado, arrumando pastas, envelopes, filmes e caixas, quando a professora chegou com um livro grosso na mão e lhe falou, toda alegre:

— Encontrei Cosme na festa de mamãe. Ele me disse que o contratou. Achei ótimo. E vim logo falar com você, pois tenho boa notícia.

Dito isso, ela sentou-se numa cadeira e apontou-lhe outra, com seu jeito ao mesmo tempo gentil e despachado. Embora inquieto com a timidez que o tomava diante daquela senhora tão moça, o homem obedeceu prontamente. Sentiu-se, ao mesmo tempo, intrigado e surpreso com o novo tratamento: “Você...” Ficou quase assustado. Por fim, animou-se, tomou coragem e fitou os olhos de coruja. Estavam serenos, aurorados em maré mansa. Dona Vera entrou logo no assunto:

— Ontem você me disse que acha seu nome infeliz, pesado e de mau agouro. Imagina que ele é singular, único no mundo. Mas desde o princípio eu fiquei com a impressão de que já tinha me deparado com essa palavra. Era só uma impressão, por sinal ligada a coisa boa. Quando cheguei em casa, minha memória despertou. Peguei este livro que sempre releio, conferi. Olhe só: tem aqui um poema muito antigo, composto há séculos, talvez uns setecentos anos antes de Cristo. E fala muito bem de um homem chamado Eumeu.

— Como assim? Quem era ele?

— Segundo a história que o poema conta, ele era um homem de condição humilde que mostrou nobreza e se engrandeceu. Era escravo de um nobre, de um barão assinalado. Cuidava dos porcos. O amo meteu-se numa guerra medonha. Foi vencedor, mas na volta passou por tantas dificuldades, perigos e sofrimentos, errante no mundo por dez anos, que ao chegar a sua terra estava muito desfigurado.

— Entendo. Venceu, mas derrotou-se.

— Isso mesmo. Vagou nos mares incertos, que o botaram na derrota. Gente ruim ocupou seu palácio, cortejando sua mulher. Ao chegar sozinho a sua terra, o infeliz se disfarçou de mendigo. Achou pousada no rancho do antigo servo, que não o reconheceu. Então ele procurou sondar a lealdade do pessoal de seus domínios e viu que podia confiar em dois: em Eumeu e no vaqueiro. Revelou a eles quem era. Ambos lutaram junto ao nobre herói e seu filho moço contra os inimigos. Triunfaram.

— Que história bonita!

— Pois é. O poeta sempre descreve Eumeu como um homem digno, justo, bom. Dá-lhe o título de *divino*. Depois de tantos séculos, o nome deste camarada continua gravado num dos mais belos poemas da humanidade. É um nome ilustre, portanto. Você acha isso ruim? Acha que a sorte de Eumeu foi má?

— De jeito nenhum. Meu xará começou por baixo e terminou por cima. Isso é ótimo. A desgraça é o oposto.

— No caso dele, portanto, não se pode falar em mau agouro...

— Ao contrário, dona. Ele foi abençoado. Mas como é que meu irmãozinho sabia disso?

— Deve ter sido coincidência. Talvez ele quisesse identificar-se com o mano, com a criança que estava entrando na vida enquanto ele saía. Sei lá! Em todo o caso, o nome que lhe deu não tem nada de infeliz.

— Entendo. Meu destino pode ser parecido com o do xará. Minha vida no começo foi uma porcaria, mas...

...

Ao chegar ao ateliê para o fechamento, Cosme já não achou a amiga. Encontrou seu ajudante cheio de entusiasmo:

— Eumeu era um retado: bom e justo, a melhor pessoa que tinha no país. Ajudou o rei que estava na pior, deu porrada nos cabras da peste. Saiu da porqueira

e ficou ilustre. Isso quem contou foi o tataravô dos poetas, num livro que vem do umbigo do mundo, de uma época em que Jesus nem sonhava nascer. E a história ficou viva até hoje. Eh bicho bom, esse cantador da Europa grega! Era cego e enxergava tudo no olho do tempo.

Cosme confirmou:

— Homem, é isso mesmo. É a pura verdade, digna de celebração. Vamos logo beber um gole em honra dos dois: do cantador e de Eumeu.

Ficaram no boteco até de madrugada. Um porre homérico.

No mês seguinte, na mesma data, eles repetiram a comemoração. Queriam instituir o Dia Eumágico. Marcaram na folhinha.

...

A terceira celebração acabou de modo torvo: a ressaca do poeta foi cortada rente pelo choro de Maria, que logo cedo bateu à sua porta com a notícia da morte de Dona Filomena. Foi Cosme quem tomou as providências do enterro, vendo que a moça estava transtornada. Depois do funeral, fez-lhe companhia até tarde, ouvindo saudades e queixas:

— Ela me achava uma doida, mas sempre me acolheu. Na família, era a única. Os outros torcem a cara quando apareço. Até meu pai, que só tem olhos para a mulherzinha a quem vive escravizado. Em nosso último encontro, ele veio de novo com seu discurso de moral, mas eu lhe passei na cara que nunca ligou para a filha. É a pura verdade: ele abandonou minha mãe quando eu era miúda, nem a pensão queria pagar. Para ele, a viuvez foi um alívio. E se eu morresse também, mais contente ficaria. Me virei sozinha, desde a maioridade não recebo nada de sua mão. Que direito tem esse homem de me criticar?

— De fato, nenhum — o poeta reconheceu. Maria continuou, com lágrimas nos olhos:

— Assim é o povo de meu sangue: todos me condenam. Preconceito, entende? Porque tive muitos homens, porque não casei, porque não sigo suas regras. Titia às vezes ralhava comigo, mas nunca desprezou a afilhada. Me tinha amor. Morreu nos meus braços e deixou tudo para mim. A família inteira vai danar-se. Além da saudade, vou sofrer perseguição: o veneno das línguas, o ódio dos bolsos furados. Não sei se você notou as trombas no cemitério. Já falam em recorrer a juiz.

— Não se incomode, Maria. Dona Filó fez testamento, não fez? Não tem jeito de lhe tomarem sua herança. Se houver problema, a gente resolve. Amanhã mesmo lhe apresento um bom advogado.

— Obrigada, querido. Você é o caçula de meus amigos e revelou-se o melhor de todos. Amanhã, com tua ajuda, eu deixarei essas coisas encaminhadas. Depois viajo. Preciso passar uns dias fora, longe dos olhos da inveja. Mas volto logo.

— Está bem, princesa. Me procure quando voltar.

— Claro, meu bem. Conto com você. Não vou deixar que me tirem nada, quero meu direito. Afinal, fui eu que cuidei da velha. Os outros seguiram o caixão com lágrimas de jacaré, mas ninguém ligou quando ela precisava, ninguém se preocupou com sua saúde. Era comigo que ela ia ao médico, era eu quem lhe dava os remédios. Minha tia sentiu o abandono, se revoltou: “Quem comigo não se importa, vai bater com a cara na porta, nada terá de meu cabedal.” Ainda ontem, ela disse: “A filha que tenho é você, o que tenho é seu.”

— Muito justo. Dona Filomena era boa mulher, agiu bem. Sua vontade será respeitada. A propósito, Maria, já pensou no que fará com sua herança?

— A casa, quero vender. Não posso morar numa saudade. Quanto ao resto, só tenho uma dúvida: que faço com os trens do presepe? Não tenho jeito nem paciência para armar. Melhor que fique com alguém da mesma devoção. Você me ajuda com isso?

— Sim. Vejamos quem merece...

Deram para a filha do padre.

...

A aprendizagem de Eumeu durou mais de um ano. Com grande aplicação, ele treinou-se muito no ateliê, tirando retratos e revelando filmes na câmara escura. Depois comprou sua própria máquina e saiu sozinho a fazer fotos, como o amigo lhe aconselhou. Nisso não fez economia: gastou metros e metros de filme. Tudo que achava interessante, ele clicava. Primeiro, fotografou todos os mendigos da cidade. Depois, o pessoal da feira, as putas, os vadios, os soldados, as baianas de acarajé, o povo em geral. Às vezes as pessoas se encabulavam. Gente fina ia logo saber o motivo da foto, pedia explicações. Já com os pobres, era mais fácil. Eles gostavam, sentiam orgulho da imagem guardada na máquina, às vezes exposta em vitrine. Ficavam felizes porque Eumeu sempre lhes dava cópias. Até aos cegos. Um dos resultados dessa atividade foi o novo apelido que ele ganhou, ainda na fase dos mendigos: como chamava todos de “meu rei”, passaram a chamá-lo assim.

Do ponto de vista do aluno aplicado, o momento mais importante da aprendizagem era o da reunião diária com o mestre, no fim da tarde, quando os dois se sentavam à mesa a fim de analisar as fotografias. Gastavam horas com isso.

No começo, os envelopes amarelos do aprendiz eram muito gordos, os brancos pouco cresciam. Chegou, porém, o tempo do equilíbrio. E por fim, a coisa se inverteu. Ao chegar a este ponto, deu-se por encerrado o treinamento. Foi num sábado de tarde. Emocionado, Eumeu falou:

— Caro mestre, por meu gosto este curso nunca terminava. Foi a coisa melhor que me aconteceu na vida. Mas preciso cuidar de meus negócios.

O poeta desejou-lhe boa sorte. E logo no dia seguinte o camarada foi-se embora.

...

O poeta sentiu falta de seu ajudante. Sem ele, sem suas dúvidas e fantasias, sem suas perguntas intermináveis, o ateliê parecia muito monótono. Passado



um mês, Cosme declarou-se enfiado daquele ofício, de que se ocupava cada vez menos. Um belo dia, porém, uma visita especial quebrou sua rotina e o fez voltar à atividade. Estava ele cochilando sobre papéis esparramados na sua mesa quando um perfume conhecido o despertou. Maria Gavião anunciou com simplicidade:

— Cheguei, meu amor. Quero que me faça um álbum de retratos, bem bonito. E começou a tirar a roupa. O poeta mal teve tempo de trancar a porta.

O ateliê ficou fechado para o público por um bela temporada (mês e meio), porém o trabalho era intenso, tanto lá dentro como na antiga casa de Dona Filó, onde o poeta passou a dormir com sua modelo. Em pouco, a faina estendeu-se por toda a cidade e pelos arredores: os dois estavam sempre buscando novos cenários para fotos caprichosas.

Concluiu-se o ensaio no tempo justo de que Maria dispunha, isto é, exatamente no dia em que ela tinha combinado a entrega da casa ao comprador. Para esse mesmo dia ela marcou a viagem:

— Vou para a capital. Vou ser atriz. Teatro sempre foi meu sonho, você sabe. Fiz contato com um empresário de lá que tem a divina mania. Nos conhecemos ano passado em Santo Amaro. Ele criou xodó por mim. Há pouco escreveu, me convidando a participar de um grupo que dirige. Esta troupe em breve começará os ensaios de uma peça.

— Shakespeare? — indagou Cosme, com um brilho de esperança nos olhos.

— Não. Uma coisa mais para o besteirol — a moça respondeu. — De qualquer modo, é um começo, não é mesmo? Chegou minha oportunidade. Tenho de ir logo, meu bem. Antes que me apegue demais a você.

...

Terminado o almoço das despedidas, Cosme foi com a amiga entregar as chaves ao novo dono da casa: um homem forte, de barba negra bem aparada,

chamado Ulisses. Concluído o negócio, o poeta levou a moça à estação. Enquanto esperavam o trem, Maria contou-lhe, entre risadas, como tinha conhecido o barbudo:

— Pouco depois do enterro de Tia Filó eu fui passar uns dias em Muritiba, lembra? Fiquei com uma amiga chamada Teresa, que mora lá. Passada uma semana, ela viajou e me deixou tomando conta da casa. Um dia, eu estava bem do meu tomando banho e no que desliguei o chuveiro ouvi um ruído no quintal. Era cedo, umas seis da manhã. A empregada chegava às sete, andava de manso, não rangia nem grunhia... Botei um chambre, peguei uma tranca e fui ver de que se tratava. Logo avistei um homem nos fundos, com um porco na mão, inclinado sobre a cerca do chiqueiro. Cheguei devagar, pisando macio, e sentei-lhe a tranca no cocoruto. “Toma, ladrão!” Por sorte ele se virou um pouco, a tranca não pegou de cheio. Mesmo assim, a pancada foi boa: o infeliz caiu na lama com porco e tudo, foi um fuzuê: o porco fugiu, o sujeito berrou, na segunda pancada já pediu misericórdia. Aí eu perguntei quem era ele e o que fazia no quintal dos outros. (Eu sou assim, você sabe: bato primeiro e pergunto depois). O interrogatório foi curto: o coitado me explicou que era primo de Teresa, que tinha a chave da casa, por isso abriu e entrou. Não sabia que tinha gente dentro, Teresa não avisou. O pobre foi só levar o bacorinho. A prima criava esses bichos no chiqueiro, aceitou dar abrigo a um leitão que ele tinha comprado para uma festa de aniversário.

— E então, que fez você? Deu-lhe parabéns?

— E pedi desculpas. Ajudei o coitado a levantar-se, levei pro banheiro, tirei-lhe a roupa e dei-lhe banho, botei gelo na sua cabeça. Bom, você reparou que ele não é feio, tem lá seu charme. Cuida que cuida, levei longe o tratamento: ele passou a me visitar toda a noite. Mas estava sempre melancólico.

— Ué... Dormia com você e ficava triste? Qual era o problema do miserável?

— Foi isso mesmo que lhe indaguei. O infeliz acabou contando. Me disse que é daqui de Cachoeira, casado com uma senhora muito esperta. A boa dama lhe implantou um par de chifres: deu e tornou a dar a um moço da vizinhança.

Ele não se conformava. Paixão, sabe como é? Ulisses fez uma cena, largou a criatura, mas não aguentava a saudade.

— Coitado!

— Eu aconselhei: “Vá lá, converse com a sua mulher. Das duas, três: ou ela volta às boas, reconhecendo o amor que você lhe tem, ou lhe despacha de vez (e então você larga de ser besta, não é? Parte para outra!)... Ou ainda, se for o caso, faz-se uma combinação em que seu vizinho entre no arranjo de um modo mais discreto. Qualquer coisa é melhor do que essa angústia, essa falta de atitude.”

— E aí?

— Ele seguiu meu conselho. Entendeu-se com a santa esposa (não sei em que termos) e voltaram. Mas por via das dúvidas, o sensato Ulisses resolveu mudar-se. Soube que eu tinha posto à venda a casa de titia e logo me procurou. Fizemos bom negócio. Ele inda comprou na minha mão um terreno que Tia Filó me deixou, pouco além do Caquende. Fez lá uma pocilga.

Quando o trem chegou, Maria Gavião despediu-se de Cosme com ternura:

— Adeus, querido, obrigada por tudo. O álbum ficou lindo e gostei demais da temporada que passei contigo. Te amo, sempre te amarei. Se demoro mais, acabo de asas cortadas. Levo ótimas lembranças e te deixo bem escolado, não é? Pronto pra casar.

— Que é isso, Maria?

— Tua vocação, nossa diferença. Tenho alergia a casamento, mas você nasceu com este destino.

— Deixe de loucura, mulher. Não penso nisso, nunca pensei. Sequer me imagino casado.

— Ouça, dessas coisas eu entendo, garoto. Sou meio cigana. Vi matrimônio na palma de tua mão. Mais dia, menos dia, acontecerá. E há de trazer felicidade. Seja bom marido, viu? Mas não se esqueça de mim.

Ditas essas palavras, Maria abraçou o rapaz, deu-lhe um grande beijo na boca e entrou no trem com as lágrimas escorrendo pelo rosto.

...

Cosme voltou a sentir desinteresse por seu ofício. Confessou à mãe:

— Estou enfarado. Só me procuram para coisa chata: casamento, batizado, formatura, sessão solene. E todos fazem a mesma pose, a mesma cara de gesso. Com crianças, menos mal, me divirto um pouco. Porém os pais não deixam que elas fiquem à vontade, que façam caretas, brinquem, deem risadas ou chorem quando têm vontade. Querem que se comportem feito bonecos diante da câmera. Nas fotos de família, todos fazem cara de antepassado. Bom, tem sempre as moças que se vestem de capa de revista, é mais engraçado. Mas elas abusam. E muitas bebem cimento.

— Ah, meu filho, o que aconteceu? No começo, você não queria saber de outra coisa, era só retrato e mais retrato, de gente e de bicho, de tudo que há no mundo. Todo dinheiro que ganhava, gastava com máquina e filme, fora aquelas revistas formando montanhas no seu quarto. Tanto fez que seu pai comprou a casinha e montou seu ateliê, como você chama. A princípio, era difícil lhe arrancar de lá. Quantas vezes briguei porque você deixava os pratos esfriarem na mesa, esquecido de almoço e janta! Quantas horas passou metido no tal do laboratório! Mas reconheço que você ganhou um bom dinheiro com isso, além de fama e satisfação. Por último, arranjou até um ajudante, um tabaréu que lhe dava mais trabalho do que ajuda, mas pelo menos renovou seu entusiasmo. E depois foi a vez daquela moça que você fotografou até debaixo d'água. Não ficou lugar em Cachoeira, no Recôncavo todo, onde vocês não malucassem retratos. Aí você trabalhou bastante, não foi? Largou tudo de mão para fazer o negócio do buque, do álbum que Deus perdoe. Esqueceu as encomendas de lucro, por uma tarefa que fez de graça. É verdade que você desfrutou: ela é bonita e lhe deu as belezas,

tudo que homem aprecia. Entendo, não reclamo. Sei que pari um macho e na sua idade é natural aventura desse tipo. Agora, o que foi? O que vai fazer?

— Vou botar à venda meu ateliê, com todas as máquinas, menos uma. Ainda não sei como aplico esse dinheiro, porém meu pai me orienta. Daí volto a ajudar o velho no seu escritório. No resto do tempo, pretendo escrever um livro, estudar desenho e ler Shakespeare.

— Preferia que você fosse para a capital e se formasse em médico, advogado, engenheiro, uma coisa assim. Mas a vida é sua e você não é mais menino. Tanto seu pai como eu somos contra essa história de impor uma carreira aos filhos. Conselho, a gente dá. Escute: tome logo sua direção, assente o juízo. Não é bom ficar mudando de ramo o tempo inteiro.

Cosme sorriu, disse à mãe que ela estava certa.

...

Estava o poeta arrumando umas tralhas no ateliê quando Eumeu chegou, sorridente e bem vestido, muito aprumado. Até seu rosto parecia mais definido, com linhas fortes. Depois do abraço, Cosme comentou:

— Meu Rei, você está diferente! Não é a roupa nova, nem o brilho do sapato. Dá a impressão de que ficou mais sólido. Parece até que cresceu.

— Descobri minha coragem. Matei um homem e me dei muito bem.

Cosme tomou um susto:

— Matou um homem? Que horror! Como foi isso?

— Mestre, se acalme, não virei assassino. Matei para não morrer, em legítima defesa. A polícia mesmo atestou. Nem intenção eu tive de liquidar o sujeito. Aconteceu. Mas ande, tá na hora do fecha, vamos tomar uns tragos. Já reparou na data de hoje?

— Sim, é o sete. O Dia Eumágico.

Dentro em pouco lá estavam eles à mesa do Bar Sete Portas, onde o camarada contou sua aventura.

— Eu saí daqui direto para a vila de meus pais. Fiz uma visita ao túmulo deles, que é também do mano. Daí toquei adiante: fui ao povoado onde me criei, a fim de ver como andavam as coisas. Visitei o mausoléu de meus padrinhos, passei uns dias no sítio. Na conversa com o Compadre Gonçalo, que botei de administrador, ele me disse que ali perto estava se formando um novo povoado, ainda fraco de comércio. É mais um conjunto de casas se espichando entre uma fazenda abandonada e uma trilha simples cuja última ponta dá na rodagem. Promete crescer. Botaram nesse arrabalde o apelido de Noviorque.

— Belo nome!

— Apois. De muito futuro. Compadre Gonçalo me falou que abrindo ali um armazém, a gente poderia ganhar dinheiro aos montes. Daí me lembrei de uma coisa que meu pai de criação sempre dizia: ele falava que eu tenho jeito para o comércio. Em tempo de feira, ou nos negócios de gado, sempre me confiava alguma parcela e era sempre eu quem vendia melhor. Fiquei com esta lembrança a coçar na minha ideia. Fui a Feira de Santana ver que mercadorias seriam boas de lucro se eu me estabelecesse no ramo. De lá, rumei para Salvador pela Rio-Bahia, com o mesmo propósito. Foi na capital que me aconteceu um enredo. Vou ver se resumo.

— Conte tudo — Cosme pediu.

— Numa bela noite, resolvi refrescar a garganta num barzinho próximo à minha pensão. Circulei um pouco pelas ruas. Eram nove horas. No cotovelo de uma esquina, dei com uma cena feia: um brutamontes espancava uma mulher. Bem na beira de um boteco. As pessoas olhavam horrorizadas, mas ninguém se mexia. Avancei, falei ao sujeito que deixasse de ser covarde. Surpreso, o tipo empurrou a moça e se voltou para mim. Percebi que o disgramento fazia o gesto de puxar uma arma. Não conseguiu porque eu me antecipei, dei-lhe um belo murro no pé do ouvido. O miserável sentiu o redemoinho na caixa da memória: rodopiou que nem carrapeta, num cai-não cai. Nessa poeirinha de tempo, enquanto

o sacana ainda tentava aprumar-se, eu meti-lhe o pé na caixa dos peitos. Sucedede que sou muito forte, embora não pareça. Creio que puxei meu pai, Javan da Mata Escura. Maneco Sousa vivia dizendo que nunca viu um homem com tanta força escondida.

— Volte ao caso. Como acabou?

— Numa queda só. Era o dia do azar do desgraçado: já grogue do soco, ele esparramou-se com a nova pancada e bateu a cabeça no meio-fio. Ficou por alguns instantes babatando, numa tremura do corpo todo, depois esticou. Quando olhei, a mulher surrada já tinha sumido. O dono do boteco fechou a porta (pelo jeito, esperavam um tiroteio) e o pessoal da rua debandou, sumiu que parecia milagre. Ninguém ficou para apreciar o resultado. Compreendi que tinha feito o despacho do infeliz na barca furada do seu destino. Sai caminhando até que me deparei com um guarda. Perguntei-lhe onde era a Delegacia mais próxima e pra lá toquei, seguindo sua indicação. Logo na entrada me indagaram o que eu desejava. Aí eu disse: “Matei um homem, quero falar com o Delegado”. Num instante fui atendido. Conteí minha história. O doutor chamou dois investigadores e disse que fossem comigo ao beco onde se dera o turundundum. Primeiro eles me desarmaram.

— Você estava armado?

— Sim, com a pistola que meu pai me deixou. Mas não usei. Por estranho que pareça, não me lembrei dela na hora da confusão. Isso ainda me encabula... Os detetives também ficaram intrigados ao ver que eu não tinha disparado nem um tiro. Devem ter pensado que eu era maluco, duvidado de minha história. Mas cumpriram a ordem do chefe.

— Como saiu dessa?

— Lá fui eu no meio deles, com a pulseira da vergonha. Quando viram o cadáver, os tipos ficaram assombrados. “É Lico! É Lico Amargura!” Aí pediram

que eu tornasse a contar como tinha sido a inana. Verificaram que o sujeito tinha o ferimento na cabeça e a marca de meu sapato no peito. O revólver quase lhe fugia do cinto. Vistas as provas, os homens me deram parabéns. Um dos policiais tirou-me as algemas, ambos me abraçaram. Depois eu soube que Lico tinha matado um colega deles, parceiro de muitos anos. Voltamos para a Delegacia. Prestei depoimento enquanto eles providenciavam o rabecão. Me botaram numa cela, dizendo que eu teria de ficar ali até que completassem o inquérito. Mas só faltaram pedir desculpas. Na jaula em que me puseram só tinha um preso (as outras estavam entupidas). Fiz companhia a um rapaz elegante, louro, de olhos azuis, que chamavam de Anjo. Ele é mesmo que ver um São Gabriel. Depois eu soube que esse anjo tem mais de dez mortes nas costas, comanda um bando perigoso. Era inimigo de Lico. Naquela cadeia, tinha todas as mordomias, que eu também desfrutei. A gente só ficava na cela para dormir. E a comida era especial.

— Triste Bahia! — disse Cosme.

Seu amigo prosseguiu:

— O inquérito não demorou. O exame do cadáver confirmou minha história. A mulher espancada contou a verdade. Teve ainda outra testemunha, uma velha que viu a cena do alto de uma janela de sobrado (eu nem reparei, não vi que a casa tinha olhos). Na carteira de Lico, achou-se um papel com uma lista: encomenda de mortes. Logo no topo constava o nome de um mangangão. O sujeito teve a notícia e foi lá, já chegou com um papel do juiz mandando que me soltassem. De quebra, me deu uma boa grana de recompensa.

O poeta suspirou:

— A sorte tem os pés revirados, anda em zigue-zague, é bruta e delicada. Roda em quadrado. É ave que voa de costas e mora no vento. Às vezes morde com sorrisos, mas ilumina com lágrimas. A sorte, vida e morte.

— Eu sei, bem sei: quando é de seu gosto, urubu come doce de leite e canta melhor do que um sabiá. Mas lhe basta uma formiga para acabar com um



gigante. Ela brinca com os anjos e dorme na lama, tanto ajuda como aperreia. Assim dizem no sertão — Eumeu ajuntou. — Agora deixe que eu prossiga.

— Sim, por favor.

— De uma hora pra outra, me vi com um gordo tutu no bolso e prestígio na casa da justa: “Aquele é o bamba que matou Lico: derrubou no muque!” Tanto os meganhas como os criminosos me elogiavam. O Anjo falou que eu devia ficar na capital, onde se progride. E garantiu: qualquer negócio que eu botasse, ele daria cobertura. A mesma coisa me afirmavam os investigadores. Achei esquisito.

— Realmente...

— Na data de minha libertação, os policiais que estavam de folga me homenagearam no Tabaris, uma boate de putas lindas. Tomamos uma cervejada. O Anjo participou. Nessa noite dormi pesado, me sentido em glórias. De madrugada, porém, tive um sonho que me deu luz.

Nesse ponto, Eumeu fez um copo de pausa. Cosme reclamou, impaciente:

— Amigo, conte o que viu sem olhar.

O camarada não se fez de rogado:

— Sonhei com minha mãe, Joana Angélica. Logo a reconheci, porque ela estava vestida de freira e dava a mão a um garotinho. Pedi-lhe a bênção e ela disse: “Meu filho, saia deste lugar que é cheio de serpentes. Volte para onde a sorte lhe assoprou.” A voz era igualzinha à de Dona Vera, um cristal. Acordei todo arrepiado, fiz a mala e fui-me embora. Primeiro, toquei para a fazendinha. Chamei Gonçalo, falei: “Compadre, quero vender este rancho. Dou-lhe a preferência. Vou mesmo botar comércio, como você sugeriu, só que não há de ser aqui, nem em Noviorque, muito menos na capital. Vou para a terra que minha mãe me apontou”. Fechado o negócio, tratei com um padre missa por alma de meus pais, os de natureza e os de criação. Rezei também por Lírio Leocádio dos Santos Maciel, ou seja, Lico Amargura, cujo nome de batismo vi nos autos do inquérito da polícia. Dei dinheiro a um velho espírita que acalmou a alma do infeliz com sua conversa

de doutrina. Em seguida, vim para cá. Pois foi aqui em Cachoeira que a sorte me assoprou.

— E agora, amigo, o que pretende fazer?

— Comércio e fotografia. Eu soube que o senhor...

— Arre, com quem está falando?! Com Jesus? Com Olorum? Com o Sultão das Matas? Eu já lhe pedi que me trate de igual para igual. Somos amigos ou não somos?

— Está bem, caro mestre. Eu soube que você está vendendo esta jóia. Pelo amor de Deus, me dê preferência. Estou com dinheiro no banco, lhe pago na bucha. Fecharam logo o negócio. E assim nasceu a Foto Primor.

...

Passado um bom tempo, Eumeu finalmente convenceu o mestre a fazer uma exposição de fotos. O ateliê de Cosme tinha dado lugar a uma casa bem maior, com galeria, máquinas e equipamentos novos. Um luxo. Além do servente encarregado da limpeza e da moça do cafezinho, a nova firma tinha quatro empregados.

Foi uma bela inauguração. Teve até concerto: violão, bandolim, pandeiro e flauta. Ao choro gostoso dos instrumentos seguiu-se um ótimo coquetel. A casa ficou cheia: gente orgulhosa de ver seus retratos em exibição, ou curiosa das paisagens, de tudo que os artistas haviam fotografado — às vezes malucamente, segundo as bocas indiscretas.

Dona Gertrudes foi a primeira a chegar. Deteve-se logo diante de uma bela fotografia, com os olhos cheios de lágrimas. Depois, voltou-se para Cosme:

— Meu amigo, vim rogar-lhe uma graça: me venda esta foto. Eu sei que você gostava demais da criatura, chamava até de príncipe, certamente guarda com amor o retrato, mas com certeza tem o filme, pode fazer nova revelação, botar na parede um quadro igual. Eu pagarei por este o que quiser, pois realmente preciso muito.

— Como assim, Dona Gertrudes? Porque agora quer o retrato, imóvel e mudo? Pelo que sei, a senhora não gostava muito do modelo.

— Gostava. Ele às vezes aparecia lá em casa e eu tratava bem, até lhe dava comida, fazia agrado. No entanto, perdoe-lhe dizer, Hamlet era louco. No começo não, mas aos poucos ficou e quando teve aquele acesso, foi uma desgraça. Eu reclamei, é verdade, fiz um alarido no que ele matou a inocente. Agora me dou conta: o infeliz endoidou. Só pode ter sido um surto de maluquice: um gato imaginar que é raposa vai contra o natural. Fiquei surpresa, se me contassem eu não acreditava, mas vi com meus olhos o desvairado estrangulando a perdiz com os dentes. Tive raiva, atirei-lhe uma caçarola que não pegou, recolhi a morta e fui reclamar. Seu pai quis pagar-me pelo prejuízo e eu não aceitei porque a bichinha não tinha preço, a gente criava por estima. Tinha nome de gente: Lili. Turíbio que botou. Três dias depois o pobre Hamlet apareceu morto, envenenado. Eu disse logo: “Ai Jesus, vão pensar que fui eu quem fiz a maldade”. Não deu outra. Me encontrei na rua com esta boa mulher que vejo a seu lado: Danda, a vizinha querida, minha amiga de infância. Cumprimentei e Danda me negou o bom dia. Daí por diante, passava por mim como se eu fosse de vidro. Fiquei sentida, mas esperei que o tempo serenasse os corações. E no meu peito nasceu uma dúvida: perguntei a Turíbio se foi ele quem tomou vingança. O desgraçado negou. Ainda tentei confiar, mas logo notei que meu xodó tava ficando diferente. Nem parecia o mesmo Turi. De qualquer modo fui tocando, não sabia de nada. Um dia, tive a revelação: sonhei com o finado Hamlet. No meu sonho ele entrava lá em casa e se instalava todo soberano em cima de uma cômoda que tem no quarto, ficava olhando para a gente e de vez em quando sacudia a cabeça, negativo. Me doeu aquela reprovação. Escutei uma voz rouca, cheguei a pensar que era o finado puxando conversa. No sonho, achei possível fantasma de gato falar. Aí me deu um arrepio tão forte que acordei. Não era Hamlet, era o miserável do Turi que falava dormindo: “Lili, meu amor!” Isso ele dizia e beijava o travesseiro, a mexer-se na cama

de um jeito imoral. Me levantei imediatamente e corri pro banheiro, chorei até de madrugada. Por fim me controlei, tomei banho, vesti a roupa e saí caminhando pela rua, para governo de meus nervos. Voltei a tempo de fazer o café. Quando Turíbio se sentou à mesa eu intimei: “Fale a verdade, foi você quem matou o gato, não foi?” Ele confessou, disse que tava com muita raiva, fez a isca com um veneno forte. Eu ajuntei: “Quem é Lili, seu descarado? A quanto tempo anda com ela? Não negue, quem me contou nunca mentiu”. Ele ficou sem graça, derramou o café na roupa, disse que eu estava doida e acabou saindo sem comer. Quando voltou, encontrou suas coisas na porta da rua. Pelo menos teve a decência de não teimar: botou tudo no carro e foi-se embora. Para a casa da sonsa, da tal Lili. Assim me livreí do traidor. Tirei da parede o retrato dele, que tinha posto na sala junto do meu. Ficou a marca. Quero pôr outro no lugar. Mas não de homem. Hoje vivo bem com Chiquinho, porém já compreendi que retrato de amázio não se exhibe desse jeito, dá azar. Meu coração pede uma figura bonita: sonho com essa foto de Hamlet que vi no seu gabinete, muito tempo atrás, quando ele ainda era vivo. No meu sonho, ele tinha a mesma expressão, um ar de sabedoria sem controle. Por favor, não me negue esta graça, pago o que quiser pela foto. Preciso fazer as pazes com o príncipe. Tenho certeza de que ele se curou da doidice, entrou no outro mundo pela porta da glória. É um espírito iluminado, não tenha dúvida. Sou agradecida pelo bem que ele me fez, quero gozar de sua amizade.

Antes que Cosme dissesse uma palavra, sua mãe se antecipou:

— O retrato é seu, mulher. Chega de choro, Hamlet já mostrou que lhe estima. E nós todos lá em casa lhe queremos bem.

Dito isso, Danda Maré abraçou a vizinha que levou para tomar um drinque, um doce vinho de renovada amizade.

Vera e o marido chegaram bem nesse instante. Ficaram os dois conversando com o poeta. Germano observou:

— Cosme, teu discípulo tem talento, segue bem o mestre. Numa coisa, ele te supera: tem muito mais jeito para o comércio. Botou um próspero armazém e soube manter tua freguesia nesta casa, a menina dos seus olhos. Viu como agora anda elegante? Eu soube que ele ficou noivo de uma viúva rica. Já tem influência, já é procurado pelos políticos, adulado nos bancos. Virou notável.

— De fato — disse o rapaz, tomando mais um gole de uísque — Eumeu tornou-se importante, um mangangão. E graças a Deus não se deformou, continua sendo um bom homem. Está visto que tem caráter.

O casal concordou.

...

Depois de um giro pelo salão, os três amigos se detiveram diante de uma foto que mostrava um cavalheiro alto e magro, de óculos finos, barba aparada: um tipo branco que nem a nata do leite, mas fechado em terno escuro. À esquerda do galalau, viam-se duas senhoras elegantes distribuindo comida a uma pequena multidão: uma delas tinha um prato na mão, a outra segurava um copo. O lugar dava ideia de um pátio. Achava-se o trio nessa contemplação quando uma moça se aproximou, cumprimentando alegremente a professora e o marido. Vera tratou logo de apresentá-la ao fotógrafo:

— Cosme, esta é Nice, minha amiga de Salvador. Fomos colegas no Curso Normal. Ela veio passar uns dias com uns parentes de nossa terra.

Depois da troca de saudações, a moça indagou a Cosme:

— Esta foto é de sua lavra, não? Já me contaram que o senhor é um dos artistas responsáveis pela mostra.

— Certo e errado — o poeta retrucou. — A foto é antiga, eu apenas restaurei. Deu bom resultado. Mas não tenho certeza de ser artista. Muito menos “senhor”. Me chame de você, para que Jesus e os anjos não tenham ciúme.

— Já me explicaram que são de sua autoria os retratos marcados com letra C num cantinho do passe-partout. Eles provam que você é artista. Mas agora me diga, por favor: nessa linda foto restaurada, de que acontecimento se trata? Feira? Beneficência? Um ato religioso?

Cosme retribuiu o cumprimento com um sorriso, mas foi Vera quem esclareceu:

— É um ritual que meu finado pai instituiu nesta terra e minha mãe continua realizando: todo começo de ano, ela faz uma pequena distribuição de pães e peixes à gente pobre da vizinhança. Também lhes serve açorda. Quer dizer, no tempo de papai era açorda, hoje trocou-se por vatapá. Minha tia sempre ajudava. São elas duas as senhoras do retrato.

— Entendo, a oferenda virou tradição.

— Isso mesmo. A família não deixa acabar. Depois que titia faltou, assumi seu posto de ajudante. Também colabora minha prima Elisabeth, que mamãe acabou de criar. Já lhe apresentei a Li, você deve lembrar-se. Ela estava aqui faz pouco, saiu com o namorado.

— Claro que me lembro de Li. Mas qual foi a origem desse rito familiar? Uma promessa?

— Maluqueiras da Europa — disse Germano. E Cosme ajudou:

— Um costume de longe, reinventado em nossa terra pelo saudoso Luís Galego. A professora assentiu com a cabeça, depois emendou:

— Na verdade, papai não era galego. Era espanhol, sim, mas da região de Valencia. Nasceu numa pequena cidade, um burgo próximo de Alicante. O capricho do povo mudou-lhe a origem. Acho que todos os espanhóis viram galegos no Recôncavo. Meu velho não se importava. Até gostava, porque a mãe dele era da Galícia. O apelido acariciava suas saudades.

— Como foi que ele veio parar em Cachoeira?

— É uma história complicada. Vou ver se resumo. Meu avô paterno era um homem azedo. Uma vez, numa crise de ciúmes, deu umas bofetadas na mulher. Papai viu, ficou indignado. Partiu pra cima do agressor. Houve troca de socos, uma cena feia. O atrevido foi posto no olho da rua, com pouco mais que a roupa do corpo e uma sonora maldição. Foi para Santiago de Compostela, onde trabalhou, por uns tempos, na loja de um tio materno. Passado um ano, ou dois, mudou-se de novo: dessa vez dirigiu-se a Portugal, onde também tinha parentes (sua mãe era de Pontevedra, mas filha de um comerciante do Porto). De lá papai veio com um primo para o Brasil. Estabeleceu-se em Salvador, onde conheceu mamãe, que estava a passeio em casa de uma tia. No que ela voltou para cá, o apaixonado veio atrás. Tanto fez que conquistou sua dama. E estabeleceu-se em Cachoeira

— Entendo. Mas quanto ao rito, porque ele o quis reviver? Teve algum motivo especial?

— Vou dizer-lhe o que sei. De vez em quando, o velho tinha umas enxaquecas medonhas, que médico nenhum conseguia curar. Geralmente a perturbação começava com pesadelos. Ele atribuía esse tormento às maldições do pai. A mãe de minha mãe o levou a um terreiro que tem aqui, a Roça do Ventura, onde um famoso babalaô lhe disse que ele carregava uma praga. Disse mais que meu pobre velho só se livraria da moléstia quando voltasse a cumprir uma obrigação dos avós. Papai ficou impressionado com a resposta do babalaô, pois não lhe tinha contado sua história. Mas intrigou-se com uma palavra: *Obrigação*.

— Entendo a estranheza dele: de que se tratava?

— O povo dos terreiros dá esse nome a rituais que a gente se compromete a realizar e tanto se repetem que viram tradição.

— Percebo.

— Assim que entendeu o recado, o velho puxou pela memória. Tanto fez que se lembrou de um hábito caridoso do seu avô de Portugal: o pai de sua mãe

costumava distribuir pães e peixes aos pobres logo na primeira semana do ano. Aí ele não teve dúvidas: retomou o costume. Curou-se desse jeito. Nunca mais o fantasma do pai o atormentou.

— É uma bela história — Nice comentou. — Merece registro. Talvez eu faça uma crônica a respeito.

Logo que a moça se afastou, Cosme e os compadres se acomodaram em um dos sofás existentes na galeria. Daí apreciavam o movimento do vernissage, bebendo. A professora observou:

— Tem um camarada parado há quase dez minutos na frente do retrato de Maria Gavião. O barbudo de terno branco, reparem. Parece hipnotizado. A foto é mesmo linda, uma das mais bonitas que você fez, meu caro amigo. Mas é a única que ele vê.

— Sim, ele está fascinado. Por conta da modelo, podem crer. É olhar de saudade.

— Vocês conhecem o admirador de nossa amiga?

— Conheço — quem respondeu foi Germano. — Ele se chama Ulisses. Tem uma pocilga lá para os lados do Caquende.

O poeta sorriu de um modo enigmático:

— Taí a prova do que sempre digo: nesta terra da gente, é tudo ao contrário.

— Como assim?

— Comadre, veja o que tem diante dos olhos, compare com sua ciência. Que diria Homero? Aqui, Ulisses cria porcos e Eumeu é barão...



## Breve crônica dos bares infames ( I ) O Triunfo

Genaro d'Inês era dono do Armazém Triunfo, uma casa de respeito que tinha freguesas especiais: mandava um empregado buscar-lhes em casa a lista de encomendas, nos dias combinados. O mesmo garoto ia entregar. Eram donas que moravam perto e não tinham telefone. *As pecadoras* — disseram depois. O sistema funcionava perfeitamente — até que a má hora chegou, nas abas de um tempo de nuvens: dia tonto, mariposo, indeciso entre frio e calor. Dudu caixeiro entregou os papeluchos a Zi, seu colega, sobrinho do patrão. Passaram ao de costume: um recitava os pedidos, em voz alta, outro dispunha as mercadorias em caixas, com vistas à entrega. Era que nem uma ladainha:

*Um quilo de café.*

*Dois de açúcar.*

*Um pacote de farinha do reino.*

*Metro de linguiça.*

*Dúzia de ovos.*

Assim foi, até certo ponto. Na terceira encomenda, Josias caprichou na recitação, encorpando a voz:

*Pirraça.*

*Ódio.*

*Preguiça.*

*Uma raiva forte.*

***Mentira sujinha, um monte.***

***Inveja.***

***Luxúria.***

***Um PP9 mortal.***

— Que porra é essa, cará?! — o tio gritou-lhe, avisando que não queria graçola, invenção de porcaria. A Casa era de respeito.

O samango protestou que néris, inventava nadica: estava era lendo uma lista de pedidos, tal como lhe mandaram. Velho Gê arrancou-lhe das mãos a tirinha e conferiu: de fato, lá estava a relação, com todas as letras frescas. Ficou abestado. Repetiu, feito papagaio:

— Pirraça... Ódio... Pregui...

Foi quando o filho dele interveio, Justino da Cara Seca:

— Pai, deixa disso. Olha a freguesia.

O comerciante caiu em si: a boca do mundo é orelhuda. Tinha lá uma dúzia de compradores, se tanto, mas o burburinho foi uma feira. O velho procurou despistar: disse que era nada, sacanagem do sobrinho. Aplicou-lhe um cascudo e guardou no bolso a lista. Depois a releu, intrigado. Não tinha o nome da freguesa. Mas a caligrafia...

Justino logo entendeu:

— A criatura trocou papéis. Deve ter soprado o rol da compra na orelha do padre.

— Que disse?

— Minha namorada estudou no colégio das freiras. Tem beatas que anotam os pecados pra não esquecer. Receiam cair no inferno pelos buracos da confissão. A dona da lista é alguma carola.

— Você deve estar certo, não vejo outro modo de explicar. Mas que porra será o PP9?

— Olha pai, deve ser um código. De pecado cabeludo, sacanagem que dá medo até de escrever o nome.

O velho, o filho e alguns empregados usaram de discrição. Os fregueses, nem de longe. A história espalhou-se pela cidade com muitos acréscimos. A lista de pecados tornou-se enorme. Febre de fuxico, farra de fofoca: a maledicência ameaçava de modo injusto todas as clientes do Triunfo. Genaro suspendeu as entregas em domicílio. Perdeu boas freguesas. Línguas de cansaço discutiam o PP9 nos botecos.

O dono do Triunfo andava nervoso. De vez em quando, um engraçadinho no balcão:

— Tem safadeza, Seu Gê?

— Bota aí umas indecências!

— Vê uma caixa de luxúria pra nós luxar com as meninas!

Genaro ria sem graça, tentava se controlar. Não queria briga com os fregueses, prejuízo certo. Mas já lhe crescia o desgosto com aquela aporrinhação. Toda hora! Toda hora!

Por último, apareceu-lhe um gaiato com um folhetinho de cordel:

*No armazém do Genaro  
Riqueza pouca é bobagem  
Pois rende mais do que tudo  
O estoque de sacanagem.  
A putaria é sortida  
Que tem para toda a praça  
O preço é bom pra cacete  
E corno se dá de graça.*

*Quando a freguesa é bonita*

*Aí é que a porra chove:*

*Genaro pendura a conta*

*Na vara do PP9*

Essa foi a última. Genaro quebrou a cabeça do engraçadinho com uma bela garrafada, no meio da recitação. O poeta foi hospitalizado. Quando teve alta, já não era o mesmo: ficou gago e azoado, trocou os cordéis por uma bíblia. Seu Gê foi intimado, teve de comparecer à delegacia. Ouviu sermão e pagou fiança pra não dormir no xilindró.

Foi um grande desgosto: em quinze dias, ele vendeu o armazém e mudou-se para Salvador. Passado um janeiro, morreu.

Pouco depois, Josias (o Zi triunfante) abriu num arrabalde um bar de muito sucesso:

**O PP9.**

Enricou.

## Breve crônica dos bares infames ( II ) A Derrocada

Não, senhor, o Bar da Buceta não existe. Existiu até faz pouco. Ficava bem no centro de Noviorque, perto de Feira, lá para as bandas da Vaca Parida: entre Oberrô e Quemamá. No mundo jamais se viu um bar de puteiro com melhor localização.

O estabelecimento inaugurou-se com grande festa. Teve discursos, estouro de champanha. Rônaldes Rego saudou as unfas e funfas como se fossem jerarquias. Mas não há bem que dure no mundo. Pouco tempo depois da gloriosa inauguração, quebraram o bar e expulsaram o dono, mais o gerente e os empregados — debaixo de pedra e pau, e fogo no rabo.

Tudo por causa da cachorra, bicho de estimação de Ron. Ou antes, por causa Não, senhor, o Bar da Buceta não existe. Existiu até faz pouco. Ficava bem no centro de Noviorque, perto de Feira, lá para as bandas da Vaca Parida: entre Oberrô e Quemamá. No mundo jamais se viu um bar de puteiro com melhor localização.

O estabelecimento inaugurou-se com grande festa. Teve discursos, estouro de champanha. Rônaldes Rego saudou as unfas e funfas como se fossem jerarquias. Mas não há bem que dure no mundo. Pouco tempo depois da gloriosa inauguração, quebraram o bar e expulsaram o dono, mais o gerente e os empregados — debaixo de pedra e pau, e fogo no rabo.

Tudo por causa da cachorra, bicho de estimação de Ron. Ou antes, por causa da fotografia que o desgraçado botou na parede, com uma placa em que nomeava a defunta.

O nome dela era Sua Mãe.

# Mel

Amélia do Mel trabalhou na fábrica de charutos, em São Félix. Tempo de roupa preta, tirinha de meses claros. Foi na terceira orfandade: na passagem do pai de sua mãe.

Homem bom, Aristeu criava abelhas. Tinha amor às pequenas feras: deixava que lhe cobrissem o rosto, feito uma barba. Acima de tudo, adorava a neta. Deu-lhe o nome e a criação, quando a menina ficou sem pai. (A mãe dela vivia de cama. Não durou muito).

Assim são as coisas: o tempo corre silencioso, rio sem margens. Nele afundamos de modo avesso, caindo fora de suas águas. Aristeu, o bom nadador, de súbito foi-se embora.

A Moça do Mel herdou uma casa grande, quintal com jeito de chácara. Chorou suas perdas chorou o avô. Na economia, não se apertou. Juntou ao fruto das colmeias o dinheiro ganho enrolando charutos. Teve apoio, também, do que sobrava da família: tia e prima do lado paterno foram morar com ela, ganhando no conforto. Com o adjutório que davam — sua renda de costureiras — mantinha-se bem a mansão, toda feminina, com um mero homem na órbita: em troca de refeições, roupas novas e uns trocados, o velho Noé das Virgens foi contratado para cuidar das europas, das plantas, das galinhas. Ocupou uma casinhola no quintal, um barracão em que Aristeu, antigamente, guardava tarecos. (Antes disso, Das Virgens era carregador e dormia num vagão de carga encostado, no desvio da estrada de ferro. Capenga de um acidente, pouco podia carregar).

Amélia tocava sua vida com graça e jeito: era disposta, bonita, dama de honrado capricho. Atraía olhares lânguidos, muitos desejos. Não dava sopa: “Só pego o que quero”. Mas ninguém sabia de seu querer.

Por pura veneta, um dia ela entrou no Bar Mercês. Naquele tempo, mulher de respeito não botava os pés em boteco. Se estivesse acompanhada, menos mal: seu homem lhe dava um refrigerante enquanto sorvia a bebida loura, ou bicava a clara. A dama chamava logo, nem podia demorar. Sozinha, moça donzela só frequentava sorveteria.

Era a regra.

Mas Amélia tinha seus caprichos: entrou no Mercês e pediu cerveja.

Queria experimentar.

Caiu-lhe no copo uma pequena mariposa. Ela bebeu de gute-gute — asas e tudo.

O moço poeta se alumbrou.

Ciranda de olhos perplexos... Quem te liga?

Foi só um copo. A moça lambeu delicadamente a espuma dos lábios, pagou e foi-se embora. Deixou o resto na garrafa.

Cosme não resistiu: sentou-se no lugar dela, apanhou o copo marcado de batom, encheu, bebeu com fervor. Não demorou a dar conta do ótimo sobejo. Quando acabou, sentiu uma onda de luz no corpo e uma dor alegre:

— Ai meus olhos d'água, meus cavalos soltos!

A poucos passos, o amigo Astrogil lia o jornal como quem estuda. Largava a gazeta de vez em quando para consultar dois almanaques e um livro grosso, de capa azul. Daí fechava os olhos e refletia. Quando se dava por satisfeito, traçava uns riscos caprichosos em um caderno de desenho, usando, às vezes, régua e compasso. Apelava também a lápis de cor. Entretido na sua tarefa, ele não demorou os olhos na moça. Tampouco reparou no gesto sôfrego de Cosme, que foi até a porta e voltou meio tonto, saudoso da imagem desaparecida. Só o notou quando ele quase tropeçava na sua mesa. Então falou-lhe com alegria:

— Já viu, Cosme? De ontem pra hoje, é mais um mapa que temos. E de boa estampa, garanto eu. Com novidades.

— Por acaso a terra tornou a parir? Navegaram no caroço do polo, brocando gelo? Acharam bosques no deserto? Ou dividiram outro município?

— Mapa, eu disse, mas não de baixo. Acabei de riscar o céu.

— Ah, sei: a carta do rio de estrelas. Nela sempre tem mudança, não é mesmo?

— Exatamente. O Sol passou por cima da Cabra e entrou no Aquário. Ficou para trás a sombra do Antigo, a coroa do Crônico. Sabe de que estou falando, não sabe?

— Estou ciente: Vossa Alteza Sideral alude ao luxo do Rei de Anéis. Fala do pai que comia os filhos mas alegrou os primeiros homens. Sugere que ele nos desassombra: se esconde do sol no quadrante novo, recua com sua roupa de chumbo. Quer dizer que o céu tá mudando de pele.

— Isso mesmo. T'aqui o desenho. As contas já calculei e conferi com ajuda de dois almanaques, tirante o guia astrológico.

— Está certo, eu também acho que tem novidade. Uma estrela me assobiou.

Astrogil balançou a cabeça como quem desiste e voltou a atenção para seu desenho. Cosme sentou-se, fechou os olhos, ficou quieto por alguns segundos. Depois aplaudiu, entusiasmado:

— Bravô!

— Homem, que foi? — o amigo estranhou.

— A lua. Acabei de escutar.

— Deixe de ser bobo, foi o toque do meio dia. Hoje ela nasce às sete da noite.

— Esta Moça canta na barriga da mãe.

— Que está dizendo? Largue o copo, sossegue um pouco esse juízo esvoaçado. Pelo jeito, já bebeu demais.

— Bebo tanto que desbebo. Quem vive com sede é o sol.

— 'Xente! Tá de caçoada, já vi. Não acredita nos astros.

— Acredito, meu caro. Tão certo como não creio. Me conte o que eles escreveram, veja se tem notícia pra mim.



— Tudo bem, aceito o desafio. Diga lá qual é seu signo.

— A Cabra Marinha, o Leão e as Damas. É minha Comissão de Frente. Anotou? Repare bem, são duas Moças: a Virgem e a Outra. Segue-se o Touro com suas Abe-lhas, muito azoado. Na ala direita, eu tenho ainda a Cobra, o Cavallo Pampa e os Peixes (os meus são Dourados). Na esquerda, a Balança, a Gorra e a Gangorra. Atrás, vêm o Carro, o Trem e o Carneiro. Os doze, mais os dezesseis.

— Não brinque com a ciência, rapaz. Os astros do céu não formam circo nem botam máscara, não andam em bloco de carnaval. Não fazem fita como os marmanjos do cinema. Eles são movidos por pura lógica.

— Mas voam com música, não é? São anjos videntes, que tudo horoscopam. Você mesmo falou.

— Sim, é verdade: os astros tecem melodias, cada qual com seu cada qual. Na sua esfera, não há erro nem desvio. Sua dança não mente nunca, não admite falsidade. Eles não se amontoam, nem trocam de lugar. Entendeu? Se pegue com sua constelação. Nada de fantasia maluca. Seja fiel, sem adultério de signo. Estude e aprenda o bom saber. Em casa, tenho um livro de história que explica tudinho. Se quiser, lhe empresto. É coisa fina, da mais pura religião, com filosofia que vem de longe, do arcano de Hermes Trismegisto.

— Até que eu gosto da astrologia, é divertida. Mas não me conformo de ter um signo só. Careço de três zodíacos, pelo menos. Hoje, acredito que vamos ter.

— Só na tua cabeça de vidro. Mas já te dei uma boa nova: há transformações no céu.

— Há de ser ótimo.

Assim, finalmente, eles concordaram. Logo, porém, o tempo mudou:

— Tem nada de bom. O que vejo é um ano feio, cara de pau com verrugas — rosnou o velho Moraes, plantando-se numa cadeira ao lado dos amigos moços.

— A cidade empobrece a cada dia. Olhe em redor, veja quantas casas em ruínas.

A enchente de vez em quando nos come pedaços de mundo velho, roendo o novo com a boca suja. O comércio murcha, a miséria cresce. Em breve, fecham-se as fábricas, que o fumo não dá mais lucro. A Leite Alves faliu, os alemães desanimaram. Charuto saiu da moda nas freguesias da Europa.

— Você é que pensa.

— Vejo e anoto. Só resta a Danneman, não é mesmo? Neste ano que entra, será grande o desemprego. O que era bom, já se foi. Há muito que vamos descendo, caindo de cana a bambu. Passou o tempo da Cachoeira.

— Porém o céu está na muda: a sorte cresce, crescerá. Tem porta aberta na casa da lua — teimou Astrogil. — Fogueiras de ouro. Em todo o quadrante vejo bons sinais.

— No que me toca, você está certo — o poeta afirmou. — E o que me toca já lhe digo: é o sino salmão, a viola no meu coração. Hoje é meu dia, companheiros! Fui devorado num lenço de espuma, com tanta graça que me perdi. Agora estou me encontrando. Reparem: ganhei mais alma. Acho que vou nascer outra vez.

— Arre com tanta doidice! — falou Morais. — Esse cabra não tem jeito: já nasceu desatinado.

— Poeta — explicou o moço dos astros.

— Apois. Irrecuperável.

Cosme não ligou. Despediu-se dos camaradas, pagou a conta e foi-se embora, feliz da vida.

Astrogil recomeçou a discussão com o caturra, que chamou de Coruja Choca. Recebeu os altos títulos de Cabeça de Cuia, Papa-vento, Fareja-Estrela, Palhaço do Céu. Não se importou nem um tico, replicou:

— Já você tá mais pra Urubu Capenga, Sapo Nervoso, Caboré da Boca do Inferno. Saiba, Caboré Quequé, que sem querer me ajudou, me deu inspiração: *Palhaço do Céu* vai ser o nome do próximo show de minha Banda, a Nebulosa. Se Deus quiser, a gente estreia de domingo a oito, no Cine Glória. Depois, faremos excursão pelo Recôncavo.

A estranha conversa desenrolou-se abençoada por meia dúzia de garrafas. Era um velho debate, com troca de ironias ligeiras e desaforos amigáveis. Alinhava lagartos e borboletas, nuvens e brenhas, mas não tinha veneno.

A prosa encrespou-se com a chegada de Ninguém, que provocou:

— É outro baticum de língua? Continuem, pobres mortais, mexam os queixos enquanto podem. Nós lhe damos tempo.

— Nós quem, Morto Vivo? — Morais indagou.

— Eu e meus caros demônios, que formam um belo par. São de todos, esses dois. Ainda que poucos percebam, eles acompanham a raça humana. Minha vantagem é que sinto a presença de ambos, enquanto vocês continuam cegos. Só por isso digo que eles são meus. Sabem de quem estou falando?

— Sei: de fantasmas da tua cabeça choca.

— Das visagens de tua cuca.

— Do teu copo de ilusão.

— Fantasmas? Tem nada mais real do que eles, meus pobres amigos. Cá estão os dois, fazendo ciranda ao redor da gente: *Indanão* só nos persegue, *Nuncamais* nos mata e come. Aos poucos, naturalmente.

— Pois que se fartem com teus miolos — retrucou o velho. — Estamos falando de coisa séria. Guarde silêncio.

— Guardarei com muito gosto — o recém-chegado concordou, bebendo um trago de cachaça. — Já tenho muitos na minha caixa de música: verdes, amarelos e azuis. Digam lá o que quiserem, Ninguém será testemunha.

Assim a tertúlia voltou a acender-se. Mas por pouco tempo.

Primeiro, passou um carro com um magricela de terno preto ao microfone, anunciando um defunto entre jatos de música. Voz de crepe convidava o povo para o enterro do ex-fulano. A viatura rodava triste e vagarosa, parecia arrastar-se com chumbo nos pneus. Os debatedores se calaram até que ela sumiu.

Mal a sombra sonora se dissipou e a conversa quis recrescer, deu-se a nova

interrupção. Dessa feita, a quebra do assunto foi provocada por um moço que chegou estabonado, quase derrubando cadeira. O velho Morais sentenciou:

— Com esse novo peru na roda, a coisa vai degenerar. Até as pedras já sentiram

— Que houve? — Ninguém indagou.

— Os teus demônios nós esconjuramos, mas agora quem nos ameaça não é beijo de matraca, nem lapa de caverna: é boca de lixo mesmo.

Indiferente ao azedo da recepção, Tote sentou-se à mesa, interrogativo:

— Vocês já sabem da última?

— Não. Neca de nada. Ignoro, nunca ouvi falar, não sei nem quero saber — retrucou Morais. — Só estou certo de uma coisa: seja a última, seja a primeira, da tua boca só sai besteira.

— Ninguém concorda com isso — o filósofo declarou.

Mas o recém-chegado prosseguiu:

— Pois a notícia que lhes trago merece aplauso. É das melhores: teremos hoje noitada histórica na boate Night and Day. Um evento sensacional: o grande, o fabuloso, o memorável concurso de ganso peludo. Terceira edição, com o regulamento aperfeiçoado. Imperdível.

— Explique direito — Ninguém pediu.

— O básico, já sabem como é: os candidatos se apresentam, mostram as armas, daí as mulheres medem com a fita, anotam tudo direitinho. Isso mesmo: tem uma comissão de três peritas que verifica o comprimento e a espessura do orapronobis. São duas medidas, no manso e no brabo, ou seja, no momento mole e no pujante. Os concorrentes se apresentam mascarados. No fim, revela-se o vencedor. O regulamento novo inclui uma regra de seleção: o candidato tem de ter folha corrida de macho. É que no primeiro ano ganhou um travesti da capital. Agora tem planejamento. Contratou-se até uma equipe de seguranças, a fim de manter a ordem. Segundo contam, na vez passada Turíbio fez um tendepá porque seu foguete não subiu e a plebe rude casquinou. Aí ele queria

sair no tapa com todo o mundo. Não está direito, nós temos que respeitar as tradições. Se trata de um concurso antigo, muito esperado: só acontece de três em três anos. Agora tem garantia.

— Bela tradição! — resmungou Astrogil, com um muxoxo irônico.

— Moralistas, deixem de frescura: é um assunto da natureza, pertence a uma coisa que Deus inventou. Tem nada de mais. A promoção alegre a juventude. O papai aqui, por exemplo, dá muito valor. Na última edição, eu era criança de quinze, ainda não podia concorrer. Mas já tinha qualidade. Agora estou na briga, com esperança de vitória. Me diga, Astrogil, você não quer participar? O prêmio é bom: suruba com as três juízas. Porém o melhor é o prestígio: num instante, a cidade inteira fica sabendo quem é o campeão, as mulheres todas se assanham. Tanto que o segundo lugar já dá cartaz. Até o terceiro qualifica. Vai ou não vai, meu camarada?

— Claro que não.

— Tá com medo de ser desclassificado? O velho Moraes, eu compreendo que fique de fora: o mastro dele já arriou. E o outro há muito que é Ninguém, seu pau com certeza não existe. Mas quando um moço corre da raia, pra mim só há uma explicação: é que se acha sem condições. Foi castigado pela natureza.

— Tem nada disso, receio nenhum. Largue de ser idiota. Simplesmente não me interesse por bestagem.

— Besta é quem não aproveita as oportunidades. Que nem seu amigo, o tal do poeta. Foi-lhe encomendado um serviço maneiro, porque ele tem fama de bom fotógrafo: pouco trabalho em troca de tutu e participação no prêmio. Acreditem, o bobo recusou. Por sorte, Juquinha topou a parada.

— Quem?

— O filho de Oseas Rabo de Galo: Juca Divino, que trabalha na Foto Primor. É aveadado, mas se comporta. Não vai desfrutar, só fará o registro. Com água na boca, evidentemente. Mas com capricho. Taí o que importa: o certame vai ser

documentado. Entrarei para a história, pois tenho boa cotação e boto fé no meu taco. Vamos sair muito bem na foto: eu e Juju, a minha jibóia.

...

Acaminho de casa, Cosme se deparou com Lene de Lourenço — melhor dizendo, Márcia Marilena, freguesa do acaçá. Ela sabia de tudo que se passava nas duas margens do Paraguaçu. Num instante lhe contou quem era a moça bonita de vestido azul que ind'agorinha tava no Mercado (passou no bar, não passou?) e dele saiu falando em viagem, passeio na Conceição da Feira.

— Parece que o Samba da Suerdieck se apresenta lá. Assim a menina aproveita, visita uns parentes. Vai de carona com o povo da outra fábrica. É uma boa moça, filha de Calu mais Custódio, neta de Aristeu. Mora em São Félix, numa casa bonita, não longe da estação. A tia dela, por nome Tânia, teve um xodó com um ogã da Roça do Ventura, um velho de reza forte.

Cosme ficou muito satisfeito com as dicas. Deu moedas a Lene para a cachacinha e despediu-se pretextando um encontro, a fim de interromper-lhe a cascata de informações. Em seguida tocou para casa. Tomou um banho rápido, espanta-calor, cantando no chuveiro. A mãe já chamava para o almoço. Ele saboreou o sarapatel, comeu o doce de tamarindo, conversou um pouquinho com os pais; depois avisou que ia sair no jipe, em pequena viagem. O velho Saul falou que ele descansasse um tico, já que era só um passeio, não era sangria desatada. Afinal, o menino tinha acabado de encher a barriga com uma comida de respeito e o sol estava quente.

Cosme atendeu. Foi deitar-se na rede da varanda, com um livro de capa muito surrada: *Obras de William Shakespeare. Volume I. Tragédias.*

— É a bíblia dele — a mãe comentou. — De vez em quando, lê uns trechos para mim. Acho bonito, mas não aguento. É muita desgraça.

— Tem sabedoria que dói — o velho Saul filosofou.

Cosme só leu umas poucas páginas: foi vencido pelo sono. Dormiu coisa de uma hora. Assim que acordou, lavou o rosto e partiu. Mas em Conceição não encontrou notícia de festa, de samba de roda nenhum. Tampouco viu quem queria. Voltou frustrado, no começo da noite. Não ligou para a conversa dos abelhudos que o apontaram na praça:

— T'ali o Cosme das fotos. Bom camarada, mas azoado.

— É poeta, um tipo que nasceu com licença de ser doido. Mas faz-me inveja, confesso: inventa palavras novas, que mexem com os nervos das moças.

...

No dia seguinte, o poeta saiu cedo. Foi caminhar com suas ideias pela beira do rio. Estavam as ruas quase desertas, na bela manhã de domingo. Perto da Matriz, ele encontrou duas beatas a conversar. Dona Marotinha parecia assustada:

— Era um morcego branco, Loló. De longe, parecia uma borboleta muito crescida. Entrou avoando na igreja e caiu aos pés de Santo Antônio.

— Morcego branco nunca vi, mulher. Se você não está caduca, foi assombração: alma de um pecador que pede socorro ao santo. Reze pelo infeliz.

Dona Marotinha benzeu-se, mas perguntou ao poeta:

— Me diga o senhor, que tem estudo: morcego branco existe?

— Albino, pode ser.

— Ai, meu Deus! Albino, meu afilhado! Era falso ao corpo, desde garoto viciou-se em homem, o pai batia muito. Pobrezinho, vou rezar por ele.

Cosme sorriu e foi andando, mas à beira do porto estacou, chocado com uma cena feia: viu um soldado a levar um preso, torcendo-lhe o braço às costas. Quase a cada passo, o brucutu dava com o cassetete ora no cocoruto, ora no lombo do prisioneiro. O poeta indagou:

— Soldado Lemes, que fez este moço? Porque lhe bate, se está dominado?

— Estou exemplando um vagabundo que desonra a cidade — respondeu-lhe o homem da farda, com boca de muita valentia. Cosme insistiu:

— Por favor, explique melhor: que fez ele? Matou, roubou?

— Atentado ao pudor — falou o guarda. — Olhe à sua volta. O navio chegou faz pouco, não vê? Tem um mundo de passageiros que vieram da capital, muitas senhoras. Eu tava assistindo o desembarque e logo notei que tinha perturbação: uns riam, outros fechavam a cara, turma grande reclamava dos maus costumes da terra. Aí reparei nesse severgonha parado na frente do atracadouro, com uma flor na braguilha, escandalizando as pessoas. Prendi, vou levar para a cadeia. Lá ele apanha mais um pouco e larga de ser besta.

— Ah, que bobagem! Por favor, solte o rapaz que essa prisão não tem cabimento. Chega de tortura, nada justifica uma coisa dessas. Está errado e deixa mal sua reputação: não é bonito bater em bêbado — o poeta ponderou.

— Não, não é! — ajuntou Dona Mercedes, que ia passando e se deteve, penalizada com os gritos do preso. — Pelo amor de Deus, pare com essa malvadeza.

Duas outras damas lhe deram apoio. O soldado falou grosso:

— Ora, só estou cumprindo a Lei. Por acaso é bonito o que fez esse malandro, afrontando as famílias? Por favor, senhoras, me deixem trabalhar. E você, rapaz, saia logo do meu caminho, desinfete.

Cosme não arredou pé. As senhoras puseram-se ao lado dele (de repente, já eram quatro). Acorreram curiosos, formando roda: uns davam razão ao guarda, outros apoiavam o protesto. O impasse prometia render, mas rompeu-se logo: um grandalhão que chegava do porto largou a mala no chão, aproximou-se do policial e bradou-lhe no pé do ouvido:

— Deixe de besteira, Potó. Solte logo o infeliz, está me ouvindo? E tome tento, veja como fala com meu compadre. Respeito é bom e a gente gosta.

O guarda virou-se de susto e deu com o homenzarrão estourado que bem conhecia: um tipo esquisito, gente grande na cidade. Zureta, capaz de quebrar um coco a murro. Além do mais, era do povo graúdo, rico de prestígio: o Galo de



Trovão, um doutor de família importante, por nome Germano. Bamba dos Torres, sobrinho do Ronca-Defunto. Dom Soldado coçou a cabeça arrepiada, abriu os braços, cedeu:

— Já que tantos pedem, solto o porqueira. De qualquer modo, todo mundo viu que eu tava fazendo minha obrigação.

Disse e tratou de afastar-se de cara vermelha, debaixo de grande arrelia. O liberto apalpou o braço, que tirou com dificuldade da posição de suplício. Sentia muita dor. Cosme o levou até uma casa próxima, onde pediu ajuda à mulher que estava à janela. A senhora prontamente acudiu, muito caridosa: deu um copo d'água ao aflito, passou-lhe unguento nos machucados, pedras de gelo no cocoruto. Já na rua, o moço relatou ao poeta sua desventura:

— De ontem pra hoje, eu vi a fraqueza do mundo, a falsidade da sorte. Pois tive noite de rei, madrugada de cão. Cheguei dez horas à boate, levando a máscara de Barba Azul que usei na Lavagem da Ajuda. Curti o show, gozei da festa, participei do concurso e venci: ganhei nas duas medições. Foi uma alegria danada, rapaz. Todo o mundo me deu parabéns. Subi muito alto no balão da glória. Lá em cima, ele papocou. Me deram de brinde uma garrafa de uísque e eu tava tão contente que bebi de caubói. Fiz que nem esponja, sequei a maldita quase sozinho. Levei o coice do Cavallo Branco. E aí começou a minha desgraça. Na hora do prêmio, neguei fogo. Tava que não me aguentava em pé. Nem mesmo deitado. Então Brigitte (aquela jararaca!) foi reclamar que eu não dava no couro, não merecia a colocação. Outra comissária, Lazinha, apoiou a infeliz. Só Lola puniu por mim: alegou que ganhei o campeonato de forma indiscutível e a cachaça é que tava me atrapalhando. Ela bem sabe de minha competência. Pois acredite, não adiantou. Os miseráveis me roubaram o título: o campeão ficou sendo Terês, que é muito inferior, só alcançou o segundo posto porque muita gente boa não compareceu. Eu realmente tava mal. Nem consegui protestar, lutar pelo meu direito. Pedi a palavra, tentei, mas não fui longe. Acabei botando os cachorros n'água.

Aí me expulsaram. Lola inda quis me consolar: tirou a flor do cabelo e botou na minha braguilha, como um distintivo do legítimo vencedor. Depois foi à premiação do outro, que não merecia. Eu saí aos tombos, aos empurrões. Era já de madrugada. Acabou que dormi na praça, nos degraus do monumento. Acordei com o apito do vapor. O resto, você já sabe. Estou desonrado. Apanhei que nem boi ladrão, na vista do povo. Que moral tenho eu, agora?

— Calma, Aristóteles Santos, muita calma nessa hora. Não fique assim, levante a cabeça. No fim das contas, você não prejudicou ninguém. Em termos de moral, é o que conta. Quem fez triste papel foi Potó, por sua covardia. Indecente é ele. Flor na braguilha não tem nada de mais. Quem se ofende com isso é muito besta.

— Mas passei vergonha, todo o mundo vai rir da minha desgraça. Minha fama de campeão se esculhambou. A verdade é que fui expulso da boate, levei porrada, a dor foi tanta que molhei as calças, estou aqui no fedor. Todo o mundo vai falar.

— Não perca tempo com línguas compridas. Isso é coisa mais insegura do que certame de peru. Aceite um conselho que vem de longe, da boca de um bobo que era sábio. Esse camarada não nasceu de um ventre, surgiu de um cérebro. É criatura de um homem que viveu muito tempo atrás, bem longe daqui, porém conhecia o mundo como poucos. Está me ouvindo?

— Sim. Meu ouvido zumbe, mas escuto.

— Preste atenção ao giro da sorte: largue-lhe a roda quando ela desce, cuide que não lhe quebre o pescoço. Espere a montante e só então se ligue a seu movimento. Isso o doido sábio falou a um rei que estava perdido porque entregou tolamente o cetro. O seu, pelo menos, você conserva.

— Isso é verdade.

— Portanto, fique firme: não se renda à uruca insensata. Traduzindo a boa lição, no que se aplica a seu caso: esqueça o prêmio furado, a puta flor, o Potó.

Espere o beijo da fortuna. Não faça como o infeliz que nem com o tonto soube aprender. Me escute, que também sou doido: mesmo o que sei, não sei. Veja bem: você me considera um bobo, não é? Pois está certo. Sou lelé: me encandeio na luz da ilusão e erro à toa, ainda que enxergue meu engano.

— De fato, sempre lhe achei azoado. Mas neste momento percebo que em sua boca há sabedoria.

— Portanto, é verdade que existe saber de maluco.

— Agora acredito. Estou vendo a prova.

— Então me escute: vá para casa e comece uma vida nova, com força e ânimo. Muita coisa boa ainda vai lhe acontecer. Entende? Confie em Deus (que às vezes existe) e no pingo do seu juízo. Em último caso, confie na dúvida. Mas não desanime, nem se lamente à toa. Não se aborreça nem se abale, não esquente nunca: ria na cara da desgraça, que ela se desmoraliza. Seja estoico.

Tote ficou um minuto parado, pensando. Gostou demais daquela palavra, estoico. Não sabia o que significava, mas apreciou a força do som:

— Estoico é taca! — declarou. — Tem razão, Mestre Cosme. É assim mesmo que eu quero ser.

Dito isso, agradeceu ao poeta e foi para casa gemendo, com um vago sorriso filosófico nos lábios.

Cosme deu o passeio por encerrado e retornou a sua morada. Num instante banhou-se, vestiu-se, tomou café. Em seguida, beijou os pais e foi andando até São Félix. Achou facilmente a casa da moça, mas não a encontrou. Quem atendeu ao portão foi um capenga mal-humorado, a dizer-lhe que Dona Amélia tinha saído com o noivo.

O poeta fez uma compra, só por disfarce. E voltou para Cachoeira a xingar os astros, com um pote de mel e a boca amarga.

## Passeio

O navio folião vinha bem carregado. Trazia uma orquestra incansável e um mundo de gente a dançar, esvaziando garrafas. Deslizava alegre pelo mar da Bahia e pela calma língua do rio, ao longo do trecho em que o Paraguaçu admite o peso dos navios pequenos (Cachoeira é o termo, na jusante). O desembarque era também festivo: o pessoal descia a prancha cantando, músicos à frente, e se espalhava pela cidade entre batuques. Seguiu-se o breve descanso numa pensão qualquer. Sono curto, pois começava cedo o domingo de farra no seio brilhante do Vale. O retorno se cumpria com menos música, entre ressacas e saudades, rumo aos olhos crus da segunda feira. É que esse banho de alegria durava só um fim de semana. Era o **Passeio de Vapor**.

As viagens canárias nasciam na capital, nos bairros grandes do povão. Turismo de pobre, que o pessoal metido a besta esnobava. Mas era bem articulado. Tinha anúncio nos jornais e programa impresso, que os organizadores mandavam distribuir nos pontos certos. Brilhavam artistas de clube pequeno, crooners de cabaré. Sim, havia músico especializado em baile viajante: estrela de navio, cantor de show aquático em banda vaporosa. Às vezes eles tocavam na Desportiva, o clube cachoeirano. O povo da terra bem que gostava.

Em todo Passeio — não sei de onde vinha esse figurino — havia um grupo de homens de calça branca e camisa listrada, com uma toalha no pescoço. Alguns usavam chapéus de pano. Moças de roupas floridas giravam que nem borboletas à volta de um violão. Não faltavam aposentados com ar de quem foge da patroa. Muitos traziam máquinas fotográficas. De vez em quando apareciam uns tipos graves, que tomavam nota de tudo: amigos da História, reverenciando a Cidade Heroica. A maioria, porém, só queria vadiar.

Sempre tinha os esquecidos. Era assim: o sujeito enchia os cornos e acabava tombando num canto, onde o sono o amarrava com força, dava-lhe o nó cego. Por mais que o navio apitasse, chamando para a volta, o bebum não assuntava.

Horas depois, via-se perdido da viagem. Não poucos tinham de pedir ajuda para o retorno: uma carona, uma passagem de favor.

A outra categoria especial que tinha nos Passeios era a dos aderentes. Esses não vinham no navio. Juntavam-se às visitas, logo na chegada. Eram pinguços da terra, sempre dispostos a confraternizar. Esperavam no porto já bicados, prontos ao melhor. Era uma tropa pequena, porém animada: a *Comissão* — como o povo dizia. Eles mesmos chamavam assim o seu coletivo.

Dois aderentes se destacavam: João Juca e Zezero. João tocava requinta na Lira Ceciliana. Tinha primazia no grupo, era especial.

— *Sui generis!* — disse uma professora.

Ele gostou. Fez um cartão, botou uma placa na parede da sua loja:

JJ SUI GENERIS  
COMERCIANTE E MÚSICO  
**PRESIDENTE DA COMISSÃO**

JJ não acompanhava os visitantes o tempo inteiro. Fazia um tipo misterioso, orelha de búzio. Estava sempre bem informado: sabia com antecedência o dia e a hora dos desembarques. Quando o viam encadernado no terno branco, flor na lapela, os outros aderentes reuniam-se logo. Não carecia chamado, nem proclama: brotavam dos becos, seguiam o líder em marcha discreta rumo ao porto. No que os alegres visitantes desciam da embarcação, a turma de JJ batia palmas, dava ipiurra. Tinha até foguetes. Em seguida, a Comissão se incorporava ao bando festivo dos recém chegados. Com sua máquina a tiracolo, Juca fazia-se um destes, tão bem que até os enganava: qualquer um diria que ele tinha acabado de desembarcar. Era o passeante mais entusiástico. Admirava o casario e a paisagem da terra, com olhos de surpresa, e fotografava tudo. Muitos o seguiam como quem vê um modelo. Por fim, JJ detinha-se diante de sua própria casa, onde sua

mulher se achava à janela, toda bonita, com o melhor vestido e uma flor no cabelo. João Juca — *fiufiu!* — tirava-lhe o retrato, jogava-lhe beijos, puxava um bolero, com o amigo Gravata no violão, depois se chegava devagarzinho, com pose de conquistador, perguntando se podia entrar. Quando, por fim, ela concordava, ele despedia-se do grupo de basbaques com um sorriso de triunfo. E acabava seu passeio em folia de amor.

O outro aderente especial era Zezero, batizado José das Pontes. Alma boa de vagabundo, aos trinta e três ainda recebia mesada do pai caduco. Entrou no colégio, mas desistiu no primeiro ano. Nos duros bancos da ciência, ganhou só o apelido, por causa da nota que mais tirava. De comum com João Juca, ele tinha a perícia de se confundir com os recém-chegados. Mas ao contrário do Presidente, dedicava-se à farra o tempo todo. No primeiro relance, já descobria quem eram os grandes beijos do grupo, quem mamava nas garrafas. E ficava íntimo. Rezava o roteiro de botecos, dirigia os devotos da uca aos melhores pontos. De tão enturmado, às vezes voltava sem ter vindo. E então passava uns tempos tontos fora daqui.

A festa dos vapores formou tradição. Passeios não davam problema. No máximo, um bate-boca, um chororô de ciúmes, enjoos, bestagem. Num instante, tudo se resolvia. Os organizadores eram competentes.

Mas o Cão é sujo.

O desacerto principiou com o improvisado de um novato. Seu tio fez cabedal com festas de vapor. Quando teve um derrame, o inexperiente tomou-lhe o posto. Era bisonho, Manoel Tomé. Só pensava no lucro.

Em todo Passeio aparecia um esquisito (ou dois, ou três): uma velha com um gato na gaiola, um caolho malabarista com sete bolas de sinuca, essas coisas. No de Tomé, tinha ele, pessoalmente, com sua cara de coruja; tinha os irmãos do 44 — Silvestre & Silvestre — que depois ficaram morando aqui; tinha um gringo de cabelos brancos, com o filho miúdo, que abordava todo o mundo no ingranzéu de sua língua; tinha um arigó todo encadernado: casacão, colarinho alto, relógio de bolso, binóculos e um sagui.

Logo na chegada, Tomé cometeu um erro: ignorou a Comissão, que era muito bem tratada pelos organizadores experientes. (O grupinho puxava a simpatia da cidade, prestava serviços miúdos, ajudava na empolgação. E JoJuca, bom Presidente, era o refúgio dos esquecidos: dava-lhes o café de consolo, arranjava carona). Nesse passeio — o último que houve em nossa terra — Tomé olhou feio para a turma festiva, resmungou uma queixa contra os parasitas. Jj ficou ressabiado, mas tocou em frente. Com um bando de seguidores, cumpriu o rito: a foto, o fiufiu, a cantada caprichosa. Quando sua mulher — toda alegre com os galanteios — falou que ele podia entrar e lhe abriu os braços na janela florida, um malandro adiantou-se, reclamando o privilégio. Jurava, o desaforado, que foi para si o chamamento.

A discussão rompeu, medonha. Por pouco não sai uma briga de sangue. A turma do deixa-disso acalmou os ânimos, Gravata afastou o intrometido. Mas Jj ficou chateado, retirou-se da brincadeira. A Comissão estava esfacelada.

Daí a pouco, deu-se o pega. A faísca veio de um quintal em que um trecho de muro tinha caído. Um bêbado passeante entrou, foi mijar embaixo da janela. Dona Clotildes viu, não gostou. Derramou-lhe em cima um balde d' água. O mijão danou-se, chamou Dona Clô de puta fresca e saiu bradando que em terra de corno era assim mesmo. A turma do baba que tinha perto ouviu e retou-se, fez de seu focinho casa de sopapo. Acudiram amigos do mijão, seus colegas de passeio. O pau quebrou.

No bar do Jiló, sucedia um desafio: os dois Silvestres — branca bermuda e camisa verde — entornavam canecos de cerveja, fazendo o quatro. Os membros da Comissão, desafiados, tentaram imitar. No primeiro tempo, caiu metade. Zezero ainda resistia quando o bolo se instalou. Pau pra lá, pau pra cá, ele viu-se no meio. Perseguido por gente de fora e desafetos da terra, danou a correr. Pediu socorro ao engenheiro Germano, que estava abrindo seu escritório: — *Me acuda, Galo de Trovão! Esse povo quer me matar!* — e embarafustou portas adentro.

Logo atrás vinha o Jegue da Santa, grosso inimigo seu. Não passou da porta: bateu de cara com uma murraça do Galo, chocou-se com mais um perseguidor abusado, foram os dois ao chão. Jegue levantou-se, que nem artista, mas só para encontrar-se com novo soco redondo, que lhe fechou o outro olho. Aí ficou deitado, zonzo, chamando por Santa Luzia. Gente chegando, gente rodando: Germano se espalhava, era tabefe pra todo lado. Ao ver a mão grande aproximar-se de seu nariz, Xerém gritou:

— Socorro, gente! Chama a Professora!

Foi sua valia. Com uma trinca de estropiados aos pés, o engenheiro parou de braços abertos, erguendo ao céu as mãos espalmadas, feito um jogador de futebol quando faz a falta e tira de inocente. Se tinha uma coisa que lhe fizesse medo, era a zanga de sua mulher. E logo-logo ela apareceu na janela de um sobrado, olhando a cena com ares críticos. Estava bem perto, na casa de uma amiga. Xerém aproveitou, sumiu no mundo.

Enquanto Vera descia as escadas, o marido suava frio. Era uma coisa de ver para crer, como aquela morena esguia, palma de beleza, leve e delicada, se impunha ao marido brabo. A um seu gesto, o pai-de-esporão virava pombo de igreja. Nem tugia. Dessa vez, ele sentiu-se pior que nunca: ainda na véspera tinha prometido nunca mais meter-se em briga, por nada no mundo. Foi salvo pelo moço que nem viu a seu lado, impante, crista de guerra. Quando a boa senhora chegou à rua, achou Zezero a desculpar-se:

— Me perdoe, Doutor Germano. Foram eles que começaram. Eu lhe ouvi, eu quis parar, mas eles não. Tive de bater. Se não fosse o respeito que lhe devo, eu teria feito uma bobagem. Sim, eu acabava com esses malandros, sem dó nem piedade. Ia moer esses restos de gente com as solas dos sapatos.

Ainda zonzo da pancada, Jegue da Santa ergueu meio corpo e lamentou-se: — Ai meu Deus, é o fim! Apanhei de Zezero! — e tornou a cair desfalecido, desmoralizado. A Professora falou brava com o rapaz:



— É bonito isso, meu senhor? Não tem vergonha do que fez?! — E apelou ao santo esposo:

— Meu bem, não fique aí parado. Dê socorro às vítimas.

Por sorte, vinha passando Macaca Mãe na sua carroça. Iô Germano botou os estropiados em cima do veículo e o carroceiro tocou para a Misericórdia. Em atenção à Professora, o bom Macaca comprometeu-se a pacificar a cidade. No caminho, onde achava rolo, gritava:

— Parem, seus merdas! Chega de confusão, a carga que tenho já me basta.

O crioulo era mestre de capoeira. Um ou outro renitente que não quis a paz, viu-se no chão. E andou de carroça.

A polícia ajudou: prendeu uns quatro malandros da terra, meia dúzia do passeio. Quase leva o gringo, que dançava de um jeito esquisito, com uma garrafa na mão. Menino dele gritou com boca de cinema. A Professora acudiu, fez soltar o bambo e acalmou o pequeno falando em sua língua. Acabou levando para casa pai e filho cabeça-de-milho, mais uma dúzia de outros passeantes apavorados. Ioiô serviu cafezinho a senhoras e senhores, tranquilizou todo o mundo. Estava uma seda, a paz em pessoa. Zezero também ajudou, mas ouviu bronca da Professora:

— O senhor fez uma coisa feia, devia envergonhar-se.

— Sim, senhora. Estou muito envergonhado — ele garantiu.

— Pois então, mostre que tem consciência: vá falar com o delegado, peça que solte os presos, assuma sua culpa.

— Tem razão, Dona Vera. É o que vou fazer.

E foi.

O Delegado irritou-se:

— O senhor se entrega, é? Para que? Por acaso me falta vagabundo?

Ora, me deixe! Se tem consciência, faça um favor: vá-se embora, limpe a cidade. Suma e não volte, assim ficamos bem melhor.

— Farei isso mesmo — ele prometeu.

Na saída, viu o caminhão com jeito de viagem. Pongou, subiu à carroçaria. Achou lá um caixão de defuntos, encomenda que o caminhoneiro ia levando a um lugarejo em beirão de estrada, nos rumos de Santo Amaro. Deitou-se. Daí a pouco, puxou a tampa, por causa do chuvisco.

E foi-se embora para nunca mais.

## O Zotro

— Mãe, eu não quero mais saber desse Zotro. E não quero nunca, d'agora em diante. Não suporto. Ele se mete em tudo. Qualquer coisa que a gente faça, o Zotro tá no meio com regra de não, com má vontade e siricotico. *Não faça isso com o Zotro, preste atenção ao Zotro, tenha cuidado com o Zotro, se lembre do Zotro, não mexa com o Zotro, não pegue nisso que é do Zotro...* Grande porcaria, esse intrometido, trem que não deixa fazer nada, só exige. Não quero conta, chega do Zotro!

A mãe demorou um segundo a entender, mas logo achou o pequeno rolo da confusão na ponta da língua de sua menina, onde sentiu que ele tinha caído em parafuso ao vir-lhe da orelha. Com paciência, desembaraçou a linha de voz que fora torcida nas malasartes do artigo pluricolante. Notou o vago da vogal tombada e percebeu o simétrico desplurar-se do sem-sibilo, do som que secara no termo do termo. Era professora, sabia mexer ideia. Pegou a explicar:

— O Zotro falado por você tem falta de u, que sua boca não usou no casamento das palavras. Melhor dizendo, ele teria ou, como em sou, que no teu corre-corre não soou.

Mas a miúda ainda estava insatisfeita, carinha de dúvida.

Mãe verdadeira sorriu, fez meia volta no argumento. Deixou o trilho da gramática, reconheceu a vocação de realidade do nome novo. Boa mestra, tinha ciência de que os erros bambos do verbo às vezes abrem caminhos muito ricos: rompem riachos de sentido nos vales que a palavra rasga quando cambaleia e rebola. Assim foi que logo se lembrou do poeta, seu compadre. Recomendou à pequena que fosse falar com ele, com o padrinho querido. E levar-lhe o assunto.

O moço pegou o nome torto pela asa, com todo o cuidado de lavar-lhe o bico. Logo de saída, louvou as viragens do Zotro, suas sete simpatias. Limpou seu

espelho. Nessa manobra, logo o botou de cara com A Gente, que qualquerizou. Ou seja, fez aparecer, em contraface — moeda única — A Gente que nem o Zotro, Uzotro também agente: mostrou-lhe a pura figura, psiu do ipsilomem, quiáltero e silencíssimo. Deu razão e deu lição. Fala do poeta foi mais ou menos desse jeito (o exato não lhes garanto: os rastros leves que deixa a voz nem sempre se correspondem com o pé da letra, que pisa depois):

*O Zotro é o nó de nós todos. Se ele afrouxa, a pessoa cai. Nos acompanha assim como o lá, que troca de lugar com o cá quando a gente anda, já que empurra a distância com nossas pernas e só se aninha onde não estamos, mas assim mesmo não nos larga, ainda que fique sempre longe. Do cá eu me afasto; do lá — olha lá! — nunca me desligo. Nem tu nem tutu, neca de néris, ninguém. Assim é o Zotro: não desgruda. Certas horas, a gente pensa que está só e o zero dele aparece no escondido, feito um não-sei-quê. Aparece mas não se mostra, embrulhado na sombra. Como pode? Repare: quando você se lembra de ter esquecido e ainda não sabe do que foi, o trem faltoso se dá de presente, não é? Mas fica no embrulho, quieto, rindo sem a boca. É desse jeito que o Zotro se esconde, na carne de vidro de Seu Ninguém. Às vezes. Somente às vezes, no estilo do bom mentiroso. E nunca demora nessa manha, não perde o pulo. Daí a pouco — tá vendo? — pinta a surpresa: “Olha eu aqui!” ... Atrás do espelho. No avesso, no oco ou na casca sem coco, na nuvenzinha que já passou. Depois ele vira qualquer, vira multidão.*

*Sim, o Zotro é todo o mundo. É belofoie de bom e ruim, um demoroso com asas de zás. Gosta de todas as mudanças, brinca de avesso. Quer ver como é? Vira, revira. No tempo euzótrico, há espelhos: tu me euas, eu me tuo. E tudo bem quando bem acaba. Mas tem horas que desmomento, tem horas que tu te exaltras, não é verdade? Ainda assim, é com você que eu me invoco.*

*Na falta que salta, é aí que o Zotro azoa, mais que mágico. Para o preto, é claro, para o branco, escuro. E pula de ou em ou com sua tropa, tocando trompa. Sim, com*

*a tromba da surpresa, do nem-te-conto: quando se olha, já mudou. Cheio de jeitos, é muitos na roupa de um, mas acaba sendo só a metade do par que não para: Laeles de Nosaqui, duas cobras e um só anel, com o mundo inteiro no meio. Anel se mexe com os cadaquais: com eus e tus, vice-versos. Pense, pince: o cachorro mordendo o rabo e o rabo mordendo o cachorro, que pra ele é rabo. E os dois estão certos. Pois são iguais da diferença, cachorrabo e rabiscão. Juntos, colados, inseparáveis. Se eles se soltam, se perdem, não tem mais cão, você vê? Nem au nem ão, e até o caminho sai do caminhão. Nem tigo nem migo, se cai o com, acabou: nosco também sumiu, com eles e elas, mais seus panos e panelas. Os todomundos se destoaam, ficam mudos. Sem o Zotro, nada resta, no fim das contas. Nem as pontas. É o fim das pessoas, entendeu? Não sobra sequer o aro do zero: o Zotro some é quando nenhum. Aí nós todos já saímos e acabou a história.*

A menina achou graça. Entre boas risadas, aceitou a ideia na semente, mesmo não sabendo direito o que colhia nas palavras tortas, nas imagens amalucadas: tomou um gosto de poesia, para começo de entender.

## Revelação I - O Anjo, quase

No que a dona da casa atacava *Le Lac de Côme*, o vulto branco veio voando pelo corredor: um anjo nervoso que cuspiu sangue. Caiu no colo de Dona Eusébia. A moça velha estatelou-se. As outras mulheres pegaram a gritar:

— Ai! Ui!

— Valha-me Deus!

— Sai, Diabo!

Mas não era diabo, nem anjo. Era a janta: o prato principal, (ex)bicho de vôo curto. A cozinheira cortou-lhe o pescoço, mas na hora deu-lhe um mau jeito — aquela pontada — e ela soltou o trem doido.

Ai, Joana Amélia, que desacerto! A ave fugiu-lhe, anunciadora da própria morte. Dama elegante sofreu-lhe o tombo. Resultou um xilique roxo.

Vizinha levou a dismilinguida ao Posto de Saúde. Doutor Artur perguntou:

— O que foi que ela teve?

— Um pato.

Nunca mais Dona Eusébia falou com a amiga lacônica.

## **II - A pausa**

### **Juramento solene**

(|)

Juro, leitor, pelo que tem de mais lindo no mundo: as pernas de Dona Sofia e os quatro cachorros de Tia Luzia: Salamandra, Sete-Estrela, Tapioca, Beira Mar. Foi tudo assim como tenho dito, ainda que o tempo não recorde. Se inventei, foi sinceramente. Agora veja:

### III - O palpite

A pequena recepção dissolveu-se num instantinho. Desolação de Dona Petúnia. De suas visitas, só duas não entraram em pânico: Cecília cega e Vera risonha, que até cuidaram do cordão de faniquitos. Vera tentou consolar a dona da casa, mas achou melhor ir-se embora logo. Por causa da filha. A pequena estava encantada. Pedia bis, batia palmas e dava pulos de entusiasmo. Criou novo frenesi, anunciando:

— Lá vem a Assassina!

Deu-se que Joana Amélia entrava na sala com os olhos esbugalhados. Sangue na roupa, faca na mão, foi recebida por uma saraivada de gritos. Assustou-se, voltou correndo para o interior do sobrado. Trancou-se na despensa. A menina aplaudiu, encantada:

— Pega! Pega!

— Lia, fique quieta, pelo amor de Deus! Vamos embora.

— Ah, Mãe, a festa está ótima!

De começo, a pequena estava impaciente na visita. Não queria esperar concerto nenhum. A bem do sossego, a mãe lhe falou da música: contou-lhe que tinha a ver com as águas de um lago bonito, das terras de muito longe. Lia ficou quieta, prestando atenção. Esperava que do piano surgisse a engraçada cantiga dos sapos. Foi uma bela surpresa a irrupção da coisa-branca-sem-cabeça. Passado o relance maravilhoso, a miúda lembrou-se: lagos têm marrecos. [Seu irmão tinha-lhe ensinado o nome desses bichos, avistados no sítio. *(Marrecos? Quer dizer que vieram de longe, né? Da praia. Não?! Então, se é tudo ao contrário, os do mar são*



*alagoanos. Alagoano existe, sim. Capital, Maceió. Qual é a capital desses marrecos?)]*

Esta recordação razoável lhe veio depois. No momento da irrupção, Lia nada pensou. Apenas fruiu o rompante dos doidos adejos, a agitação do redemoinho emplumado que caiu em flor, a polvorosa de penas, a cambota de Dona Eusébia com cadeira e tudo, a linda gritaria das senhoras que de repente viravam meninas, numa zaiada fantástica. Achou bonita aquela aparição. Não se assustou com o ruído, as plumas convulsas, o sangue que respingou horror em mulheres grandes, arrancando seus gritos. Pensou em mágica, a lembrança que lhe veio foi do circo, da gritaria que explode na aparição dos palhaços com passos de pipoca. Afinal, todo o mundo saiu do sério, deu gritinho. E uma velha jogou a bolsa no estabanado, mas a bolsa pegou foi no cangote da pianista, que soltou um berro agudo e quebrou a música: seus trezentos dedos pisaram as teclas de uma vez só. Horas depois, a garota resumia a aventura para a irmã menor:

— A moça tocou, marreco chegou. Apressadinho. Esqueceu a cabeça, morreu de maluco. Virou um pato que não pia, pato que empata piano. Foi uma festa linda, tinha até uma assassina, como no filme que Helô contou.

— Tudo isso de uma vez?

— E teve mais. Dona Eusébia foi pro hospital. Acho que vai ter neném.

— Você não está mentindo, não?

— Pergunte a Mamãe.

Instantes depois, a pequena cronista triunfava:

— Olhe lá, aquele gato no muro não está mentindo.

— Só está! — gritou a outra, horrorizada. — Olhe a mentira no seu focinho.

Desde quando gato tem bico?

— Nada não, ele achou a cabeça do maluquete — explicou a menor, com sábia segurança.

...

No sobrado vazio, na sala penosa, Dona Petúnia voltou-se para a empregada que finalmente acudia a seu chamado. Já todas as visitas tinham saído. Pálida, Amélia balbuciou:

— Na hora H ele fugiu pelo corredor. Eu estava com tanta raiva que pulei em cima do maldito, passei-lhe a faca aí mesmo. Só que então tive um mau jeito, soltei. E a alma penada saiu voando.

Dona Petúnia não respondeu. Curvou-se a fim de recolher o corpo fofo que ainda jazia próximo ao piano. Agarrou o bicho pelo pescoço, girou-o no ar, sobre sua cabeça — e Joana Amélia disparou a correr.

Dona Petúnia atirou o bandido pela janela do sobradão:

— Vai-te embora, coisa ruim!

Só então se acalmou.

...

João Romano vinha distraído, enrolado nos seus pensamentos. Em casa, a irmã gemia suas dores fortes. A mulher dele falou:

— Saia, homem de Deus. Dê umas voltas, caminhe um pouco pra ver se esfria o juízo. Aqui dentro você não ajuda, só atrapalha. Deixe comigo, este negócio não é para homem. Ande logo, bata pernas, reze e desarme o beijo.

Ele tinha brigado com a irmã, que se enrolou com um safado e apanhou barriga à toa. Não a tangeu de casa, que rude não era, mas sentiu-se ofendido com a situação. Era o homem da família. Ficou bravo. No entanto, gostava da irmã, não queria que ela sofresse. Não deixava faltar-lhe nada. Já fazia com muito custo seu papel de carranca. E se torcia de dúvidas: quando a irmã lhe mostrasse a criança, o que era certo dizer?

Por obrigação de moral, ficou beijado. Mas sua mulher, nem tico: tratava a pequena grávida com imenso carinho.

Romano lembrou-se da prima que trabalhava na casa do engenheiro. Tocou para lá. Queria dar-lhe o aviso do momento de Inês e pedir um empréstimo. Despesa extra sempre surge quando uma criança chega ao mundo.

O dinheiro era o de menos. O difícil mesmo era saber como agiria, perante a menina-mãe. João pediu a Deus um sinal, rezando silencioso.

De repente, uma pancada. O boné desceu-lhe pela cara, arrastado por um pequeno volume que ele abraçou num gesto automático. Depois de segundos atarantado, o homem tomou tino e estudou o trem fofo. Um bicho de penas. Um pato. Mas faltava-lhe a cabeça. Que espécie de sinal era aquele?

No mesmo do instante, João deu com os olhos numa velha de rosto bondoso que arrumava seu tabuleiro na esquina. Aproximou-se, pediu um acarajé bem apimentado. Comeu que tomou coragem, falou:

— Iaiá, minha irmã está parindo. Emprenhou fora da lei. A senhora entende: sem aliança no dedo. Não seguiu a regra da criação que nós tivemos. Hoje, estou no lugar do nosso pai, que Deus levou. Mamãe, coitada, foi primeiro. Ficamos nós dois no mundo. Sou o mais velho. Cuido de Inês, dou-lhe o que precisa. Fechei a cara por questão de moral. Agora o que faço? Pedi a Deus um sinal e esse trem despencou do céu na minha cabeça.

— Pato branco é bom agouro, rapaz. Vá receber o sobrinho, acarinhar sua irmã. Você agora é tio e pai: dará criação ao menino. Na regra de três, é também avô, pois ficou no lugar de quem era de ter este neto. Quanto ao bicho, ele chegou de conveniência: dá um bom escaldado pra mulher parida. Está ouvindo? Abra o coração, deixe de antipatia, se lembre de que Deus é Pai.

...

Roxa guardava taças de cristal. As duas meninas pegaram a correr à sua volta. A menor, com um véu rendado nos cabelos, agitava os braços e pulava o mais alto que podia, perseguindo a outra, que miava de um modo zombeteiro. A pequena saltadora exigia:

— Raul, Raul, me dá minha cabeça!

— Nããuuuu!

— Parem com isso, maluquinhas, olha que assim fico zoró e quebro as taças. Vocês aprontam, me azoam, depois eu é que pago o pato. Lia, onde foi que você pegou essa mantilha?

— No guarda-roupas de Mamãe. Mas agora conte, Roxa: você tomou o dinheiro dele?

— De quem, diabinha?

— De Petúnio. Se prepare que ele veio buscar. Tá devendo, né? Pague ao pato!

Só então Roxa viu o primo que estava à porta, segurando com as mãos o bolo de plumas.

— Inês está nas suas horas.

— Espere, vou com você. Só um instante, que aviso à patroa.

Lia insistiu:

— Olhe, Roxa, ele trouxe o pato. Primeiro, você tem de pagar ao pato.

Romano aproveitou:

— Prima, se você puder... Esse parto me pegou desprevenido. Com certeza precisarei de algum dinheiro hoje. Daqui a uma semana recebo e lhe pago.

— Claro, já lhe trago. Espere um pouquinho.

Voltou logo, perseguida pelas miúdas. Estendeu ao primo algumas notas, que ele embolsou com um sorriso tímido, agradecendo. As garotas passaram à rogativa:

— Queremos ver sua prima nas horas.

A irmã mais velha acudiu, levou as pirralhas ao quintal. Láis resumiu-lhe a crônica da menor:

— Pato doido correu atrás das pessoas. Dona Eusébia virou cambota. João Romano trouxe o Petúnio, depois a irmã dele entrou no relógio e pegou as horas, não sei quantas. Ela vai ter neném e Roxa pagou ao pato. A Assassina cortou a cabeça, Raul levou pro telhado.

Quase confirmando, um personagem surgiu no muro: o famoso Raul de Dona Ciça, visitante certo e ladrão ocasional em todas as casas da redondeza. Lia clamou:

— Ele perdeu a cabeça! Ele perdeu a cabeça!

— Quem, meu amor?

— Raul.

— O gato? Mas está tão calmo, em cima do muro!

— Repare, Helô: ele agora só tem **uma**: aquela meio redonda, com bigodes, que é de gato mesmo.

*Bichano saltou a uma árvore próxima, ficou quase todo escondido. Laís viu:*

— Na folhagem, Raul perdeu foi tudo. Só ficou o rabo.

O gato fez nova evolução e Lia exultou:

— Veja, está ao contrário: rabo escondido com o gato de fora.

Horas depois, chegou Roxinha, toda risonha. A prima Inês tinha parido um belo garoto. Botou-lhe o nome do irmão Romano, que estava todo derretido.

— E o pato? — as meninas quiseram saber.

— Mandou um presente pra vocês. Entrego daqui a pouco.

Não demorou: com um retalho de couro, alguns recheios, linha e agulha, a hábil Roxinha completou o dom das plumas que tinha trazido. Ela mesma havia depenado o bicho, que tornou em canja de parida, mas não esqueceu as miúdas que tanto o admiraram. Entregou-lhes a peteca e ainda ficou com um monte de penas na sacola:

— Estas são de festa: vão com vocês na procissão. Dona Sinhá dará as túnicas.

Depois de uma nova pesquisa da história avoadada, Helô, a mana mais velha, fez o testamento de Petúnio, que leu às pirralhas com solenidade:

*Tive mais juízo que muita gente boa: perdi a cabeça apenas uma vez. Fiz belo alvoroço, voei para além de minha vida. Deixo boa lembrança. Ensinei ginástica a Dona Eusébia, animei uma festa, cortei o lago de Nem sei-Como. Meu corpo deu forças a uma pequena mãe, leite ao bebê Romano. Raul herdou meu juízo e Petúnia, minhas lembranças. Pra Laís e Lia, deixarei folia. Meu carinho ficará com Roxa. Aleluia! Agora, voarei nas palmas das moças e vestirei os anjos.*

As pequenas aplaudiram. Roxa tomou notas. Laís refletiu:

— O gato de duas cabeças sumiu, só ficou o rabo, que depois trocou por ele mesmo. Mas o pato era rico, deixou herança.

— Pato, capital Dinheiro — Lia acrescentou.

Roxa saiu na disparada:

— É agora, ou nunca!

Pouco depois, estava de volta. Mas não disse nada.

No fim da tarde, tornou a sair. Voltou aos pulos:

— Obrigado, pequenas. Viva Petúnio! Herdei do pato, meninas. Não foi só o carinho, não. Ganhei uma dinheirama.

E dançava de alegria. Acendeu velas aos pés de Santo Antônio, cobriu as pirralhas de beijos, botou no fundo do quintal um prato com pititingas para o gato ladrão. Só depois explicou a Helô:

— Joguei no bicho. A história do pato me inspirou. Desde que Lia chegou em alvoroço e Dona Vera contou o caso, eu fiquei alerta. Demorei, mas finalmente compreendi. Laís me deu uma pista. Em boa hora, porque eu estava cheia de dúvidas. Precisava de um terno. Já tinha dois bichos na ideia, faltava um. Você entende?

— O pato, o gato...

— Não tem pato nem gato no jogo. Aí é que está o problema. Eles só podiam ser representantes de outros. Dona Vera contou o caso, eu fiquei impressionada, mas não me veio nenhum palpite. Depois perguntei a Lia como foi a história e ela disparou a fazer macaquices. Bendita seja, me trouxe um sinal. Foi assim: eu reclamei que ela mais Laís estavam me deixando azoada, que eu via a hora de quebrar as peças da cristaleira, tanto que as duas dançavam com mungangas à minha volta. Minhas lindas, meus anjos, estavam era me ensinando o caminho do dinheiro. Então Lia falou que eu devia pagar ao pato. Quer dizer, por primeiro fui eu mesma que falei esse dito antigo, representando que as pequenas atentavam e eu é quem havia de pagar. Daí apareceu meu primo, com a notícia de Inês e um pato sem cabeça. O Petúnio, como diz Lia. Era muita coincidência. Romano me pediu dinheiro emprestado. Ficou tudo claro nesse ponto: **eu tinha de botar dinheiro na mensagem do pato**, compreende? E Lia me pegou pela palavra, exigiu. Tanto ela como Laís. Agora, tinha a outra questão: o que é que falava essa bendita mensagem? Que bichos amostrava? Matutei, matutei... João Romano, parado na minha frente com a boca aberta, parecia um jacaré. Por outro lado, tinha as mungangas das meninas. Imaginei logo a cara de Dona Petúnia. Deus me perdoe, ela parece um guariba. Com o susto, há de ter careteado bastante. O macaco era certo. Quanto ao jacaré, esperei que João Romano chorasse. Ele estava todo manteiga e mais ficou quando soube que o sobrinho terá seu nome. Deu muitos beijos na irmã, pendurou-se na mulher, me abraçou, abraçou a parteira, porém não botou lágrima. Ria feito um bobo, falando que era tio, pai e avô, de uma vez só. Risquei o jacaré por falta d'água. Mas compreendi que tinha de compor **um terno**. Três animais, entende? Ora, o puxa-fila estava marcado. Quanto ao segundo bicho, peguei também com certa facilidade. Só demorou a confirmação.

— Como assim? Qual foi o bicho?

— Desde o primeiro momento, me alembrei da águia. Porque é avoante.

Porém tive dúvidas: como se pode comparar um pato de poleiro com aquela ave braba das alturas? A águia é briguenta e caçadora, malvada mesmo, feito um gavião. O pato é lerdo, não é de briga nem de caça. A coisa não se encaixava. Mas quando cheguei de volta da casa de Romano, Laís me falou que tinha visto a cabeça do pato no alto. Em cima do telhado. De certo modo, ele subiu. Senão na vida, na morte. E o primo me disse que o corpo de Petúnio lhe caiu do céu em cima da cabeça.

— Realmente...

— Tem mais uma coisa: a águia é bicho caçador. E a cabeça de Petúnio foi às alturas levada **por um bicho que caça**. Raul, você conhece: um bichane bonito, muito simpático com as pessoas. Mas quando se trata de rato, é malvado como ele só. Faz aquela política com os camundongos, que solta e pega de novo, mete a unha, dá agonia. É uma fera. Então Petúnio subiu feroz. Na simpatia da águia. No tempo justo da vida, foi pacato; na prorrogação, botou muita gente pra correr. Entrou para o time dos brabos. Ficou agudo, e mais do céu que da água: representou a fera volante. É a lógica. Reconfirmei essa ideia com outras lembranças. Outro dia, seu irmão chegou do colégio falando nas águias de Roma. E Zefa me disse que na lei da igreja esse animal representa São João. Ora, quem me apareceu aqui com o corpo do finado Petúnio? Meu primo *João Romano*. Entende?

— Quisera eu!

— No final, você deu a última prova: fez um discurso bonito em nome do pato. Pois bem, o rei do discurso era Ruy Barbosa, que o povo antigo chamava de “águia”. Assim eu aprendi na escola. Por sua boca, minha filha, o pato fez declamação, uma beleza de testamento. Coisa de advogado, doutor da linha de Ruy. Ficou tudo claro.

— Sim?!

— O que mais deu trabalho de achar foi o terceiro bicho. Agradeço a Laís. Foi ela quem me deu a pista, falando de Raul. A pequena reparou: de uma hora



pra outra, o pichane perdeu um tanto da presença. Primeiro, veio com duas cabeças; de repente, faltou-lhe uma; daí a pouco, escondeu a outra. Por fim, nas palavras dela, até o corpo do gato lhe sumiu, só ficou o rabo. E depois, virou ao contrário. Então percebi que ele tava significando uma mudança, dando sinal de outro bicho, um trem de contradição. Ora, tem um vivente que parece ser todo um rabo: a cobra, não é? Por sinal, existe a de duas cabeças. Que avoa e não é cobra, assim como o pato não é águia. Tudo dentro da lógica.

— ?!

— Além do mais, Lia falou que na festa tinha uma assassina. Coisa de criança, eu sei, mas é pela boca dos inocentes que Deus manda recado. A assassina por natureza vem a ser a cobra. Segundo a Igreja, foi a Serpente que trouxe a morte, o pecado mortal.

— Então, você jogou nesses três...

— Era o que eu tinha intenção de fazer. Mas quando seguia para a quitanda onde tem o ponto de jogo, vi as figuras negativas, uma trinca de escalafobéticos.

— Quem mesmo? Explique, mulher.

— Repare: primeiro, vi um magrelo esquisito trepado num caixote, na esquina. Fazia um discurso pomposo, barboso. Conheço o infeliz, chama-se Aguiar. Tem fama de ladrão. Percebe o sinal?

— De jeito nenhum.

— Espere só. **Dois** tipos infames escutavam a arenga dele.

— Claro, você falou numa trinca.

— Depois. Tenha fé em Deus e preste atenção. Já vou fazer-lhe o retrato dos ouvintes de Aguiar, do tipo avoadado. Um deles era o doido que chamam de Pato, Luis Pepé. Ele tava com um quépi na cabeça. Que nem um soldado. Tá entendendo?

— Não, senhora.

— Mas é evidente! Inda mais com a cara que ele tem: era o próprio macaco.

— Valha-me Deus!

— O outro, Muquim, olhos apertados, mexia a língua fora dos beiços como se lambesse o vento. Malícia. Dizem que matou a mulher. Pra cascavel, só lhe falta o chocalho.

— Imagino que está tudo dentro da sua lógica.

— Ao contrário. Me deu logo um arrepio. Aquela confirmação pela banda podre, achei agourenta demais. Chamei por Santo Antônio: na mesma da hora, compreendi que o sinal dos três vinha da Boca-Que-Nega. Entende? Do Disgramento. O Torto é assim: ele suja o certo, desanda a verdade. E tanto se enverga no arrevesado como se ata no exato, de maneira retrocante, pelo rijo do rigor.

— Explique melhor, por caridade.

— É uma coisa de alta ciência que aprendi com sua mãe. Tem até um nome especial. Ela usou essa palavra ainda ontem, comentando a mania de Dona Jeromina, que faz a cama cinquenta vezes, não admite um cisco na casa, um palito fora de esquadro. Se trata de uma perturbação, assunto de médico. Sua mãe tem mais ciência que muito doutor. Você lembra o que ela disse?

— Não prestei atenção.

— “Querer tudo muito certo não é bom, é *patológico*”. Eu confirmo: quando as coisas combinam demais, a desgraça monta em cima. A própria lógica se empata. O Diabo é lógico, mas antipático. Você já viu como ele age?

— Eu?! Deus me livre!

— Ele põe o direito no torto, lasca o torto no direito.

— Admito. Mas diga logo o que você concluiu.

— Ora, me dei conta da errada certeza a que ele quase me levou. Deus é mais, eu desconfiei. E me apeguei com quem pode. Prometi o pão dos pobres, amanhã hei de pagar. Sigo a doutrina.

— Como assim?

— O erro é uma verdade gasta, repetida pelo diabo. Por isso, rasguei o primeiro jogo e todo o dinheiro que tinha botei no cachorro. Pois logo me compreendi.

O primeiro que fiz foi arrenegar o Cão, com suas pompas e suas obras, o mal que ele caga no mundo. Depois, derramei em cima do Sujo sua logicagem, de ponta-cabeça. Percebe? O cachorro contradiz o gato e quando lhe dá uma livrosia faz patacoada que nem macaco. Dente lhe sobra, seu rabo é sinal de cobra. Não navega no céu, como a águia, mas agoura. E caça, e aprende a guiar. Recorde, pense bem: o pato era cheio de contradição. E Laís falou que o gato mentiu. Sei lá como... Porém, já se vê: tavam os dois na maior cachorrada. As crianças perceberam, que Deus mostra tudo aos inocentes. E minha fé me esclareceu pra ganhar bonito, esconjurando o malino. Sou boba não!

Foi assim que Roxa ficou rica: comprou uma casa no Curiachito, outra no Cucuí, deu um enxoval completo ao afilhado, perdoou a dívida de João Romano, e ainda lhe sobrou muito dinheiro no banco. Por fim, casou-se, em Salvador, com um guarda do Zoológico.

## O Eclipse

Jaci trabalhava na Suerdieck. Charuteira. Quando a fábrica fechou, tornou-se artista. Fazia flores de papel e também fuxico, as colchas de retalhos. Bordava que era uma beleza. Aprendeu o richelieu e outras manhas no Asilo das Órfãs. Amiga sua tomou o mesmo rumo: Zuleica, filha de um maquinista de trem, o velho Saló da Leste. Zuleica fazia rendas e tricô. Era perfeita no fuxico. As duas se tornaram sócias. Montaram ateliê numa casita alugada, que depois compraram. Tinham alunas, um belo punhado de garotas que frequentavam seu cafofo. Preta e Luana se destacavam, pois eram da família: a sobrinha de Zuleica, mais a afilhada de Jaci. Muito tempo depois, elas reinariam no ateliê, na condição de herdeiras legítimas. Entre as alunas havia Luísa, rainha dos bailes, Irene (filha do deputado), Luciana Fogo do Céu, Flor, Paixão e muitas outras. Brincavam juntas em todas as festas. E faziam fuxico.

No mês de maio, Irene foi o anjo da coroação. Já tinha peitinhos. Zé Povo estranhou. Mas danado mesmo foi o dia seguinte. Logo cedo, o anjo escreveu ao trapezista:

***Meu amado René, me espere amanhã. Estarei no circo bem cedinho. Não vá embora sem mim, senão eu tomo formicida. Love! Love! Love!***

***Sua Irene.***

Papel, cadê? Quem te pegou? Mão ligeira roubou o recado, colou na porta do jornal.

Foi quem? Vá saber. Na casa, senhores, naquela manhã, tinha Jaci e tinha Si, com mais Sissi, assim como Ciça. E algumas das outras. Na verdade, quase todas. Faltaram somente Flor e Sara, além de Lalá com sua irmã. Mas vá saber. Era todo o mundo inocente.

Daqui, dacolí, correu zunzum. Galo preto cantou, percebem? As línguas cresceram, cheias de agulhas. Grande tapete de fuxicos se estendeu por toda a cidade. Chegou a São Félix, subiu a ladeira de Muritiba, se espraizou por Maragogipe, ganhou o Recôncavo. Virou assunto de política.

Mas tudo tem fim, graças a Deus: num instante, o circo foi-se embora. A bela Irene tomou uma surra do pai. Logo esqueceu o trapezista. Tempos depois, deu ao primo cego. E pariu no dia do eclipse.

## SESSÃO SOLENE

*Honrados Senhores,  
Ilustres Companheiros de glória do Bar Sete Portas,  
Navegantes do Bar das Mercês,  
Caríssimos Conterrâneos,*

***Viva o Vinte e Cinco de Junho!***

*Em verdade vos digo:  
Este é o dia de Cachoeira, a data magna do Brasil.*

*Cá em nossa terra, a Independência não foi a presepada de um príncipe berrando. Não foi o portuga dando ordem de liberdade e o cortejo obediente: — “Sim, Senhor!” —. Aqui teve luta, bom cacete. Correu sangue. Bocas de fogo, línguas de sabre, muita porrada. Nós proclamamos o livramento da terra com energia, muito melhor que Dom Pedro-Aos-Berros — com mais força que todo o mundo, no resto deste país. Saímos no pau com os portugueses por nossa própria decisão. A nossa Câmara reuniu-se e declarou que não aceitava mais droga nenhuma de governo luso. Adotou o verde-amarelo, mandou Dom João VI tomar no rabo. A gente já era rebelde antes do brado do Ipiranga. Lutamos até a Independência — que só veio com muita guerra. Por sinal, quase um ano depois da presepada de Pedro Fuzarca. No Dois de Julho de 1823, que é fruto do Vinte e Cinco de Junho de nossas espadas. Por isso festejamos hoje. Como o bar da reunião está fechado, chamei vocês para o brinde nesta casa humilde. Não tem cabimento passar este dia sem os goles cívicos. Agora, é com prazer que passo o verbo a um dileto companheiro, compadre e compatriota.*

*A palavra tomo, Leo Luz, e toco o prosseguimento. Verdade falou na sua boca: é a voz da História. Em nossa terra, o São João se prolongou com uma fogueira na pele do rio. Nossa gente brigou com água até os peitos, Paraguaçu adentro. Na vazante da maré, a negrada avançou contra um navio de guerra — um bruto brigue, um destroyer, que o cachoeirano tomou à unha, subindo pelos canhões. Até as mulheres lutaram. Baixou lansã nas meninas-moças, elas saíram lascando fogo, riscando faca, descendo a lenha nos marotos. Depois disso, o nosso povo tomou gosto pelo fuzuê: a raça cachoeirana seguiu em pé de guerra para Salvador. Levou junto uma boa turma de Santo Amaro, mais os tupis de Itaparica. Foram com Maria Quitéria e seus periquitos, fazendo estrago nas tropas lusas. Tem português que até hoje corre quando ouve a zaiada verde. Daqui do Caquende partiu o Caboclo, de São Félix a Cabocla. Cada qual com suas onças. De madrugada bebiam jurema, às sete saíam flechando os lusos — era o almoço das pintadas. Se não fosse por nós, não haveria o Sol de Julho. Eu brindo à glória cachoeirana e passo a palavra a quem quiser.*

*Com sua vênia vou ao verbo, irmão Macaúba. Seguirei a trilha dos compadres: a verdadeira Independência nós fizemos, não foi o príncipe na beira do riacho, com dor de barriga. Ele realmente não queria nossa liberdade. Era um fingido. Com a coroa na cabeça, quis voltar atrás. Por isso a Câmara de Cachoeira o condenou, botou-lhe a cabeça a prêmio. Aqui, o heroísmo preservou a pátria. Com a bênção de Joana Angélica e o fuzil de Maria Quitéria. Com o poder de Oxossi, Xangô e Ogum. Em homenagem ao verde-amarelo, bebo meu trago e solto a palavra.*

*Recolho o mote, mano Melquíades. Meu tataravô João Gedeão, dito Sicupira, saiu do porto da Cidade Heroica num vapor especial, disposto a exemplar o príncipe. Porque o Bragança virava casaca. Era traidor. Quando chegou ao Rio de Janeiro, Sicupira soube que Dom Pedro tinha fugido. Abdicou. Os livros dizem que foi a política, mas os antigos contavam a verdade: foi por medo dos cachoeiranos. João Gedeão queria executar. O príncipe teve sorte, saiu antes. Ficou no lucro, com a fama de ter gritado a Independência. Os historiadores perdoaram o resto. Mas quem defendeu a*

*liberdade foi o povo da Bahia. Agora eu molho a palavra, quem quiser que continue.*

*Essa deixa eu tomo, primo Pirajá, com sua boa permissão. Faço a proclama, no bico do cálice. Com a pura voz de um patriota, que abraça os outros. Mas porém, mano compadre — não se aborreça! — discordo numa coisinha. Quase tudo que você falou está certo. Só num ponto não está. É o ponto da misericórdia. Dom Pedro era avoado, vacilou, sofreu a condenação. Felizmente, abdicou. Graças à nossa antepassada, Joana Ventura, mãe de meu tataravô. Abdicação foi um ebó que ela fez. Assim Sicupira não precisou romper a tripa real. Ela tinha vidência, sabia que o destino aproximaria as altas figuras, como de fato aproximou. O resultado é que nós temos de perdoar o Pedro Primeiro: em nossas veias seu sangue corre, misturado com o jeje e o tupinambá do Sicupira. A dama que seu filho Rogaciano tomou de um gringo na Quinta da Boa Vista era filha de Imperador. Pedro de Orleans e Bragança plantou semente numa freira bonita, com quem gostava de se confessar. Acabou que a noviça rebelde pariu no convento, no Rio de Janeiro. Sua filha, que a Madre criou, é nossa antepassada: teve não só o Cancão de Fogo como também o Barão furioso de quem nós todos descendemos. A palavra que eu deixo é a voz do perdão.*

*Isso confirmo eu, Leo Luz. Também sou primo de Vocês, vindo da mesma linhagem, pelo ramo da Chapada, através de João Raposo, tataravô do Ronca Defunto, o tio dileto de vosso Galo de Trovão. Sou de São Félix, como sabem. Não esqueçam o glorioso. Nosso padroeiro entrou no frege, seus filhos foram guerreiros da liberdade. Quanto a Pedro Braguilha, estou de acordo: vamos perdoar. Rezemos pelo infeliz, o bom Imperador tarado, para que saia do purgatório. Pai Nosso que estás nos Céus, no fim, o errado deu certo: santificado seja Vosso Nome. Pedro ganhou no grito, nosso povo ganhou na briga. O importante é a liberdade, o pão nosso de cada dia. Sim, perdoai Pedro Fuzarca! E livrai-nos do mal. Amém.*



## O Pródigo

Sentada num banco do passeio público, a professora entretinha-se com um livro. De vez em quando ela erguia as vistas, atenta às crianças. O menino brincava com o caminhãozinho de madeira: enchia-lhe a carroçaria com uma pequena pá, misturando conchas, seixos e gravetos que depois transportava zelosamente até a beira do passeio, onde depunha a carga e a separava com esmero. Em seguida, trazia mais desse material e mudava tudo de lugar, em novo carroto. Já a menina, sentada na areia com uma boneca no colo, segurava nas mãos um búzio e palrava com animação. A mãe indagou:

— Minha filha, com quem está falando?

— Com meu amigo. Ele chegou faz pouco, brincou com a gente, depois entrou neste búzio.

— Foi mesmo? Não vi ninguém.

— Mas é verdade! — o garoto confirmou. — Ele ajudou a carregar o caminhão, depois parou, disse que estava cansado. Correu para junto de Helô e espalhou as risadas, até que resolveu entrar aí, na casa do caracol. Comeu a lesma, tomou o lugar. Tem mania de canto escuro.

— Seu amigo não precisava esconder-se. Pelo menos de mim, que nunca o vejo.

— Ele se veste de vento. Cor da chuva, sabe como é? A cara, o corpo. Feito uma vidraça com água respirando. Mas muda muito e você não presta atenção. Agora mesmo ele chegou pertinho do banco, espiou seu livro. É um menino grande, mais alto do que papai.

— Sim? Como foi que ele entrou num búzio tão pequeno?

As crianças explicaram com paciência:

— Fácil: quando quer, ele encolhe.

— Gosta muito de esconderijo.  
— Tem seiscentas peles.  
— Fora os vidros de todas as cores no cabeloscópio.  
— E a roupa de ouro que arde nas vistas.  
— É verdade, ele é muito rico.  
— Ainda ontem apareceu lá em casa com uma coroa de Nossa Senhora.  
— Acho que ele é santo. Tem uma louréola.  
— Mas pinta o diacho.  
— Come estrela.  
— É um bicho horizonte, que vira tanta coisa.  
— E como se chama? — a mãe indagou, interrompendo a descrição que a cada lance ficava mais complicada, em risco de não parar.  
— Lucineu — os dois responderam ao mesmo tempo.  
— Está bem! — ela suspirou.

A menina entregou-lhe o búzio, pediu que o guardasse na bolsa:

— Tenha cuidado, mãe. Não balance muito que pega fogo.

— Certo. Vão brincar, mas não se afastem do parquinho.

Assim que os meninos voltaram aos brinquedos, a mãe risonha tornou a concentrar-se no livro, ignorando as velhas que chegaram cochichando alto, dedos em ponta:

— Veja, Adelaide, aquela dali é a professora, filha de Sinhá: Vera dos Olhos de Coruja. Um amigo doido botou-lhe esse apelido. Ela não se importa. Fosse eu, processava o maldizente. Uns olhos tão lindos, não é mesmo? Benza Deus!

— Tem razão, Mariana, lindos olhos. Um encanto. Mulher assim dá gosto: corpo leve, natureza forte. Pariu duas vezes, não? E continua com a cinturinha de donzela. Só que tem mania de ler o tempo todo, arrisca ficar doida.

Dona Lulu observou:

— Morena de olho claro, perigosa de bonita... Se endoidar, dará trabalho.

— Morena?— retrucou a outra — No rigor do certo, ela é mulata. O pai galego foi quem branqueou a família, clareou um pouco. Não desfez o barro africano: deu um tempero, um tiquim de cal. Dona Sinhá, que pariu esta boneca, nasceu de negra com maroto. Ela tem cabelo quase bom, usa muito pó de arroz, disfarça, mas não esconde: tismada, meio que roxa.

— Todo o mundo sabe, Mariana: branca, pra você, só a clara do ovo.

A moça prendeu o riso com as linhas da página. Mas não chegou a concentrar-se, que logo teve a atenção desviada de novo — dessa vez, por um homem ruivo, um tanto desgrenhado, de barba curta, cara amassada e olhos injetados. O camarada parou a sua frente com uma expressão aérea e ficou imóvel por alguns segundos. Vestia roupa preta (calça de brim, camisa de malha) e parecia perplexo. Finalmente deu um bom dia pastoso e pediu com gentileza:

— Minha senhora, desculpe lhe incomodar, é que preciso de ajuda. Por favor, me diga onde estou.

As velhas se aproximaram com cara de inquisição. A jovem senhora respondeu, muito serena:

— O senhor está em Cachoeira, às margens do Paraguaçu. A cidade que vê do outro lado é São Félix.

— Cachoeira, São Félix... Já ouvi falar. Recôncavo, não é mesmo?

— Exatamente.

— Mas dá-se que eu estava em Salvador.

— A capital não fica longe. O senhor deve ter chegado há pouco.

— Na marinete — Velha Dedé acrescentou.

— Essa que parou aqui perto às sete em ponto — precisou Mariana.

Intrigada, Dona Lulu mediu a dúvida com o relógio de pulso, alisando com a mão direita os cabelos brancos que a brisa tinha assaranhado:

— Chegou às sete e ainda não sabe onde está? Já são quase dez.

O recém-chegado cofiou lentamente a barba, pensativo:

— Penso que foi isso mesmo, minha senhora. Cheguei cedo. Acordei no ônibus, com o motorista me chamando. Perguntei se já tinha chegado a Itapoã, ele só me falou que a viagem tinha acabado. Aí eu me levantei e desci naquela esquina, achando tudo diferente.

— Tem nada de diferente — Dona Dedé protestou. — Esta é a cidade que sempre foi, nossa Cachoeira. Porque haveria de ser Itapoã?

— Não tem cabimento — completou Mariana.

O estranho deu um suspiro e explicou com timidez:

— Eu estava cansado, o sono era forte. Me deitei no coreto e tornei a dormir. Acordei faz pouco.

Vera indagou, por sua vez:

— Amigo, como é seu nome?

— Rogério. Me chamo Rogério. Pelo menos disso tenho certeza.

— Muito bem. Sua profissão?

— Escritor. Mas pra viver, faço outras coisas. Meu último emprego foi de contador. Já fui caixa de um grande armazém. Fiz economias, juntei um dinheirinho. Quero agora dedicar-me à literatura.

A professora sorriu:

— Bom se vê que o senhor não perdeu de todo a memória: sabe quem é, se lembra do que faz. Além disso, dá-se conta de que chegou aqui no ônibus, dormindo profundamente. É sinal de que pode recuperar-se logo. Faça um esforço, recapitule: que fez ontem à noite antes de pegar no sono? Ou melhor... antes do lapso? Consegue lembrar-se da noite passada até que ponto?

— Até duas ou três da manhã, por aí. Depois, a lembrança vai ficando vaga. Sinto que a certa altura se deu uma coisa estranha, só não sei o quê. Fez-se um tumulto na minha cabeça.

— Entendo. Seu sono foi... natural?

— Como assim?

— Desculpe... O senhor está com a aparência de quem bebeu muito.

As velhas detalharam:

— Tem a fala perrengue, a boca mole.

— Os olhos vermelhos e empapuçados.

— A cara de gia.

— O andar de aribu.

O homem balbuciou:

— Sim, devo ter bebido pra mais da conta. Só queria entender como foi que peguei esse ônibus, como foi que vim parar aqui. Me sinto confuso, minha cabeça dói. Acho também que fui roubado. Meti a mão no bolso, não achei a carteira. Como vou fazer, sem dinheiro e sem documentos?

— Primeiro a cura, depois a procura — a mestra recomendou. — Vá ao posto de saúde, que fica aqui perto. O plantonista com certeza lhe ajudará com medicação adequada para sua amnésia alcoólica.

— Vejam que nome bonito ela botou na ressaca do cachaceiro! — dona Mariana comentou. A velha Dedé se aborreceu:

— Vera, minha filha, eu sei que você é muito letrada, alisou os bancos da ciência, mas faça o favor, bote outro apelido nessa carraspana. Deixe minha neta fora disso. Anésia é moça direita, não bebe pinga.

Vera sorriu, fez sinal de que aceitava a ponderação e voltou-se de novo para o homem de preto:

— Ao sair do Posto de Saúde, procure a Delegacia e dê queixa do sumiço de sua carteira. É improvável que a recupere, mas o registro da queixa vai-lhe ser útil, pelo menos enquanto não tirar a segunda via dos seus documentos. Agora, preste atenção: o escritório do meu marido fica na mesma rua. Não faltará quem lhe mostre o local. Germano é capaz de lhe ajudar, conhece muitos caminhoneiros. Pode arranjar-lhe uma carona que o leve de volta a Salvador.

O homem agradeceu e seguiu caminho, ainda zozzo, na direção que as boas mulheres lhe indicaram. Pouco depois, Vera voltou para casa com os meninos e esqueceu o episódio. Só à noite se lembrou de indagar ao marido se o tal Rogério o tinha procurado. Germano falou que não. Ela contou-lhe o encontro matutino e concluiu que o moço, com certeza, tinha conseguido ajuda de outra pessoa.

...

Passados dois dias, ao dirigir-se ao consultório de seu médico, a professora se deparou de novo com o estranho. Quase não o reconhece: ele vestia um terno branco muito elegante, embora de número um pouco menor. A cabeleira bem penteada e a barba aparada com capricho emolduravam um rosto sorridente. Estava o homem de braços dados com uma senhora idosa, que lhe falava com carinho:

— Jacinto, como estou feliz! Com sua chegada, tudo melhorou. Até minha saúde. O doutor ficou entusiasmado, disse que minha pressão está ótima. Prometa que não vai embora, não deixa mais sua avó.

— De jeito nenhum, Vozinha. Sossegue. Estou muito feliz em sua companhia.

Vera ficou intrigada, mas ao voltar do médico já tinha esquecido esse encontro: só pensava na bela notícia que daria ao marido. Seus olhos brilhavam.

...

O amigo Cosme chegou na hora certa para festejar a boa nova com o casal. A jovem senhora chamou também os pequenos e anunciou-lhes:

— Vocês vão ter um irmãozinho. Ele chega no fim do ano.

Os dois bateram palmas, deram-lhe beijos, mas disseram logo:

— A gente já sabia.

— É, há muito tempo.

A pequena Helô inda acrescentou:

— Não é irmãozinho, mãe. É irmã.

— Porque acha isso, minha filha? E como vocês souberam...?

— Lucineu contou — responderam os dois, em coro.

Vera voltou-se para o amigo:

— Já viu, Cosme, como andam as coisas por aqui? Arranjei profetas! Sim, eu sei que é normal, crianças costumam ter essa fantasia. Mas uma coisa me encabula: meus dois filhos têm o mesmo amigo imaginário.

— É que eles são muito unidos — o rapaz comentou. E virou-se logo para a pequena que o chamava com insistência, puxando-lhe a camisa. Com seu olhar mais irresistível, a danadinha pediu:

— Venha, Dindo, vamos passear na feira. Quero fazer compras.

Vera interferiu:

— Que é isso, menina? Mal seu padrinho chega aqui, você inventa passeio. Não abuse.

Questão perdida: já o rapaz se levantava com a miúda encarapitada nos ombros:

— Deixe, Vera. Gosto de passear com minha afilhada. Não me custa nem um pouco ir à feira com ela. Nunca fizemos compras juntos, vai ser divertido.

— Você faz tudo que ela quer! E que compras são essas, pelo amor de Deus?

— Encomenda de Lucineu — a pequena explicou. — Vou com Dindo porque ele tem dinheiro, é poético e sabe tudo.

— Daqui a pouco nós voltamos — Cosme apressou-se a dizer. E foi logo saindo com a menina nos ombros, tão visivelmente feliz que os compadres não se atreveram a protestar. Vera apenas disse ao marido:

— Tem jeito não, meu bem. Ela tiraniza o padrinho, que faz todas as suas vontades. Cosme diz a todo o mundo que deixou a fotografia, mas de fato não largou: tornou-se fotógrafo exclusivo da afilhada, que todo o dia posa. Já tem mais retratos do que toda a Cachoeira junta. É sempre assim: ela pede, ele faz.

— Já reparei.

— Nosso filho Germano vai pelo mesmo caminho com a madrinha dele. Mal vê Teté chegando com o tabuleiro, corre para ela, toma-lhe a bênção e senta-se no seu colo, devorando cocadas. Uma vez falei em pagar e foi um vexame, Teté se zangou: “Está me desconhecendo, comadre? Quem pensa que sou para receber dinheiro pelas cocadas de meu afilhado?” Tive de pedir desculpas. Depois negocieei, procurei pôr um limite na coisa. Com muito custo, limitei aos sábados a visita de nosso pequeno à madrinha. O menino volta empanturrado. Além das cocadas e do bolinho de estudante, ela faz uns acarajés miúdos só para ele. Agora, piorou: Helô também, a interesseira, deu pra chamar Teté de madrinha. E a velha se derrete.

— Pra ser sincero, querida, eu acho ótimo. Penso que escolhemos muito bem nossos compadres. A preta velha é ouro puro e Cosme pode até ser doido, mas não há melhor pessoa na terra. Foi o que valeu no batizado. Não sou de religião, você sabe. Patacoada de igreja nunca me interessou, nem acho que lhe interesse realmente. Só aceitei essa história de batismo porque Mãe Sinhá exigiu. Para mim ela não é sogra, quando chamo de mãe é de coração. O que nós lucramos com a cerimônia, além da festa, foi o contentamento de Sinhá e o reforço de nossa amizade com gente boa. Nossos filhos nunca reclamarão da nossa escolha. Tiveram sorte. Eu não tive.

— Homem, não fale bobagem. Não está contente com sua vida?

— Agora, estou. Vivo feliz com você e as crianças. Falo do passado, de meu tempo de menino, em relação com o molha-cabeça. O meu padrinho era um sujeito metido a besta, emproado, hipócrita. O que tinha de safado tinha de moralista. Não gostava de mim. Exigia obediência, ralhava, prometia castigo por minhas traquinagens, alegando autoridade por conta da água do padre. Uma vez, até ameaçou me bater. Já minha madrinha era uma beata azeda. Se eu fosse escolher os compadres dos velhos, esses dois não teriam chance.



— Homem, que ressentimento atrasado é esse?

— Falo o que sinto: meus pais me castigaram na pia. Por isso, amor, fico feliz quando vejo os meninos contentes com os padrinhos deles. É uma alegria d’agora que banha meu passado, chove hoje e corre pra ontem, vai derramar-se na parte seca de minha infância. Me tira do amargo na minha lembrança. Sim, é como diz o povo: “Quem beija a boca do filho, adoça a boca do pai.”

...

Cosme não demorou a chegar com a pequena radiante, rica de um balaiozinho cheio de caxixi, mais uma bolsa miúda, de vime, em formato de samburá. A menina colocou um búzio na bolsa e pediu ao padrinho que pendurasse a prenda num galho da goiabeira. Em seguida foi fazer arrumação na casa das bonecas. O irmão se entreteve com o presente que também ganhou, umas vistosas bolas de gude.

— Pelo menos agradeçam! — Vera exigiu.

As crianças obedeceram e correram para o quintal. Então os compadres puderam conversar.

Vera falou de seu novo encontro com o desconhecido. Cosme se interessou pelo caso, mas não foi longe. Logo eles mudaram de assunto. A professora mostrou ao poeta uma estampa, um cartaz que pretendia por na sala de visitas. Era a foto de uma estátua.

— Foi meu tio Pablo que mandou para mamãe. Lembrança da terra dele. Mãe Sinhá se aborreceu, esconjurou o presente. Se eu não chego a tempo, ela o teria jogado no fogo.

— Ué, porque? Sinhá só fala no marido, até hoje se diz apaixonada, não o esquece nunca, quem escuta seus louvores imagina até que ele não morreu. Por conta desse amor, ela diz que adora a Espanha, onde nunca esteve. E a foto é linda.

— É verdade. Só que essa imagem provocou-lhe uma recordação amarga. Meu pai teve morte matreira, você sabe: adoeceu de uma hora pra outra e passou quase um mês de cama, com febres, corpo mole, todo perrengue. De repente, se levantou. Pensamos que estava curado. Por quase uma quinzena, ele apresentou um ar de saúde que enganou até os médicos. Um dia, porém, logo de manhã, ele disse a mamãe: “Meu amor, estou de partida. Sonhei com a Dama de Elche.” Não tinha febre, não tinha nada, mas faleceu ao anoitecer.

— Estranho... Quem é a Dama de Elche?

— Assim se chama essa estátua misteriosa que você está vendo no retrato. Hoje, quando leu no cartaz o nome da enigmática, mamãe tomou um susto. E ficou irada com meu tio. Falou que ele não tem sentimento. Foi injusta: tio Pablo nunca soube do sonho premonitório do irmão.

— Entendo. Que desacerto!

— Já eu gostei muito da figura, não deixei que ela rasgasse. Vou guardar em memória do velho, que era natural de Elx. Acho normal que ele se tenha lembrado de sua terra quando pressentiu a morte. Eu até hoje tenho saudades do meu paizinho, mas sei que ele morreu em paz, que essa visita lhe deu conforto. Pretendo pôr uma boa moldura no quadro.

Pouco depois da janta, o poeta se despediu. Tanto ele como os compadres logo esqueceram a novidade do dia.

...

Foi a freguesa do acaçá quem trouxe um primeiro esclarecimento à história do recém-chegado, ou seja, do recém-neto de Dona Cândida. Foi logo no dia seguinte. Quando bateu à porta da professora oferecendo sua mercadoria, Lene abriu assim o noticiário:

— A senhora já sabe da cara nova? O homem chegou aqui na marinete, numas condições que mais parecia um porco, ainda por cima de luto. Mijou no pé de oiti, gumitou na grama e foi dormir no coreto. Acordou tarde, achou

conselho de alma boa e foi se tratar no posto. Lá tomou uns remédios, levou tempos no banheiro. Fez o que precisava, lavou o focinho, ficou quase apresentável. Na saída, teve a sorte de se encontrar com Dona Cândida. Não sei se a senhora conhece: é uma velha crente que vive sozinha numa casa boa, com a empregada quase de sua idade, por nome Vicência, que o povo chama de Catita. Candinha teve uma filha que se amarrou com um cearense e foi morar lá longe, no Cariri: a finada Juliana, de quem ganhou um único neto. Depois da morte da mãe, o neto de Cândida só veio aqui uma vez, já rapazelho. No princípio mandava umas cartas; depois, nem isso. A pobre Candinha vivia esperando. Entra ano, sai ano, toda hora ela falava: “Daqui a uns dias, meu neto vem me ver, vem ficar comigo”. Caduquice, dizia o povo. Melhor dizendo: uma esperança que ficou doente, mas nunca morreu. Pois bem, na fresca da manhã da vespra de anteontem, ela deu com a cara nova que saía do posto e foi logo abrindo os braços: “Querido, enfim você chegou! Venha meu filho, vamos para casa. Vejo que está fatigado, a viagem com certeza foi muito ruim. Veio de navio? Está com cara de enjoo... Carece tomar banho, comer, descansar. Ai que saudade! Faz tantos anos...” O camarada não vacilou. Estava morto de fome, sujo, sem abrigo... Abraçou a velha, beijou suas mãos e lá se foi com ela, todo feliz. Quando Cândida perguntou da bagagem, ele disse que se extraviou, não sabia como. Na casa da boa avó, comeu pão e bolo, tomou café, deitou-se em cama fofa, dormiu que nem gente. Quando acordou, achou toalha e roupa limpa, um terno do finado Jaime. Banhou-se, vestiu-se, almoçou por três ou quatro e tornou a descansar. De tarde, foi ao barbeiro, botou ordem no arapuá e pagou o serviço com uma nota que a velha lhe deu. Foi também à Delegacia, dando queixa de uma perda, do roubo de sua carteira. Na volta, acompanhou Candinha e rezou com ela no culto. Gozou noite de sono manso e levantou-se Jacinto dos pés à cabeça. Ficou no bem bom. Candinha só falta voar de felicidade”.

Vera ficou preocupada. Falou com o marido:

— Este homem é com certeza um escroque. Temo pela segurança de Dona Candinha. Talvez seja o caso de uma conversa com o delegado.

— Com aquele banana? É perda de tempo.

...

Mesmo descrente, Germano fez o que a esposa pedia. Ou melhor, tentou. Não achou o homem da lei, que estava no sítio. O promotor, ele soube, tinha viajado para a capital. Teria que esperar. Vera teve um sono agitado. Na manhã seguinte, Lene de Lourenço deu a boa notícia de que o estranho tinha pegado o trem para Salvador. Alívio geral. Com menos de uma semana, porém, o camarada voltou. De mala e cuia. Vera tornou a preocupar-se:

— Pobre senhora! Esse homem pode ser um ladrão, um assassino, um tarado.

— Quanto a ladrão e assassino, faz medo — retrucou Germano —. Porém não creio que ele coma Candinha.

— Homem, não brinque. Estou falando sério.

— Eu também. Juro que me preocupo. Acho possível que o sujeito meta a mão no patrimônio da infeliz, temo que faça besteira. Só não receio... Deixa pra lá. Sossegue, eu mesmo falo com o indivíduo. Dou-lhe uma prensa e acabo com a brincadeira.

— Prensa? Que linguagem é essa? Não admito brutalidade. Vá devagar, viu? Como diz mamãe, melhor o jeito do que a força.

Germano prometeu sutileza na abordagem. Teve sorte: na boca da noite, deparou-se com o novato na padaria. Disse-lhe que queria um particular e foi logo falando:

— Meu nome é Germano Torres. O senhor, quem é? Rogério ou Jacinto? E que pretende com Dona Cândida?

O interpelado não se abalou. Respondeu calmamente, depois que tirou do bolso um documento:

— Prazer em conhecê-lo. Meu nome é Rogério Neves. Dona Cândida e Dona Catita me chamam de Jacinto. Cheguei aqui na semana passada sem saber onde estava, com uma tremenda dor de cabeça, sem lembrança da viagem, do que me aconteceu na véspera. Estava sofrendo as consequências de um incidente que me perturbou. Fui medicado no Posto de Saúde. Na saída, me encontrei com uma boa senhora que me chamou de neto, me levou para sua casa, me ofereceu abrigo. Fiquei emocionado. Sou órfão desde os sete anos e fui criado por minha avó, que também já foi para o céu. Lembrei-me dela. Aceitei o convite porque estava faminto, alquebrado, sem dinheiro, não tinha pouso nem sabia para onde ir. No dia seguinte, tentei dizer à velhinha que não sou Jacinto. Ela nem me ouviu. Não quis. Estava encantada, há muito que espera o neto. Na sua idade, a fantasia da esperança vira logo fé. Eu fiquei sem jeito, com medo de causar-lhe uma decepção arrasadora. No entanto, minha intenção era voltar para a capital. Fui à Delegacia, dei queixa do roubo de minha carteira, me apresentei ao Delegado como quem sou e peguei cópia do registro da ocorrência. Está aqui, o senhor confira. Veja também a segunda via da minha identidade, que tirei ontem em Salvador. Se eu tivesse má intenção não tinha feito isso, não me apresentava à autoridade. Malfeitor não procura a polícia, não é mesmo?

Germano teve de concordar. E o camarada continuou:

— Minha intenção era partir logo, como falei. Vó Candinha me deu dinheiro quando eu lhe disse que fui roubado. Decidi que faria a devolução por meio de cheque, num envelope com seu endereço. Mas tive trabalho para convencer a pobre de que precisava ir à capital. Não foi fácil: ela reclamou, disse que não fazia sentido eu falar em viagem nem bem tinha chegado. Temia um novo abandono. E eu também fiquei com medo.

— Arre, de quê?

— Na hora em que fui pegar o trem, ela me disse uma coisa que muito me abalou. Pergunte a Dona Catita, ela é testemunha: Dona Cândida me garantiu que tinha certeza de morrer se eu não voltasse. Não sei se o senhor sabe: o médico falou que ela tem problema cardíaco. Viajei com esta dor de cabeça, esta preocupação. Não sabia o que fazer. Acabei decidindo pela volta.

— Só por isso? Não tem outro motivo?

— Sim, tenho um projeto. Há pouco deixei um bom emprego em Salvador. Larguei de propósito, não fui despedido. Reservei um dinheiro a fim de passar um certo período isolado em algum canto onde tenha sossego para concluir meu livro. Sou escritor, embora viva de outras ocupações. Entendo de contabilidade, é dela que tiro meu sustento. Depois da morte de vovó fiquei sozinho no mundo, de forma que hoje moro numa pensão. Não é um ambiente próprio para a redação de um romance. Desta vez, vim para cá com o plano de dedicar-me à literatura e a minha segunda avó. Pois é assim que considero Dona Candinha. Pensei em ficar aqui por algum tempo, cuidando dela e escrevendo minha obra. Caso o neto de verdade apareça, eu me afasto logo e lhe dou o lugar que é seu. Nem precisa tanto: se um parente qualquer, ou um amigo prestimoso, dispuser-se a isso, a ocupar o vazio que preenchi por acidente, não disputarei esse posto. Desejo apenas saúde e felicidade a Dona Cândida.

— Quero crer no que o senhor me disse — falou Germano —. Mas vou logo prevenindo: qualquer coisa de ruim que suceda à velha, tomarei as dores. E não deixo barato. Estou de olho.

— Já me falaram do senhor. Catita me contou histórias, a vizinha também. Suas façanhas de homem bravo são conhecidas, ressoam que nem trovão. Mas como se diz, quem não deve não teme. Sei que está de olho, Doutor Germano. Quem não está? Me sinto numa casa de vidro, por todo lado me cercam botucas. Tudo que faço, Cachoeira sabe: por onde ando, quantos passos dou, o que comi, o que falei.

— Tem razão. Aqui, é assim mesmo. Zelamos por nossa gente.

— Está certo. Aprovo.

— Por isso mesmo lhe repito: qualquer mal que suceda à velha, pra mim o senhor será responsável.

— Tudo bem. Vou ser claro: se o senhor acha que estou perturbando, que sou uma ameaça, que dou prejuízo ou faço mal a Vó Candinha, é só dizer: eu não discuto, vou-me embora imediatamente. Tem um navio que parte para Salvador daqui a pouco. Minha bagagem é pequena e não me falta dinheiro para o bilhete. Agora é sua a decisão: basta falar que eu desapareço. Mas nesse caso, o senhor assume a responsabilidade: se a velha tiver alguma coisa, se ela sofrer um choque por causa do meu sumiço, não tenho culpa da tragédia. O problema é seu.

Germano coçou a cabeça, embaraçado. Segundo todos diziam, a velha era maluca mesmo, tinha plena certeza de que o rapaz acolhido era o neto muito esperado. A cidade inteira comentava sua felicidade com essa chegada. Se o suposto Jacinto fosse embora sem mais nem menos, ela podia não suportar o desgano. Talvez caísse num desespero de melancolia que em gente idosa arrisca ser fatal. Além do mais, a pobre sofria do coração... O homem bravo titubeou:

— Tá bom. Só tem uma coisa: o senhor disse que fica aqui enquanto escreve seu romance. Mais dia, menos dia, vai-se embora. E aí, como a velha fica? O risco não será o mesmo?

— Talvez. Estou temporizando. Quero ver se ela se acostuma com minhas viagens. Pouco a pouco, aumentarei a duração das estadias em Salvador. Acabado o romance, retorno à capital definitivamente. De qualquer modo, nunca deixarei de fazer-lhe visitas. Sou agradecido e gosto de verdade de Vó Candinha.

— Será que dá certo?

— Este é o plano. Mas torno a dizer: caso o senhor exija minha partida e assumo as consequências, viajo agora mesmo.

— Não exijo nada — Germano apressou-se a dizer. — Só recomendo que tome cuidado, não faça mal à velhinha.

E foi-se embora atarantado.

...

Vera louvou a prudência do marido, mas não sossegou. Ponderou que era preciso saber mais sobre o forasteiro. Pegou o telefone e convidou Cosme para jantar. Tirada a mesa, crianças na cama, debateu-se o assunto. A dona da casa provocou:

— Temos de descobrir o que aconteceu com o novo Jacinto na véspera de sua chegada. É a chave do mistério. Sabendo disso, nós o conheceremos. Pode ser que ele seja um malandro perverso, mas também é possível que não passe de um pobre diabo, um pequeno aproveitador. Cosme, você é a pessoa certa para uma sondagem.

— Uai, porque?

— O homem tem fumos de escritor. É possível que se abra com o único representante da categoria nesta cidade. E nada se esconde a um poeta que tem o sétimo sentido.

O rapaz riu:

— Tá bom. Se ele for ingênuo, minha ingenuidade descobre, pelo jogo da semelhança. E se for esperto, facilmente me enganará. Neste caso, vocês perceberão minha tolice. Em qualquer hipótese, teremos um ganho de conhecimento.

— Já vi outras vezes este espetáculo, mas ele sempre me fascina — Vera comentou, com um belo sorriso.

— De que está falando, mulher? O que foi que você viu? — indagou-lhe o marido.

— Um anjo em papel de aranha, preparando sua teia. E com cantiga de enganar, que nem a Mãe d'Água. A caça não lhe escapa.

...

Na semana seguinte, o poeta voltou com o relatório, dizendo que não foi bem uma caça, foi uma rápida pescaria: o peixe voou para a isca. A comadre pediu detalhes e ele não se fez de rogado:



— Mandei um exemplar de meu livro para Dona Cândida. Sei que ela só lê a bíblia, mas a intenção era outra. E deu certo: o livro caiu depressa nas mãos do nosso amigo. Dois dias depois, ele me procurou. Conversa vai, conversa vem, Jacinto Novo me falou do romance que está escrevendo. Perguntei se podia mostrar-me alguma coisa de sua produção. Era o que ele desejava. Queria muito a opinião de alguém do ramo, segundo disse. Parece que andou se informando a meu respeito, soube que além de poemas já publiquei uma novelinha. Ficou encantado. No dia seguinte me levou seus originais: duas centenas e meia de páginas, em letra miúda.

— Que tal a coisa? — Vera indagou.

— É uma história rocambolesca. Fala de um detetive contratado por uma senhora chamada Rosa para descobrir o paradeiro do marido, que sumiu de repente. Ao cabo de muita procura, o xerloque descobre que o sujeito foi sequestrado por capangas de um inimigo político. Os sequestradores levaram o infeliz para uma ilha onde o malvado da novela encerra seus prisioneiros. Lugar infernal: depois que contam seus segredos debaixo de tortura, os miseráveis são executados e jogados no mar. O homem procurado (que assim como o detetive também se chama Roger) há pouco fugiu da prisão insular. Quando anuncia sua descoberta à senhora que o contratou, o investigador já está apaixonado por ela. E sabe que seu amor é correspondido. Mas continua sua pesquisa e finalmente verifica que o outro Roger está em Buenos Aires, onde tem ajuda compassiva de uma dama portenha, também chamada Rosa, cujo marido dirige uma editora. Provocado por ela, o fugitivo da ilha nefanda começa a escrever um romance baseado na sua aventura, com alguns acréscimos de fantasia. Quer voltar ao Brasil por cima, com nome ilustrado nas letras. No tal romance, dá-se com seu herói, no plano dos amores, o mesmo que com ele na sua vida real (fictícia para o leitor). Há ironia na coincidência: o autor imaginário ainda não sabe do seu problema, não tem conhecimento da nova paixão de sua esposa.

— Dá pra imaginar o que se passa com seu personagem.

— Sim. A linda Rose, mulher de Rudgero, ou seja, a amada do herói da novela do fugitivo, se apaixona de repente por outro homem. O escritor não o diz com clareza, mas sugere: conta que ela abandona secretamente o esposo em plena lua de mel e atribui esse abandono ao “turbilhão do destino”. A frase horrorosa é sua. Outra coisa interessante: nesse ponto, segundo Rogério, seu novelista se inspirou num drama que vivia.

— Mas como? Você acabou de dizer que o Roger noveleiro não tinha ciência do seu problema conjugal, do novo amor de sua Rosa.

— Ele ignorava a paixão de sua mulher pelo detetive, mas vivenciava em terras platinas uma situação parecida. Ou melhor, simétrica. É que em Buenos Aires se inverteu sua sorte amorosa.

— Quer dizer que ele fez uma conquista?

— Isso mesmo. Involuntária. A esposa do seu editor se apaixonou pelo protegido e se cansou de guardar segredo: declarou-se ao amado com argentina clareza. Cheio de escrúpulos, o escritor fictício rejeitou a bela portenha, embora sentisse que a amava. E a infeliz se suicidou.

— Tragédia, tango roxo! E aí? Como segue o enredo?

— Volta-se ao plano principal: Roger faz contato com Roger e segue com Rosa para Buenos Aires, logo depois da morte de Rosa.

— Que maluqueira! — protestou Germano — Não entendo mais nada. Só percebo uma coisa: é corno pra lá e corno pra cá, chifrudos se copiando e se reproduzindo no espelho.

O poeta sorriu e continuou seu resumo:

— Cresce a trama: os amantes do primeiro plano decidem revelar o que sentem ao homem procurado. Logo depois viajam a seu encontro, a fim de discutir com ele a nova situação. O Roger novelista recebe a carta da Rosa viva bem no momento em que acaba de confessar ao editor viúvo sua paixão pela morta.

O enlutado se chama Jorge. Notem a simetria com Roger. Justo nesse ponto, a obra se interrompe. A novela empacou. Vejam se não é significativo...

— Claro — respondeu Germano — Significa que o cabra é doido de pedra.

— Reparem: no romance do novo Jacinto, há um escritor que conta sua própria história com recursos de ficção, há triângulo amoroso e há um impasse que se reflete na escrita. Assim como seu Roger fugitivo em Buenos Aires, nosso romancista chegou a um ponto cego. Parou, não consegue avançar. Perguntei-lhe se aqui em Cachoeira ele já tinha produzido, acrescentado alguma coisa à novela. O coitado falou que não. Aí eu puxei a conversa pra onde queria, indagando se seu livro tem alguma relação com sua vida, se arranca de sua experiência. Ele confirmou: disse que teve um romance com uma mulher casada. Agarrei a pista: perguntei, de supetão, como se deu a conversa **dos três**. Nosso amigo respondeu que foi um drama noturno: passou-se de madrugada, num barzinho de Salvador, perto da Rodoviária. Me fiz de bobo, fui logo indagando se o acerto resultou em briga.

— Era o que eu perguntaria — Germano declarou —. Donde se deduz que sou mesmo besta, nem careço de fingir.

— Seria a pergunta certa, meu caro. Porém nosso amigo quase se ofende quando eu a fiz. Negou com ênfase: “De jeito nenhum!” Fez grandes elogios ao esposo de sua Margarete, um homem bom e compreensivo. Segundo disse, a conversa dramática atravessou as altas horas e desembocou numa encruzilhada. A resposta da boa dama ficou para mais tarde: depois de consultas ao coração, ela faria sua escolha diante de Deus, ou seja, na frente de uma igreja próxima, às oito da manhã.

— Quanta devoção!

— Já eram quase as cinco da matina, porém a impávida senhora alegou que não conseguia pegar no sono, até decidir-se não dormiria. E teve mais: os interessados tiveram de jurar que nunca reclamariam da escolha, fosse qual

fosse. Aceitaram também que esse seria o dia D, sem qualquer chance de segunda oportunidade. Isso eles confirmaram com novo juramento.

— Por acaso a criatura é advogada? Cercou-se bem de garantias...

— É sabida, Germano. Por último, ela disse que queria passar o resto da noite sozinha: marido e amante tinham de deixá-la.

— Só que Rogério pré-jacinto bebeu demais, não é? E na hora de ir para casa, cometeu um engano fatal — Vera deduziu.

— Foi isso mesmo que ele disse. Contou que estava sonolento, zozzo, muito perturbado, além de fraco das pernas. Saiu amparado pelo rival, que amavelmente o deixou no ponto.

— Mas o pobre conquistador pegou o ônibus errado e veio parar aqui. Um infausto: perdeu o encontro e a Margarida — completou a professora. O poeta prosseguiu:

— Foi isso mesmo que ele contou. Eu desconfiei. Pedi a opinião de uma pessoa que é mestra em matéria de amores esquisitos: liguei para minha amiga Maria Gavião. Ela interpretou a história do único jeito que a torna verossímil.

— Diga lá seu diagnóstico.

— De acordo com minha consultora, deve ter sido assim: o nosso herói se enrabichou por uma mulher esperta, profissional. No começo ela deu corda ao bobo, na esperança de tirar-lhe cada vez mais grana. Em pouco tempo, porém, ela e seu gigolô descobriram que o amoroso insistente não era tão abonado quanto parecia. Uma saída escandalosa ou violenta não lhes convinha: seria ruim para seus negócios. Podia queimar os dois na alta roda dos otários.

— E chamar a atenção da polícia — completou Germano.

— Exatamente. Depois de refletir um pouco, os dois armaram a arapuca. A bela se declarou indecisa, falou que seu marido era um santo, não merecia ser enganado. Disse que se entregou ao amante por pura paixão, porém detestava

viver na mentira. Na noite do encontro, os falsos esposos encheram os cornos do bobo, que podem até ter drogado. Quando ele arriou, tiraram-lhe a carteira. Com a grana do infeliz, compraram-lhe o bilhete e o puseram no primeiro ônibus intermunicipal encontrado na flor da manhã. Guardaram para si o grosso do tutu e os documentos da vítima. Assim ficavam certos de que ele não tinha como voltar tão cedo. E apostaram que seria fiel ao juramento. Taí a hipótese de Maria.

— Muito razoável — disse Vera. E seu compadre concluiu:

— Quanto ao que nos interessa, meu diagnóstico é positivo. Não creio que Rogério seja um homem perigoso. Largou o emprego por uma ilusão: imagina que pode viver de literatura. Creio que mente um pouco quando fala em suas economias. Não tem assim tanto dinheiro. Na certa foi depenado por sua Margarete. Graças à acolhida de Dona Candinha, encontrou aqui uma oportunidade de viver bem, de escrever seu livro com paz e conforto, escapando das rotinas do trabalho de caixa. Cândida é viúva de militar, recebe uma boa pensão e ainda tem as economias que o pai lhe deixou. Gastará um dinheirinho com o neoneto, de boa vontade. Não acredito que o tipo seja tão burro a ponto de dar fim à galinha dos ovos de ouro. Gosta da vida nova que tem. Em Salvador, morava numa pensão. Perdeu os laços de família quando ficou órfão de vó, segundo ele mesmo disse. Em suma, está mais para um pobre coitado.

Vera concordou:

— Penso que você está certo. Agora me sinto mais tranquila.

...

Toda a cidade serenou. Acabou o desassossego da gente boa. Com o tempo, o Novo Jacinto foi aceito e assimilado, tanto que passou a ser Jacinto, pura e simplesmente. Fez amizades. Conquistou logo a simpatia dos vizinhos, testemunhas de seu indiscutível zelo. Partindo deles, de boca em boca, sua fama de bom filho

se espalhou. *Filho* diziam, porque, no consenso geral, ele merecia o nome. E avó é mãe duas vezes. Como falava Catita, ninguém podia duvidar do amor desse neto pela velha Cândida. Logo cedo tomava-lhe a bênção, perguntava de seu sono, de sua saúde. Ia com ela ao médico e lhe dava os remédios. Zelava por seus negócios, fazia sua feira, cuidava de tudo. Aos domingos, os dois iam ao culto de braços dados.

No aniversário da boa senhora, o pastor fez uma prédica emocionante glosando a parábola do filho pródigo. No que acabou, o pessoal da igreja fez questão de abraçar os dois. Deram graças por Dona Cândida e seu filho/neto reencontrado, que justamente nesse dia presenteou a boa senhora com uma bíblia nova.

Daí em diante, toda noite, o pródigo lia para a velha as passagens preferidas. Com uma bela voz, recitava salmos, repassava os evangelhos. Candinha de vez em quando convidava amigas para ouvir essas leituras. Até Dona Adelaide aderiu, para espanto de outras beatas da sua confraria:

— Oxente, Dedé, você deixou de ser católica? O que faz em reunião de protestante?

— A bíblia é uma só. Vou ouvir a palavra de Deus. O neto de Cândida é um homem culto, um escritor. Ele explica as coisas melhor do que o padre. O vigário já está caduco.

Jacinto/Rogério tinha seus pecadilhos, que o povo conhecia e perdoava. Coisa à toa, fraqueza muito natural, até puxava simpatia. Sem esses deslizes, o bom rapaz teria menos graça. Ninguém ama os impecáveis, os manequins da perfeição. Muitos riam com benevolência de seu segredo notório: quase todo fim de semana, depois de certificar-se de que a velha estava dormindo, Rogério ia ao brega para alívio da natureza. Nessas ocasiões — ninguém sabe porque —, usava sempre a mesma roupa: calça preta e camisa roxa, além de capa de

chuva e chapéu. Quando o via chegando ao cabaré, Joca Manteiga (o dono do estabelecimento) dizia logo:

— Meninas, se preparem que lá vem aquele moço fazer sua penitência.

Uma crente mais puritana criticou as escapadas do rapaz e se deu mal. Ouvia uma dura resposta de Dona Cândida:

— Meu neto é homem. Porque se incomoda, fariseia? Foi sua filha que ele comeu?

Ninguém mais criticou o pecadilho do príodigo.

...

Não, o rapaz não era um desocupado. De vez em quando trabalhava, prestando serviços a comerciantes atrapalhados com a contabilidade. Em época de balanço, ele tinha muito que fazer. Acabou constituindo uma clientela razoável. Virou contador autônomo. Assim, sem horários marcados, ele guardava sua liberdade para a criação. Pois havia o romance misterioso, muito esperado, a que todo dia ele dedicava algumas horas. Era um tempo sagrado na casa de Dona Cândida, em que ninguém o interrompia, senão em caso de muita necessidade.

Às vezes o escritor andava com o calhamaço pela rua, arrancando olhares de admiração. Era assíduo na biblioteca. Passou a frequentar o gabinete de Cosme, de quem pedia livros emprestados. Por várias vezes, Vera também lhe fez esse favor.

O moço trabalhava com diligência na sua obra, mas tinha dificuldades com o final. O romance crescia só para os lados, demorava a concluir-se. Pra dar ideia: no entretanto, Vera teve duas filhas: primeiro Luísa, depois Lia, em regime de escadinha (os últimos, Laís e Hermano, vieram mais tarde, depois de um duro intervalo de crise no casamento).

Ao todo, cinco anos se passaram. Um gaiato sugeriu ao dono do Triunfo que botasse uma placa no armazém: *Fiado, só quando Jacinto acabar o romance.*

...

Dona Cândida acabou primeiro. Morreu nos braços do neto amoroso, que a chorou sinceramente. O coitado passou mal no enterro. Declarou-se órfão, ficou longo tempo acabrunhado. Todos se comoveram com sua dor. Ninguém estranhou que ele continuasse morando na casa da avó. Mas o mundo muda.

Dois meses depois do falecimento da velha, houve o reboliço: chegou Jacinto, o legítimo. Vinha de São Paulo com sua mulher, uma gringa insossa. Era gordo, sólido, endinheirado e rigoroso. Hospedou-se no Hotel Colombo. Chegou dizendo que vinha em busca de seu patrimônio. Virou uma fera quando soube que tinha uma pessoa morando na casa da avó, “um escritor sem livro”, como ele disse, “um zé ninguém que se veste do nome alheio”. Foi logo à delegacia, botou advogado, reclamou aos homens da lei, exigiu a prisão do impostor.

O desjacinto foi detido, mas logo o soltaram. Impossível comprovar a acusação de falsidade ideológica, pois ele não assinou qualquer documento com o nome adotado. Tampouco se apossou de bens da velha, nada registrou como seu. O pastor, que era advogado, foi pessoalmente buscá-lo na cadeia e disse bem alto, para o povo inteiro ouvir:

— Meu filho, entregue tudo a Deus e saia de cabeça erguida. Lembre-se de Nosso Senhor Jesus Cristo, que também foi caluniado.

Não parou por aí o transtorno. Cumpriu-se logo a ordem de despejo, que desalojou tanto o ex-neto da defunta como a pobre Catita. Ela achou abrigo na casa de parentes, mas o desgosto foi muito grande: depois desse vexame, a coitada só durou um mês. O moço cabisbaixo buscou refúgio numa pensão.

...

No dia em que a preta velha e seu caro menino — como o chamava — deixaram o antigo lar de Candinha em meio aos oficiais de justiça, houve um



verdadeiro clamor público. Muita gente chorou ao ver a saída dos dois com seus poucos breguetes. O moço abraçava um retrato emoldurado de Dona Cândida que tinha mandado revelar na foto de Eumeu. À porta, despediu-se com beijos e lágrimas da amiga velha que os sobrinhos foram buscar para levá-la ao distrito onde moravam, em Capoeiruçu. Catita, de braços abertos, ergueu os olhos para o céu e falou alto, com voz trêmula:

— Veja, Cândida, o que fizeram conosco! Nós que cuidamos de ti na velhice, nós que te assistimos nos amargores da morte, estamos sendo expulsos, enxotados de tua casa. Tomo Deus por testemunha de que este rapaz é o teu neto verdadeiro, o filho que te fez companhia e te valeu na hora da aflição. Mas para a lei dos homens, quem importa é o outro, o Herodes endinheirado, um miserável que nunca fez nada por ti.

Fez-lhe eco um rumor de aprovação que logo se transformou num rebramar de vozes indignadas. E assim o outro Jacinto foi prontamente deslegitimado na boca do povo. Manoel Serrano bradou:

— Aquele desgraçado não passa de um intrujão, de um patife, de um mentiroso sem vergonha. Não é cearense coisa nenhuma. Eu sou do Cariri, conheço todo o mundo lá. No Crato, nunca ouvi falar de tamanha praga, de gente ruim dessa qualidade. Tampouco vi no Juazeiro quem se pareça com esse jumento pançudo. Ninguém lá tem essa cara de herege. Quem me garante que é um Alencar? Não tem sinal da raça que alega, um povo de homem enxuto. Um sertanejo com tanta banha e pele fofa, como é que pode? E ainda por cima com mau costume! Nosso povo não tem esse uso, não astucia comer herança sem merecimento. No Ceará não tem disso, não!

Dona Lili replicou:

— Eu acho que ele é quem diz e a polícia atesta: muito pior do que um bandido. Um neto que nunca ligou para a existência da avó, que desprezou a mãe de sua mãe. Um miserável que deixou abandonada a velha de quem era o

único parente. Não lhe escrevia, não respondia a suas cartas. Faltou-lhe na doença e nos extremos da idade. Me diga, Teresa! Me diga, Joana! Me diga, Manela! Vocês, minhas amigas, que criaram filhos e tiveram a graça de ver os frutos deles, respondam com a mão no peito, perante o povo e perante Deus: essa criatura merece o nome de neto? Merece alguma coisa?

As três protestaram com vigor:

— De jeito nenhum, arrenego!

— Adoro os filhos de meus filhos, seu amor é minha vida. Neto?! Não vou sujar o nome que lhes dou, comparando gente com porcaria.

— Muito menos eu. Taí o que merece o disgramado, o ingrato de vó: azar boticão!

Então Jesuína tomou a palavra:

— Vizinhas, vocês não se lembram de Cândida com sua caduquice, toda hora falando no neto que engrandecia, que era de vir a qualquer hora, que entra ano sai ano ela esperava? Às vezes ela cismava que ele vinha para o Natal, enfeitava a casa toda, fazia bolo e comprava presente...

— É mesmo, a gente morria de pena — clamaram vozes chorosas.

Zuzinha continuou:

— Até que chegou esse filho de Deus pra lhe fazer companhia.

— Sim, um bom moço que sempre a tratava com carinho.

— Tão amoroso, tão religioso...

— Pois foi este bom samaritano que o Ferrabrás, o Não Sinto, mandou enxotar feito um cachorro doido — Jesuína bradou, elevando a voz. Fez então uma pausa, esperou que o rumor de indignação se espraiasse e concluiu:

— Mas para mim, tal como disse Catita, o moço expulso é que é o legítimo, o real e o verdadeiro: **ele é que é o neto de Cândida!** O outro...

— É um mentiroso!

— Um ladrão!

— Um impostor!

— Um filho da puta!

Estava firmada para todo o sempre a opinião pública sobre o assunto.

...

O herdeiro de Dona Candinha não demorou a sentir a hostilidade geral. Onde ele chegava, as pessoas procuravam afastar-se, davam-lhe as costas. Bom dia, só dos empregados do hotel. E resmungado, com um tom de catarro. As velhas, então, eram terríveis, não disfarçavam sua ira. Fingindo cochichar umas com as outras, falavam alto para que ele ouvisse:

— Avó é mãe duas vezes, quem não considera não presta.

— O ingrato, o ganancioso, tem mais é que arder no inferno.

— O neto querido de Candinha ainda chora por ela num quarto de pensão.

O neto da usura nem se importa.

Jacinto mordia os bigodes. O advogado cobrou-lhe um preço exagerado pelo inventário e quando ele reclamou deu-lhe uma resposta crua:

— Representando o senhor, me arrisco a perder clientes. Mereço uma compensação.

Jacinto caiu das nuvens. Disse que havia um mal-entendido. Perguntou como poderia desfazer a má impressão dos cachoeiranos. O causídico tentou ajudar:

— O senhor já foi ao cemitério, pelo menos? Já visitou a tumba da finada?

— Não. Penso que é inútil. Os mortos são incomunicáveis.

— Aqui essa filosofia não funciona. O senhor tem de ir ao pé da cova e chorar. Ou faz isso, ou a cidade inteira vai dar-lhe nome de excomungado e tratamento de inumano.

Jacinto foi, de óculos escuros.

Mas era tarde.

O coveiro Edésio limpou a lápide que o outro neto tinha mandado fazer, ajeitou a nova coroa de flores e disse com voz cavernosa:

— Me desculpe, Candinha. Não é por gosto que participo desta cena.

Pouco depois, o ressabiado cometeu mais um erro: mandou celebrar uma missa pela finada.

Dona Dedé comentou, amarga:

— O miserável nem sabia que a avó era evangélica!

Acabada a missa, ninguém apertou a mão do enlutado.

No dia seguinte, o carro dele amanheceu com os quatro pneus arriados.

Foi o cúmulo. Depois de romper - a custo, com grana gorda - uma inacreditável greve de borracheiros, Jacinto Curvelo de Alencar foi-se embora com a esposa, xingando a cidade que o maldizia.

Nunca mais voltou.

...

O Jacinto restante sumiu por um bom período: perto de um mês. Só de raro em raro botava os pés na rua, de preferência à noite. Ficava a maior parte do tempo trancado no seu quarto de pensão. Atribuiu-se sua atitude à saudade e também à vergonha pelo vexame do despejo. As pessoas que ele encontrava em suas poucas saídas faziam questão de se mostrar solidárias, dizer-lhe palavras de conforto. O camarada agradecia e tornava a recolher-se. De começo, pedia a todos que não o chamassem mais de Jacinto. O pessoal até compreendia, porém o hábito era muito forte. Ele acabou se conformando. Adotou *Jacinto Rogério* como nome artístico e social.

Um belo dia, ele procurou Cosme logo cedo, levando consigo a maçaroca de papel. Tinha concluído o romance. O final custoso teve três ou quatro versões. Na definitiva, a morte da Rosa argentina foi revogada, passou a catalepsia.

A criatura se levantou do esquife bem na hora em que o amado brasileiro, abraçado ao esposo lá dela, confessava a paixão desesperada que ainda o consumia. Depois do susto e do chororô, os três festejaram com tangos e vinhos, decididos a viver juntos para sempre. O detetive e a esposa do herói não tiveram tanta sorte, mas pelo menos morreram abraçados, em um naufrágio no Rio da Prata, entre Montevideu e a capital argentina. O Roger que eles procuravam não chegou a concluir seu livro, absorto como ficou na trama da nova paixão, da novíssima vida conjugal. Ou seja, Rogério Jacinto deixou em suspenso o destino das pobres criaturas de seu personagem.

O poeta agradeceu o exemplar autografado e a dedicatória do novelista, leu tudo atentamente, mas não soube o que dizer. Deu parabéns de lagartixa:

— Acabou, não é? Graças a Deus. Parabéns. É uma vitória, sim. Nada como o ponto final.

O livro foi lançado em Salvador, em festa animada, com patrocínio de um grande armazém.

Em Cachoeira, pouca gente o leu. No jornal da cidade apareceu uma crítica benévola, dizendo que o romance de Rogério Jacinto era “complexo e muito ousado” — coisa logo traduzida pelo Delegado Tito Gomes por “cheio de sacanagem”.

Isso não perturbou ninguém: segundo a mesma autoridade, “hoje tudo que é romance tem putaria”. O que incomodou foi a mudança de atitude do moço depois que saiu de seu refúgio e editou seu livro. A opinião geral era que ele destrambelhou.

...

No princípio, eram só esquisitices, uns toques de maluqueira. Nada demais. Por exemplo: o camarada passou a vestir-se o tempo todo de calça preta e camisa da mesma cor, ou então roxa, em estilo de assombração. Isto se interpretava como luto, mas ficava uma dúvida, pois também se conhecia o seu roxo de manguê, a mania antiga.

Não foi só a roupa. Na mesma bíblia em que colou um retrato de Dona Candinha, o neoneto marcava as páginas com estampas coloridas, figuras de animais. Isso foi depois que ele ganhou uma bolada no jogo do bicho. O romancista se explicava citando as visões de Ezequiel.

Não era só isso. Ele garatujava anotações nas margens da Sagrada Escritura com a caneta vermelha que sempre trazia no bolso. Riscava trechos, botava interrogação, fazia desenhos com lápis de cor. O pessoal achou esquisito:

— Um homem tão religioso, riscando a palavra de Deus!

Afora essas heresias, Rogério pegou a falar sozinho e a escrever com letra miúda nas margens do seu próprio livro.

Tinha mais: segundo o pessoal do correio, ele enviava cartas para si mesmo. Quando lhe indagaram a razão da estranha correspondência, o escritor falou que eram lembretes: anotações literárias que, por algum motivo, só davam fruto depois de entregues pelo carteiro.

Até aí, não se estranhava muito. “Coisa de escritor”, como disse Dona Lulu:

— Olhem o exemplo de Cosme Três Almas: em matéria de doidice, ele ganha longe de qualquer um que eu conheça. E todo o mundo acha poético. É da natureza! Esse povo que puxa muito pela memória sempre acaba leso. Uns mais, outros menos.

— Realmente — apoiou Mariana. — No caso de nosso Cosme, a doidice é tanta que derrama.

— Como assim?

— Pega nos outros. Se alembre do celerilum, da poesia maluca que ele recitou na Desportiva, tão esquisita que Luzia teve um ataque. Dizem que da segunda vez foram duas moças rodando, se não fosse Joana de Iroco elas não paravam. Mais tarde eu soube que três muritibanas se descabelaram só de ler os versos.

— E teve a história que ele mesmo contou, de um sujeito tão inteligente, tão inteligente, que a namorada ficou doida — acrescentou Celita —. Depois de uma

conversa escurecida com o sujeito, a pobrezinha sentiu os miolos fervendo, saiu às carreiras e se atirou no rio. Lene de Lourenço viu o poeta comentando o caso com Dona Vera.

— Outra que, de tanto ler, periga do juízo.

— Pois é. Como eu dizia, Lene do Acaçá escutou a conversa dos dois e ficou impressionada. Chegou em casa com os olhos vermelhos. Marido perguntou o que foi, ela contou. Dia seguinte, Louro derramou o caso nas orelhas dos colegas de pinga, no Bar Sete Portas. Um moço que bebia sozinho numa mesa próxima pegou a chorar. Disse que a tresloucada era sua tia, uma moça muito bonita, por nome Ofélia. Lembrava até o perau onde ela se afogou. Deu trabalho consolar o sujeito, que se preparava para uma viagem. O bando de pinguços acompanhou o infeliz até a estação e amanheceu bebendo à saudade dele. Dia seguinte, lá se foram todos atrás de Cosme, querendo os detalhes da novela. O poeta falou que o drama se deu na Europa, há muito tempo. No teatro da Dinamarca. Mas o povo não se convenceu. Lene ainda hoje reza por alma da afogada. E apareceu um monte de gente que se lembra da história, conheceu Ofélia e sabe onde ela morava.

Dona Lulu admitiu:

— Tem razão, Mariana: Cosme derrama. Jacinto nem chega aos pés, é principiante.

...

De começo, prevaleceu o que as boas senhoras diziam: as manias do novo escritor Rogério Jacinto não chegaram a incomodar. Nada grave, afinal. Poesias. Mas logo o caldo engrossou.

A primeira perturbação se deu num belo domingo em que JR, com a bíblia na mão, foi fazer uma visita a Dona Lavínia. Ela não estranhou, pois era um irmão

da sua igreja e chegou com a palavra de Deus. Serviu-lhe um cafezinho e aceitou logo o convite para lerem juntos umas páginas sagradas. Ele abriu a bíblia no Cântico dos Cânticos. Quando a boa senhora se deu conta, dedos pressurosos já lhe desciam pela torre de marfim e acariciavam os filhotes da gazela. A quase Sulamita deu um grito. O marido não estava, mas a irmã acudiu, com a vassoura na mão — e o recitador saiu correndo, que Dona Bebete (a mana brava) era mesmo aguerrida. E muito forte.

Pouco tempo depois, o escritor encontrou-se com a bela que o tinha escar-reirado. Nessa circunstância, qualquer um que conhecesse Bebete fugiria logo. Jacinto, não. Foi desculpar-se, dar explicações. Levou logo um sopapo, tão bom que rodou sobre os calcanhares. Ofereceu a outra face.

Diante dos claros sinais de coragem e arrependimento do pobre cristão, a alma boa se comoveu. Conversa vai, conversa vem... Ninguém sabe direito o que se passou, mas no dia seguinte Bebete apareceu na igreja com os olhos inflamados, batendo no peito e recitando:

***Puseram-me a guardar as vinhas;  
Minha própria vinha eu não pude guardar.***

O marido dela era muito menos lírico: deu-lhe um tabefe e ameaçou arrancar os bagos do vindimador. Só não fez a miséria porque na punitiva acabou muito mais machucado que a esposa. Passou a noite numa clínica.

O santo pastor interferiu. Com grande trabalho, restabeleceu a paz do casal. Em seguida, procurou o indigitado, que se abriu com ele com toda a franqueza:

— Não sei o que se passa comigo, Reverendo. Aqui há um ror de moças bonitas, mas não consigo me interessar por nenhuma delas. Só me atraem as mulheres casadas.

— Desde quando tem este problema?



— Desde muito. Na minha vida, só desfrutei um período de sossego: foi quando morava com minha avó. Sua doce presença me punha freio, de modo que eu não sentia falta de mexer com matrimônios. Me contentava com as vendedoras de amor. Me disfarçava quando ia à procura delas, fazia de conta que estava enganando seus amantes, seus maridos inventados. Me bastava essa fantasia. Depois que vovó se foi, tornei a desembestar. As moças da Rua das Ganhadeiras são competentes: elas fingiam que tinham dono e que faziam escondido, então eu ficava satisfeito. Agora, isso não funciona mais.

O ministro pediu a Deus pelo pecador e recomendou-lhe que orasse. Jacinto Rogério passou a noite rezando.

Na manhã seguinte, cantou Dona Marieta. A mulher de um capoeirista.

Dessa vez, não escapou: tunda feia. Passou quase um mês enfaixado. Mas não se corrigiu. Assim que sentiu firmeza nas pernas, voltou à inconveniência.

E quase leva uns tiros de um cabra nervoso.

Os amigos se preocuparam. Os três mais discretos resolveram discutir o assunto de porta fechada. Vera fez um caruru a propósito. Pratos limpos, abriu-se o debate. Cosme disse logo aos compadres:

— O caso é sério. Se continuar com essa mania, nosso romancista não dura muito.

Germano concordou:

— Tem razão. Chico Palavra já ameaçou rasgar-lhe o mapa. Soube que o ex-jacinto ronda sua mulher, a bela Clarice Barca de Ouro, por sinal uma cabrocha muito jeitosa.

— Será verdade tudo o que falam?! — disse Vera. — Conheço este homem há muito tempo, nos encontramos quase todo dia. Ele sempre me trata com o máximo respeito. Sou casada, ele não ignora. E não sou assim tão feia, sou?

— Comadre, você é linda e sabe disso — Cosme replicou. — No entanto, nada tem de frágil. Não é vulnerável. Não me refiro a força física, nem apenas à

moral. As mulheres que o Jacinto Rogério assediou não são imorais. São fracas de sentimento. E de algum modo ele percebe essa fraqueza. Como diz o povo do sertão, o boi sabe onde rompe a cerca.

— Se não for contido, o touro maluco vai é pro açougue — sentenciou Germano. E Vera comentou:

— No princípio, suspeitei desse Jacinto Novo. Achei que era um malandro, talvez um malfeitor. Depois percebi que ele não é mau, tem sentimentos. É apenas um pobre homem sem controle.

— Um tarado, mas de bom coração — seu marido anuiu. — O problema é que um bicho assim ninguém segura. Só se uma mulher mais danada do que ele puser-lhe freio.

— Isso mesmo! — bradou Cosme. — Você é um gênio, Germano. Já temos a solução. Por sorte, a pessoa certa se acha aqui. Chegou justamente ontem, com o noivo.

— O que? Quem? Qual?

Ao contrário do marido perplexo, Vera logo adivinhou:

— Será Maria Gavião? Mas que novidade é essa, Cosme? Gavião de aliança no dedo?! Não acredito!

— Sim, é mesmo de Maria que estou falando. Ela chegou ontem com um colega de teatro, seu atual companheiro. Disse que ficou noiva dele com a condição de não casar. Os dois tiveram uma temporada de muito sucesso no sul da Bahia.

— Nunca me senti tão besta — falou Germano. — Sou um gênio e não me dei conta, tive uma ótima ideia e não percebi...

...

Maria atendeu prontamente ao chamado do amigo. Nem deixou que ele acabasse o relato, foi logo dizendo que estava tudo resolvido:

— Só preciso de uma providência: darei um telefonema para umas meninas da minha trupe que estão gozando as férias num lugarejo não longe daqui, num cantinho de mundo que conheço bem. Elas vão dar-nos uma ajudazita. O resto é comigo e com meu noivinho. Pode confiar. Em breve teu camarada terá jeito e dará jeito: no vago de sua falta é que se acha o procurado. Entendeu? Sou adivinha, colega. Já sei onde ele se encaixa e sua sorte onde cabe.

— Então diga.

— No navio da esperança. Num barquinho de vela branca. Há muitos desses no mar do tempo. Sem âncora.

— Tá bom. Espero que esta ocupação não atrapalhe o descanso de vocês.

— Amor de minha vida, não se incomode. Meu noivo e eu faremos bom proveito de nossa caridade. Pode crer, o servicinho da gente será bem pago. E nada te custará.

...

Na manhã luminosa, o rapaz de roupa negra se deparou com um meigo casal que passeava na beira do rio. Notou logo as alianças nos dedos entrelaçados e sentiu um perfume de amor discreto. Arrebatou-se ao perceber que a bela mulher o fitou com um sorriso doce e um súbito brilho nos olhos, quando eles cruzaram caminho. Levemente embriagado por esta cintilação, virou-se após um momento e percebeu que ela voltava a cabeça, parecia procurá-lo por sobre os ombros do companheiro distraído. Estacou, então, e fez meia volta, pondo-se a acompanhar os dois a uma distância bem calculada, com passos medidos. Novo olhar furtivo o fez aproximar-se mais um pouco. Os esposos se detiveram nas imediações de um bar e tomaram assento a uma mesa posta sobre a calçada, defronte do rio. O esperançoso ficou à espreita, encostado a um poste.

A senhora pediu um refrigerante. Seu companheiro nada quis: calado,

quase imóvel, ficou a olhar a paisagem com uma expressão aérea, ligeiramente infantil. Depois de breve instante, o cismarento falou alguma coisa em voz baixa. A mulher respondeu com clareza:

— Sim, está bem. Ficarei aqui um bocadinho, desfrutando a brisa do rio.

O observador esperou ansiosamente que o homem se afastasse. Pouco depois, com calma estudada, foi-se chegando e perguntou à dama se podia sentar-se à sua mesa. Ela respondeu com um gesto tímido e corou um pouco quando ele tomou assento bem defronte, a olhá-la nos olhos. Ficaram um instante em silêncio. Por fim ela disse, quase sussurrando:

— Tenho a impressão de que conheço o senhor. Parece que já nos encontramos em um lugar parecido com este e ficamos... — Juntos — ele completou.

Ela tornou a corar e balbuciou:

— Deve ter sido um sonho.

— Que eu também sonhei.

— É muito esquisito. Tenho certeza desse encontro, porém não sei quando se deu. Talvez em outra vida... Mas é claro que não pode ser. Realmente não creio nisso. Acho que estou delirando.

Cada vez mais animado, o moço tocou-lhe a mão um pouco trêmula sobre a mesa e a reteve presa à sua antes que a dama conseguisse retirá-la. Depois disse, com branda firmeza:

— Vamos caminhar um pouco pela beira do rio, à procura de nossa recordação.

Passearam de mãos dadas por um tempo sem bordas. A bela senhora foi a primeira a falar:

— Eu sou casada. Aquele homem que estava comigo é meu marido. Gosto dele. Amo de verdade. Não sei porque estou aqui caminhando com o senhor. Não devia.

— Ora, não fale assim, não me chame de “senhor”. Afinal, não somos estranhos, pois nos lembramos um do outro.

— É só uma impressão. O problema é que não consigo livrar-me dela.

— Nem eu.

Ficaram um minuto calados. Dessa vez, foi ele quem quebrou o silêncio:

— Na minha lembrança ficou para sempre sua beleza, mas seu nome ainda me escapa. Também não sei se conhece o meu. Me chamo Rogério, Jacinto Rogério.

— Prazer. Eu sou Carmen. Ai, que doídice!

— De que está falando?

— Saio de mãos dadas com um homem cujo nome nem sabia e agora me apresento assim, com a palavrinha do prazer. Imagino que já o conheço, duvido e continuo acreditando. Só parece que estou maluca.

— Pra mim, é tudo natural. Não vejo loucura alguma.

— Como não? Bom par eu faço com meu pobre marido: ele se esquece do que passou e eu me lembro do que nunca existiu.

— Como se chama seu esposo?

— Alonso. É um homem maravilhoso, pode crer. Mesmo agora, do jeito como está.

— O que tem ele?

— Um problema de saúde, consequência de uma queda. A pancada afetou seu cérebro. Depois da cirurgia, meu queridinho deu pra ficar esquecido. Às vezes tem grandes lapsos. Amnésia, sabe como é?

— Sim.

— De vez em quando o coitado se perde, some no mundo. Da última vez, eu tive de solicitar à polícia que o procurasse. O pobrezinho foi encontrado no extremo sul.

— Esse problema não tem jeito?

— Desejo, espero, quero crer que sim. Graças a um excelente médico, ele fez grandes progressos, sua memória melhorou muito. Mas ele ficou, por assim dizer, ameninado. E tem muito sono. Nesse momento deve estar dormindo.

— Vamos ficar juntos enquanto ele dorme.

— Juntos? Sim. Passeando.

O rapaz suspirou.

Detiveram-se ao pé de um velho guindaste. Ele a abraçou e tentou beijar-lhe a boca, mas a desejada esquivou-se:

— Vamos com calma, meu amigo. Veja, aquela criatura está nos espiando.

O homem olhou para a direção apontada e sorriu. O que pôde ver foi uma ave com as garras fincadas no galho de uma árvore, equilibrando-se estranhamente, de cabeça para baixo. Eriçadas, as plumas do topete davam-lhe um aspecto ainda mais bizarro.

— É só um gavião — disse o sequioso —. Deve estar à caça de pombas. Na certa ele medita um ataque às rolinhas, enquanto descansa desse modo. É um bicho danado, uma pequena fera dos pássaros. Para nós, não representa nenhum perigo.

A dama sorriu suavemente e replicou, voz de menina:

— Nunca se sabe.

— Podemos ir a um lugar onde ave nem homem nos perturbe — ele disse.

Ela retrucou:

— Não convém. Não posso ceder assim a um impulso louco. Não sou mulher de aventura, não sou fútil.

— Você me reconheceu e eu te reconheci. Não sabemos como. Podemos até admitir que não nos conhecemos antes, mas o sentimento não muda nem um pouco. Isso é forte, nada tem de fútil. É um sinal do destino que a gente deve seguir. Fique comigo!

— Para você, pode ser simples. Mas eu tenho um compromisso, tenho meu marido.

— Não lhe peço que rompa seu compromisso. Peço que me aceite também.

O encontro que proponho não vai reduzir-se a uma aventura. Não é o que pretendo. Creio que podemos ter uma ligação. Pense, não despreze esta ideia. Almoce comigo. Falaremos sobre o assunto até achar um caminho que nos leve ao melhor.

— Não. Vou almoçar com meu marido. Daqui a pouco ele acordará procurando por mim. Se não me encontra, pode angustiar-se. Vai sentir-se abandonado. E eu não o quero abandonar.

— Pense também em nós, em mim e em você. Não nos abandone, não nos perca. Não quer encontrar-se comigo? Olhe que pode ser um encontro com você mesma. Não despreze este impulso tão bonito que nos aproximou.

— Não vou negar que me sinto atraída por você. Seria uma mentira tola, de pé quebrado. Meu desatino já ficou evidente.

— Não é desatino: é uma coisa pura, atração de homem por mulher, de mulher por homem. Tem nada de errado.

— Há muito tempo que não sinto isso. Quando meu marido ficou do jeito que está, até me admirei do sossego de meu corpo. Me contentava com sua carícia infantil, sem que meu sangue esquentasse. Fiquei indiferente a desejo de homem. Os olhares, os apelos de todo tipo não me acendiam. Hoje aconteceu. Não é só isso: também experimento uma afinidade entre nós dois, tão de graça que não sei explicar. Gostei, a cada momento gosto mais de você. Mas sou esposa, tenho de cuidar do meu marido, que precisa de mim. Almoçarei com ele. Vou depois a Muritiba, ao encontro de seus parentes. Volto no fim do dia e fico com Alonso até que ele durma. Geralmente ele dorme cedo, às nove.

— E então...

— Te encontro na praça, às nove e meia. Conversaremos. Vamos ver como ficam as coisas. Pode ser que a gente encontre o tal caminho de que você fala. Mas agora, me faça um favor: deixe que eu vá embora e não me siga. O povo daqui tudo nota. Não quero que fiquem falando de minha vida.

— Está bem. Entendo sua posição. Até as nove, minha querida.  
Dito isso, eles se afastaram.  
O homem de negro pisou nas nuvens.

...

Quando se deitaram, Vera contou ao marido a conversa que teve com a filha menor e o sonho que esse diálogo provocou. Estava intrigada:

— As crianças às vezes me deixam zozona. Ontem fizeram o enterro de um boneco. A iniciativa foi de Helô, que volta e meia tem umas ideias esquisitas. Roxa explicou-me que os meninos viram passar por aqui, na segunda-feira, o cortejo do funeral de Dona Dedé. Acharam bonito. A pequena Luísa até aplaudiu.

— Então foi essa a inspiração de Helô.

— Exatamente. O funeral do boneco foi solene, muito animado. Compareceram meninos da vizinhança, os netos de Teté e aquela sobrinha tua de São Félix, a pequena Genoveva.

— Sei, a bisneta do velho Ronca.

— Ela mesma. Germano fez o papel de padre. Os dois pretinhos formaram a filarmônica, um deles tocando o tambor de brinquedo, o outro com a gaita. Tinha ainda o filho da vizinha com folha de ficus. Fizeram discurso, abriram uma cova na horta e sepultaram o pobre boneco numa caixa de sapatos. Botaram minha mantilha negra em cima da viúva.

— Ué, que viúva?

— A Dama de Elche. Tiraram o quadro da parede, levaram para o quintal. Ela ficou pendurada num ramo da goiabeira, perto da cova do bonequinho. Ainda bem que Roxa viu e fez o resgate.

— Só o boneco se perdeu, então.

— Nem ele. Ontem mesmo, quando cheguei do colégio, Luisa estava com ex-defunto no colo. Perguntei quem desenterrou e ela disse que foi seu amigo,



o tal que só ela vê. Quando? “Na hora em que a lua choveu”. Não sei o que se passa naquela cabecinha.

— Ora, meu bem, criança é assim mesmo.

— Foi só o começo da conversa. Daí ela me chamou pra mostrar o amigo maravilhoso: agora está com essa fantasia que os irmãos esqueceram. Me levou ao quintal. A criatura que indicou eu demorei um pouco a ver, pois a princípio se confundia com o galho da mangueira onde descansava. Era um belo camaleão. A pequena me perguntou se gostei da roupa dele e eu disse que sim. Aí ela contou o motivo da visita: disse que o camarada precisava de uma gravata. Perguntou se você podia emprestar. Respondi que o tal não carece de enfeite pois já é um rapaz bonito e a gravata só incomoda, como você sempre diz. Ela acabou concordando. Horas depois, me apareceu com um papelzinho todo riscado, dizendo que era um bilhete do leão. Entendi logo que ela se referia ao lagarto, mas falei que não compreendia a letra dele e pedi que ela mesma lesse. Dizia o bilhete que eu também sou bonita, que Luisa está ficando moça, precisa de uma pulseira. Diz ainda que daqui a pouco o fantasma vai embora e a sereia vem. Por último, informa que Cosme vai tocar flauta num baile e ficar apaixonado com lindas mulheres. Não entendi essa parte. Mas ontem sonhei com o poeta dando um concerto de flauta para um bando de conquéns. No palanque, duas moças e um camaleão.

— Pois eu não entendi foi nada! — disse Germano. — Só tenho certeza de uma coisa: minha filha puxou a mãe.

Vera mordeu os lábios e virou-se para o outro lado. Não teve coragem de contar ao marido o fim do sonho, em que ela invadia o palanque, empurrava as moças, enxotava as galinhas d'angola e beijava seu amigo com imensa, intensa, infinita paixão.

...

O ansioso só teve de esperar um pouco. A bela mulher foi logo dizendo que tinha mudado de planos:

— Depois do nosso diálogo de hoje de manhã fiquei por uns tempos azoada, sem saber o que faria. Quero ter o encontro que você propôs, mas tenho horror à ideia de enganar meu marido. Também não pretendo abandoná-lo. Mas o pior de tudo, para mim, é a mentira. Sou muito franca. Meus amigos dizem que eu devia chamar-me Vera. Não me vejo dizendo a Alonso que vou ali fazer uma visitinha a Dona Não-sei-quem, quando vou, na verdade, entregar-me a outro homem. Mesmo a mentirinha silenciosa me incomoda: isso de esperar que ele durma para sair contigo, acho um horror. Fiquei sofrendo com esse dilema até que tomei uma decisão.

— Qual foi?

— Conte tudo a ele. Falei que tinha encontrado você, que passeamos juntos, sentimos um grande carinho um pelo outro e nos desejamos. Disse, por fim, que pensava seriamente em ir para a cama com você.

— E como foi que ele reagiu?

— No princípio, ficou abalado, pálido, com os olhos cheios de lágrimas. Quase desisto de tudo. Mas depois ele falou que compreende, que não é justo me privar do meu desejo. Reconheceu que sou sincera. Percebe que esse outro amor me faz falta. Mas pediu que eu não o abandone, pois para ele seria a morte. Disse ainda que deseja te conhecer, pois eu falei que você me parece uma boa pessoa e ele acreditou. Por fim, pediu ainda outra coisa que não sei se você aceita.

— De que se trata?

— Roga que a gente não vá para um hotel, ou coisa parecida. Acha que assim eu me exponho. Embora não diga, receia também ficar sozinho. Sugere que você me visite em nossa residência, na casa que alugamos aqui. É muito ampla. Ele dormirá num quarto separado. Eu, por mim, concordo com isso e proponho mais: que amanhã de manhã nós três nos reunamos para conversar. Se você estiver mesmo decidido a ir além de uma aventura, seguimos em frente. Eu já tinha marcado a volta a Salvador para essa data. Caso tudo dê certo, você pode ir conosco.

Mas preste atenção: se quiser mesmo viver comigo, será sempre assim: a três.

— Aceito, é claro que aceito. Acho ótimas essas condições. Concordo com tudo.

— Então está combinado. Agora, deixe-me ir para casa sozinha. Disfarce, finja, não me acompanhe. Não quero ser pasto de maus olhos, de línguas perversas. Aguarde um pouquinho, é só o que peço. E às nove e meia esteja lá. Seja pontual.

Dito isso, a bela mulher tirou do seio um papelucho com seu endereço e o entregou ao maravilhado. Em seguida se levantou e foi-se embora com passos rápidos.

...

O convidado chegou na hora certa. Cumprimentou o homem que lhe abriu a porta e aceitou logo seu convite para entrar. A mulher o acolheu com um sorriso tímido e um discreto aperto de mão. Isso o deixou ainda mais excitado, mas ele tratou de controlar-se. Quando o dono da casa lhe ofereceu uma cadeira, sentou-se com toda a cerimônia. Na mesa coberta por uma toalha branca havia uma garrafa de vinho, um cesto de pães, uma pequena tigela com azeitonas pretas, uma lata de azeite doce e três cálices. O dono da casa foi o primeiro a abrir a boca. O diálogo começou de forma esquisita, descontraída:

— Seja bem-vindo. Meu nome é Alonso.

— Muito prazer. Rogério.

— Não, senhor: Alonso Gomes. Meus pais vieram de longe, das Europas.

— Já entendi. Rogério sou eu.

— Acredito. O resto, eu já sei. O homem florido.

— Não entendo.

— Rogério é Jacinto, não? Se escreve assim. Carmen falou que você faz livros e tem dois nomes, um que é de flor.

— Ganhei este apelido aqui. Rogério sou, mas o povo me chama Jacinto mesmo. Acabei aceitando. Uso o apelido na literatura.

— Está certo. Coma um pedaço de pão.

— Obrigado, não tenho fome.

— Deve comer, camarada. É a regra. Quem recebe pão e vinho está em casa. Meu pai falava. Deve molhar os nacos no azeite. Assim se usa nas Europas.

— Está bem.

— Depois você dorme aqui. Com minha mulher. Mas primeiro prova o pão com azeitona. E o vinho vermelho. Comemos juntos, os três. Agora somos três. Então cada um bebe três cálices, assim fica tudo certo. Em seguida eu saio, não é? Vou para o outro quarto. Ouço besouros.

O visitante sentiu-se embaraçado. Pelo jeito, aquele pobre homem estava mesmo num limiar, entre lúcido e tonto, muito mais para a banda escura. Ainda assim o acolhia, vencendo o ciúme. Era um homem bom. Quis dizer-lhe isso, mas preferiu calar-se. Bebeu o primeiro cálice quase de um sorvo. Experimentou o pão com azeite e gostou. Sorriu. Carmen observou:

— Vejo que trouxe uma mochila.

— Roupas, escova de dentes, sapatos, livros, pouco mais. É minha bagagem. Assim fico leve para viajar. Hoje me desfiz de muita coisa. Com o dinheiro que tenho, compro depois o que for necessário. Prefiro assim: mudança completa. Vida nova, tudo novo. Acho melhor, mais prático. Quando nada, não sobrecarrego seu automóvel.

— Vejo que se dispõe a ir conosco. Pense bem, não se precipite. Amanhã a gente decide. Em todo o caso, me dê a mochila que eu guardo.

O homem de preto obedeceu.

O segundo cálice o fez relaxar, o terceiro lhe trouxe uma grande euforia. Tudo era bom, tudo bonito: a casa, envolta numa luz serena, tornou-se tépida e aconchegante. Rogério pediu mais vinho e foi logo atendido.

Daí a pouco, ofereceram-lhe outra bebida. Ele provou e gostou.

Sim, era tudo cada vez melhor.

Alonso pegou um violão, Carmen entoou uma cantiga suave. Rolaram lágrimas de alegria pelo rosto do homem encantado e uma doce fraqueza se espalhou por seu corpo. A garrafa escura já estava quase seca quando a linda mulher falou que o ar fresco lhes faria bem. O homem de preto disse:

— É verdade. Muito bem.

Soou forte a voz de Alonso, a indagar-lhe se estava pronto para a viagem. O camarada confirmou:

— Estou pronto. — E acrescentou em seguida: — De agora em diante, não sou mais Jacinto. Sou Roger Alonso, filho das Europas.

Mas ficou parado.

Sorrindo, os dois amigos o ajudaram a levantar-se. Num espelho que havia na parede ele viu-se de pé, abraçado ao casal. Com passos custosos, chegou à rua deslizante, onde uns poucos homens caminhavam através de nuvens de várias cores. A cidade parecia desdobrar-se, com seu casario a serpentear.

A certa altura, ele se queixou de que estava cansado, tinha as pernas fracas e as pálpebras pesadas. A querida mulher acariciou-lhe os cabelos e lhe disse que ficasse calmo, pois já estavam chegando. Era verdade: em pouco ele achou-se envolvido por um grupo sussurrante que se deslocava com pacotes e malas rumo a um grande veículo belamente iluminado.

— Companheiros — Carmen lhe disse. — Gente boa.

O homem feliz aprovou os companheiros, que achou muito agradáveis. Entrou no ônibus satisfeito, amparado por Alonso. O amigo o ajudou a acomodar-se na poltrona bem forrada e lhe recomendou que fechasse os olhos, que procurasse descansar.

Ele obedeceu.

E logo dormiu profundamente.

...

Chico Palavra acordou disposto a acabar de vez com a ameaça que pairava sobre sua testa. Já não tolerava os olhares da vizinhança, os risinhos de mofa que o indicavam como o próximo corno. Levantou-se logo cedo, vestiu-se rapidamente, pôs na cintura a peixeira nova, bem acomodada na bainha (presa a um bonito corrião), tomou um gole de café amargo e preparou-se para sair em busca do nojento. Mas estacou logo à porta, quando viu o balaio sobre um degrau à entrada de sua casa. Intrigado, chamou a mulher:

— Que encomenda é essa?

— Não sei! — respondeu Clarice franzindo a testa. — Não fiz encomenda nenhuma. Só se foi você.

— Necas. Acho que isso é coisa feita.

— Como assim?

— Um bozó, entende? Feitiço dos brabos. O balaio está cheio de pano preto.

— Não toque nisso! — falou a esposa assustada. — Vou chamar Dona Matildes, que entende do assunto.

A entendida não demorou a chegar. Outra vizinhas curiosas num instante apareceram. Depois de uma reza forte, Matildes pegou um galho de aroeira bem lavado em água de sal e remexeu cuidadosamente o conteúdo do balaio. Concluído o exame, declarou:

— São roupas de luto. Fique em casa, Chico. Não saia de modo nenhum. Amanhã passe no terreiro para um descarrego. E tire do coração os maus pensamentos, antes que lhe suceda o pior.

— Está bem, Dona Matilde. Mas o que faço com a porcaria desse balaio? Com ele aí na minha porta, não fico tranquilo.

A resposta chegou por obra da providência, na pessoa de João Cata Lixo, que vinha todo contente com uma mochila nova.

— Achei aqui perto, pendurada num galho de árvore — ele explicou. — Presente de anjo gordo, com certeza. Vem a propósito, é ótima para meu trabalho.

Matildes falou:

— João, Deus protege os inocentes sem juízo. Ele não deixa que o mal se encrave numa cabeça como a tua. Pegue este balaio, leve pra longe daqui. Chico te paga pelo serviço. A maldita peixeira que ele tem no cinto deve ir também no carregão.

Chico obedeceu. Deu a faca e o dinheiro ao encarregado, que logo se foi com o rico balaio na cabeça.

Depois de muito caminhar, Chico deu-se conta de que Dona Matildes não tinha dito para quem era a encomenda. Com a fadiga que já sentia, largou-a defronte de um sobrado. (Menos a faca com sua ótima bainha e corrião, que atou à cintura).

No que Dona Dedé ia saindo para a missa, topou com o trem esquisito. Ficou irada:

— Não aguento mais! Desde que Adélia morreu, já chegaram a minha casa cartões pretos e cartas de pêsames aos montes, só porque a infeliz tinha o mesmo apelido e um bando de malucos achou que era eu quem tinha batido as botas. Mas agora é o cúmulo: os miseráveis mandaram roupas de luto para meu marido. Esconjuro! Tão certo como me chamo Adelaide, Manezinho é quem vai primeiro. Ele que não se faça de besta.

Ato contínuo, mandou que Maria Turquesa, sua empregada, empurrasse o balaio com uma vassoura até a esquina. Feito isso, tocou fogo no achado com uma vela benta. Previamente ensopado de querosene, o monte de pano logo ardeu com balaio e tudo, para grande espanto de quem passava. Zuzinha benzeu-se:

— Quanta maluquice, meu São João! O povo agora tá fazendo fogueira em pleno dia!

À tarde, Flávio Tiririca recebeu pelo correio a encomenda de um remetente com nome e endereço ilegíveis, em letra gótica. Aberto o pacote, fez uma triagem: sapatos e meias, foi logo calçando; os lenços, guardou com cuidado; escova, pasta de dentes e sabonete jogou no lixo.

Jacó recebeu um gordo envelope, cheio de preservativos. Prático, o bom crioulo os distribuiu entre os doze filhos.

João, Lucas e Marcos receberam estampas: águia, boi, leão. Porém foi Mateus quem ganhou no bicho: recebeu a figura do homem, jogou no macaco.

Com exceção da bíblia — enviada *Ao piedoso Germano* com dedicatória de *Jesus Cristo, Moisés e Companhia*, o embrulho de livros foi inteiro para Cosme. O poeta doou à biblioteca os três exemplares do romance *O sonho das rosas*.

Não lhe custou nenhum esforço adivinhar os remetentes — que a essa hora já iam longe.

...

O homem de preto abriu os olhos a custo, sacudido pelo motorista que insistia, com certa irritação na voz:

— Vamos, amigo, tá na hora. Todos já desceram, só falta o senhor.

— Já chegamos a Itapoã?

— Não brinque, meu camarada, salte logo! Preciso levar o ônibus para a garagem. Estou cansado, agora sou eu que mereço dormir.

Por fim o alquebrado conseguiu levantar-se e deixou vagarosamente o veículo. Sua cabeça doía, suas pernas pareciam de chumbo. Embora o dia estivesse nublado, a claridade fosca lhe doeu nas vistas. Com os olhos turvos, demorou a dar-se conta de que estava numa pequena praça ajardinada, com cheiro de mar. Acostumando-se, por fim, à branca penumbra, ele avistou uma jovem senhora de rosto amigável, vestida que nem uma cigana. Sentada a um



banco de marmorito, ela tinha ao colo um leque de baralho e prestava atenção discreta ao movimento de duas crianças entretidas num jogo de peteca. Foi ela quem lhe dirigiu a palavra:

— Você está bem, gajão? Parece muito abatido.

— Não, senhora, não estou bem. Minha cabeça dói como nunca. Não sei onde estou, nem como vim parar aqui. Me sinto fraco e desamparado. Meti a mão no bolso e não achei a carteira. Isso quer dizer que não tenho dinheiro nem documentos. Cheguei ind’agora, de ônibus. O motorista disse que eu não trouxe bagagem. Tudo é muito confuso.

— Primeiro a cura, depois a procura — replicou a mulher. — Siga em frente que logo verá um posto de saúde.

Assim ele fez. Mas o posto estava fechado.

Por um instante, o pobre homem quase caiu no desalento, coberto de névoa doentia. Reanimou-se, porém, ao ver a senhora de cabelos brancos que caminhava de braços abertos em sua direção e o chamava com voz radiante:

— Narciso, meu filho, enfim você veio! Chegou agora, não foi? Bem que a cigana me disse! Bem que a baiana me confirmou!

Então o vento varreu as nuvens e o sol jubiloso tornou a brilhar.

# A sombra nos ombros

## Prólogo

Os dois Silvestres chegaram a Cachoeira no último passeio de vapor. Isso foi há muito tempo. No dia, teve tumulto, um arranca-rabo. Eles não se meteram. Eram dois homens maduros, fortes, de pernas compridas. Pareciam-se um com o outro, assim, assim. Não dava para confundir porque variavam na tinta: um era cabo-verde e o outro bem claro. No Bar do Jiló, eles beberam cerveja em canecas que traziam nos alforjes, pintadas com o mesmo desenho: galos de briga, moças nuas. Foi quando a confusão se espalhou por toda a cidade: barabadá de língua roxa, panaruê que ninguém sabe direito donde veio, como principiou. Envolveu o pessoal que tinha chegado no vapor e muita gente daqui. Os Silvestres? Nem tico. Bebiam do seu jeito: um ao lado do outro, de pé, fazendo o quatro. Tinham tradição de beber assim, fazendo aposta. Sempre ganhava um Silvestre. Dessa vez, turundumdum chegou perto. Teve mesa virada no bar, briga de garrafas, o cacete. (Quem liga? Quem se importou? O garção, que perdeu a voz). Era porrada pra todo lado e os dois graúdos bem do seu, na pose de jaburu.

Passado o tumulto, eles dormiram no Hotel Colombo. No dia seguinte, foram-se embora. Voltaram semana depois. Com suas mulheres: Ana Lúcia e Luciana, irmãs da mesma beleza. Fizeram seu domicílio num sobrado que hoje falta, o 44.

O povo apurou: esses homens não vinham do mesmo tronco, não tinham laços parentais. Tinham de comum, além dos nomes, o capricho da sorte: casamento com duas irmãs, que nem tanto se assemelhavam.

No vale, Silvestre & Silvestre se relacionaram com pouca gente. Só de uma pessoa ficaram íntimos: Dona Liá, sua governanta. (Na cozinha, Chica. Na faxina, Dó). Liá era bonita, uma roxa de trinta anos, casada. Pegou o marido com uma

sirigaita, largou. Tomou o emprego sem precisão. Por amizade: gostou das donas da casa. E por pirraça: ex-marido se incomodava. Todo dia, lá ia ele reclamar, pedindo volta. Era inútil.

Ana Lúcia mais Luciana chamavam Liá de Mãe. No entanto, a diferença de idade mal chegava à dezena, da roxa Liá para a pouco-maior das suas patroas. Dá-se que as duas eram órfãs.

## INCIPIT

(aqui a história começa)

Chegou uma véspera de carnaval. Bateu à porta do 44 um homem alto, um velho de barbas brancas. Luciana foi abrir e estacou. Só quando Liá, atrás dela, disse: — “Porta aberta, justo peca!” — a moça se mexeu: beijou a mão do velho, pediu-lhe que entrasse. Em seguida, chamou sua irmã. Sentaram-se à mesa. Daí a pouco os Silvestres chegaram. Vexados, tomaram assento junto das moças, que nem gatos na canoa. Da cabeceira, o velho pediu:

— Por favor, expliquem-se.

Ninguém disse um ai. Liá foi ao gabinete e trouxe canetas, resma de papel. Em bico de pena, Luciana fez borboletas e uma espécie de máscara. Ana Lu escreveu um sinal:  $xy + xx \Leftrightarrow xy + xx$ .>O Velho declarou:

— Não entendo nada.

E disse Liá:

— Então, se explique o senhor mesmo.

Cofiando a barba, o homem grave tomou prumo, compôs o verbo:

— No que minha mulher deixou o mundo, elas brincavam de bonecas. Criei as duas quase sozinho, com ajuda de minha mana, Marinês, muito amorosa.

Nada lhes faltou. Elas cresceram sadias, princesas pelo cuidado. Em boa escola se educaram, com as puras mestras, as freiras de goma no chapéu. De repente, já eram mulheres. Quando quiseram, se casaram. Sim, com os homens de sua escolha. Teve toda a cerimônia: juiz e padre, anéis e papéis. Fiz grande festa. Dei-lhes cabedal. Mas na capa da noite resolveram fugir. Elas duas, eles dois. Deixaram a terra de repente: casa arrumada, pratos na mesa, toalha branca e lâmpada acesa. Fiquei muito irado: a boca do povo maldava. Uma palavra era bastante, uma letra fina. Porém os quatro formaram silêncio. Nem por escrito, não disseram nada.

Luciana fez um corte de tesoura dividindo a máscara e disse:

— Então, o senhor nos ameaçou. Mandou-nos xingas e jagunços, pragas feias em nosso rastro. Ficamos errantes pelo mundo.

Silêncio caiu. Líá interveio:

— O homem que concebeu um crime ainda reclama explicação? Será o senhor o Barão das Almas? O Besouro de Lá de Baixo? O Cão Azul?

Retrucou-lhe o velho, com a mesma cara:

— Honorato me chamo, chefe em minha terra. Depois de muitos anos, eu perdi na política. Os inimigos cultivam as conversas sobre minhas filhas.

Rolou da mesa um ovo de pedra.

Quando a casca de brumas ficou rala, Ana Lúcia rompeu:

— Não temos nada com a política. Nunca aceitamos essa madrasta. Porque o senhor nos interroga?

— São os dentes da dúvida. No que ela morde, todos me doem.

As moças retrucaram, alternas:

— Oh, Pai! Abra o olho.

— E corra o ferrolho.

— Não pense mais na cama das filhas.

— Não bote água no pote quebrado.

Dom Fidalgo tornou-lhes:

— Só o que vejo, por favor, me digam. É para que eu saia da escuridão.

Volveram as lâminas de tesoura:

— Repare quem pega na minha mão.

— Veja quem me abraça.

— Nós escapamos da ilusão.

— Trocamos as cartas.

Fez-se uma pausa muito profunda. Quando o velho franziu a testa, da boca do nada elas completaram:

— Sinceridade nos lava os olhos.

— Nossa alegria não murcha nunca.

Ele reconheceu:

— Sim, eu percebo. Doida alegria!

E pegou a tremer.

Um instante depois, arrematou:

— Mal me vejo e pareço-me louco. Muito me pesa a sombra nos ombros.

Brotou a lua na janela. Suavemente, Liá interveio:

— Loucura não ofende, se não for for remoída. Morder o vento é que dá vexame. Assopra a sanha, o juízo se torce lá nas tripas. O tambor do Cão, já ouviu? É a barriga vazia. Disso não há necessidade. Temos bolo de puba e de tapioca, além de cuscuz em leite de coco. Temos broa, pão e café com leite. Farofa de ovo, se quiser. E carne de sol, e milho cozido. Falemos claro.

Findo o jantar, o velho voltou-se para as filhas:

— Não punge o corte? Não dói em vocês?

Elas responderam:

— O tempo cura.

— O sol consola.

O pai ficou por alguns instantes imóvel, prendendo a respiração. Por fim bateu na cabeça e clamou:

— Agora subiu a nuvem de cal, fechou-se a barra do meu juízo. Estou engasgado com minha pedra na boca da noite. Pedra de mim, a mó do farelo que me tornei. A cisma se move na minha cabeça feito coruja no redemoinho. Só mais uma coisa indagarei. Meninas, meus sonhos... Deixo de banda as outras vontades, só peço o menor do pouco: porque vocês me abandonaram?

As moças tiniram:

— Guardamos a chispa, tirante a fumaça.

— Deixamos as sombras na correnteza.

O velho abatido respondeu:

— Ai, pelo tempo devorador, pelas palavras que cercam o mundo! Olhamos o mesmo, não vemos o mesmo.

Elas concordaram:

— É certo. Não vemos o mesmo.

— Mas por graça e merecimento da glória absurda de vocês, da alegria que não compreendo, a razão já nem quero, detesto meu senso. Vejo o demônio da beleza que dança de espinha quebrada. Vou resignar-me: troco o sinal de minha ideia. Todo o sentido que eu tinha foi gasto, o insensato me parece melhor. Destino meu perdeu o tino, bem vejo. Lamento não! O juízo me foi de pouca valia. Perante Deus, perante os meus, aqui e agora, declaro-me louco. Podem vocês lavar a ata.

Assim disse o Velho. Liá formosa respondeu-lhe:

— Apois descanse, meu senhor! Vou fazer sua cama no quarto lá de cima.

Já no aposento, assim que trocou os lençóis e botou fronha nova no travesseiro (depois do licor, depois do alecrim), Liá indagou ao hóspede:

— Meu nobre, me diga: há quanto tempo não se deita com mulher?

Ele hesitou por um momento, mas acabou respondendo:

— Senhora, há mais de um ano.  
A boa dama esclareceu:  
— Pois então é isso, meu pobre: subiu para a cabeça. Vossa Importância devia saber: é uma lei muito antiga.  
O velho ficou silencioso.  
Liá fechou a porta e despiu-se.

## **A Festa** (Penúltima parte)

Seriam mais de nove horas no que o velho desceu para o café. Havia um movimento musical na casa: os Silvestres bebiam cerveja nas suas canecas pintadas e as moças dançavam de colombinas. Tinha um mascarado na sala, tocando violão. No pandeiro, um menino de cabelos brancos. Na estante, um pavão. Liá explicou: Carnaval. O mascarado foi-se embora, menino acompanhou. Liá botou o café na mesa, o bolo de puba. Os dedos da mão ficaram um tempo conversando.

Tirada a mesa, família saiu a passeio. Silvestre Branco dirigia o carro. O velho pintou o rosto de azul e vestiu mortalha. Chapéu redondo, cabeleira de serpentinas, óculos pretos: era um barão de antigamente, dos bailes históricos. As moças usavam batas de xirê. Assim percorreram a cidade toda: o Velho Novo, com genros e filhas. Repetiu-se a procissão por todos os três dias. Na Quarta de Cinzas, eles partiram: dois carros e o caminhão da mudança.

## Epílogo

Liá disse ao marido: “Se quiser, eu volto. Mas aviso que trago a barca cheia”. O homem mordeu os lábios, ficou vermelho. Apanhou do ciúme. Porém não tinha como protestar: amava Liá, a bela dama que tinha ferido com o mesmo golpe. Quando teve luz, retrucou: “Você sabe, eu sou estéril. Mas quero a criança. Prometa que há de parir pra mim, que não entrega este filho ao outro”. A boa esposa concordou: “Adote uma filha da rua, que também criarei.” E assim se formou a bela ninhada do Mestre Jó. No nascimento do menino, pegou fogo o 44.



## Cherub

Cosme Três Almas despertou com um golpe de vento, um toque aromático. A claridade musical entrou no espelho da lembrança. A poder de perfumes verdes, ele prontamente reconheceu que estava no sítio velho, antiga fazenda de seus avós. Sua mulher dormia que nem uma santa. E nua, como o diabo gosta. Suspirando, ele a cobriu com um lençol: já tinha o claro da manhã na janela aberta. Vexame certo se alguém passasse. Aquilo era um ermo, realmente, mas nunca se sabe...

Justo nesse momentinho, ele ouviu um ruído. Voltou-se ligeiro, na corda do susto. Logo sossegou. Sorriu ao zebu aluado que esticava a cabeça janela adentro. O bicho colheu o buquê de muitas cores e o pôs a dançar em queixos de valsa. O jarro tombou, cascata de cacos. Água correu em fios pela mesa. Com todo o vagar, foi-se embora a boca florida, passos alvíssimos. Divertido, Cosme disse à mulher que despertava:

— O Querubim comeu tuas flores.

Ela sorriu, balançando a cabeça:

— Já me conformei de ficar doida. Eu mesma quis, ninguém me obrigou a casar com um criaturo de tua espécie.

O poeta fechou a janela e voltou alegre para a cama, para os braços de sua querida. Horas depois, eles saíram a caminhar. Passearam sem rumo certo. No jardim, o poeta sentiu enjoo. Declarou:

— Nós vamos ter uma criança.

A mulher deu-lhe um beijo molhado. Deitaram-se os dois na relva, de mãos dadas. Nos dedos entrelaçados pousou uma borboleta.

— Será uma menina — ela disse.

**E aí  
o boi  
saiu  
voando.**

## Aparição

Diogo acordou de madrugada, com um rumor de gemidos no quintal. Quando foi olhar, topou com a imagem do mano, que suplicava:

— Filho de meu pai, companheiro no ventre de nossa mãe, socorre, afim de que eu não me perca. Preciso de reza, preciso de missa. Em nome de Deus, acende uma luz. Muito me dói a treva fria.

Branco velho franziu o cenho, abriu os braços e retrucou:

— Irmão Diego, também tenho muitas precisões. A vida é uma coisa, a morte é outra. Cuide do seu, que eu cuido do meu.

Depois voltou para a sala, foi ver bang-bang na televisão.

## Piano

Laura acariciou de leve os cabelos da vizinha adormecida e saiu do quarto, com pés de pano. Foi atender à porta. Alegrou-se ao ver quem chegava: Germano e Vera com seu filho mais velho, um garoto de nove anos. Dentre todos os parentes do marido, era desses que ela mais gostava: foram os primeiros a dar-lhe acolhida simpática na família. Mesmo sabendo que sua mãe criticava o casamento do sobrinho com a filha do peão, Vera a recebeu muito bem. Era um caso de simpatia recíproca entre pessoas muito diferentes. Quando as duas mulheres conversavam, não era raro Vera dizer, com toda a franqueza:

— Prima, não consigo acreditar em um décimo do que você conta.

E a outra ria. Achava bonita esta sinceridade. Também não se incomodava com as brincadeiras do homem que o marido lhe apresentou como um “menino grande”. Davam-se bem. Foi com alegria, portanto, que Laura abriu aos primos a porta da vizinha. Mas Vera estava preocupada:

— Como está minha mestra?

— Melhorzinha. Acabou de adormecer. O médico disse que o caso é complicado, mas ela reage bem. Com fé em Deus, vai ficar boa. Hoje cedo fui à igreja e falei com São Jorge...

— Que desse um pulinho até aqui, não foi? Espero que o enlatado trate direito de Dona Lalinha. Só não sei se foi certa sua escolha, prima. Esse gajo entende mais é de jacaré.

— Ioiô, não brinque assim com os santos, que é pecado. Prometi uma vela a São Jorge se ele me conceder a melhora da vizinha.

— E pra curar de vez nossa amiga, o que ele pede? Uma motocicleta, com certeza.

— Ora, me deixe! Reze você também, peça a Santa Bárbara. É sua protetora, tem um carinho especial por você. Foi ela mesma quem me disse.

— A bonitinha, de roupa vermelha?

— Sim. Santa Bárbara.

— Laura, não me encrenque, olhe minha mulher aqui!

— Tem horas que a maluquice de vocês me deixa zozza — Vera declarou, já entrando pelo corredor.

O garoto pegou na estante um livro de pintura, da coleção que admirava, sentou-se a um canto e se entreteve com as belas imagens. Laura e seu primo acomodaram-se em cadeiras forradas, um defronte do outro, conversando. Depois de alguns minutos, Vera saiu do quarto da mestra e interpelou a amiga.

— Então, Laura, o que disse o doutor?

— Fez um monte de recomendações. Hoje, passei quase que o dia todo aqui. Dina é de confiança, ótima empregada, mas fica insegura com os remédios, os horários, essas coisas. E a sobrinha da velha está de plantão, só chega de noite.

— Sorte de Dona Eulália ter uma vizinha como você. Mas cadê Renato? Não está em casa?

— Foi assistir a um jogo de futebol em São Félix. Todo domingo ele vai ao campo. Agora me contem vocês as novas.

A conversa animou-se.

Daí a pouco eles foram interrompidos. Alguém tocava a campainha.

Quando Laura abriu a porta, surgiu-lhes uma figura extravagante, um tanto melancólica: uma mulher alta, magra, com saia azul e blusa amarela de mangas compridas, xale vermelho. Tinha uma expressão de abatimento que um leve sorriso mal disfarçava no rosto muito pintado.

— Dona Laura, será que...? Eu estou com muita sede. Também não almocei direito hoje.

— Entre, Princesa, tome um café conosco.

A criatura aceitou logo o convite. Depois de cumprimentar a todos com uma espécie de vênica, sentou-se na pontinha de uma cadeira e aí ficou, muito espigada.

Era seu estilo. Mesmo quando se achava no aperto da necessidade, a

Princesa mantinha a elegância. Dizia-se que ela tinha parentes com algumas posses em Salvador. Vez por outra, vinham a sua procura e a levavam para a capital. Mas ela fugia. Quando menos se esperava, eis a doida dos cabelos de fogo de volta a Cachoeira.

Logo ao reaparecer, ela sempre tinha um dinheirinho. Arranjava um quarto numa pensão e passava o dia zanzando pelas ruas. Comia nos botecos, nos tabuleiros, nas quitandas, onde desse. Acabados os recursos, ficava por conta da caridade. Dormia no abrigo dos espíritas. A rigor, nunca pedia nada. Ia sempre às mesmas casas, de pessoas com quem simpatizava. E esperava que lhe oferecessem alguma coisa.

Naquela tarde, ela devia estar especialmente faminta. Depois de servir-lhe água, vendo que a criatura tomou um golezinho de nada, Laura pediu à empregada de Dona Eulália que fizesse um café com leite. E pediu licença:

— Um instante só. Vou pegar uma louça em minha casa, aqui do lado.

Voltou com uma bandeja coberta por um guardanapo. Serviu à recém chegada e ao garoto generosas fatias de cuscuz de tapioca, em pratos que tirou da cristaleira da vizinha. Os outros tomaram café puro.

A convidada ganhou ainda um sanduíche de pão com carne. Repetiu três vezes sua porção de cuscuz.

— Por favor, mais tarde passe lá em casa, Princesa. Para experimentar uma coisa que fiz — Vera falou.

— Sim, dê-nos esta honra — ajuntou Germano. (Sabia que a ruiva gostava dessas tiradas de cerimônia).

— Eu irei amanhã. Prometo! — a Princesa concedeu. — Vocês merecem.

E reclinou-se mais à vontade, apoiando as costas na cadeira. Sentia-se reconfortada, satisfeita. Ficou um pouquinho de olhos cerrados, em seguida os abriu com um sorriso radiante e anunciou:

— Gosto muito desta casa. Damas, cavalheiros, gente fina. Tocarei para vocês. Até o menino ficou surpreso. Conhecia a criatura: mais de uma vez já a

tinha visto, toda empertigada, a mover os dedos longos pelas bordas da mesa de um barzinho, como se tocasse piano. Muita gente se detinha para rir da maluca. Ela nem se incomodava.

Lembrava-se também o garoto de que já tinha ouvido a história da Princesa: segundo diziam, enquanto a criatura dava um concerto, sem saber de nada, teria acontecido uma grande desgraça, atingindo-lhe uma pessoa querida. Numa versão, foi a morte de um filho; noutra, a do marido. Ao receber a notícia, ainda no teatro, a pobre teve um choque nervoso. Desse dia em diante, nunca mais conseguiu tocar piano. A não ser de mentirinha. Por isso, dava seus concertos em mudas mesas.

Em casa de Dona Eulália, o que será que ela ia fazer? Próxima estava uma escrivaninha de mogno. Mas sucede que nessa mesma sala havia um belo piano de cauda. O garoto notou que seus pais trocaram com Laura um olhar intrigado, em silêncio.

A expectativa cresceu quando a Princesa se levantou: ela ficou parada por alguns segundos, como se hesitasse. Por fim, dirigiu-se ao piano. Sentou-se no banquinho, aprumou-se, fechou os olhos e começou a tocar. Só não levantou a tampa que cobria as teclas.

O garoto tapou a boca com as duas mãos, contendo mal o riso. Seu pai ralhou, em voz baixa:

— Menino, tenha educação.

O garoto mordeu os lábios, magoado com o ralho, que lhe pareceu injusto. Pensou no problema que teve na Escola, na antevéspera, por causa do pai. Foi uma coisa chata, que lhe valeu uma bateria de castigos. Primeiro, viu a professora antipática dizer à outra que “aquele era o filho do engenheiro excêntrico”. E ficou indignado. Reagiu na bucha:

— Excêntrica é você, sua burra.

— Que é isso, menino? Me respeite!

— Vá...

Pegou uma suspensão. Foi mandado para casa com uma advertência, um recado no boletim. Lembrou-se da sua frustrada tentativa de defesa, quando a mãe exigiu que ele falasse a verdade e o interrogou de testa franzida:

— Quer dizer que você xingou a professora? Disse palavrão?

— Não, mãe. Foi coisa boba. Não falei palavrão do brabo. Pensei, não falei. E xingar, quem xingou foi ela. Disse que meu pai é excêntrico.

— Você deu uma resposta inconveniente, não? — insistiu a mãe, mordendo os lábios. — Diga logo qual foi.

— Não posso falar uma coisa dessas para a senhora. Não está certo.

— Terá de falar. Prometeu que diria a verdade.

— Vá ralar sua bunda!

— O que, seu moleque?!

— Lá ela, mãe, lá ela!

— Domingo, o senhor não me sai de casa. Nem circo, nem futebol, nem cinema. E assim aconteceu. Sua prisão só foi relaxada para aquela visita.

O menino gostava de Dona Eulália e dos bonitos livros que a velha tinha em sua casa: coisas de arte, com mulher nua e tudo. Porém nesse dia (que inferno!) ele estava azarado mesmo. Tinha de aparecer a Princesa doida tocando um piano fechado, numa situação completamente absurda, para que ele fosse, ainda por cima, proibido de rir.

Arriscou uma outra espiadinha: a criatura empolgava-se, a ponto de balançar a cabeça feito lagartixa, em rompantes sérios. Eh diabo!

O menino fechou os olhos e prendeu a respiração, pedindo a Deus que acabasse logo aquela tortura. Contou até dez, procurou pensar em outras coisas. Lembrou-se da lição que chegou atrasada: “Aprenda, meu filho: ‘excêntrico’ não é xingamento. Excêntrico é um homem original, incomum, que surpreende os outros, faz coisas consideradas estranhas pela maioria. Um tipo esquisito, no máximo.”



Ainda assim, achou-se com razão: a professora não tinha nada que se meter com a esquisitice alheia, a estranheza do pai dos outros. Mas naquele instante, ele já quase concordava com a miserável. Eh, diabo! Seu pai devia ser excêntrico, mesmo. Tão sério, admirando aquela maluquice... E se era assim, sua mãe também estava excentricando.

Laura nem contava: era excentríssima.

Como que para confirmar-lhe a teoria, os três começaram a bater palmas. O concerto tinha terminado.

A Princesa levantou-se e agradeceu os aplausos com grandes mesuras.

O garoto olhou para sua mãe e viu que grandes lágrimas lhe escorriam pelo rosto. Sentiu-se profundamente emocionado. Começou a aplaudir também.

*(Meu pai é, minha mãe é... Então, vamos logo ser excêntrico de uma vez, pombas. E quem não gostar, que se dane.)*

A artista parecia cansada, mas estava feliz como nunca. Bebeu ainda um copo de leite e foi-se embora com um grande sorriso, levando na bolsa um embrulho que Laura lhe entregou: o resto do cuscuz. Quando a Princesa já estava longe, Vera comentou:

— Podem ter certeza de uma coisa: ela é uma pianista de verdade. Os movimentos de suas mãos foram perfeitos. Acho até que sei o que a Princesa tocou.

Pouco depois, os primos se despediram de Laura, que os levou à porta. Ao voltar, ela ouviu a frágil voz da enferma. Achou Dona Eulália desperta, com os olhos brilhantes muito abertos, um grande sorriso nos lábios.

— Me diga uma coisa, querida vizinha: além de você, quem mais estava aqui?

— Vera e Germano, com seu garoto mais velho. Depois...

— Ah, então foi Vera que tocou. Jesus, como ela evoluiu! Deve andar estudando muito. Engraçado, ela nunca foi uma aluna aplicada. Tinha bom ouvido, era sensível, mas não tinha um interesse profundo pelo piano. Agora, parece que chegou. Seu talento desabrochou e ela deve ter achado um mestre muito

melhor do que eu. Fez uma interpretação perfeita dessa Polonaise, que achava difícil. Uma técnica apurada, um sentimento iluminado, arte pura. Juro a você, foi o concerto mais lindo que ouvi. Sua prima tornou-se uma virtuose, Laurinha. Como estou feliz!

Laura beijou a testa da amiga, ajeitou-lhe as cobertas com carinho, despediu-se e foi saindo. Tinha de voltar para casa, em breve o marido estaria chegando. Chamou a empregada para fazer-lhe recomendações. A moça a acompanhou até a porta.

— Fique tranquila, Dona Laura. Eu vou cuidar bem de nossa velha.

— Minha filha, prepare seu coração. Eu sei que você gosta muito da sua patroa... A qualquer coisa, me chame, viu? Os ouvidos de Lalinha nunca mentiram, são músicos de nascença. E agora, ela já escuta o que a gente não pode ouvir.

## Mila

Maria Emília ficou muito acabrunhada quando a mãe morreu. Quase não saía. Convencida por uma colega, foi um dia ao Centro Espírita. Mãe Dulce não baixou, mas ela sentiu-lhe a presença, feito um rio de seda. Explicaram que a boa mulher era alma leve, já ia subindo a um plano superior. Nos olhos da moça brotou um sorriso que apagou os fumos do luto.

Daí em diante, Mila não perdia sessão. Tomava passes, rezava, se concentrava, sentia-se à beira do rio invisível, sentia açucenas. Um guia falou que ela era médium, precisava desenvolver-se. Outros irmãos de luz confirmaram. Mas a boa moça nunca recebia espírito, os companheiros do outro mundo não a tocavam.

Nem por isso ela esmoreceu. Dava-se bem com o povo da casa, com o pessoal dos dois lados. O Diretor sempre falava que ela tinha um dom, um tipo muito especial de mediunidade.

Um dia, deu-se: já os trabalhos se encerravam quando um homem entrou na sala com água de desespero nos olhos. Gemendo, contou que não aguentava mais a sina sombria: ver a mulher embrejada na cama, triste existência vegetal. Um ano ela já fizera desse turvo apagamento, com fraca imagem de vida. O pobre marido confessou que quase cede a uma tremenda piedade. Via-se perto do desatino quando chegou o bom conselho. Confiado na boca amiga, ele foi procurar socorro na Casa com nome de Esperança.

O Diretor pediu aos presentes que rezassem pelo aflito. Trataram todos de concentrar-se. Abriu-se um veio de silêncio. As lâmpadas pulsaram por alguns segundos. Olhos perplexos viram um pássaro atravessar a vidraça e sumir-se num sopro, sem qualquer ruído.

Mila entrou em transe.

Indagou-se logo quem era o irmão falecido, quem se manifestava.

A resposta foi que não era um morto, mas alma de vivente.

Julgaram que se tratava de um obsessor com desejo malino de perturbação. Já queriam mandá-lo embora. Mas a criatura invocou o nome do Santíssimo. E o homem que pedia auxílio começou a chorar: reconheceu uma voz que desde muito não ouvia. Quem assim vozeava se apresentou com o nome de sua mulher e pediu licença para falar-lhe a sós. O Diretor hesitou, mas da boca da médium brotou um forte argumento: disse a voz que desde muito estava no vão da passagem — na penumbra do limiar — e não podia seguir em frente, rumo à luz final, por causa do peso de um segredo. Essa carga, só o marido podia tirar-lhe.

O Diretor consentiu.

Foram então para outra sala, Mila e o suplicante.

A conversa foi demorada.

Por fim, o homem voltou à assembléia. Vinha lavado em lágrimas, porém reconfortado. Agradeceu a todos e correu para casa. Encontrou a mulher imóvel com um sorriso nos lábios.

Foi o tempo de dar-lhe o último beijo.

A notícia logo se espalhou. Cresceu a fama daquele Centro. A nova médium tornou-se muito conhecida. Depois do sucesso, todos esperavam que ela passasse a receber espíritos regularmente. Mas isto não aconteceu. Mila era assídua às sessões, ajudava no que podia, participava com muito gosto dos estudos, rezava — e pronto. Era tudo.

Muitos acharam estranho. Os curiosos saíam decepcionados.

Mila não ligava. Mestre Délio, o Diretor do Centro, continuou a dizer que ela tinha um tipo de mediunidade muito especial.

Assim se passaram três anos redondos.

Floro foi à sessão por curiosidade. Ouviu um timbre familiar: “Pai, o amor me atirou na sombra, perto da cova do leão. Estou na beira do rio de nunca”.

O Diretor indagou e ouviu-se o nome de Luís. Homem grande rompeu a chorar, que o único filho tinha morrido. A voz do moço o tranquilizou: estava só dormindo, num hotel de Itabuna.

O alívio foi grande, mas breve. Sopro de Luís anunciou que ele morreria na mesma cama onde então se achava, se nela estivesse na próxima noite.

Logo depois, silêncio.

A moça Mila já despertava.

Floro correu para casa e contou à mulher a revelação, mas Lili fez pouco. Era muito católica, não via com bons olhos o envolvimento do marido com o espiritismo. Criticou-lhe a visita ao Centro, que chamou de fábrica de doidos. Lembrou que o filho estava hospedado em casa de um padrinho, que em Itabuna não carecia de hotel, essa fantasia não tinha sentido. Mas Floro estava agoniado, não pôde dormir. De madrugada, sem gota de sono, partiu para Itabuna. E bateu à porta do compadre.

Não achou o filho.

Compadre riu da aflição do outro. Falou que Luís tinha mesmo passado a noite num hotel, por um excelente motivo: romance com uma bela dama. O padrinho até lhe deu dinheiro para a aventura: que desfrutasse o bom da vida, o fogo da mocidade. A mulher valia a pena e seu ex-marido não se importava nem um pouco com o que ela fazia, ou deixava de fazer. Não havia motivo para preocupações.

Pai aflito não sossegou, correu à procura do filho único. Quando encontrou o rapaz, pediu-lhe, pelo amor de Deus, que não voltasse àquele hotel.

O moço não quis atender. Tinha combinado um novo encontro com sua querida, por nada no mundo faltaria.

Não adiantou argumento.

Floro deixou o teimoso e foi atrás de um amigo, uma autoridade da polícia, que lhe devia grandes favores. Dessa vez, foi ouvido. Policiais estão acostumados

a coisas estranhas. O delegado mandou uns homens de confiança deter o embelezado, que de tardinha eles pegaram, quase na porta do hotel.

Noite das raivas de Luís.

De manhã, o pai chegou consolando. A notícia estava no jornal: mulher amada tinha morrido, com uma bala no coração.

Não foi o marido que a matou. Foi outro amante, de que Luís nem sabia. O ciumento havia jurado acabar com a ingrata. E com seu rival.

O caso de Itabuna fez crescer o nome de Mila. De novo, sua fama levou prosélitos ao Centro. De novo, os curiosos se decepcionaram: as almas não pou-savam na carne da criatura. Ela era o que se podia chamar de médium bissexta. Na cidade toda zombavam de seu carisma, duvidavam de seu dom. Mila não se importava com isso. Tinha o respeito dos irmãos, o carinho do Diretor. Pois fizera-se muito forte sua ligação com Mestre Délio.

Os dois viviam se namorando.

Um dia, Salustiano os chamou, o mais velho da Casa. Queria despedir-se. O seu tempo na terra estava no fim. Fez um pedido ao Diretor: não permitisse luto no enterro. Um juramento o tranquilizou. Logo depois, seu guia fez a revelação: Mila foi dotada com raro dom. Era médium dos vivos. Nenhum espírito do outro lado devia tocá-la. Se alguma vez isto acontecesse, ela também teria de fazer a passagem, de imediato.

Alma boa falou ainda que o grande amor do casal era abençoado. E anunciou: teriam os dois um privilégio muito raro se o sopor que faz o descanso nunca os achasse no mesmo leito. Só assim o sono teria a força de brindar-lhes a bela dádiva.

Poucas horas depois, Salustiano faleceu.

Teve um enterro jubiloso.

Mila e Délio foram morar em casas vizinhas. Estavam juntos quase o tempo todo, mas dormiam separados. Visitavam-se ao nascer do sol, dia cá, dia lá. Às nove da manhã, ele iniciava o trabalho na ótica, ela ia às costuras no seu ateliê.

Encontravam-se de novo à mesa, para almoço e janta, num pequeno restaurante. De noite, iam juntos à sessão. Entre as portas contíguas se despediam.

Era um matrimônio, sim. Sua união foi sacramentada pelos espíritos. Muita gente estranhou, mas o casal seguiu a regra: os dois não se davam ao sono sob o mesmo teto. Só se deitavam juntos para o amor, à luz do dia.

Noite alta, se uniam no sonho.

O Centro Esperança ficava na rua onde passa o trem. Délio e sua querida moravam numa transversal, em casas de parede meia. Era tudo perto. Só as almas soltas vinham de longe. Vez ou outra, uma visita de carne e osso desembarcava no trecho.

Certa noite, quando a sessão já estava na metade, chegou um casal que desceu do comboio com muito trabalho. Vinha a moça numa cadeira de rodas que seu marido empurrava tristemente. Pediam a caridade de uma consulta.

Assim que eles entraram, Mila sentiu-se perturbada. Ergueu-se do assento junto à mesa, encostou-se à porta.

O Diretor indagou o que desejavam os sofreadores. A mulher na cadeira de rodas deu um gemido. Parecia sem coragem de falar. Quando o Mestre Délio insistiu, ela suspirou e respondeu em voz baixa:

— Sou mulher deste homem, por ele faço qualquer coisa. Na verdade, fiz. Mas não somos felizes. Meu belo corpo esfriou. Saúde tenho, mas estou imobilizada.

Quando a criatura terminou de dizer estas palavras, Mila entrou em transe. Caiu de rojo no chão, gemendo farpas. Depois levantou-se e falou, olhando no rosto a recém chegada:

— Você me tirou do corpo e me banuiu do chamamento. Tomou meu lugar, lançou-me na treva da negação. Sente agora a recusa da minha carne. Eu fui atirada na barra do mundo, na sombra de onde te recolhi. Minha irmã, adorada irmã! Ah, como chorei tua perda! É verdade, eu mesma te chamei e te entreguei a

breve casa. Você chegou e me expulsou. Tomou-me tudo, até o nome! Só desejava o bem que era meu. A minha cama. O meu homem.

A paralítica retrucou-lhe:

— Eu me arrependo. Quero que volte. Em vão passei para o lado de cá: minha injustiça me prendeu com um laço medonho. Venha livrar-me, querida irmã!

Então da boca de Mila saiu um grito:

— Não posso mais. É grande a sombra. Minha presença anoiteceu. Meu amor ainda pulsa, mas tua treva me prende. Agora mesmo parece que estou sonhando — pousada, que nem você, no corpo de outra mulher. Tenho medo da viagem.

Entrou um silêncio pavoroso na assembleia. Por fim, Mestre Délio falou:

— Em nome do Santíssimo, irmã, eu peço que atenda. Volte ao abrigo que Deus lhe deu, a sua morada provisória. Cumpra o destino.

— Homem piedoso — a boca de Mila retrucou — o que pede é horrendo. Minha dor ficaria contigo.

— Construí esta casa para a piedade — ele respondeu. — Não posso fugir-lhe.

Então a mulher se levantou da cadeira de rodas e se ajoelhou aos pés de Mila, que recuou cambaleando. Uma amiga lhe deu apoio e a levou a sentar-se num banco. Muito fraca, Mila nada entendia dos clamores e orações a sua volta. Viu uma mulher encantadora afastar-se empurrando uma cadeira de rodas, seguida por um homem que ria e chorava. Caiu numa espécie de torpor. Foi com esforço que se levantou, minutos depois: estava quase desfalecendo. Quando saiu para a rua, o sopro da brisa marítima a fez reanimar-se um pouco. De mãos dadas com o marido, foi andando pela rua fracamente iluminada. Estava risonha, muito serena. Ao chegar à porta de sua casa, ela caiu. Mestre Floro a ergueu nos braços e levou-a ao Posto Médico, que ficava perto. Mas seu coração já esfriava com uma terrível certeza.



No enterro de Mila, a Lira Ceciliana tocou alegres dobrados. Dos olhos de Mestre Délio não correram lágrimas. Mas ele teve de ser levado pela mão, tanto na ida como na volta. Nada enxergava. Era todo noite. Ficou assim por coisa de uma semana. Quem o guiava era o sobrinho, um rapaz de dezoito anos. Longos passeios pela beira do mar. Meditação na casa escura.

No sétimo dia da passagem de Mila, o viúvo foi ao Centro. Tinha marcado a sessão para o horário habitual. Chegou com o sobrinho, que fez acomodar-se a seu lado. Já dispensava sua ajuda. Sentou-se à cabeceira da grande mesa, rodeado pelos companheiros de fé. À sua chegada, muitos entraram em transe. Mas os guias permaneceram imóveis nos corpos tomados. Fez-se um longo silêncio. Por fim, Mestre Délio falou, com uma voz que brilhava:

— Saúdo com meu amor todos os presentes. De muitos eu já fui porto, de muitos já fui lugar. Não sei quantas almas amadas se moveram pela minha carne. Agora estou desabitado, minha própria alma saiu de mim. Visitantes, visitados... Já mal distingo os que procedem de uma e de outra margem da morte. Só a saudade me diz que estou vivo em panos de carne. Tenho, de novo, sonhos solitários, pobres fragmentos, como antes de completar-me numa presença melhor, quando o sono me abria as portas do reino onde eu podia ser inteiro. Agora estou em procura, sou só viagem. Mas a linha do horizonte já começa a esmaecer. Dia que não separa, noite que não escurece, para lá eu vou. Deixo meu posto ao último dos meus guias.

Dito isso, o viúvo se levantou, beijou o sobrinho, fez um gesto de adeus e saiu. Ninguém o pôde acompanhar. Logo à porta, o comboio parado — o último trem de passageiros que teve aqui. Ninguém lhe percebera a chegada, mas ouviram-se com clareza os passos leves no vagão.

O Mestre Délio nunca mais foi visto.

## História de Ninguém

Entretido com seu tablet, meu amigo parecia fora do mundo. Sequer se deu conta de que o garçom já lhe tinha levado a cerveja, o copo, o prato de tira-gostos. Eu me sentei à sua mesa, belisquei o delicioso camarão em alho e óleo, enchi o copo, bebi um pouco. O danado nem notou. Por fim, não me contive, dei uma risada. Só então ele me viu. “Luciana, é você? Fogo do Céu, como está linda!” Me senti feliz. Eu estava justamente admirando sua bela aparência, verificando que ele não tinha mudado. Era quase o mesmo rapagão de muitos anos atrás. Como sempre, sua cabeça navegava no céu, caçando os sinais luminosos, os desenhos proféticos. Sua boca derramou alegria. Mesmo não sendo devota dos astros, agradei ao povo de cima nosso encontro. Quem sabe se o destino tece com luz? Vai ver que é verdade.

O louvor da boca sincera me pôs nas primeiras flores, na minha manhã. Já tenho filhos, meu corpo mudou, foi bom sentir que aos olhos do antigo namorado sou a mesma Luciana. Adorei ouvir o apelido antigo, por sinal dado por ele: há muito ninguém me chama assim. Deixei esse nome glorioso na minha terra.

Astrogil me deu notícias de lá. Falou de sua vida nova em Salvador, de seu ótimo casamento, das novidades do céu. Eu contei uns pedaços de existência: falei do marido, dos meninos, do trabalho, sei lá de que mais. A conversa foi longa, rica de voltas saborosas a nossos tempos do Recôncavo.

Astro ficou surpreso quando lhe perguntei pelo amigo sem nome, o grande maluco — e mais ainda quando eu lhe disse que tinha muito a agradecer à nebulosa pessoa. Demorou um pouco a achar a figura na lembrança. Daí contei a história que nos envolvia, um marco na minha vida.

Foi numa tarde quente, ouro com azul. Meu bom amigo aluado tinha-me prometido um mapa astral. Eu não compartilhava sua crença fervorosa na astro-

logia, mas os desenhos estelares que ele fazia eram muito bonitos, eu queria um para a decoração de meu quarto. Arte, eu adoro. Não dispenso. Quem mandou prometer? Marcamos encontro na sorveteria.

Cheguei cedo. Lá estava Marieta, minha melhor amiga. Com ela eu não tinha segredos, a gente era unha e carne. Mostrei-lhe a carta de Rubão, meu namorado na época. Ele tinha ido a Ilhéus, por conta de negócios. Mandou de lá uma declaração de amor com algumas reclamações e a grande proposta. Marieta comentou, em voz alta:

— Quanta paixão! Ele fala que um dia sem te ver é a morte, viu só? Pede que você não bote mini-saia e pare de encontrar-se com a turma de Astrogil. Fala em dedicação ao lar, em alianças. A coisa ficou séria. Quando é mesmo que ele chega? Depois de amanhã? Então teremos festa.

Eu confessei que estava aturdida: curtia o namoro com o moço bonito, desejado por todas as garotas, mas não pensei em casamento nem por um instante. Não sei o que deu em Rubão. Em nossos encontros, nunca falamos no assunto. Assim de repente, essa história de compromisso era muita novidade. Estranhei a implicância com meu guarda-roupa, nunca fui exagerada. Mini-saias tinha poucas, no natural da moda. Muito menos compreendi sua birra com meus amigos. Astrogil, eu havia namorado muito tempo atrás, o que nos unia era a amizade antiga, enriquecida pela música, pois eu gostava de sua banda, de sua bela guitarra, do reggae saboroso. O querido Astro era um bom colega, entre nós não se passava nada que desse motivo a ciúme. Rubão delirava.

Apesar dos poréns, a proposta tinha seu encanto. Revelei a Marieta que estava alegre, mas confusa. Ela respondeu que é natural, frisson de noiva. Alegou que Rubão estava muito apaixonado, daí as bobagens de ciúme, o zelo que anda na companhia do desejo:

— Prova de amor. Ele te quer para sempre. Um bom casamento é a coisa melhor do mundo. Marieta já me via de véu e grinalda, se tivesse arroz naquela mesa me atirava.

Foi então que o tal do sem nome interferiu. Estava sentado a uma mesa próxima, entretido com uma taça de milk-shake, o tempo inteiro mexendo o creme com uma colher, todo concentrado na operação. Nem levantou os olhos, porém falou com firmeza:

— Menina, fuja enquanto é tempo, não acredite em amor que rosna. É feia a prisão e uma vez lá dentro, o laço aperta: se você se rebela, morre.

Marieta protestou:

— Que absurdo! Língua perversa, trombeta do inferno, guarde seu veneno!

Mas eu acreditei.

Não sei porque.

O velho continuou por alguns segundos na mesma faina maluca, girando a colher. De repente foi-se embora, sem tomar o mil-shake. Nem olhou pra nosso lado. Minha amiga falou que ele era doido, um tipo sem educação, urubu de má hora, a meter-se na vida alheia com despropósito. Eu nada disse, mas a sentença do maluco gravou-se no meu juízo com tinta forte, na cor de fogo da verdade.

Marieta foi-se daí a pouco, com a novidade a coçar a língua. Quase na mesma hora chegou Astrogil com o mapa celeste que me fez (era mesmo lindo, com muitos bichos constelados) e disse que tinha uma novidade no meu horóscopo:

— Uma viagem, uma grande mudança. Os Peixes prometem, Vênus confirma.

Dei-lhe um beijo e saí correndo, pronta pra dar razão aos astros. Falei a mãe que estava a fim de viajar para a capital, pedi que me ajudasse a fazer a mala, tinha um ônibus no fim da tarde e eu tinha pressa. Aleguei que Tia Glória, minha madrinha, estava em Salvador só por uma semana e eu queria muito conversar com ela. Como mãe bem sabia, a dinda desejava que eu seguisse sua carreira e amanheci achando ótima a ideia de ser advogada. Mãe ficou intrigada com a urgência do projeto, mas estava acostumada com meus rompantes. Também não escondi que pretendia me afastar de Rubão: falei que tinha rompido o namoro,

estava pensando em outras coisas, queria cuidar de meu futuro a fim de ser independente, conforme ela tanto pregava. Aleguei que o pegajoso estava me atrapalhando. Previ que ele ia me procurar e pedi que meus pais despistassem.

Os velhos acharam tudo muito esquisito, mas ficaram felizes por minha decisão. Queriam filha doutora, reclamavam do tempo que eu perdia hesitando.

Enfim, deu certo: parti daí a pouco, tive a conversa com a madrinha, comecei a preparar-me para o vestibular.

Resumindo a história: estudei, passei, alojei-me na casa de uns parentes em Salvador e fui tocando. Pouco depois meus pais se mudaram a fim de ficar comigo, que o velho já estava aposentado. Depois de formada, fui fazer uma pós no Rio. Logo me incorporei ao escritório da madrinha, onde conheci um rapaz que eu mesma pedi em casamento. Graças a Deus, ele aceitou. Isso foi mais tarde, claro. Esperem que volto atrás.

No começo, Rubão insistiu em me procurar. Mandou cartas, gastou pneus e sapatos atrás de mim, até na faculdade aparecia com rogos e lamúrias. Mas eu fiquei firme, não quis conversa. Arrumei logo outro namorado. E a novela acabou. Esqueci a existência do quase noivo. Só bem mais tarde eu tive notícias suas: soube por mamãe que ele se casou com Marieta. Achei bizarro.

Daí a um tempo, não muito, chegou-me outra nova: o casal tinha-se separado. E o pior: depois de contínuas perseguições, o filho da puta matou minha amiga.

Paixão, ele disse. Crime de amor.

Canalha!

Nesse ponto da conversa esquentei a boca com palavrões, xinguei de todos os nomes o assassino — que já está solto, pronto para outra: no Brasil, como se sabe, matar mulher é brincadeira. O amigo Astrogil me ajudou na xinga, rogou a estrelas ferozes um bom castigo para o miserável.

Findo o desabafo, tocamos adiante a conversa. No que perguntei de novo pelo maluco sem nome, Gil não respondeu logo. Ficou por um instante de testa

franzida, com uma expressão misteriosa. Insisti: expliquei que me sentia grata ao desassuntado, em boa hora intrometido. Gostaria muito de encontrá-lo e saber mais de sua pessoa, que só conhecia de vista. Conversando, quem sabe, talvez eu descobrisse um mistério, entendesse porque ele me convenceu com tão poucas palavras. Apelei: em nome da lua e de sua corte, quem era esse anônimo?

Finalmente Astrogil contou:

— Nome ele tinha, mas abandonou. Só usava o apelido que deu a si mesmo. Era um velho esquisito, professor aposentado, filósofo de botequim. Um artista da ironia, que gostava de passar por maluco. Vivia sozinho. Era daqui, de Salvador. Em Cachoeira aparecia de vez em quando, passava longas temporadas e tornava a sumir. Chamava-se Sem, sobrenome Tsevi. Mestre Cosme explicou que Sem é nome de gente, sim: tem até na Bíblia. Mais tarde fiquei sabendo que a mãe do filósofo era uma senhora rica, de boa família, nascida Pessoa. Ao casar-se pela segunda vez, ela adotou o sobrenome do marido (Gomes, parece), perdendo o paterno e o do primeiro casamento. Isso quem contou foi nosso colega Evangelista, que andou pesquisando a respeito. Era sua mania, você se lembra? Ele pesquisava todo o mundo.

Eu ri, confirmando:

— Claro que me lembro: ‘Evangelista, o historiador infalível: quando não sabe, ele inventa’. Era assim que a gente falava.

Astro prosseguiu:

— Bom, nesse caso não temos outra fonte, Evangelista é o único que conta a história. Uma vez ele falou do assunto na presença do próprio filósofo, que riu e confirmou, ao menos em parte: disse que não guardava o patronímico. “Abandonei essa referência e também o sobrenome de meu genitor, no dia em que ele me abandonou. Por ironia, cheguei a usar o de minha mãe, até que ela o trocou. Agora estou Sem, purinho. Portanto, sou Ninguém”.

— Que doidice! — exclamei. Astro fez sinal de acordo e prosseguiu:

— Ainda de acordo com nosso historiador, o velho Sem era um viúvo abornado, com uma bela casa na Barra e uma vidinha razoável. Por muito tempo, ensinou filosofia em São Paulo. Largou o emprego e mudou-se para cá quando a esposa doente foi desenganada. Ela era baiana, queria morrer onde nasceu. A filha que tinha ido estudar nos Estados Unidos lá mesmo ficou e se finou. Então nosso filósofo passou a ter uma vida dupla: em Salvador, passava o tempo quase todo em casa, ou na biblioteca, mas volta e meia largava tudo e saía flinando por aí, principalmente pelo Recôncavo. Em Cachoeira ele tornou-se um arroz de festa. Entrou na paisagem. Bebia como gente grande, porém nunca deu vexame. Explicava: ‘Meu veneno supera o álcool’. Às vezes dizia que era um etê. Nos divertia com suas tiradas malucas, mas, no fundo, era um homem triste.

Ponderei que essa tristeza seria consequência da solidão, já que o pobre homem perdeu mulher e filha. Meu amigo confirmou:

— Sim. O pior foi a última perda. Sua filha morreu no estrangeiro, de um modo trágico: assassinada pelo marido.

Tive um arrepio. Quando me refiz, indaguei:

— Por onde anda o filósofo? Eu preciso muito falar com ele.

Meu amigo do céu balançou tristemente a cabeça:

— Depois que deixei nossa terra, nunca mais o vi. Só estou certo de que ele se foi. Tive o sinal em Itaparica, onde fui passar uns dias na casa de um primo. Saí de noite para caminhar pela beira da praia e quando voltava enxerguei um meteoro, uma estrela cadente despencando nas ondas. No outro dia, indaguei dos vizinhos e familiares se tinham visto o fenômeno. Só um velho pescador deu testemunho, respondeu que sim: “Era uma bola de fogo de bom tamanho. Tombou no meio do mar. Quando acontece uma coisa dessas, sempre há perturbação, há calamidade. Mas dessa vez não foi nada. Ninguém morreu”. Na outra semana fui a Cachoeira. Conversa com um, conversa com outro, perguntei por

Ninguém a todo o mundo. A dona da pensão onde ele se hospedava me deu sua última notícia: contou que um belo dia o velho bateu na porta do seu quarto, de mala na mão, fez os pagamentos e falou que ia embora. Ela não estranhou, o tipo era mesmo periódico. Às seis da manhã, muita gente o viu pegar o ônibus para a capital. Só que nunca mais deu notícia. Desapareceu sem deixar traço. Evangelista pesquisou em vão. Mas o meteoro...

Depois que me despedi de Astrogil voltei para casa mergulhada em silêncio. Me sentei numa poltrona, juntei as mãos e deixei as lágrimas escorrerem livremente pelo meu rosto.

Meu marido assustou-se: nunca me tinha visto a rezar ou chorar à toa. Eu disse apenas que prestava reverência aos fogos do céu e chorava por duas mortas, pedindo luz para Ninguém.



## Rosas

O portenho tinha um nome um tanto incomum: Rudgero. Isso relevamos, não é grande coisa: aqui tem Ingrid, Maiquel, Giovani, Luan Tinoco, Durango Silva e Zé Waldenberg. Chegará o dia em que nome algum nos soe esquisito. Conheci um Werner Leclair em Santo Antônio de Jesus: era um crioulinho. E tem a Frida de Amargosa, bela cabrocha, irmã de um Bóris. Rudgero em terras platinas deve ser normal. Aquele nos convencia.

Bah, foi um logro: no fim das contas, descobriu-se que o argentino da gente não era legítimo. Tinha vindo de Buenos Aires, conhecia bem La Plata, os pampas, o Chaco, a Patagônia, a grande serrania andina, o Aconcágua e a Laguna del Carbón; falava conosco em portunhol, era devoto de Maradona, cantava tangos com boa voz, tinha todo o jeito de velho portenho — mas nasceu em São Borja. Mudou-se para Buenos Aires ainda moço. Esqueceu o português. Aos trinta e cinco, morando na Boca desde os dezesseis, foi lá seduzido pela beleza de uma senhora chamada Rose, com quem viveu um grande amor, paixão com marcas de eternidade. Dá-se, porém, que no mundo nada é perfeito, o eterno dura pouco e os absurdos pululam. De uma hora pra outra, ainda no auge de uma fogaosa lua de mel, a bela Rose sumiu.

Como foi? Difícil dizer. Após uma noite de amor intenso, Rudgero acordou às oito e trinta da manhã, sozinho na cama. Imaginou que a querida estava tomando o café, ou dando um passeio pelo bonito jardim do hotel. Com este pensamento, tratou de tomar um banho tranquilo, barbear-se, vestir-se. Depois dos aprontos, foi todo lorde à procura da amada. A busca estendeu-se pela cidade inteira, por dias e meses. Ganhou o corpo de longos anos, a extensão da bacia do Prata. Cobriu a Argentina e sua bela vizinhança. Tornou-se incessante, obsessiva. Mas sempre vã.

Finalmente Rudgero perdeu as esperanças. Fez tratamento com um psicanalista de Jujuy, consultou um xamã de Salta e chegou a crer que sua querida não passava de um delírio. Voltou ao Brasil disposto a engajar-se numa vida nova.

Um belo dia, lá se foi o sossego: ele julgou ter encontrado uma pista da mulher sumida. Achou-a em um romance de um obscuro escritor brasileiro, livro que comprou por acaso num sebo de Porto Alegre. A obra chamava-se *A rosa dos sonhos*, uma coisa assim. No prefácio, o autor dizia que o tinha escrito na bela cidade baiana de Cachoeira, à beira do Paraguaçu. Foi então que Rudgero veio para cá.

Logo nos primeiros dias, ele encontrou nada menos que cinco Roses: três na Cidade Heroica, duas em São Félix. Mas nenhuma era a sua. E por mais que ele procurasse, tampouco achou o escritor que tinha feito o registro de sua paixão. Apenas um velho poeta lhe disse que o tinha conhecido. Esse homem de cabelos brancos lembrava-se até de Rudgero e de sua esposa, mas só enquanto personagens. Revelou que o romancista tinha querido matá-los, pois não sabia o que fazer com eles. Finalmente optou por uma saída misteriosa: resolveu abandonar-lhes a história sem conclusão, um fio solto da trama novelística.

O quase argentino ficou indignado. Jurou vingar-se. Contratou detetives, aprofundou sua busca. Logrou apenas um êxito, aliás inesperado: as Roses baianas tiveram pena dele — *Pobrezinho! Sem amor e sem autor!* — e tudo fizeram para ajudá-lo. Criaram uma sociedade com este fim, um grêmio de homônimas.

Trinta e seis xarás apareceram logo na primeira chamada. Filiaram-se todas à florescente oenegê. Vinham de Maragogipe, Cruz das Almas, Muritiba, Santo Amaro, Candeias, Amargosa, Itaparica, Salvador. Fizeram um feicibuque. O grêmio cresceu.

Mas não durou muito: um belo dia, Rudgero foi-se embora, tão de repente como tinha chegado.

E a Rose muritibana largou o marido.

## Zau

O longo vestido branco agitava-se, flutuava num rico frufriu, subia e descia nos pulos doidos, mostra-que-esconde — e o fino véu esvoaçava, espuma louca sob a grinalda já torta. A maquiagem se derretia no suor. O grande laço de cetim se desfez, o cinto caiu no chão. A criatura não parava de pinotar.

— *Eita noiva assanhada!*

Quando atirou o buquê, foi um frenesi: brigaram caretas, marias e chicos, no pega do pagode. Um fuzuê comeu a rua. O povo explodia em gargalhadas e aplausos:

— *Rebola, noivinha!*

— *Bota pra quebrar!*

Beijos. Bananas. Uma carrapeta, um pererê de pipocas. Era o diabo em manequim de donzela, com luvas e meias brancas. De vez em quando, ele colhia uma garrafa, mamava que repimpava, seguia em frente.

No que o bloco dobrou a esquina, perdi seu vulto de vista. Mas dei azar: não sei quanta rua adiante, pisei-lhe o rastro. No mau momento, auê. E perto demais. Foi logo na hora em que a noiva anuviou: envolveu a moça distraída no seu alvoroço branco e tascou-lhe um beijo na boca. Sobrou para mim um momento de praga, o sapo lascado olhou pra meu lado. Pois tinha três com a derretida, gente forte pra caralho. Foi muito samba de cacete — e aguenta, mané: quem te mandou frigir no frege? — até que chegaram uns chapas da gente, espanando.

Ajudei a noiva a levantar-se, xingando feito o cão. Eu esculhambava, a desgraça ria. Mal se equilibrou, rompeu na zoeira, atrás de bebida. Disse que ia se internar no mangue pelo resto do carnaval. Suspirei com alívio, torci o caminho, tomei o rumo de casa. Depois do banho, tratei de me arrumar para a festa do clube. Pulei até de madrugada. Com a aurora chorando ouro, saí da festa. Deixei as manas na porta, fui levar minha garota em casa.

Na volta, a assombração: o trapo de noiva lá vinha cambaleando, com uma criança nos braços. Um bebê de verdade. Eu me assustei:

— Tatá, o que é isso?

— Não sei.

— Como não sabe, porra louca? Onde pegou esta criança?

— A velha me deu. Eu ia passando, ela botou o neném nos meus braços. Depois, sumiu.

— Que velha, caralho? Onde ela está?!

— Sei lá, porra santa! Sumiu. Eu fiquei parado na rua, segurando o bebê, e a mulher foi embora. Não sei pra onde, porra. Eu tava de porre, porra. Além do mais, se eu não segurasse, o bichim caía.

— Quando foi isso, infeliz? E onde?

— Mais pra lá do porto. Foi ind’agora, quase ontem.

Olhei o primo de alto a baixo, incrédulo. A peça mais alegre da Terça Feira Gorda fazia triste figura na madrugada de cinzas: a grinalda de banda, um olho roxo, o beijo inchado, o vestido branco todo sujo, um pé com meia, o outro sem... E um bebê nos braços, dormindo milagrosamente. Cocei a cabeça. Bem nesse instante apontou na esquina um gazo gari. O homem largou a vassoura, botou as mãos nos quadris e soltou uma gaitada que encheu a rua:

— Oxente, noivinha, já pariu? E o pai é esse atarantado? Ai que beleza de casal!

Tatá mandou-lhe uma banana. O menino quase caiu no chão: peguei por milagre, no salto do susto.

— Cuidado, não matem a criança. Filho é filho, minha gente. Quem mandou fazer? — o desgraçado ainda provocou, embalando a vassoura.

Como se não bastasse, o bichim danou a chorar. E Tatá reclamou:

— Segura direito, caralho!

Fiquei uns segundos imóvel, com o pequeno chorão nos braços. Por fim, me lembrei de que estava a poucos passos de casa. Para lá me dirigi, em busca

de socorro. Quem abriu a porta foi minha irmã Luísa, ainda vestida de cigana. Doida por crianças, pegou logo o bebê.

Daí a pouco, meu pai. Os dois indagavam o que eu não sabia. Por fim, o velho foi comigo buscar meu primo, quase carregado.

Ao sair do quarto, minha mãe viu a filha moça com um bebê nos braços e uma noiva sórdida choramingando com a cabeça no meu ombro.

— Luísa, chame suas irmãs. Tratem do bebê. Você, rapaz, cuide desse estrupício que se parece com meu sobrinho.

— Ele carece de uma chuva de chuva — meu pai completou.

Tive que tirar a roupa da noiva. Que logo botou os cachorros n'água. Porcaria, diacho de porcaria. Larguei o infeliz sentado sob a ducha enquanto eu puxava com o rodo um rio de vômito. Labuta feia, puta merda. O primo escorreu, acabou deitado no chão de azulejos. Eu não sabia se o limpava, se o levantava, se vomitava também. Pedi socorro a meu pai. Finalmente erguemos o desmilinguido, que limpamos com ducha, mangueira e balde. Por fim, amarramos uma toalha na sua cintura e o transportamos até a cama. Justamente a minha. Hermano, o caçula, acordou assustado:

— Quem é o defunto?

— É ninguém, seu corno! Levante, peça mais toalhas a sua mãe.

Foi na cama que acabamos de enxugar Tatá. Conseguimos também vestir-lhe uma calça de pijama. Então Mamãe entrou no quarto, viu o quadro. Ligou primeiro para o médico, depois para a irmã. Enquanto isso, meu pai e eu saímos para investigar. Tocamos por ruas desertas, que nem uns tontos. Casa aberta? Nenhuma. Vimos bêbados escornados nas calçadas, varredores, uma velhinha surda que catava papéis. Desistimos.

Em casa, movimento: Tia Nora agoniada conversando com mamãe e as minhas irmãs à volta do bebê, numa alegria de periquitos. Hermano vinha da

farmácia de plantão, com uma encomenda bonita: fraldas, talco, mamadeira. Só Tatá dormia, já medicado. Meu pai comentou:

— Inda bem que Sebastião está viajando. Ele era capaz de fazer um escarcéu. Mas nós resolveremos o assunto com calma, não é, Nora?

— Deus ajude, Tião chega daqui a pouco. Só foi passar esses dias no sítio. Detesta folia. Eu fiquei por causa dos meninos. Não sei se valeu a pena: Heitorzinho pouco me ouve, Otávio já não controlo. Agora, mais essa. Não sei que o que fará Sebastião. Ele anda nervoso. Germaninho, meu filho, me diga: o que aconteceu? Como achou seu primo?

Respondi como pude e deixei-me cair no sofá da sala, extenuado. Acabei adormecendo ali mesmo. Acordei horas depois, num sobressalto. Meu tio bradava:

— O moleque ainda dorme? Pois vai acordar agora mesmo, nem que eu tenha de sacudir todos os seus ossos.

Meu pai interveio:

— Que é isso, Tião? Está me desconhecendo? Sacudir meu sobrinho, maltratar meu afilhado? Não, senhor, de jeito nenhum. Sente-se e tome juízo. Não é assim que se resolvem as coisas.

— Ah, compadre, me desculpe, estou por aqui com o pilantra. “O menino”, você falou, mas Otávio já fez vinte e um. Tem barba na cara e não tem vergonha.

— Vamos com calma — disse mamãe. — Espere um pouco que eu vou ver como ele está.

Finalmente Tatá apareceu. Zonzo, expressão de batida de carro. Não lembrava em nada a viçosa noiva da véspera. Meu tio queria que ele fosse explicar-se em casa, levando o menino (“já que pegou, é responsável pela criança”). Eu iria também, pro depoimento. Meu pai e minha mãe se puseram no arreglo. Luísa carregava o pequeno.

Foi distância pouca, mas tive a impressão de que a procissão atravessou a cidade inteira. Passamos por moitas de fuxico. Senti alívio quando chegamos.

Tatá não foi muito além do que me dissera. Não se lembrava de nada mais. E meu tio cuspi fogo. Foi então que a sorte interveio: uma pessoa na porta querendo falar com os donos da casa. Reconheci logo Zau do Tororó, uma bela mulata. No momento, muito abatida, com um ar de pranto.

— Dona Nora, estou procurando meu filhinho. Me disseram que ele está aqui.

Viu logo a criança adormecida no colo de Luísa e a tomou nos braços com arrebatado, rompendo a chorar. Luísa também se lavou em lágrimas, sei lá porquê. Titia ofereceu uma cadeira a Zau e pediu-lhe que explicasse como se separou do bebê.

— É meu filho, Dona Nora. É meu filho, que eu mesma pari. E quero criar.

— Tudo bem, menina. Agora, olhe: este é Otávio. Você conhece? Hoje de madrugada, quando ele voltava para casa, uma mulher apareceu de repente e lhe entregou a criança, depois sumiu.

— Eu nunca faria isso. Estou procurando meu bebê feito uma louca, desde a hora em que acordei.

— Mas então, menina, como se explica...?

— Foi minha mãe. É triste dizer, mas foi minha própria mãe quem me fez este mal. Aproveitou que eu estava dormindo, panhou o pequeno do berço, carregou e deu. Quando acordei que senti falta, gritei, apertei, ela só falava: “Seu filho foi de pecado e você não tem recurso para sustentar. Sumiu, tá sumido.” Então eu falei que ia pôr fogo na casa e ficar doida, se ela não me desse pista. Mamãe teve medo, porque sabe: quando eu digo, eu faço. Apavorou-se. Contou que tinha dado o pequeno. Eu saí atrás.

— Porque sua mãe deu o menino a Otávio? Teve alguma razão?

Zau, calada. Meu tio insistiu, ela procurou esquivar-se:

— Olhe, meu senhor, isso foi coisa lá da velha. Não tenho nada com a ideia dela. O filho é meu, não dou a ninguém.

Tia Nora tornou, docemente:

— Querida, entenda, eu lhe dou razão. Sou mãe, compreendo seu sentimento. Está claro que o filho é seu. Ninguém quer tomar. Mas diga: como foi que Otávio entrou nessa história?

— Já disse, Dona Nora: foi ideia de mamãe. Ela viu Tavinho no carnaval, ficou de ronda. Quando achou boa hora, entregou-lhe o bebê. “Você pode, você cria.” Mas eu não concordo com isso, não.

— Quer dizer que ela conhece Otávio. E você também. A escolha de sua mãe tem motivo?

— Dona, eu só quero o meu bebê. Não vim aqui reclamar coisa nenhuma. Não tenho queixa. Já fiz dezenove, sou de maior. Sei o que faço. Não estou cobrando coisa nenhuma de Tatá.

Tio Sebastião fuzilou:

— Moça, escute: Nora e eu somos pais de Otávio. Se ele teve um filho com você, o pequeno tem nosso sangue. E Otávio também é responsável pela criança. Não é justo que você a sustente sozinha. Isso é contra nossos princípios. Por favor, responda: foi ele o pai?

— Acho que não.

— Por caridade, explique melhor.

Zau falou com sua franqueza de costume:

— Eu tinha um namorado muito ciumento. Ficamos noivos. Um dia, ele bebeu demais, chegou lá em casa feito um bicho, quebrou meus pratos, disse que eu era descarada, que tinha agido mal com sua honra. Ora, eu não tinha feito nada. Juro por Deus. Estava inocente, me senti injustiçada. Botei para fora o desgraçado e disse: “Não fiz, mas vou fazer. Só lhe devolvo o anel de meu dedo depois que lhe botar uns chifres.” Desculpem a expressão, mas foi assim mesmo que eu falei. Então aconteceu aquela festa no Tororó, que os meninos apareceram. Eram muitos rapazes bonitos: Otávio, Mano, Julinho, Jó... Fiquei com Tatá. A gente brincou, ele saiu. Aí Júlio também quis brincar e como eu tava com



a pá virada, aceitei: brinquei com ele um pedaço. Amanheci com o Lauro Boca-de-Gringo, que muito rogou. Depois, minha barriga cresceu.

— Mano tava na festa? — meu pai indagou.

— Tava, sim senhor. Mas não festejou comigo, não. Ficou com a mulher do cabo Néu.

— Ela é separada — eu gaguejei. O velho trovejou:

— Chega, não quero detalhes.

Meu tio lamentou:

— Veja como andam nossos filhos, todos na esbórnia!

— O que vocês nunca fizeram — disse mamãe. — Malandragem, orgia, filhos na rua... Nem pensar.

Meu pai apressou-se:

— Vamos ao que importa.

E finalmente, Otávio falou:

— Eu juro que não sabia desta criança, Isaura não me contou. É verdade que nós brincamos. Assumo minha parte.

— Agora, você falou direito, meu filho — seu pai aprovou, com uma voz escura. Zau atalhou:

— Tatá não me deve. Minha mãe soube que eu andei com ele na festa, por isso fez a arapuca. Não pensou em mim, não lembrou que sua filha é mãe. Agiu muito errado. Reprovo em tudo. Não gosto de mentira. Pelas minhas contas, quem fez Chiquinho foi a porqueira do meu noivo. Mas pai de meu filho, ele não será. Por meu gosto, há de ser Lauro. Ele quer.

— Você mesma disse que foi seu noivo quem lhe pôs a barriga. Como não admite que ele é o pai? — meu tio espantou-se.

— Um chifrudo, pai de meu filho?! Nunca, meu senhor. Deus me livre!

— Ué, mas...?

— Pai de criança quem escolhe é a mãe. O de meu filho tem de ser um

homem de verdade. E me querer, como Lauro quer. Depois começou na brincadeira, igual aos meninos, mas tomou apego. E eu gosto dele, tenho confiança. O outro? Nunca! Eu me respeito, não quero ser mulher de corno.

Tia Nora ficou vermelha. Mamãe apoiou a destabocada:

— Tem razão, garota. Homem com esse defeito é muito comprometedor.

— Então, não é? Eu sou de Deus, não aceito coisa ruim. Foi Lauro que escolhi. Ele é pé rapado que nem eu, mas é trabalhador, não foge da labuta. E é sério, me dá o respeito. Portanto, vou respeitar. Todo o mundo me acha avoada, mas com um homem de qualidade, aquieto o facho. Vou falar com ele que me peça em casamento. Garanto que eu topo, na hora.

Meu tio era quadrado, mas honesto. Zau abalou suas convicções. Depois que ela foi embora, ele comentou:

— Muito estranha, esta moça. Ficou com três homens num dia só, uma pouca vergonha danada. Mas é direita, não mentiu. Usou de sinceridade. Outra, no seu lugar, teria aproveitado a situação, seguido a lógica de sua mãe. Ainda mais sendo pobre como é. Sim, ela foi decente. Por outro lado, foi imoral.

— Como? — Mamãe contestou: — Ela não enganou ninguém: nem os festeiros, porque não tinha compromisso com nenhum, nem o noivo ciumento, porque primeiro lhe deu o aviso. Esta moça, o que não lhe falta é moral.

— Você está certa — Meu tio reconheceu. — Mas isso não tem lógica. Será que ela é doída?

— Acho não — Tia Nora falou. — Mostrou-se muito razoável. Só não tem juízo. E meu tio concluiu:

— Nunca vou esquecer o jeito dela ao sair daqui com o filho nos braços, toda contente, cabeça erguida. É o que se chama dignidade. Pouco me importa se pintou e bordou na parte da descaração. É vida-torta, mas digna. Decente, ainda que seja da pá virada. Estou certo de que será uma boa esposa.

Luísa e Tatá batizaram o menino, no mesmo dia em que Zau se casou. Na igreja, de véu e grinalda — e prenha de novo, pra completar.

Meu tio compareceu. Padrinho da noiva, muito orgulhoso. Sua mulher o elogiava:

— Tião, Tião do meu coração! Rasgou rigores, nada perdeu: se era bom, ficou melhor.

No outro ano, os colegas quiseram que Tatá repetisse a fantasia. Ele arrenegou:

— Eu de vestido branco, véu e grinalda? Nunca mais! Quem bota essa droga de roupa, num instante ganha neném.

## Lídia

Brincamos o dia todo, aos beijos. Quando anoiteceu, nos achamos num canto deserto, na beira do rio. Encostada a uma árvore, Lídia deixou que eu lhe acariciasse os seios, mas resistiu quando tentei tirar-lhe a calçola. Disse que achava ruim fazer isso em pé, num canto escuro do mundo, feito uma desesperada. Propôs um encontro nessa mesma noite, no clube. Prometeu que não fugiria da raia, que sairia comigo da festa diretamente para a cama da pensão. Com este acerto nos despedimos. Toquei a andar meio torto, entre feliz e agoniado. Pouco adiante, uma dona me chamou. Era Zau, velha amiga do Tororó de Cachoeira. Ela estava morando em Maragogipe, com o marido.

— Rapaz, o que você fez? Eu te vi na Rua do Rio com a garota de São Paulo. Fale a verdade: você provou? Comeu a moça?

— Não. Ela não quis. Disse que assim não curte, não gosta de rapidinha.

— Graças a Deus!

— Porque, Zau?

— Tua irmã Luisa é minha comadre, sou amiga da família toda. Te considero um parente.

— Sei disto, minha flor. Mas o que tem nossa amizade com o assunto?

— Aquela moça não é pra seu bico.

— Porque não? Ela está a fim, eu também.

— Júlia é filha de uma sinhá de Cachoeira, Dona Lilu, que há muitos anos não aparece por estas bandas. Doutor Raul a conhece desde os novecentos e antigamente. Ela mudou-se para São Paulo, está rica, virou grã-fina. Madame, tá sabendo? Com todos os perequetês. E tem estampa. No entanto, foi feita de meu barro. Era uma pobre de Deus.

— Ora, Zau, que bobagem! Gosto desse barro.

— Escute, cabeça de cuia, não se trata de gosto. Essa menina que seu assanho quis passar nas armas tem uma ligação com você. A mãe dela, Dona Lúcia, que conheci como Lilu, foi teu pai que abriu.

— Que história é essa? Quem te falou?

— O médico, já disse. Aquele da cabeça branca, Doutor Raul. Eu trabalhei pra ele, fui empregada na sua casa. Um dia (faz muito tempo), Lilu foi a seu consultório, lá em Cachoeira. Coisas de mulher. Antes do exame, o doutor perguntou-lhe, com todo o respeito, se ela era virgem. E a criatura respondeu: “Não, senhor. Ioiô Germano já me curou.”

— Então quer dizer que...

— Exatamente. Não coma da fruta. Vai dar-lhe atraso.

Enchi a cara. Fui o último a sair do barzinho, aos tombos. Um desconhecido me amparou: um homem seco mas forte, que não tinha a mão direita. Segurou e censurou:

— Você não devia beber assim, é muito moço. Tome tento, senão pode ver-se disgramado, ficar como eu.

— Cotó?

— Cotó é o Cão. Eu sou maneta. Não é isso que me atrapalha. Já me acostumei. De outra coisa me queixo: do tempo perdido. Foi a cachaça que me atrasou. E você, quem é? Ainda sabe?

— Sei. Tenho o nome de meu pai.

— Após então vamos lá, Nome do Pai. Me conte onde mora.

— Em Cachoeira — falei.

— Isso é outra cidade. Não tem um pouso aqui, em Maragogipe?

Baluciei o endereço de titia. O maneta me levou até a porta. No caminho, me aconselhou:

— Menino, você precisa de um descarrego. É leve, mas está pesado. Eu estive bem pior, portanto sei do que estou falando. Procure ajuda de quem

pode. Veja se lembra: Canzuá da Boca do Poço. Lá tem espírito forte: a falange de Bartolomeu e o povo quente do Cotó. Ele me curou.

— O Cotó é você!

— Claro que não. Eu sou maneta. Só recebi o Cotó uma vez. É brabo, veio do Medonho, mas foi quem me fez a caridade. Porque eu estava na pior. Doido de cana, bati na minha mulher e arrebentei minha casa. Chica tava rezando a novena, eu cheguei com o porrete, ela correu. Aí toquei o pau nas imagens, no nicho dos santos. Lasquei foi tudo. Fiquei com o nome de Quebra Santo. No outro dia, fui a um comício, a fim de ganhar uns trocados como ajudante de fogueteiro. Um foguete levou minha mão. Entendi que era um castigo. De Bartolomeu, Marechal dos Santos. Com esse defeito, vi os outros, que eram bem piores: piolhavam no meu juízo. Procurei ajuda e encontrei. Agora ajudo quem posso. Entrei no boteco porque lhe vi nas suas tristes condições: um rapaz ainda novo, se perdendo no vício, na lama da pinga, que me arruinou. Ouça e aprenda, tome juízo enquanto é tempo. Cá está: esta casa corresponde com o endereço que você me deu. Vá logo dormir.

Tão zozzo eu me achava que ele teve de tocar a campainha por mim. Mas logo em seguida o cotó caridoso se afastou. A empregada que me abriu a porta já não viu com quem eu falava. Minhas irmãs me comboiaram até à cama, muito irritadas com o vexame (a gente estava hospedado em casa de Tia Nena). No dia seguinte, elas me apertaram com perguntas. Estranhavam porque faltei à festa do clube. E o porre tão cedo, tão inesperado: nunca fui de muitos copos. Conte-lhes a revelação de Zau e elas decidiram investigar.

Tomei uma ducha, enquanto as manas conspiravam. Quando saí do banheiro, Zau chegava. (Helô que chamou, por telefone. Urgente, pão quente).

— Como é mesmo essa história da nossa irmã da Rua do Fogo?

— Irmã?

— A Lídia. Mano contou. Você lhe disse pra não mexer no balaio dela.

— Sim, meninas, eu aconselhei. Mas não disse que a moça era sua irmã. Nesse ponto eu interfeiri, bradei espantado:

— Como não, Zau de Badu? Você falou que Dona Lúcia...

— Não se dava bem com a virgindade. E teu pai curou, abriu lá ela. Isso, o Doutor me contou. Mas eu nunca disse que sua filha é tua irmã.

— Arre, mulher, que diabo! Você até clamou que não podemos transar, que ela não é pra meu bico. Eu quase morro de agonia. Fiquei de cabeça quente, tomei um porre danado.

— Zau, pelo amor de Deus, conte o caso direitinho — as manas reclamaram.

— Segundo eu soube de boca certa, loiô fez a inauguração. Abriu a casa, entendem? Mas não se estabeleceu. Tempos depois, Lúcia Luli (que virou Lilu e agora é Lúcia de novo) juntou-se com um homem de São Paulo, um viajante que tava lá negociando. Ainda vive com essa criatura, um branco de cabelo enrolado. Foi-se embora com ele para o Sampa. Eu não disse, nem direi, que sua menina é irmã de vocês. loiô teve seus vacilos, porém não é homem de amásia. É muito apegado a Dona Vera. Pode crer, comadre Luísa.

— Sim, acredito. Júlia não se parece com a gente, nem um pouco. Ontem nos encontramos no clube, reparei bem. Volta e meia, a danada perguntava por meu irmão. Reconheceu a marca da fábrica. E quem não percebe? Maria Teodora, qualquer um identifica conosco pelo tise de papai. Mas Júlia?!

Helô também duvidava:

— Concordo, Luísa. Além do mais, o velho é muito paizão. Se tivesse outra filha na rua, reconheceria. Foi assim com a mana do Caquende: mesmo com o risco de seu casamento, ele não vacilou: entrou em casa com o bebê nos braços, ajoelhou-se aos pés de mamãe. “Salvou-se pela sinceridade”, minha avó dizia. E mamãe confirma: que se ele tivesse mentido, nunca mais o olharia. A façanha, perdoou. É uma doida. Pegou amor à pequena Teó, que tomou para afilhada. Não creio que o velho tivesse coragem de mentir-lhe, nem que

se arriscasse a novo escorrego. Ao que todos dizem, daí pra diante ele se aquietou.

— Não pensem mal de seu pai. A menina de Lúcia foi feita no matrimônio — Zau protestou. Aí eu bradei:

— Então, porque diabos você me fez tanto pavor?

— Ainda pergunta, ó desatinado? Não vê o disparate? Tua irmã, ela não é: Júlia nasceu da aliança, já em São Paulo, muito tempo depois. Porém a porta que lhe deu passagem, que atravessou para chegar ao mundo, foi teu pai quem abriu. Não tá vendo logo que essa mulher não pode ser tua? Outro plantou a semente, mas teu pai limpou o terreno. Rompeu o caminho do nascimento, a estrada de Júlia. Então, vai agora você mexer nesse bozó? Nunca, por São Bartolomeu! Você está com as idéias tortas, prejudicado no pé do juízo. Me procure mais tarde, que eu te levo para um descarrego no Terreiro de Bessém.

— Quero ir ao Canzuá do Poço.

— Arre, que canzuá é este? Nunca ouvi falar.

— Descarrego? Ele precisa é de vergonha — minha irmã mais velha concluiu. E eu fui atrás do remédio.



## Epílogo

*Dessa água eu bebo, nessa água eu fervo. Quem cavou o poço foi o Cão Cotó. Aqui o mal, aqui a cura. Pois é verdade, esse Cão protege, é um quimbandeiro que serve à umbanda no mangue santo de Maragogipe. O espírito subiu, mudou pra melhor: é Ção agora. Pois Bartolomeu cortou-lhe o rabo e ele tornou-se escravo do Justo. Ao pé do poço, botou o ramo: sua última parte, sua árvore. Sim, senhor, esse pé de pau que tem espinhos por todo o tronco. Nele só canta o canário real. Homem que está de cabeça virada, ou sangue turvo, ou tem moléstia de espuma, à sua sombra se trata. A má impressão e a cabeça quente, calor e frio de mulher — todo o mal ele retira, todo bem ele recupera. O santo, digo, com o secretário. O meu pecado lhes deixei, para que o queimem no fogo, apaguem com água, abanem com o vento e enterrem no chão. Eu agradeço e tomo a bênção: a força dos dois me purificou. Agora, é esquecer. Vai com Deus, querida! Te amo sempre. E graças a Deus, não te quero mais. Se você tiver um filho, ponha-lhe o nome de Bartô.*

## O Filme

Na esquina, o Jovem Germano abre a gazeta. Lê a sinopse do filme. Herói corre mundo no seu belo carro. À beira da estrada empalidece o canavial. Na próxima curva há inimigos à espreita. Mãos firmes no volante, o destemido já está chegando. Soa um tiro. Aparece um homem estirado no chão. O bravo salta, pega o infeliz e o deita na carroçaria. Daí torce o caminho, volta correndo, entrega o corpo no hospital. Depois retoma o volante. Paisagem escorrega: vruuumm.... Narrador esclarece: A emboscada pecou por engano. Viajante para de novo na curva da tocaia. Lá está o de cujus estendido no chão. Nosso herói salta do carro, pigarreia, balança a cabeça: — “É você, teimoso?! Eh diá!” — E torna ao carregio, volta à cidade com o defunto. Diz o guarda: - “Quanta paciência, rapaz!” - E o médico: “O furo no pescoço confere: o paciente já o tinha na primeira vez. Mas as balas do peito são novas”. Toque de tambor, trovoadas pretas. Galo canta, homem bom adverte: “Cuidem direito de meu xará, enterrem fundo, senão ele foge de novo e acaba se machucando”. Soa a orquestra. Herói dança tango com a viúva. Acendem-se as lâmpadas.

Crítico: “Mudaram tudo. A história era outra. Começava com um homem assistindo um filme na tevê e o que mostrava a telinha era seu sócio dentro de um cinema. Na plateia, quero dizer. Aí vinha um maluco e lhe dava um tiro. O cadáver era posto numa encruzilhada. O espectador desligava a tevê e corria para a rua, procurava até achar o local da desova. Botava o sujeito na caminhonete, seguia para o hospital. Ao chegar, porém, percebia que o baleado tinha sumido: o que encontrava no lugar era uma moça grávida. Aí ele fazia o parto. O menino tinha cabelos brancos”.

Vizinho protesta: “Não era isso não, o que tinha no princípio era a mulher parindo no cinema. Um sujeito deixava a tela e vinha fazer o parto. Tinha um coro

de galos, depois ele ia-se embora e se deitava na encruzilhada. Era um médico muito caridoso que se matou com uma bala na cabeça. Depois de morto e filmado, deu socorro a muita gente, tanto em Cachoeira como em São Félix.”

Protesta o terceiro: “Não é assim. O original falava de um homem assassinado numa emboscada. Em seu delírio de agonia, ele chegava às portas da morte, mas não entrava. Era caridoso, por isso gozou de privilégio: teve permissão de levar o próprio corpo ao necrotério. No caminho mudou de ideia, ficou no mundo. Foi um Anjo atrás dele. Sabendo que o fugitivo era mulherengo, o querubim usou de um truque: vestiu o corpo de um atriz e seduziu o sujeito, que finalmente aceitou morrer. Era assim o roteiro. Depois o moço mudou tudo”.

A bilheteira corrige: “O autor inspirou-se na história de um sujeito que foi dado por morto e depois apareceu vivo da silva. Era titular de um cargo importante. Tentou reassumir seu posto, mas não teve jeito: oficialmente era defunto. Passou anos tentando obter nos cartórios uma atestado de não óbito. Finalmente desistiu: largou emprego e família, passou a dizer que era Ninguém”.

Porteiro rebate: “A história deu-se com o pai do autor, o Germano Velho. O Jovem Germano escreveu o roteiro e Roque Riqueza dirigiu o filme. Falava de uma emboscada que não deu certo: o bandido errou de pessoa, matou o próprio filho. Hermano comentou no livro.”

Jornalista ri: “Então o herói levou o cadáver pro cemitério, mas parou no caminho pra tomar uma pinga e alguém trocou seu defunto por outro, um corpo de mulher preta. Ele fez o parto cesariano, levou o garoto para casa, pediu à mulher que o batizasse com seu nome e foi-se embora. Aí falaram que ele tinha morrido”.

Professora proclama: “Tudo maluquice, não teve filme certo. Os doidinhos se reuniam no chalé e combinaram, cada um contava uma história, ou seja, o argumento de uma fita que prometia fazer. Misturavam seus roteiros, no fim era uma grande confusão. Com ajuda de Hermano, Roque tentou juntar tudo numa película. Ficou uma bagunça, até hoje ninguém conseguiu entender.

Garota assanhada comenta: “Quanta loucura, puuta que pariu.”

Dona velha reclama: “Menina, tenha modo, não fale palavrão que tem gente lendo.”

Crítico secunda: “Não confundam o Jovem Germano com o Gênero Humano. Foram muitos filmes”.

A polícia invade o recinto:

— **CHEGA DE SURREALISMO!**

Todos correm.

O Jovem Germano fecha o jornal.

## O Homem do chapéu azul

Desde o primeiro de janeiro de seus dezessete anos, todo dia Ofélia sonhava com um homem alto, louro, muito bonito, de terno branco e chapéu azul.

No Domingo de Ramos, ele apareceu.

Nunca mais Ofélia.

## O Imperador

Acordou tarde, ainda ofuscado pela promessa de um sonho que lhe cantava no alto da cabeça, pássaro louro a esfumar-se docemente. A voz era fresca, risonha: “Você tem visitas.”

O santo canário de toda manhã.

João Batista se ergueu devagar e ficou um minuto sentado na cama, sentindo o gosto da claridade. No espelho do banheiro, julgou ver um reflexo da ave sonhada a beliscar-lhe as vistas com o ouro do dia. Num instante se vestiu, tomou o café. Dirigiu-se então à sala desarrumada. Sentou-se na poltrona, perto do cavalete com a tela desafiadora. Logo tornou a adormecer. E o sonho voltou, que parecia impossível.

...

Lá vinham as duas mulheres, muito lindas: Mel de cabelos grisalhos, corpo juvenil, de mãos dadas com a filha moça. Uma era a cópia da outra, só a prata distinguia a mãe. Distraída, Psiquê nem ligava aos pássaros. O primeiro lhe pousou na cabeça, os outros se acomodaram nos seus ombros — um de cada lado. Mel disse à filha:

— É-vem aquele menino que te persegue. Tá na hora da festa.

João deu-se conta do cortejo que se aproximava, bem perto de seu escritório. Viu-se logo à frente do povo festeiro: um garoto desajeitado com sapatilhas, meias longas, calção estufado, camisa de seda bordada a ouro, manto de veludo, cetro de prata. Na sua cabeça brilhava a coroa. Homem de opa vermelha gritou:

— Viva o Divino Espírito Santo! Viva o Imperador!

Espoucaram foguetes.

Em cima do muro da Escola, rompeu a zaiada. Era a turma da classe, a patota:

- Calção de bobo!
- Coroa de lata!
- Oh, coisa linda! Bemtevi de fuá!

O Imperador largou o cetro, pegou a dar bananas. A mãe chegou, chinelo na mão.

Mulher risonha se interpôs:

— *Deixe o menino!*

Pomba branca prevaleceu. E a procissão seguiu seu curso.

Diante da cadeia, Imperador bateu com o cetro na porta. O guarda Salu girou a chave preta, a tábua grossa afastou-se e o bicho medonho saiu das trevas: um gigante de fraldas, que acima dos ombros só tinha um toco sangrento de pescoço, mas segurava pela grenha a torva cabeça de olhos pretos arregalados.

Imperador saiu correndo.

A Mãe lacrimosa:

— Você pecou, meu filho, Você pecou! Por isso é que tudo deu errado.

E o pássaro — *Você tem visitas!* — deu um trinado de campainha.

João levantou-se bambo, ainda envolto no sonho.

Tinha um ponto de ouro na janela: El Rei Canário.

Na porta, a vendedora de frutas.

O canto dos anjos ecoou na tela vazia.

## Jesus

Neste Vale do Paraguaçu tivemos dois Jeovás e três Jesus. O Jeová mais novo tem a pele clara, porém não muito. É um moreno de tinta leve, alto e magro, grisalho desde moço. Filho de Jó, nasceu em São Félix, há coisa de quarenta anos. Estudou em Salvador. Voltou ao vale com anel de doutor e casou-se com uma conterrânea, por sinal uma artista. Depois que perdeu pai e mãe, foi morar com a esposa numa vilazinha em beira de praia. É um médico de mão cheia. Na capital, certamente faria bela carreira. Mas preferiu o esconso. Antes de ir-se embora daqui, tanto ele como a mulher mudaram de nome: ela, por completo. Ele se limitou ao prenome e só trocou suas vogais.

O Jeová mais velho é negro que nem o pai, o primeiro Jesus da gente (o antigo, o que já morreu). Quem criou esse filho de Jesus foi Olegário Ronca-Defunto, um homem de grande prestígio na praça. Segundo dizem, Olegário ganhou o apelido por conta de uma arrelia que fez: atravessou uma noite de farra no feriado de Todos os Santos e foi dormir no cemitério, por conta de aposta. Caiu de bêbado numa cova. Na manhã seguinte, seu ronco assustou o povo que foi rezar pelos finados. Com isso ele ganhou fama de maluco, nome de herege. Mas era um homem generoso. Deu a Jeová boa educação, tanto que o preto virou promotor e fez fortuna no sul da Bahia, onde teve fazenda de cacau. Com sorte, escapou da vassoura de bruxa: vendeu as terras antes do desastre. Mudou-se, então, para Salvador, onde fez carreira. Já tem netos e bisnetos.

O segundo Jesus, o filho de Epifânia, era natural de Belém. Surdo-mudo. Aos doze de sua idade, desapareceu sem deixar rastro. Até hoje tem um mundo de gente procurando por ele, mas ninguém o encontra. Isto é, de vez em quando aparece uma criatura falando que o viu não sei onde. Então recomeça a busca. E não dá em nada. Da última vez, ele foi até fotografado. Num avião, em pleno céu. Mas o retrato logo sumiu.



O Jesus mais novo se chama Gérson: assim foi batizado na matriz de Cachoeira. Ganhou o nome santo porque representou o Messias numa procissão de Domingo de Ramos. É um rapaz branco, de olhos claros e cabelos castanhos, que lhe caem nos ombros. Todos o acham muito parecido com a imagem que fazem do Cristo nas igrejas. Por isso mesmo ele foi escolhido para o papel que o marcou. Desfilou na procissão montado num jumento, à frente de um grupo de rapazes que faziam figura de apóstolos, com barbas, túnicas e mantos. Seguia-se um mundaréu de devotos. De acordo com a programação dos padres, o cortejo, que saiu da matriz de Cachoeira, devia atravessar a ponte Dom Pedro Segundo e chegar à igreja de São Félix. Mas deu-se que ainda no lado cachoeirano, à boca da ponte, o jumento empacou: nem padre, nem apóstolos, nem Cristo aclamado conseguiram que ele se movesse. Em vão os beatos bateram no animal com os ramos bentos, em vão São Pedro puxou a corda e os evangelistas empurraram a besta. Jegue que se preza não muda de ideia. Por fim, o Messias improvisado desistiu. Foi mesmo andando. E voltou de bicicleta.

A história que vou contar é do primeiro Jesus, do negro: aquele que veio de Nazaré e morreu aqui, nesta terra santa, há muito tempo. Tudo que sei a seu respeito veio da boca dos mais velhos. Todavia, parece que vejo o nazareno diante de mim. Tenho sua imagem na lembrança: é o vulto de um homem de meia altura, corpo enxuto, belo rosto de olhos doces, expressão serena. Arre, isso me encabula: meu pai era criança quando Jesus morreu, mas confirma esta descrição. Como posso lembrar-me de quem nunca vi? Sei lá, tenho memórias muito antigas.

Mas vamos ao assunto.

...

Começo pelo Ronca, fruto sertanejo de uma família de nosso barro que se mudou para a Chapada. Dois rebentos da planta dos Torres voltaram ao Vale do

Paraguaçu: primeiro Olegário, depois um sobrinho. O Ronca se dizia católico, porém muita gente o julgava ateu, por que mal pisava na igreja. Outro motivo dessa fama foi um acontecimento que muitos interpretam mal.

Já estou contando: a mulher do mangangão beirou a morte num parto difícil. As senhoras presentes na casa se distribuíaam entre a alcova da sofredora e o nicho de Santo Antônio, rezando e acendendo velas, numa latomia chorosa. Quando entendeu que sua esposa corria sério risco, o Ronca foi ao oratório, agarrou o santo pelo pescoço e o levou para a varanda, onde o plantou na balaustrada. Ato contínuo, tirou a pistola do cinto e mirou a imagem, bradando:

— *Escuta, seu corno, agora é comigo. Chega de vela, de incenso, de denço: ou você dá jeito na situação ou leva uma bala no focinho.*

Na mesma da hora ouviu-se o choro da criança — e pouco depois surgiu o médico a suar em bicas, com expressão de alívio, dizendo que Dona Marise tinha pulado uma fogueira, mas felizmente o atravessado saiu e a hemorragia parou. O Ronca levou o Santo de volta pro nicho, com todo o carinho, prometendo rezas e festas. Cumpriu as promessas religiosamente.

Como dizer que um homem desses é ateu?

O episódio de seu encontro com Jesus também foi notável. Aconteceu num dia de enchente. Ronca foi olhar os estragos do Paraguaçu, que encobria boa parte das cidades mabaças, Cachoeira e São Félix. Apostou que era capaz de ir nadando desde o trecho profundo onde o rio tinha engolido um pilar da ponte até a beira seca da estação cachoeirana da estrada de ferro. Antes que o pudessem deter, despiu camisa, tirou sapatos, arregaçou as calças e pulou no perau que remoinhava. Quase se dana. Dona Marise tomou um susto medonho quando o marido chegou em casa numa padiola, ensopado e tiritante, mas rindo e anunciando com voz rouca:

— Meu anjo, quase que hoje você inaugura o vestido preto. Jesus me salvou.

A pobre senhora demorou a entender que Jesus era o negro arrepiado junto à padiola. Mas logo passou a querer-lhe bem.

Olegário tampouco foi ingrato. Deu emprego ao salvador, que tinha chegado a São Félix recentemente, vindo de Nazaré das Farinhas com seu matulão, em busca de trabalho. O dinheiro que tinha, o preto empregou na compra de uma bela canoa. Chegou a ganhar uns trocados com o transporte de aflitos na agonia da cheia, mas logo viu que remando não cresceria muito no Vale. Sua coragem lhe valeu a melhora, pois ele se arrumou muito bem no comércio do Ronca. Num instante, ganhou posição: era o encarregado de receber as mercadorias no armazém.

Os caminhões e carroças chegavam no fim da tarde, ou no começo da manhã. Às vezes Jesus esticava o serviço até horas da noite, conferindo tudo. Era o homem de confiança do patrão. Assim foi que em hora de trevas ele impediu uma tentativa de roubo, enfrentando com porrete dois malandros armados. Tiros não o acertaram, o pau cantou nos meliantes. O povo concluiu que Jesus tinha corpo fechado. Olegário deu-lhe a pistola, com um bom aumento. Foi então que o preto passou a morar numa casinha jeitosa, encostada no armazém.

A grande mudança na vida do nazareno se deu no dia em que uma mulher entrou às carreiras em sua casa. Fugia do amante, que a perseguia com um facão. Era domingo, era madrugada, mas por sorte Jesus estava acordado. Deteve o perseguidor já quase na porta. O covarde fugiu ao ver a pistola. A mulher pediu abrigo, se ofereceu para todo serviço, disse que não tinha para onde ir. Era uma cabrocha moça e bem apanhada, chamada Mimira. Amigou-se logo com seu protetor. E pegou barriga.

Quando o menino nasceu, já estava morando com o casal a irmã mais nova de Mimira, Martinha, uma pequena de seus quinze anos, muito caprichosa. Cuidava de Jeová com imenso carinho.

Olegário e Marise aceitaram com muito gosto o convite para batizar a criança. Jesus deu festa que encheu um domingo. Compareceram alguns vizinhos e os empregados do armazém. Só faltou um colega de nome pomposo: João Francisco do Espírito Santo. O cabra estava de carraspana. Tinha passado a noite do sábado numa farra, em Cachoeira.

Ao voltar para casa, muito contente com o novo afilhado, o Ronca Defunto cedeu à verve e disse à mulher:

— O Recôncavo está perdido. Nesta concha de terra, turvou-se a religião.

— Como assim, Olegário? Porque?

— Em São Félix, o Pai nasceu do Filho. E o Espírito Santo se emborrachou em Cachoeira.

Levou um beliscão, teve de bater na boca. Por pouco não dorme no divã.

O menino Jeová só teve dois aniversários com alegrias de pai e mãe. A crise se deu logo depois da segunda festa. Meu velho me contou. Sua fonte foi vovô, que bebeu palavras da boca de Martinha. Mas só cheguei ao termo da novela graças a outros depoimentos, que me esclareceram muito. Lá vai a história que aprendi.

...

Dia escuro. Ao chegar em casa para o almoço, Jesus encontrou sua mulher toda emperiquitada, com o melhor vestido, bolsa, pulseiras, sapato alto. Nem chegou a indagar o que havia: Mimira foi logo abrindo o verbo, indiferente ao choro da irmã:

— Vou-me embora, Jesus. Você é um homem bom, não tenho queixa, mas eu não presto para dona de casa. Me cansei. Reconheço que muito lhe devo e por isso mesmo vou ser sincera. Não quero pôr chifres num homem que salvou minha vida, me abrigou e me deu um filho bonito. Mas entenda, não governo meu coração. Me apaixonei por outro macho. Vou agora com ele para Santo Amaro.

Saio em tempo: lhe deixo em paz com sua honra. Nada levo de sua casa. Sei que você cuidará do menino melhor do que eu. Minha irmã há de lhe ajudar. Ser mãe não é fácil, carece vocação. Martinha tem. De nascença. Quanto a mim, já vi que me falta o dom. Parir é uma coisa, criação é outra. Não enjeite, não enxote a mana por raiva de mim. Fique com ela em casa, em proveito de nosso filho. Mulher nenhuma será tão boa mãe do pequeno. Não me queira mal.

Jesus escutou essa arenga toda sem mover um músculo. Apenas disse:

— Você ficou nesta casa porque quis. Chegou por seus próprios pés, não foi presa nem amarrada. Se é o que deseja, saia por onde entrou. A porta é a mesma.

Martinha se ajoelhou no chão, rogando à irmã que não fizesse loucura. Não adiantou. Mimira saiu com a roupa do corpo.

Nunca mais passaria por aquela porta.

A irmã ficou. Já tinha Jesus no coração. E o preto também reconheceu a dedicação da mocinha a seu filho, sua boa índole, sua diligência. Viu que ela não tinha culpa do desatino da irmã, antes condenava sua atitude. (Por certo também pesaram os argumentos de Mimira). O nazareno falou que Marta podia, sim, continuar em sua casa.

— Tal como antes — garantiu.

Não foi bem assim, não foi “como antes”. Na flor dos seus dezessete, Martinha já era mulher feita, muito bonita e carinhosa. Não demorou que os dois se acomodassem na mesma cama.

O povo maldou, teve muita gente tesourando: que aquilo era uma indecência, que Jesus desde muito vivia com as duas, só despachou a mais velha porque preferiu o xumbrego do broto, que se vingou da primeira desencaminhando a outra... E assim por diante, de ruim a pior.

Quando ouviu essas lérias, Dona Marise se encrespou:

— Falam de Jesus porque é preto e pobre. Que mal fez ele? Acolheu uma

mulher ingrata, que deixou ir-se embora sem mágoa. Primeiro foi criticado porque não deu uma surra na infeliz, não amarrou a rapariga no pé da cama. Tem coisa mais idiota? Depois, todos censuraram porque ele não botou no olho da rua a irmã da carrapeta, a ama de seu filho. Queixam-se agora porque o coitado vive com a moça que lhe tem amor. Quanta hipocrisia! Vê se falam de Lulinha de Cachoeira, o desgraçado que botou a amante dentro de casa e largou a mulher num catre, no quarto dos fundos, com as chagas da doença ruim que lhe passou. Se os irmãos não fossem buscar, ela morria no abandono, enquanto a amázia, a Bufuda, se fazia de dona da casa. Dá-se que Lulinha tem dinheiro, é de família importante, metido a coisa, então fazem de conta que está certo, todo o mundo tira o chapéu para o safado e chama Bufuda de Dona Edite. Ora, me deixem! Podem puxar o saco de quem quiserem, não me oponho. Mas que ninguém me venha aqui falar mal do meu compadre. Na rua tem boca de lobo e no brejo tem poça de lama onde podem soltar a língua. Não quero sujeira no meu ouvido. Pra mim, Jesus continua o mesmo: um homem decente e trabalhador.

A atitude de Dona Marise esfriou os fuxicos: se ela reagia assim, que dirá seu marido... Telhas de vidro estremeceram.

Passou-se o tempo. Jesus ficou sabendo que Maria Mimira tinha voltado a São Félix e se virava num boteco, abandonada pelo sedutor. O nazareno nada comentou. Tinha ciência de que Marta fazia visitas, levava roupas e comida para a irmã. A pobre andava doente, passando necessidade.

Sim, de tudo Jesus sabia. E nada falava.

Quer dizer, uma vez falou. Marta ia saindo com uma sacola na mão, ele veio de dentro com um casaco:

— Leve isso também, que o tempo está frio.

E mais não disse. A moça compreendeu.

Justo no dia seguinte, Jesus encontrou a primeira mulher. Ia ele andando

despreocupado por uma rua quase deserta, pouco depois do anoitecer, quando viu uma labareda que corria em sua direção. É muito difícil identificar uma tocha humana, mas segundo as testemunhas ele a reconheceu de imediato e gritou:

— Mimira!

Em seguida, atirou. Um só tiro, rápido e certo, na testa da infeliz. Ela caiu e ficou a arder no pavimento, até que uma alma boa, uma senhora da vizinhança, apagou as chamas com um pote d`água. Jesus estacou paralisado, com a pistola na mão. O guarda que acudiu tomou-lhe a arma com cuidado e o levou pelo braço para a delegacia, delicadamente. Jesus foi logo recolhido a uma cela. Porém foi impossível tomar-lhe o depoimento.

A notícia correu a cidade, transbordou do vale. Marta estava em casa de Dona Marise quando soube: tinha ido levar o menino Jeová para uma visita à madrinha. Demorou a entender o que se passava. Quando compreendeu, desmaiou. Era o começo de seu sofrimento.

Dona Marise telefonou ao esposo, que estava em Salvador, cuidando de negócios. O Ronca chegou às sete da manhã e foi direto à casa do Delegado. Entrou num rompante:

— Chiquinho, largue de ser besta, solte meu compadre. Que crime ele fez? Nenhum! Imagine que você estivesse pegando fogo, ensopado de querosene, com as labaredas a comer-lhe o corpo. O que você pediria a Deus? Que uma alma boa aparecesse e lhe desse um tiro na testa, não é mesmo?

O delegado balançou a cabeça melancolicamente:

— Amigo, eu gostaria muito de lhe atender. Juro por Deus. Você não é o primeiro que me pede. Esta noite, não dormi direito. Por três vezes minha mulher me acordou, dizendo que estava a ponto de enlouquecer, atormentada nos sonhos por causa desse homem. Diz que a prisão do sofredor é injusta, um pecado que recairá sobre nós. Entrou em pânico ao ouvir a trovada que hoje estremeceu a terra, na boca da madrugada. Expliquei-lhe que tenho de seguir a lei.

Não sou juiz, não condeno nem absolvo. O homem foi preso em flagrante. Para libertar, só com ordem do Meretíssimo, entende? Só com habeas corpus.

— Esqueça o rabo dos porcos, Chiquinho! Solte logo o pobre coitado. Eu me responsabilizo por ele. Se meu compadre fugir, você me prende. Está bem?

O telefone tocou justo nessa hora, de modo que o delegado nem teve tempo de responder. Escutou e empalideceu. Foi gaguejando que disse ao amigo, quando pendurou o fone no gancho:

— Vamos à cadeia, foi o carcereiro que me ligou. Parece que houve um problema com seu compadre.

Já o encontraram morto no catre. Seu companheiro de cela tremia:

— Nunca senti tanto frio como de ontem para hoje. E olhem que a cela onde estou é quente, igual ao inferno. Desde que esse homem entrou aqui, o tempo mudou. Ele sentou-se no catre e ficou imóvel, as costas contra a parede. No que apagaram a luz, ouvi um pipoco. A trovoada sacudiu a casa, pensei que tinha caído um raio aqui dentro. O chão tremeu, rachou-se aquela parede e a chuva desabou aos potes, mas cessou na mesma da hora. De repente, no estalo de um corisco, olhei para o novato e vi que ele brilhava. Tive medo. Custei a pegar no sono. Acordei há pouco, tiritando, e me atrevi a olhar para ele. Tive a impressão de que o friúme vinha de seu corpo. Sim, parece que endoidei: pensei que eu estava morto e não aguentava a luz de seus olhos. Danei a gritar feito alma penada. Assombrei os outros defuntos, quero dizer, essa gente ruim daqui, ladrões e assassinos da minha laia. Muitos clamaram por socorro. Aí o carcereiro acudiu. Apontei o camarada, ele foi ver; chamou e não teve resposta. Tocou no corpo. Senti o gelo. Daí pegou a invocar o nome de Jesus. Eu me ajoelhei. Pelo amor de Deus, não demorem. Tirem logo o inocente daqui. Não sei quem é esse homem, mas podem crer que ele não pertence ao nosso imundo. Vejam, parece vivo. É como se fosse a única pessoa viva entre nós. Em nome de tudo que é sagrado, fechem-lhe os olhos!



Os dois recém-chegados balançaram a cabeça com desalento. Ainda tiveram que esperar quase meia hora pelo doutor, que fez um breve exame do corpo.

— O negro deve ter tido um enfarte — disse finalmente o médico —. Morte instantânea.

— Foi o amor em desespero nesta casa da injustiça! — bradou Olegário, deixando que as lágrimas escorressem livremente pelo seu rosto.

O homem da lei estremeceu.

Martinha nem pôde assistir ao duplo enterro. Os dois que amava baixaram à sepultura ao mesmo tempo, em covas próximas. A pobre moça pegou uma febre nervosa que ora passava, ora voltava. Olegário Ronca-Defunto e sua mulher, Dona Marise, cuidaram dela com todo o carinho e tomaram conta do menino, que resolveram criar. Todos dão testemunho de que pela vida inteira eles o trataram como filho, em pé de igualdade com os nascidos de sua carne.

Por todo um ano, Marta sofreu alucinações. Curou-se no Terreiro de Omolu, um dos mais importantes de São Félix. Em seguida, mudou-se para Cruz das Almas, onde mais tarde se casou. Conheci uma de suas filhas, Dona Mirinha, que me contou parte da história. O resto eu soube por minha mulher: Marise, a caçula de Jeová.

## Cajueiro

— Namoro com um terno de doidos — Amélia disse à prima assombrada. Mas era um só: Cosme Três Almas.

Casaram-se logo. Tiveram uma filha, Maria Psiquê.

Os astros dançaram, dançaram. Depois de muitos zodíacos, Psiquê fez-se moça. Linda, que nem a mãe. Faziam fila os candidatos.

João Batista — o preferido —, largou o ofício de advogado e virou pintor. Comprou um mundo de telas e tintas, fez com capricho seu ateliê. Só tinha um problema: pensava muito e pintava pouco. Ah, quase nada.

Por conselho de Cosme, ele passou escrever os quadros (ou melhor, as ideias dos quadros). Projetos, dizia. Dezenas de páginas cada.

A namorada o largou (“Meu retrato? Cadê meu retrato?”).

Ficaram só as amizades.

Um ano correu. João com febre de pintar, que não passava nem resultava, nunca saía do desejo.

Deus acudiu. Cosme curou o quase-genro com sua própria maluquice.

Foi assim: um dia, João estava no bangalô do poeta, meio de visita (jogando conversa fora e comprando mel de Dona Amélia), quando chegou um leva-e-traz querendo falar com o dono da casa. Convite para uma cerimônia, dessas bem chatinhas. Cosme mandou a resposta lá do fundo de seu gabinete:

— Diga que estou em Cajueiro.

Depois que o passa-recados se foi, Batista indagou:

— Cajueiro? Que lugar é esse? Onde fica?

— Muito perto e muito longe: no olho do mundo. Tem gente que vai e não percebe. Alguns demoram quase uma vida para dar-se conta de que lá foram. Pois a cidade é igualzinha a esta onde a gente vive, mas de outro jeito. Uma cópia diferente, muito original, que ora se atrasa, ora se adianta no filme. Já entendeu?

Às vezes ela estaca no antes e pega um desvio, às vezes corre no depois. Há horas em que as duas terras se confundem, ficam simultâneas, parecem idênticas. Cachoeira, Cajueiro, então ninguém distingue. A pessoa dorme numa cidade e acorda na outra, sem que note o trânsito. Se tem sorte, percebe depois. Quem passa por essa experiência, ou esquece, ou fica doido. Que nem eu. Os menos felizes padecem de dúvida. Quem transita pelos poros das duas cidades e ainda preserva a consciência tem muito de que se admirar. Primeiro, da semelhança; depois, da graça com que elas diferem. Mas note bem: as diferenças chegam devagar, demoram um pouco a ser notadas. Só há uma certeza: assim ou assado, tudo que tem cá, tem lá. É a mesma coisa, num arco-íris de variação.

— Arre, você falou em **mesma coisa**. De que jeito varia o mesmo?

— A esmo. Dou-lhe uma pista: em Cajueiro, você pintaria.

— Está bem, já compreendi. Como faço para ir até lá?

— Esqueça e depois se lembre. A porta se abre de caju em caju. Daí o nome. Passou um vento de arrepio.

Batista logo esqueceu.

...

Torpor estranho, comichões. Canto de sariema, latido seco. O moço triste se levantou muito cedo e foi preparar seu desjejum. Tiana o encontrou saboreando o leite com mel e o prato de castanhas. Ofereceu-lhe um ovo quente, que ele recusou. Também não quis os beijus, o bolo de milho.

— Enjoado! — ela disse.

O enjoado deixou a velha a resmungar e dirigiu-se ao escritório. Anunciou a si mesmo que retomaria seus trabalhos, sua profissão. Pegou a pasta que quase estourava com seu recheio de papéis em santa desordem: os rascunhos, o diário, esboços, belos projetos, um ror de desenhos. Acrescentou ao volume telas

riscadas, algumas com vagos borrões, lampejos de tinta tímida. Levou tudo para o velho forno à lenha que tinha no quintal e fez fogo. Depois saiu para a rua, tomando o caminho do cais. Logo percebeu que uma multidão se formava nas proximidades do velho porto. Os basbaques miravam um aparelho pousado no rio, feito um lavacu de metal. JB não se interessou pela cena insólita. Quebrou caminho. Tocou por uma rua velha de vésperas, com um tom repentino de inauguração. Avançou pelo chão de pedras coisa de uns cem metros e estacou de repente, os olhos feridos por uma claridade muito forte. Um relâmpago, parecia. Mas sucedeu-lhe um sopro escuro. Quando deu por si, Jô Batista encontrou-se deitado ao pé de uma árvore (um belo cajueiro, que ele não se lembrava de ter visto em tempo algum naquela rua). Dois homens o ladeavam, ambos de terno e gravata. Um deles, alto e esguio, olhos agudos, balançava em silêncio a cabeça coroada por um topete desafiador. O outro, gordo e atarracado, recitava com uma solenidade um tanto cômica:

*Quando passares o Rio Jordão,  
A fim de tomar o caminho certo  
Amostre as mãos escalavradas  
E as rachaduras dos pés abertos*

*Pra ser incelência no paraíso  
Longe da Fome e do Governo  
Onde tem morros de pão macio,  
Fontes de leite do Sol Eterno*

Nesse ponto, o cantor foi interrompido pelo companheiro, o varapau:

— Oxente, homem, pare com isso. Não vê que o camaradinho abriu os olhos e respira perfeitamente? Além do mais, essa reza não lhe cabe. Ele tem

mãos de doutor e pés bem tratados. Veja os sapatos brilhando de novos, as meias sedosas.

O baixinho pôs a mão na boca, deteve a enxurrada dos versos, encostou o ouvido ao tórax de Jô e tomou-lhe o pulso. Depois beliscou-lhe as bochechas. Por fim, abriu a camisa do paciente e se pôs a estudar o peito revelado, onde descobriu uma pequena mancha em forma de coroa. Disse, então, com voz grave:

— Mestre João Imperador, não é tempo ainda. Por gentileza, fique de pé!

João se levantou e viu-se rodeado pela dupla, que o estudava dando voltas. Perguntaram por sua idade, se era casado ou solteiro, se dormia bem, que coisas tinha comido. A cada resposta, eles meneavam a cabeça. Deram-lhe a última volta falando de um para o outro, ao tempo em que escreviam nas suas cadernetas:

— Teve castanhas com pimenta — o baixinho disse. — Mas isso é bom.

— Leite com mel — o outro emendou. — É o que ele não pode.

— Ainda não.

— Nem agora nem nunca, no tempo que pulsa.

— Quizília, creio.

— Pois é. O ouro doce não convém ao povo azul do Caçador.

Por fim, os dois estacaram com uma pose solene em face de Jotabê e se apresentaram ao rapaz com grandes vênias:

— Mergulhão, às suas ordens. Dou-lhe meu voto, com amor e apreço: seja feliz quem torna à tona. Boa ventura lhe desejo.

— Martim, para o servir. Eu voto igual: Bons tempos tenha quem saiu do poço.

Votos expressos, os dois se despediram, varapau primeiro:

— Até logo, mestre. Lembre-se de nós e do olho d'água.

— Passe bem, pintor. Lembre-se de nós e da antiga lagoa.

O rapaz quis agradecer, mas não teve tempo: já lhe davam as costas os dois compadres, seguindo com passos muito rápidos na direção da colina próxima. Lá se trancaram na igreja da Ajuda.

Jotabê sacudiu a poeira, fechou a camisa, ajeitou o sobretudo e tocou em frente. Chegou logo a um café. Sentou-se à primeira mesa, onde foi servido por um homem de barba ruiva, cabelos entre fogo e prata. O camarada o cumprimentou de modo efusivo e lhe trouxe uma xícara de chocolate, antes mesmo que ele abrisse a boca.

Era um dia frio. Ainda a saborear a bebida, Batista enfiou a mão no bolso do casaco em busca da carteira. Encontrou um lápis e um pedaço de carvão, que pôs sobre a mesa. O dono do café lhe trouxe um bloco de papel e foi atender o casal que chegava: um belo homem de seus trinta e poucos mais uma linda morena de olhos verdes, radiante de juventude.

O recém-chegado, de macacão e capacete, tinha toda a figura de um piloto. Sua companheira vestia um traje parecido, cáqui, mas tinha a cabeça descoberta, cabelos soltos. Sentaram-se os dois a uma mesa próxima e pediram chocolate.

Quase sem perceber o que fazia, Jotabê pegou o lápis e pôs-se a desenhar no bloco. Quando deu por si, tinha feito um belo retrato da moça recém-chegada. Desenhara-lhe apenas a cabeça esplêndida e o busto livre, com os seios nus que adivinhava. Quando acabou, pediu mais chocolate.

Depois de o servir, o barbudo se deteve a admirar-lhe o desenho, que pegou com as duas mãos e ergueu à altura do rosto. Logo decidiu mostrá-lo aos outros fregueses:

— Vejam que bonito! Este moço é um artista. Não concordam?

O casal inclinou-se sobre o desenho com interesse. A moça corou de leve, mas sorriu com evidente prazer. O homem fez um cumprimento:

— Muito bom! Ele soube sentir a tua beleza, menina.

Ato contínuo, o par chamou o artista, propondo um brinde com o uísque que o barbudo logo lhes trouxe. (Diabos, que espécie de Café era aquele? A tabuleta dizia: *Café com Artes*).

JB aceitou o convite, ainda encabulado. Os dois logo o deixaram à vontade. O homem se apresentou declinando o nome de gringo: Harry. A mulher se identificou com uma sílaba que o pintor não ouviu direito. Pareceu-lhe também um nome estrangeiro. Seriam americanos ou europeus? Mas falavam um português muito claro, brasileiríssimo...

Como se adivinhasse as conjeturas de Jota, a moça lhe explicou:

— Harry é de New York, porém morou muito tempo no Rio, porque seu pai, um brasilianista, ensinou lá numa universidade. Meu querido costuma dizer que se considera carioca. Eu sou brasileira da gema, nascida em Salvador, filha de uma baiana com um francês. Nos conhecemos em Lyon, onde fui estudar e acabei ficando. Tenho lá um apartamento que meu velho me deu e a casa de vovó, onde pouso de vez em quando. A mãe de Harry é francesa, da mesma cidade. A gente dele se divide entre a França e os Estados Unidos. Eu ainda tenho parentes aqui no Brasil: uma tia materna mora hoje na casa baiana em que nasci. Mamãe se casou de novo, foi para Minas. Agora me diga: como é seu nome?

Ao ouvir a resposta, a moça deu uma risada gostosa. João ficou encabulado, ponderou:

— É um nome comum por aqui. Mas confesso que eu também já o estranhei.

— Sim?

— Minha mãe era muito religiosa. Beata, como diz o povo. Me botou esse nome por causa do santo de que era devota: São João, o Precursor. No meu quarto tinha uma estampa com sua imagem. O menino do carneirinho. Esse eu curti. Mas a outra figura (ou melhor, sua história) me causou problema.

— Porque?

— Quando virou adulto, meu padroeiro foi viver no deserto. Só comia gafanhotos, que lambuzava de mel. Gritava contra os pecadores, batizava quem aparecia. Fazia uns sermões tremendos, denunciando a safadeza de Herodes. Um dia, o Tetrarca mandou que o matassem. O santo perdeu a cabeça. Tudo por

causa de uma Salomé. Foi essa a história que mamãe me contou. Eu fiquei impressionado e cometi a imprudência de dizer-lhe minha opinião: **Ele era maluco!**

— Radical...

— Mamãe zangou-se. Ameaçou-me de castigo, quase me dá uma surra. Fui salvo por sua irmã. Na hora H, Tia Lina interveio: “Porque pensa isso, meu filho?” Eu respondi: “Olhe, tia: imagine que eu vá morar em um areal, na beira do rio, fique lá pegando louva-deus pra comer, todo encourado, tome por trabalho dar banho no povo e de hora em hora faça discursos esculhambando o Governo, metendo o pau na mulher do Prefeito. Se eu cismasse de viver assim, o que acontecia?” Ela retrucou: “Com certeza, meu filho, você seria logo preso e levado pro hospício bem amarradinho.” Depois, voltou-se para sua mana: “O menino está certo! São João **era** maluco. Todos os santos são doidos varridos.” Mamãe se encrespou: “Que é isso, Lina? Bata na boca!” Mas ela tornou, implacável: “Maninha, vá à beira do rio e pregue um sermão para as pititingas. Na volta, agarre uns mendigos bem feridentos e beije. Depois, apanhe um cipó, dê uma surra em você mesma. Quando acabar, suba numa pedra, não desça mais.”

— E aí?

— Mamãe tirou-me do castigo. Mas ficou um bom tempo zangada. Só me perdoou de verdade quando lhe dei um presente que foi minha primeira tentativa artística.

— Conte, quero saber de seu princípio.

— Aqui nesta terra tinha um pintor de verdade, não um borra-botas como eu: o finado Mestre Rui, um santeiro. Acontece que ele ficou doido quando a mulher o deixou. Na loucura, fez uns quadros muito bonitos, que causaram escândalo. Pintou o batismo de Jesus por encomenda de uma igreja, porém o quadro foi recusado. Penso mesmo que o destruíram. É que ele pintou tanto o Messias como o Batista inteiramente nus. Eu era ainda um menino. Por acaso, fui um dia à casa do mestre buscar uma encomenda e vi essa tela. Fique impressionado, fiz



uma cópia. Imitação muito da boba, devo dizer. Pra evitar encrenca, vesti Jesus com uma fralda como essa que ele geralmente usa nos crucifixos e botei uma tanga de pele de carneiro no santo. Dei meu desenho de presente a mamãe, que ficou muito feliz, pois interpretou meu gesto como um sinal de religião. Tão convicta ficou de minha fé que logo me impôs um alto cargo: Imperador do Divino.

— Imperador?

— É uma devoção que tem aqui. Na festa do Espírito Santo, coroa-se um garoto que sai na frente da procissão, com umas roupas fidalgas de antigamente e uma coroa imperial de fantasia.

Nesse ponto, Harry o interrompeu:

— A conversa está muito boa, mas preciso andar um pouco. Você vem, querida?

— Não. Ficarei um tempinho com meu artista. Te encontro depois em algum lugar. A cidade é pequena.

— Está bem, Sal. A gente se vê por aí — o homem concordou.

Quando o companheiro saiu, a morena pediu ao novo amigo que lhe falasse de suas artes. Ele não se fez de rogado:

— Sempre tive desejo de ser pintor. Abandonei minha profissão de advogado para me dedicar às telas. Mas emperrei, não faço progresso. Parece que alguma coisa trava minha mão. Perdi uma namorada porque não consegui retratá-la. O primeiro retrato que fiz foi este.

— Você tem talento. Eu vou provar. Leve-me a seu ateliê.

Quando chegaram, João se explicou:

— Hoje me deu um desespero, queimei muita coisa. Mas tenho aqui duas telas grandes, ainda vazias.

— Uma basta, por enquanto. Quero um retrato de corpo inteiro — falou a mulher. E tirou a roupa.

Lápis na mão, Jô Batista estacou perplexo, incapaz de outro movimento que não o do sangue quente: ficou de pau duro, avoadado. A moça logo notou sua excitação:

— Ah, esses homens! — disse rindo. — Venha cá que eu dou um jeito.

Daí a pouco rolavam os dois, primeiro no sofá, depois no tapete, e por fim na cama. João Batista ficou sossegado nos ovos, mas teve outra fome. A moça também. Tiana, a empregada, serviu-lhes o almoço sem esconder seu ar de escândalo: tinha percebido o movimento no ateliê e no quarto do patrão. Benzeu-se três vezes: era a imagem do pecado a linda mulher que se sentou à mesa enrolada numa toalha, comeu com apetite e lhe agradeceu a excelente moqueca. Pra piorar, era uma diaba muito simpática: notando seus olhos um pouco inflamados, ofereceu um colírio que lhe clareou as vistas, deu-lhe pílulas para a dor de cabeça, indicou-lhe remédios. Tiana adorava remédios. Teve de reconhecer, com remorso, que gostou da condenada.

Pela tarde inteira (e mais um pedaço da noite) o par se ocupou com arte: ela posando, ele esboçando seu retrato. Mas a moça também resolveu agir. Requisitou uma tela, que encheu de cores profusas, negócio de arte abstrata.

Enquanto Sal concluía seu quadro, João fez um mundo de pequenos desenhos, estilo quadrinhos. Figurou um caboclo flechando um navio, uma freira a subir num pau de sebo, um gato com um caranguejo na boca, um Oxossi de roupa azul, um astronauta montado num jegue — esse tipo de coisas cachoeiranas. Por último, fez Mestre Cosme deitando um ebó aos pés de uma estátua de Shakespeare.

Sal gostou muito. Guardou o bloco.

O jantar risonho começou às onze da noite. Durou uma hora. Seguiu-se longa conversa, de modo que os dois foram dormir muito tarde.

No dia seguinte, depois do café, a moça ligou pelo celular para Henry. Marcaram encontro no restaurante da Pousada. João Batista sentiu-se muito encabulado, mas não houve a cena que receava. Sal deu um leve beijo na boca do companheiro e sentou-se ao lado do pintor. Harry contou que tinha ido a uma festa, onde conheceu “muita gente boa”. Disse que pretendia voar para Salvador

logo depois do almoço. Perguntou a Sal se iria com ele e a moça respondeu que não. Daí foram os três ao quarto do americano. Jotabê pegou a mala da morena, levou-a para seu automóvel.

Assim começou para o moço uma temporada febril. Salomé o fazia trabalhar intensamente, mas também gostava de festa, de passeios, de farra. Além disso, era fogosa. Às vezes o deixava extenuado e doidamente feliz. Desse modo lhe abriu o caminho da arte. O recém-pintor muniu-se logo de novas telas e tintas. Com o dinheiro da venda de um pequeno sítio, comprou também uma lancha na qual, de vez em quando, percorria trechos do Paraguaçu com a bela mulher.

Depois de duas semanas, Harry voltou, pilotando um Porsche. Dessa vez, os três se encontraram em um barzinho. O gringo explicou:

— Voltei por causa de uma moça que conheci aqui. É uma garota muito bonita, inteligente, cheia de vida. Me apaixonei.

— Como é o nome dessa deusa? — Sal indagou.

— Psiquê. Maria Psiquê. Um nome esquisito, não? Filha de poeta.

— Ora... Não é tua namorada, João?

— Na verdade, foi — Jô respondeu. — Faz um ano que nós rompemos. Mas continuamos amigos. Ela é uma excelente moça.

— Sim, deve ser. Vocês dois têm bom gosto — Salomé retrucou, com um lindo sorriso. Harry tornou:

— Combinei um passeio com Psiquê pelo Recôncavo. Vim pedir sua lancha emprestada.

João acedeu, mas Sal mostrou-se contrariada.

— Que é feito do hidroavião?

— Desisti dele, vou pôr à venda.

— Você é um traidor. Vendeu Gabriel? Por mim, não empresto coisa nenhuma. Lembre-se, João: a lancha tem meu nome.

— Mas que nos custa...?

— Não quero emprestar.

Harry não se incomodou:

— Está bem, não é problema. Nós iremos de carro até Maragogipe e lá embarcamos na escuna do fotógrafo.

— Escuna de quem?

— Do Eumeu, um velho amigo de Psiquê.

— Tá bom. Quando partem?

— Amanhã mesmo.

Fez-se um breve silêncio. João sentiu-se um tanto sem jeito. Ficou feliz quando o amigo mudou de assunto:

— Diga lá, João: como está indo com sua pintura?

— Graças a Sal, progredi bastante. Acho que dentro em breve terei um número de quadros suficiente para uma exposição.

— Dentro de um mês, no máximo — a morena afirmou, com um belo sorriso. — Você precisa ver como ele trabalha. Meu retrato já está concluído. Ficou ótimo.

— Posso ver? — indagou Harry.

Antes que João dissesse palavra, a bela modelo concordou:

— Claro. Venha conosco.

Daí a pouco estavam os três no ateliê. Assim que viu o quadro, Harry o quis comprar. João refugou, disse que não pretendia pôr à venda essa que foi a primeira obra importante de sua vida. Mas Salomé interferiu, decisiva:

— Não seja bobo, artistas não pintam para si mesmos. Você tem de aprender a desligar-se de seus trabalhos. E tem de começar agora. Além do mais, se lembre de uma coisa: eu não fui só modelo, eu provoquei este quadro. É meu retrato, que praticamente lhe arranquei. Portanto, cabe a mim a palavra final sobre o destino dele. Não é justo?

— Sim.

— Então, está decidido: quero que fique com Harry. Naturalmente ele terá de pagar. Eu fixo o preço: duzentos mil dólares.

João protestou:

— Caro demais. Absurdo. Nenhuma das telas que pintei para a primeira exposição se aproximará dessa faixa. Nem sei se no futuro chego a esse patamar. Só com muita sorte, se eu ficar famoso, o que não é provável. Aqui, vender um quadro por cinco ou dez mil reais já será milagre.

— Pouco importa. Duzentos mil é o preço deste: uma pechincha para Harry.

— OK! — disse o gringo.— Vou fazer o cheque.

— Então está feito, o quadro é seu. Mas não vai levá-lo agora — Sal preveniu.  
— Só depois da exposição.

— Está certo. Não perderei este *vernissage*.

Mais de um mês se passou. A exposição aconteceu em um Centro Cultural de São Félix. João vendeu uma dúzia quadros. Reservou outros para a Bienal do Recôncavo. Sobrou tela, mas foi um sucesso.

Harry compareceu. Veio num hidroavião. Terminado o vernissage, reclamou a obra que tinha adquirido. O artista a embalou cuidadosamente e fez-lhe a entrega de imediato: o amigo alegou que viajaria logo.

No dia seguinte, quando João acordou (por volta das nove da manhã), encontrou Salomé a fazer as malas.

— Vou-me embora, querido. Vou com Harry.

O rapaz não respondeu. Ficou parado, perplexo, olhando fixamente para lugar nenhum. Não esperava por isso... que de certo modo esperava. A surpresa veio com um gosto estranho de confirmação. A moça explicou suavemente:

— Daqui a uns dias, minhas aulas recomeçam. Me formo no próximo ano, entende? Mas não é só isso. Estou voltando para o Harry. Gosto muito de você, porém estou ligada a ele. Temos quase um casamento.

— Percebo.

— Por favor, Jô, não fique magoado. Curtimos uma bela temporada, não foi? Só que seria um erro prolongar.

Ato contínuo, a moça pegou na mesa uma tesoura e uma fotografia do pintor — foto em preto e branco, que ela mesma tinha tirado — e se pôs a recortá-la. Em seguida, abriu o pequeno estojo que pendia do seu colar e lhe ficava entre os seios. Aí guardou a figura destacada.

— Vou levar a tua cabeça. Vai ser meu amuleto.

João anunciou que ia banhar-se. Sal retrucou-lhe que enquanto isso tomaria o café. Quando ele chegou à mesa, já vestido e arrumado, ela terminava seu desjejum.

— Agora sou eu que vou tomar banho, mudar de roupa. Vejo que você se aprontou. Vai me levar ao porto, não vai?

— Sim! — ele confirmou.

No que Salomé se afastou, Tiana veio com o bule, resmungando bem alto:

— Tomou a mulher do outro, eu sei. Está errado. Mas feio mesmo é o desassunto d' agora: é ficar quieto feito um mané-minha-égua, deixando que o gringo pegue a dama de volta. Tomou, é sua. Sustente o que fez. Veja, Bicudo, como está este moço! Pior que você, bule velho: parece um lesão. Perdeu a vergonha. Tanto ele como o outro. Porqueira de homens! Afinal, eles se merecem, farinha do mesmo saco: não dão valor a mulher, esses infelizes. Nenhum dos dois tem tutano. Se ao menos brigassem, tinha alguma decência. Mas nada, nem se tocam. Muito sem moral, esse povo moderno.

O rapaz engoliu o café e foi para a sala. Tiana continuou a arenga com o bule:

— Tá certo que ela é desmiolada, vive nessa modernagem que mal se respeita. Não tem juízo. Mas tem bom coração. Deus me perdoe, acabei gostando dessa pecadora. Não posso ter raiva de quem me trata bem.

Quando Salomé saiu do banheiro já toda arrumada para a viagem, com o gracioso macacão cáqui de sua chegada, Tiana rompeu no choro e se trancou na cozinha. Não quis despedir-se. A moça deixou sobre a mesa da sala o presente que tinha comprado para ela e um bilhete carinhoso.

João pegou a mala e foi andando com sua querida até o pequeno atracadouro, já cheio de gente curiosa que admirava o hidroavião. Sal deu-lhe um beijo na boca, Harry apertou-lhe a mão. Foi tudo. Os dois embarcaram logo. O povo acompanhou atentamente a manobra do aparelho que deslizou suave pelo dorso do rio e num instante ganhou altura.

Jotabê ficou ainda uns bons minutos parado no atracadouro, que rapidamente se esvaziou. Passado algum tempo, fez um aceno para o céu vazio e falou em voz alta:

— Parece que estou acordando de um sonho.

— Eu também — respondeu-lhe uma cálida voz feminina.

Então ele deu as costas ao cais e lá se foi caminhando à toa, de mãos dadas com Psiquê.

## História da lua

Tive uma dúzia de namorados, fiquei noiva, me casei duas vezes. A cantada mais bonita quem me deu foi uma criança, um pequeno de seis anos. Foi numa temporada de férias em Cachoeira, na casa de uns tios. Eles tinham meia dúzia de filhos: quatro moças, um belo rapaz que muito me paquerou e o pequeno. O miúdo se apaixonou por mim, acho que fui seu primeiro amor. Na época eu tinha uns dezessete anos. Hoje a diferença é toda a favor dele, que me esqueceu completamente. Mas eu nunca esqueci, nunca esquecerei.

Foi numa linda tarde. Saiu todo o mundo e fiquei em casa, porque me sentia um pouco indisposta. Não estava sozinha: fiquei com o pequeno, um companheiro adorável. No fim da tarde vimos o crescente entre as árvores do quintal. Ele me indagou se eu conhecia a história da lua. Falei que não e ele contou. Gravei num daqueles aparelhos antigos, de fita. De vez em quando torno a escutar. A mãe dele era professora, uma mulher muito culta, enchia a casa de livros. Isso deve ter influenciado o garoto: ele tinha um vocabulário incrível para sua idade, com palavras que às vezes usava de um modo extravagante. Dessa vez, caprichou: falou difícil como nunca, a fim de me impressionar. Mas foi sua linda imaginação que me deslumbrou. Transcrevi e guardei, até hoje tenho sua história.

*Antes, a lua era antropóloga. Assim que nem os índios bravos: era bacanal. Entende? Doidinha por carne humana. Toda madrugada, quando o sol ainda não estava espionando, ela saltava do olho da noite e vinha à terra comer gente. Chegava disfarçada, vestida num corpo de homem, com a foice na mão. Pegava logo as mulheres e os distraídos. Comia todos. Ou senão cortava o pescoço, botava o corpo da criatura num saco, a cabeça no outro. Depois, montava no seu algarismo — sem escovar os dentes — e ia para trás do morro. Lá ela se escondia, entrava no buraco do Japão. Feito um bicho de coco. Daí voltava pro céu, que nem uma santa. No outro dia, o povo ficava encabulado: “Cadê fulano? Cadê fulana?” Ninguém sabia. O prefeito botou a polícia para investigar. Mas a lua era feiticeira: na hora em que virou*



homem, ela adiantou o relógio, deu um sono danado no mundo. Comeu a polícia inteira. O prefeito ficou preocupado. Daí uma moça muito bonita chegou no seu carro branco. De noite, ela disse que estava com medo. Queria voltar para a capital. Mas apareceu um menino valente que era seu primo e disse a ela: “Esconda-se na minha cama. Eu vou ver o que está acontecendo, que as pessoas deram pra sumir. Estou desconfiado de que tem bacanal nesta cidade”. Aí ele foi ao cinema e falou com o Zorro: “Me empreste sua capa.” O Zorro emprestou. O menino botou a capa, subiu numa árvore alta e ficou esperando. De madrugada, a lua chegou. Tava todo o mundo distraído, dormindo. E não tinha mais polícia. O Prefeito se trancou no cofre. Lua disse: “Ah, vou pegar a moça da capital.” Mas o menino falou: “O que você quer? Aqui não tem moça de capital. Repare: a cama dela está vazia”. Realmente. “Então desça daí que eu vou cortar seu pescoço”. O menino riu: “Deixe de ser bobo, eu não tenho pescoço.” Ele tinha botado a capa do Zorro, bem enrolada, feito um caracol desses que os artistas usam quando tem neve no filme. Lua ficou sem graça. O menino provocou: “Rarará, quanta mentira! Você nem sabe cortar pescoço.” Danada, Lua respondeu: “É claro que sei!” E o menino aproveitou: “Então corte o seu, que eu quero ver.” Lua burra pegou a foice e cortou o pescoço dela mesma. Do gigante, não sabe? Era um gigante. Quando viu a bobagem que tinha feito, ficou com tanta raiva que pegou sua cabeça (lá dela... sim... lá dele) e jogou no menino. Feito bala, com toda a força. O menino se abaixou e a cabeça enorme foi parar no céu. Aí homem lua caiu — aquele bichão — e morreu de raiva. Pelo corte do pescoço começou a sair gente: a polícia, mais as pessoas que tinham sumido. Os guardas pegaram o corpo da lua, jogaram no buraco do Japão. Era tão grande que tapou, ninguém mais passa. A lua ficou chorando: só a cabeça. Aí, Jesus chegou e disse: “Bem feito! Quem mandou ser gulosa? Agora os guardas cortaram seu pingolim pra fazer uma ponte e enterraram o resto. Você não é mais homem, mulher chorona! Além disso, está morta. Vai ser lua mesmo. Vou tirar sua boca, senão ninguém dorme. Feche os olhos.” Ela não tem mais boca, nem olhos. Então o menino desceu da árvore e se casou com a moça de Salvador.

## Ofélia

Esse era um nome que se usava mais antigamente. Hoje não é comum por aqui. Não digo que inexistiu na taça de Todos os Santos: apenas escasseou. Mamãe me conta que conheceu duas Ofélias em sua terra, uma pequena cidade ao pé de nosso mar. Outras haveria pelos arredores, na concha do Recôncavo. Só não conto as de Cachoeira: difícil dizer quais delas foram criaturas de carne e osso. Fiz um rápido levantamento na capital. Em vinte dias, achei três mulheres com esse batismo. Um professor me garantiu que em dez anos de carreira, sempre com grandes turmas, não teve aluna assim chamada. Pode estar certo, mas dou um desconto: ele é muito distraído.

Mamãe diz que esse nome alucina. Ideia bizarra, com certeza, mas comum em sua terra. Deu-lhe origem uma confusão que lá se criou, fruto das lembranças de um homem influente, um poeta do Recôncavo. Pode ser que tenham existido de fato uma ou duas das Ofélias cachoeiranas. As outras nasceram das orelhas dos bêbados, onde caiu a semente lírica. Como se sabe, arte de poeta possui uma estranha qualidade: o que os inspirados imaginam tem vocação de existir, cresce para a vida e se torna real, mesmo quando eles mesmos não crêem nas suas histórias. Sua descrença envolve uma espécie de fé tão profunda que eles não controlam. Mestre Cosme apenas repetiu uma história apanhada nos livros, mas sua repetição teve força criadora. A Ofélia que ele venerava (e que sua paixão reinventou) era uma criatura poética já antiga: uma pessoa que habitou o corpo de muitas mulheres, de muitos homens também. Ela ainda existe assim, em relances pelo mundo. Vive uma vida interminável, a renovar seu mergulho em morte incessante.

Cosme estava muito emocionado quando o viram comentando a história da moça com uma senhora sua amiga. Ela já sabia de tudo, pois tinha lido o mesmo

texto e contemplado o mesmo fantasma em diferentes lugares, mas escutou o relato com os belos olhos cheios d'água. Ou foi ela quem recontou ao poeta o antigo conto, sabendo que ele o conhecia, mas sentindo de novo sua emoção. O certo é que ambos penetraram no drama. Uma velha que ia passando namorou sua conversa e levou-lhes o sentimento às almas úmidas. No tinir dos copos surgiu uma pessoa nova. Assim, por certo tempo, nas margens do Paraguaçu floresceram Ofélias de todas as cores e tipos, todas nascendo outrora, loucas de se afogar.

Confesso que fiquei feliz quando soube da outra: dessa de quem falarei, tão diferente das cachoeiranas e da sua improvável mãe dinamarquesa, princesinha do espírito inglês. Graças ao encanto da que bem desviou, deixo de lado as moças trágicas.

Volto meus olhos para Salvador.

...

A história me veio de vovó. Ela disse que a dama era rica, bonita, de família importante. Teve educação refinada, até na Europa estudou. Tocava piano divinamente. Terá sido a primeira mulher a dirigir automóvel em nossa capital. Tinha chofer para os dias de chuva e ocasiões especiais. Um uma parte do ano ela passava no Rio de Janeiro. De vez em quando, fazia uma viagem ao exterior: Itália, França, Inglaterra, Espanha e Portugal, muita Europa ela percorreu. Curtia também os Estados Unidos, de vez em quando ia a Nova Iorque. No sul de nossa América, ela gostava demais de Buenos Aires e Montevideú.

Bem que Ofélia poderia ter feito carreira de pianista. Não quis. Nem se viu forçada: podia manter-se perfeitamente com a renda que o pai lhe deixou. Tinha secretária e contador. O irmão administrava os negócios da família. Era honesto e gostava da mana.

Bela, culta, com fortuna, claro que essa dama tinha candidatos. Mas seus caprichos afastavam os pretendentes.

A terrível beleza morava na Graça, num palacete. Depois que seus pais morreram e seu irmão se casou, ela ficou única senhora da casa paterna, com duas empregadas e um jardineiro de cabelos brancos. Numa linda mansão da Barra, instalou uma tia viúva com quem passava pequenas temporadas. Pousava também no Campo Grande, com o mano, a cunhada e os sobrinhos. Em junho, sistematicamente, hospedava-se em Nazaré com tios maternos. Por volta de setembro, era certo ela viajar. Voltava lá pelo fim do ano.

Ofélia tinha namorados de prazo curto: um aqui, outro acolá. Chegou aos vinte e sete dizendo às amigas que não pensava em casamento, achava incômodo. Ganhou apelido de cigana, fama de extravagante e maluca. Até os parentes criticavam seu modo de vida giratório.

Outro gosto que tinha a bonita era o desenho de figurinos. Possuía um guarda-roupa dos mais ricos, em eterno movimento: com o que trazia das lojas, ela criava seus próprios modelos, dando interminável trabalho às costureiras. A partir de seus desenhos, de seus toques e retoques, fazia sua própria moda. Seu bom gosto era reconhecido, embora às vezes incomodasse um pouco pela ousadia, pela flutuação de seus caprichos. A meia voz, bocas indiscretas a chamavam de biruta e exibida.

Ela tinha roupas para todas as ocasiões: umas para sair de carro, outras para andar a pé (tirante as próprias de navio, trem e avião). O que usava no tempo do chá, não comparecia na hora do sorvete — e vice-versa. Café? Outra roupa. Se fosse chocolate já mudava. E traje do dia não chegava à noite. O simples domingo pedia três. Contam que antes de ir a concertos Ofélia estudava cuidadosamente o programa, a fim de vestir-se de acordo com as músicas.

Vovó repetiu-me que sua amiga era vaidosa, mas nada fútil. Professora formada que nunca exerceu a profissão, sua antiga colega fez-se boa freguesa de livrarias e acompanhava os assuntos da política com uma ironia de dar medo. Comparava a piolhos os políticos de seu tempo. Falava isso abertamente, de modo que irritou gente grande, amigos da família. Os despeitados comentavam: “É uma granfina de miolo mole, metida a comunista”. Mas o interesse maior de Ofélia era mesmo por artes: música, pintura, letras. Criou uma coleção de respeito e projetou artistas novos cujo talento descobriu. Tinha biblioteca e a usava, para espanto geral. Costumava dizer que uma pessoa rica não precisa ser burra, como tanto acontece na Bahia.

Um belo dia, Ofélia acordou com uma novidade na cabeça: mandou fazer uma casa de veraneio em Itapoã, que naquele tempo era quase uma aldeia de pescadores, com casinhas humildes, ruas de areia. O progresso lá era a luz elétrica do poente até a meia noite, garantida por humilde motor a diesel. Ir do centro para aquela praia era uma viagem. Na época, os ricos veraneavam na Ribeira. Todos acharam a decisão de Ofélia uma simples maluquice.

Concluída a casa nova, ela pegou costume de passar pelo menos dois meses lá, num trecho encostado a uma duna, não longe da lagoa de Abaeté. Levava sempre consigo a tia da Barra com seus filhos gêmeos. As empregadas, não. Contratou outras em Itapoã: Morena e Marília.

Negra que nem a noite, Morena cuidava de tudo na casa. Era alta, bonita, no esplendor dos vinte e três. Marília — sua irmã caçula, do mesmo tope — respondia pela cozinha. As duas eram feitas no santo: uma de Oiá, a outra de Nanan. Moravam com seus homens em casas contíguas, na Rua do Céu.

A tia de Ofélia, por nome Gertrudes, era uma senhora simpática e avoadada: caducou nos quarenta e poucos. Seus filhos, Heitor e Flávia, andavam perto dos quinze à época do caso que contarei.

...

Ofélia deu-se muito bem com a gente humilde de Itapoã. Fez logo amizade com os pescadores, as lavadeiras, a negrada toda. É que ela conseguia ser, ao mesmo tempo, chique e simples, elegante e simpática. Sua alegre vaidade não tinha gota de soberba: no dizer dos pescadores, ela era fidalga que nem uma garça, mas não emproada.

Por certo, a dona branca lhes parecia um pouco maluca com seus perequetês, leros e manias. Mas gostavam dela. No princípio se espantavam, depois acharam graça e passaram a apreciar seus luxos: até os maiôs e saídas-de-praia da criatura tinham requintes, peixinhos bordados, pássaros tontos, letras de ninguém ler. Ao sentar-se na areia sobre uma toalha perfumosa, ela passava bons minutos se arrumando, com óleos, pomadas, loções, espelho, pente, escova, um mundo de coisinhas. Porém o melhor era quando Ofélia ia à feira — à humilde feira daquela espécie de arraial —: botava sapato alto, roupa de seda, pulseira e colar, se embonecava toda. Bolsas e chapéus, nunca repetiu. Muito menos as saias e blusas. Não descuidava da maquiagem, discreta, porém caprichosa. Ia toda nos trinquês escolher peixes e mariscos, frutas e verduras. As compras, Morena e um garoto da vizinhança carregavam em grandes cestos. A patroa tirava sempre um dedo de prosa com os vendedores, de modo que em pouco já conhecia todo o mundo. Pedia notícias de mulheres e filhos, maridos e namorados. Provava uma frutinha aqui, uma castanha acolá, brincava com a freguesia: “Me dê um peixe bom, Seu Crescêncio, mas não fique piscando pra mim, eu sei que o senhor é casado.” “Seu Antônio, quem é aquela moça que o senhor beliscou?” “Dona Chica, o bebê é pra quando?” E também lhes falava de sua vida. Um dia, confidenciou à freguesa do acarajé: “Um deputado me pediu em casamento, mas dei-lhe com o pé na bunda: o sem-vergonha só quer meu dinheiro. É ladrão que nem rato e gosta mais de homem do que eu”.

Ofélia ficou logo amiga de Dona Dionísia, que depois veio a ser sua comadre. Gostava de acompanhá-la quando ela ia, de manhã cedo, com a trouxa de roupa na cabeça, fazer seu trabalho na lagoa de Abaeté. É que Ofélia adorava as cantigas das lavadeiras, pedia que lhe ensinassem, passava um tempo cantando com elas. Arrancou suas gargalhadas ao entrar de vestido na lagoa, depois de fingir que batia roupa. De outra vez, quis nadar lá de maiô, atravessando as águas negras. As amigas não deixaram: “É perigoso, muito perigoso. São três as Donas dessas águas e pelo jeito você tem parte com uma delas, senão com todas. Primeiro tem que ter preparo, dar presente de louvação.” Dia seguinte ela levou um buquê e jogou na água, disse que era para a mais velha das três Senhoras, que depois agradava as outras. Mas esqueceu.

...

Sim, Ofélia gostava de folia. No dia da Lavagem de Itapoã entrou na roda de samba das mulheres e se divertiu com as cantigas picantes. Isso foi logo no primeiro veraneio. Quando ela voltou, no ano seguinte, causou um pequeno reboliço com a peripécia do piano de cauda que lhe foi levado num caminhão, mas não passou pela porta, não tinha como entrar na casa. A grande dama não se apertou: mandou botar o Steinway na praia e foi lá tocar, de vestido longo. O concerto incomum fez juntar-se o povaréu que nunca tinha visto aquele trem. As crianças deliravam, encantadas com a imponente máquina musical. Ofélia tocou peças de Bach, Chopin e Villa-Lobos, mas também umas melodias das cantigas aprendidas com as lavadeiras. Foi muito aplaudida. Satisfeita, mandou o piano de volta para a mansão da Graça e comprou o violão de um velho vagau das redondezas. Não era de ficar sem música.

No terceiro veraneio, ou seja, na ocasião de que vou falar, a casa de Itapoã abrigou também dois homens: o Doutor Landulfo, irmão de Ofélia, e o noivo

recente que ela trouxe da Holanda, um gringo narigudo chamado Fred. Como todo o mundo na Bahia, o povo do arraial ficou surpreso: Ofélia, noiva? E de um homem tão estranho, um varapau de nariz? Mas parece que baiano se acostuma logo com qualquer coisa.

...

Fred e Landu gostavam de velejar. Saíam de barco de manhã e passavam horas navegando. Numa segunda-feira que amanheceu chuvosa, Landu foi à cidade, por conta de negócios urgentes no banco. Precisava mandar dinheiro para sua mulher, que estava passando uns dias no Rio de Janeiro com os filhos, na casa do pai dela. À tarde, sob um sol tímido, Fred foi à praia sozinho. Ignorando os avisos dos pescadores de que a tormenta viria em pouco, jogou-se às ondas. A tempestade logo desabou. Embora excelente nadador, o holandês narigudo penou entre os vagalhões. Foi atirado a umas rochas enquanto buscava a praia. Pescadores acudiram e com muito custo o resgataram, mais morto que vivo. Levaram o infeliz para a casa da noiva numa padiola improvisada. O Mestre Vicente deu a notícia às empregadas que acudiram:

— O gringo bebeu muita água, vomitou pouca. Bofes empapados. Apanhou das ondas e deu com a cabeça nalguma pedra, por isso tem os olhos turvos, a consciência mole. O coração ainda bate, mas tá ficando com preguiça. É difícil ele resistir.

Morena deu toalhas e um balde de água doce aos homens pedindo-lhes que limpassem o afogado, tirando-lhe o sal, a gosma da boca, os resto de vômito, o sangue do nariz. Eles atenderam. Concluído o trabalho, vestiram no gringo uma calça de pijama para que ele ficasse mais composto na agonia e o botaram na cama. Marília foi dar a notícia à patroa, que estava na varanda com a tia caduca, tocando violão:



— O noivo da senhora se esbufelou, o mar quase leva. Pescaram, porém não direi que está salvo. Chegou aqui de maria-cadeira, cara roxa e olho vidrado, mole que nem uma pamonha. Respira com gorgolejos, botando sangue pelo nariz. A senhora se prepare que o caso é de luto.

Ofélia ficou muito aflita:

— Ai meu Deus! Marília, querida, diga a Morena que tome conta do pobrezinho. Chame aquele moço da feira, dê-lhe a chave do carro e peça que vá buscar um médico. Cuide das crianças, cuide de titia. Leve os garotos para sua casa, viu? Eles gostam de sua mãe, com ela sossegam. Me faça esta caridade, que Deus lhe paga. Corra, minha amiga, abane meu noivo. Eu sigo seu conselho, vou me preparar.

Dito isso, a triste noiva correu para o banheiro. Depois de uns minutos chorosos, saiu como tinha entrado: foi pegar toalha nova, roupão adequado. A escolha do roupão demorou um pouco, a da toalha menos um quê. Já o banho levou tempo. Passada quase uma hora, Morena bateu à porta: — Dona Ofélia, se arrume logo que seu gringo tá muito mal.

A suspirosa retrucou:

— Estou saindo, Morena de Deus, estou saindo. Já tomei meu banho, só preciso de mais uma toalha fina, que não enxuguei direito os pés. Me traga também o talco, por favor.

Com a toalha tudo bem, porém o talco não era aquele nem o outro, era o não-sei-como do sabe-se lá de uma danada de uma caixa nobre que se custou a descobrir. Por fim, Deus ajudou e achou-se a coisa. Foram só mais dez minutinhos.

Já enxuta e empoadada, Ofélia se trancou no quarto e botou abaixo o guarda roupa:

— Morena, acuda! Marília, me ajude! Tenho de achar o traje certo, não vou me despedir de meu noivo vestida à toa. A roupa não pode ser alegre nem agourenta, não é mesmo? Como faço, meu Deus?

No entretanto, chegou Landu, chegou o médico, chegou metade do povo de Itapoã. Ofélia continuava hesitante. Nunca tinha pensado em roupa de noivo nas últimas. Levou um bom tempo experimentando saias e blusas, mais um tanto na busca do perfume. Quando se decidiu, veio outra dúvida: “Boto mantilha?” A boa moça concentrou-se, meditou e decidiu que não. Refez a maquiagem, caprichando na sombra dos olhos. Feito isso, tratou de escolher o lenço. Tinha mais de uma dúzia. Entendeu também de trocar os brincos. Demorou a achar os convenientes.

Daí a pouco o irmão lhe bradou, batendo na porta do cômodo:

— Mana, venha logo! O doutor medicou seu noivo, porém não garante nada. Venha ver, venha despedir-se.

Ela disse que sim, pediu apenas um instante. Levou dez minutos na escolha do sapato, outros dez a pentear os cabelos. Em seguida, tirou o anel de compromisso e o pendurou num cordão de prata, que pôs no pescoço. Teria que tirar a aliança do pobre quando viesse a hora amarga, mas nunca usaria duas num dedo, segundo o costume velho que seu gosto repelia. Não, isso nunca! Nem que fosse viúva de mesmo. Era só noiva, o costume que se ajustasse.

Enquanto fazia essa reflexão, por puro acaso Ofélia deu com os olhos no que lhe convinha. Quase alegre, deixou a saia acetinada e a blusa de organdi suíço pelo vestido verde escuro que estava bem ali, desde o princípio da busca, mas parecia ter caído do céu naquele instantinho. Trajada e arrumada como achou melhor, a moça trocou o sapato por uma sandália que combinava mais com a roupa. E foi toda linda ver o noivo.

A casa estava cheia. No quarto do agoniado, Landu só deixou entrar o médico e as empregadas de Ofélia. Barrou a tia caduca, que pretendia botar um crucifixo nas mãos amolecidas do gringo:

— Tia, se aquiete, Fred é protestante. Vá cuidar dos meninos, vá fazer um café.

Quando Ofélia viu o noivo em seu triste estado, lágrimas sinceras lhe escorreram pelo rosto:

— Querido, que tristeza! Em vez de festa, nós teremos funeral, em vez de baile, um feio cortejo. Você trocará minha cama pela terra fria e eu serei viúva antes do casamento. Vê se pode? Tua casaca irá para o barro, meu lindo vestido de noiva prenderei num baú. Que desperdício, minha tulipa! Que tragédia!

Morena passou a mão pelos ombros da patroa e continuou abanando o gringo, enquanto o médico lhe aplicava uma injeção de coramina. A moça desolada tornou ao lamento:

— Terrível céu, terríveis águas, que fizestes com meu pobre Fred? Como ele está feio! Já viu, Morena?

A boa preta tentou consolar:

— Estou vendo, sim. Infelizmente. Juro que preferia não ver. Para meu gosto, esse coitado nunca foi bonito, porém agora, valha-me Deus! Confirmo que está uma lástima. Parece mais um cururu, um caçote na boca da cobra. Feche os olhos, minha filha, reze e se apegue com o Pai do Céu. Que Deus, se for Sua vontade, leve esse daí em paz e lhe mande um melhor.

Ofélia retrucou, piedosa:

—Vamos ter caridade, Morena, vamos ter caridade. Por favor, vá a meu quarto e me traga a bolsa azul marinho.

A preta obedeceu. Ofélia pegou a caixinha de maquiagem e tratou de empoar o noivo, aplicando também um pouco de rouge a suas faces descoradas. Com um batom bem escolhido, tirou-lhe o roxo dos lábios. Com um pincelzinho, um pó mais leve e muita arte, conseguiu atenuar-lhe o nariz. Reclamou tesoura e podou-lhe uns cachos que não conseguiu pentear, pois ainda estavam sujos de sal e sangue. Não foi longe no conserto das sobrancelhas porque o médico pediu que ela deixasse em sossego o pobre paciente, sob sua observação. Ainda tinha esperança, até o fim se deve ter.

Marília trouxe o porta-chapéus em que ajudou a empoleirar o frasco do soro. Ofélia ajeitou o lençol sobre o peito ofegante do amado e saiu. Voltou com nova

roupa de cama, cuecas e o camisolão que ela mesma tinha presenteado ao futuro esposo. O doutor alegou que era muito incômodo para um enfermo naquelas condições ser vestido e trocado conforme ela queria. Landu insistiu que ela esperasse um pouco lá fora. Além do mais, tinha visitas na sala. E os meninos voltaram muito curiosos da casa de Marília, onde ninguém os pôde reter. Ofélia se entretteve com as providências.

Tia Gertrudes tinha precipitado a notícia da morte de Fred. Muita gente boa viera trazer-lhe flores e velas. A dona da casa se preocupou com os visitantes: pediu a Morena que providenciasse um de-comer, a janta de sempre e mais alguma coisa para os consoladores. Isso não demorou. Marília, que já estava fazendo café, preparou também um mingau, um chá-de-burro, batatas e inhame (o bolo não, nem o queijo de cuia, pois são muito alegres). Depois de esquentar a tainha cozida para o povo da casa, preparou uma farofa de linguiça e outra de agulha, pensando nos aderentes. Juntou-lhes um feijão de corda. Almas boas trouxeram mais peixes e uns litros de pinga, adequados para a circunstância.

Dona Dionísia acudiu, providencial: convenceu a Tia Gertrudes a rezar o terço com outras senhoras em seu próprio quarto, onde tinha um nicho de Santo Antônio. Depôs aí, sobre uma cômoda, uma bandeja com licor e bolachas. A fim de combater a tristeza da comadre, serviu-lhe um arroz de polvo que já trouxe pronto de seu casebre. E botou o marido para entreter os adolescentes, o que ele fez com muita arte, contando-lhes, no quintal, histórias terríveis de morte, crime, assombração, naufrágio, brigas de foice, pega-para-capar — enfim, os assuntos que mais apreciam os garotos dessa idade.

Ofélia mandou abrir o vinho branco para as damas, comeu e bebeu com elas resignadamente, depois foi trocar de roupa. Voltou ainda mais bonita, com um vestido azul que tinha comprado em Paris. Logo se entretteve a explicar as modas gringas às suas amigas lavadeiras, que estavam todas lá, solidárias.

Quando chegou a meia-noite e o motor descansou, apagando as lâmpadas

de luz elétrica, acenderam-se dezenas de velas, além dos lampiões de costume. Tia Gertrudes num instante caiu no sono, mas só às duas da madrugada os garotos se recolheram, alegremente aterrorizados.

Meia hora depois, o médico saiu do quarto com cara de sono e disse a Ofélia que seu noivo estava reagindo, talvez escapasse. Então ela foi dormir, aconselhada pela comadre. Acordou no dia seguinte, por volta do meio dia. Tratou logo de banhar-se. Quando acabou de vestir a roupa, já passava de duas da tarde. Ficou sabendo que seu noivo estava muito melhor e tratou de revigorar-se também: tomou dois copos de vinho, comeu uma moqueca de peixe, escovou os dentes, lavou o rosto, penteou os cabelos, trocou de blusa e saia três vezes, perfumou-se e foi ver o amado.

Fred estava adormecido, parecia quase sereno e respirava de um jeito aceitável, com um ronco menos assustador, acompanhado por um assobio discreto. A cara é que ainda assombrava. Ofélia pensou em fazer-lhe nova maquiagem, mas logo desistiu. Sentou-se numa cadeira e esperou.

De repente, as vistas sombrias se acenderam. A noiva sorriu, o noivo fez uma careta. No que ela se aproximou do leito, os olhares dos dois se encontraram com a mesma expressão de desgosto — pelo menos foi o que Ofélia pensou. E com este sentimento, tratou logo de sair do quarto.

No corredor, ela disse a Morena:

— Acho que Fred precisa de um banho. Está com cheiro de peixe estragado.

Mas foi Landu quem lhe respondeu:

— Deixe que cuidam disso no hospital. Já chamei a ambulância. Doutor Alfredo examinou teu noivo hoje de manhã e disse que ele melhorou bastante, tem condições de ser transportado. Você quer ir com ele, fazendo companhia?

Ofélia respondeu que não, meneando lentamente a cabeça. E o mano concordou:

— Está certo.

Dona Dionísia, que vinha chegando, pegou a amiga pelo braço e falou com doçura que ela precisava descansar o juízo. Melhor que desse um passeio curto, pela beira d'água. Ofélia pegou uma sombrinha a fim de proteger-se do sol e seguiu a comadre, que a levou à lagoa. Sentaram-se as duas debaixo de uma árvore copada. Ofélia desabafou:

— Não sei o que quero, Dionísia. Acho que gosto de Fred, mas realmente não sei. Quer dizer, assim, para casamento, amor comprido e trabalhoso, tenho minhas dúvidas. É verdade que ele pediu e eu aceitei. Sucede, porém, que não estou certa de minha vontade. Ontem de manhã, nós discutimos. Ele queria marcar a data, afinal veio para isso. Mas eu me recusei, disse que precisava de tempo. E de experiência. Ele indagou: “Que tipo de experiência?” Eu respondi com franqueza que não sabia. Fred se zangou, foi logo saindo pela porta afora, só disse que ia nadar. Eu falei: ‘Vá logo, me deixe em paz.’ Morena e Marília testemunharam a conversa. Não entenderam, porque falamos em inglês, mas como são inteligentes devem ter percebido a natureza da discussão. Horas depois, quando a ventania explodiu, eu pensei comigo que aquela tempestade se formou em meu peito. Imagine agora como me senti quando soube do acontecimento.

Dionísia nada respondeu. Pegou um bocado de água da lagoa na concha das mãos e derramou sobre a cabeça da amiga, dizendo que era uma bênção. Em seguida voltaram pelo mesmo caminho. A ambulância já tinha partido com o holandês.

Ofélia foi ao quarto procurar seu leque e viu Marília parada numa atitude estranha: seu belo rosto tinha uma expressão solene de máscara africana, de impressionante majestade. Morena, que havia entrado no cômodo com a patroa, inclinou-se e tocou o chão numa reverência profunda. Ofélia a imitou, sem saber porque. Ergueu-se para um abraço forte e delicado, ao som de um discurso que não entendeu. Morena pediu-lhe que esperasse no corredor. Assim ela fez. Dentro em pouco, viu Marília passar a seu lado com jeito de quem acordou de um grande

sono e mal sabe onde está. Em seu belo rosto não havia sinal da augusta máscara de mil anos. Morena levou a patroa a um canto do cômodo e explicou:

— Dona Ofélia, não foi minha irmã, foi um Orixá que lhe falou: a velha Nanã, a grande rainha que governa começo e fim. Veio dizer que lhe protege, mas a dona de sua cabeça é Iemanjá. Vosmecê precisa fazer o que a Dona do Mar exige e Oxum também reclama. Só assim, será feliz.

Nesse ponto a bela negra fez uma pausa hesitante, mas logo emendou:

— Nanan falou ainda outra coisa, que tenho de lhe passar. Me perdoe, são d' Ela as palavras: *Deixe ir-se embora o homem que não lhe pertence.*

Ofélia respondeu que obedeceria. O querer das outras mães d'água, ela soube no dia seguinte, num terreiro. Marcou-se logo a obrigação.

No dia aprazado, Ofélia madrugou. A aurora ainda se insinuava quando ela chegou à lagoa do Abaeté vestida de noiva, com um jarro de flores na mão. Dentro do jarro, o cordão de prata com o anel que lhe dera Fred. Acompanhada por mulheres silenciosas vestidas de branco, ela entrou num barquinho em que as esperava um único remador, um velho de olhos nublados. Quando a embarcação chegou ao meio da lagoa, Ofélia depôs o jarro na água, ao som de palmas ritmadas e de uma cantiga solene. A um sinal da senhora que agitava uma espécie de campainha com duas bocas, ela tirou sua roupa de noiva e a depôs também na água escura. O tecido flutuou por alguns segundos e logo desapareceu, junto com os finos sapatos, a pulseira e o belo buquê. As acompanhantes enrolaram o corpo da noiva nua em toalhas brancas e a embarcação retornou lentamente à margem de onde tinha partido. Ao descer, Ofélia entregou um pequeno envelope com o pagamento devido ao barqueiro cego, um velho de quase cem anos que tinha passado a vida a remar naquelas águas, onde fez, nesse dia, sua última viagem. Havia tempo que não entrava em barco, mas não hesitou quando soube da escolha do Orixá.

Ao nascer do sol, Ofélia já estava de volta. Tomou café com a tia e foi descansar no seu quarto. Dormiu até tarde. À hora do almoço, chegou Landu, a contar-lhe as novas:

— Assim que teve alta, Fred se dirigiu ao hotel, pegou a bagagem, acertou as contas, foi à agência de viagens que tem no hall e tirou o bilhete. Depois comprou um terno na loja, vestiu-se e tocou pro aeroporto. Mais tarde teremos de mandar-lhe as coisas que deixou aqui.

Ofélia sorriu de um jeito levemente irônico, mas nada comentou.

...

O resto da história vovó não detalhava. Apenas me disse que sua amiga se casou um ano depois e se mudou para o Rio de Janeiro definitivamente (o esposo era de lá). A cerimônia foi muito simples. A noiva usou apenas um tailleur discreto, azul claro. Não houve baile nem pompa, mas houve firmeza no matrimônio. No Rio, a grande dama fixou-se, estabeleceu-se numa casa só: já não trocava de endereços como antigamente. Parou, também, com as viagens anuais ao exterior. Só de vez em quando vinha à Bahia, sempre com o marido. Passava, então, a maior parte do tempo em Itapoã. De volta de uma dessas visitas, levou consigo a afilhada: Diva, a caçula de Dionísia. Queria dar-lhe educação, do jeito que prometera à comadre. A promessa foi bem cumprida. Diva tornou-se uma pianista famosa. Quando lhe perguntavam de que modo surgiu sua vocação, ela respondia sorrindo: “Foi na praia, logo que vi um piano”. O povo ria e ela acrescentava: “Num lindo concerto à beira mar, nas areias de Itapoã.”

Nada mais sei da linda Ofélia que me encantou. Só a entrevejo nas lembranças de minha avó. Um velho tio falou-me de um holandês chamado Fred que andou por aqui fazendo negócios. Jura que o reencontrou em Punta del Este, onde mais tarde soube que ele morreu afogado, deixando viúva uma bela uruguaia. Impossível saber se era o mesmo Fred que acabou um noivado em nossas



águas. Duas coisas me deixam desconfiado: meu tio é um homem criativo, de imaginação muito fértil (herança de minha avó). Como se não bastasse, era afilhado de Cosme, o poeta cachoeirano, um desatinado Orfeu das Ofélias.

Semana passada estive em Itapoã, agora um bairro irregularmente urbanizado, com todas as ruas asfaltadas. A casa de Ofélia, por certo foi derrubada: não achei nenhuma que correspondesse à descrição de vovó. As dunas diminuem sempre, com a perda da areia que lhes tiram para fins de construção, ou por conta de outras intervenções estúpidas. Pode ser que em breve se acabem de vez. Pescadores, há poucos. Empurra-se a negrada cada vez para mais longe. E a lagoa de Abaeté reduziu-se a um terço do que era antigamente. Mas as três Senhoras ainda estão lá.

## **A última sexta-feira do velho Morais segundo o relatório que ele mesmo fez a sua neta no sítio Boa Hora em Capoeiruçu**

*Não, minha filha.*

*Nessa tarde não preguei olho.*

*A dor apertou.*

*Relógio mancava.*

*A empregada saiu pra fuder.*

*Largou aberta aquela porta que dá pro quintal.*

*O cabrito comeu tuas palavras cruzadas.*

*Galo subiu na mesa e fez política.*

*O cachorro branco mijou aqui, não tá vendo?*

*Na minha cadeira de rodas.*

## Jordão

Tiana sentou-se, lançou um olhar crítico à mesa posta. Depois de um suspiro, voltou-se para o velho bule esmaltado, vazio, posto bem no centro. O café estava ainda quente na garrafa térmica. O leite esfriava numa pequena jarra, muito bonita. Intactos o cuscuz, o inhame, o bolo de tapioca, a broa de milho.

— Tá vendo? Ele só comeu uma banda de pão, engoliu meia xícara de café e partiu escarreirado. Nem falou comigo, saiu como quem foge. Pra que mesmo? Doidice. Inventou essa viagem maluca de uma hora pra outra. Não pensa em outra coisa, só cuida em procurar a disgrama daquela pintura. Está caçando consumição. Não é mesmo, Bicudo?

Com um muxoxo que cobriu a falta de resposta, a velha encheu sua xícara de leite, serviu-se do cuscuz. Depois da breve pausa, continuou sua arenga:

— Não entendo porque essa agonia. Ele já fez tantos quadros, não é? O povo gosta. Antes que a tinta seque, já tem gente comprando, seja qual for o preço. Telas e telas, pouca coisa guarda. Já pintou muita mulher bonita. Às vezes tira os retratos com a máquina e depois desenha, pinta, sai uma coisa diferente, elas adoram. Outras sirigaitas vêm fazer as poses. Às vezes ficam peladas, oferecidas. E ainda agradecem o favor quando ele bota suas vergonhas no mundo.

A pausa seguinte foi preenchida por um gole suave. Sucedeu-lhe um gesto quase didático, abrindo a nova ponderação:

— Na verdade, não é só mulher. O menino Jô pinta muitas coisas de que não faço a menor ideia. Gosta de impossíveis. É cada trem... Seja lá como for, o povo aprecia. Logo vende. Sim, em geral ele é despachado, se separa do que faz sem queixa nem lamento. Mas ultimamente cismou com o retrato antigo da criatura sem juízo. Foi de uma hora para outra. Parece até coisa feita, arte do Cão. Arrenego!

O esconjuro teve por arremate o sinal da cruz:

— Vou rezar, Bicudo. Vou pedir a Deus por João, meu menino velho. Ele anda muito do herege. Precisa de orações. Aliás, quem não precisa? Rogo a Jesus e Nossa Senhora por todos nós. Quer dizer... Me desculpe, companheiro: no seu caso, penso que reza não adianta. Você não tem alma, tem? Eu ignoro.

Perante o silêncio perene do bule, a velha fechou os olhos e recitou em ritmo lento uma ave-maria. Quando acabou, viu que Nini estava a seu lado, perguntando:

— Quer que eu tire a mesa, Tiana?

— Não. Inda vou tomar um pouco de café. Você sabe, eu tomo o leite e depois o café. A mistura é na minha barriga. Deixe que logo eu mesma guardo esse de comer e lavo os pratos. Estou velha mas não estou morta, ainda posso fazer alguma coisa. E você, com certeza, terá muito trabalho: o menino deixou o ateliê numa bagunça medonha. Bem, faça só uma coisa: guarde o leite e o iname, que já esfriou. O cuscuz, também. Tire as comidas. O bule, deixe. Quando João não toma café comigo, é o Bicudo que me faz companhia. Por isso é que eu boto o distinto na mesa, vazio mesmo. Diga se não é um tipo elegante, com essa tromba de glória pra cima, a roupa azul de esmalte, a rosa encarnada no meí da barriga e a mão na cintura...

— Sim, muito elegante! — respondeu Nini com uma risada, já se afastando em direção à cozinha.

A velha voltou-se de novo para o vasilhame:

— Pois é, meu amigo, pensei que ele já tivesse esquecido a pecadora. A febre antiga atacou de novo, amolecendo seu juízo. O pobre só pensa no retrato dela, a bendita pintura que fez aqui, nesta casa honesta, quando os dois passaram mais de um mês na orgia, me atezando. O pior é que eu me apeguei à diabinha. Deus me perdoe, gostei da criatura. Ela é maluca, eu sei. Mas tem bom coração.

Toda hora me fazia um agrado, me dava remédios. Por sinal, eu soube que virou médica. Um dia ralhei com ela, que ficava andando nua pela casa, a dançar feito mariposa. Dona Doida não se zangou. Pediu desculpas, botou o avental de João e veio tomar café assim. Aí eu me dei conta de que ela é maluca mesmo. Sabida, doutora, pode ser. Mas não tem juízo. Menina demais. Parece que não compreende regra de moral. Nunca vi pecar com tanta inocência. Por certo pai e mãe não criaram direito. Em todo o caso, confirmo que a pestinha não é ruim de natureza. Tem gênio bom. Senti quando ela foi embora, de volta para o gringo. Me aborreci porque João deixou. A verdade é que ele saiu logrado: antes de lhe tomar de volta a Salomé, o infeliz do americano ainda tirou o selo da moça que ele namorava.

— Não, minha velha, isso não é verdade. Meu primeiro homem foi João. A gente rompeu o namoro pouco depois. Só um ano mais tarde eu tive o caso com Harry. Por sinal, um romance muito rápido, uma pequena aventura.

Tiana voltou-se, perplexa, só então percebendo que Maria Psiquê estava bem ali, a seu lado. A visita explicou:

— Achei a porta aberta, entrei. Você estava tão entretida com o Bicudo que nem me notou.

— Ai, minha filha, me perdoe. Juro que não estava maldando, foi só um desabafo. Essas coisas só falo para o bule velho, que tem bico mas é calado, não fuxica. Eu não sabia... Quer dizer que João lhe tirou de casa e depois rompeu o namoro? Arre, que safado me saiu esse menino!

— De casa, ele não me tirou. Continuei morando com meus pais. Mas sim, foi com Batista que perdi a virgindade. Melhor dizendo, foi um ganho. Também não posso dizer que ele me abandonou. Fui eu mesma quem quis romper.

— Pelo que vejo, era você quem não tinha juízo, minha filha. Cabeça leve. E gostava de Jô, não é mesmo? Afinal, vocês acabaram se juntando. Por pouco

tempo, é certo... Mas então me diga: se gostava do homem que colheu sua flor, porque largou e foi se enrolar com a porcaria de um gringo?

— Não fale assim de Harry, ele não era porcaria. Pode crer, era uma bela pessoa. Sofri com sua morte. João, também. Sabe de uma coisa, Tiana? Se não fosse Harry, eu nunca teria voltado para o doidinho do Jô, morado com ele. Portanto, o gringoca não nos separou. Ao contrário, ele nos uniu.

— Gringoca?!

— Era assim que a gente chamava o Harry, porque ele nasceu em New York, nos Estados Unidos, mas vivia dizendo que era carioca. E de certo modo, era mesmo: viveu no Rio quase toda a infância e uma parte da juventude.

— Fiquei contente quando você chegou aqui de mala e cuia. Botei as mãos para o céu, achei que João ia tomar jeito. Homem precisa ter mulher em casa. Não uma velha como eu, mas uma boa moça que lhe dê amor. Chorei quando você foi embora. Sei que ele nunca achará outra igual.

— Duvido que ele se case um dia, Tiana. Jô não nasceu para isso.

— Sinto concordar. Por duas vezes tive esperança e logo perdi. Sei que ele anda por aí passarinhando, de uma pra outra. Não se acomoda. Dizem que é mal de artista. Mas por favor, se assente menina, tome seu café, coma alguma coisa, a casa é sua. Pra mim, continua sendo.

— Obrigado, Tiana, mas deixe disso, hoje minha casa é outra.

— Sim, eu sei. Você agora é mãe de família, com garantia de padre e juiz, filhos batizados. Seu marido, eu vi menino. Ainda é novo, não? Você se casou com um homem mais moço.

— Dois anos, a diferença. Hermano gosta, não me acha velha. Nosso casamento a cada dia fica melhor.

— Benza Deus! Só espero que ele não seja destrambelhado que nem o pai.

— Meu sogro era um homem muito bom.

— Realmente: cheio de vida, alegre e generoso. Às vezes ficava um pouco esquentado, porém não nutria maldade. Agora, não se pode negar que ele tinha suas extravagâncias. Era um doutor que gostava de furdunço. Costumava sair pintado de diabo na festa da Ajuda, fazendo arrelia. Era estúrdio, sim. Galo de Trovão. Sobrinho do Ronca Defunto, que era outro... Mas você não veio aqui pra falar do sogro.

— É verdade, Tiana. Vim a pedido de João. Ele me ligou duas vezes ontem e não me achou, porque eu tinha saído sem o celular. Mas deixou recado, queria que eu lhe trouxesse um presente.

— De que se trata, menina?

Maria Psiquê abriu a sacola de papel que tinha no colo:

— Tome, Tiana, é sua essa boneca. João viu numa loja, pensou em você, mas não teve tempo de fazer a compra. Ficou indeciso na escolha entre meia dúzia de irmãs formosas, da mesma fábrica. Eram parecidas, um pouco diferentes nos detalhes. Quando se trata dessas coisas, homem não sabe escolher. E como ele tinha viagem logo cedo, pediu que eu fosse lá, apanhasse uma menina de louça e trouxesse para você. Deixou paga a encomenda. Presente de aniversário, mulher. É hoje que você sai dos vinte e cinco, não é mesmo? Jô viajou, porém não esqueceu.

Com os olhos molhados, Tiana pegou a boneca, acariciou-lhe os cabelos, beijou suas pequenas bochechas e a pôs no colo com cuidados de mãe. Por fim, murmurou:

— Ai, que menina mais linda! Obrigada, amiga Maria, por me trazer esta criaturinha. Sim, já passei dos vinte e cinco e também da casa dos setenta. Estou quase no meio da outra. Mas lhe garanto que ainda sei cuidar de criança. Está vendo, Bicudo? Ganhei uma neta! Danada de bonita, por sinal.

— Bem me disse João que você ia curtir...

— Adorei. Por essas e outras é que Jô me cativa. Quando a mãe dele estava morre-não-morre, pediu-me que tomasse conta do filho, já homem de barba e

de pouco juízo; mas ele é que cuida de mim. Agora não quer que eu carregue um palito nesta casa. Para todo o trabalho contratou Nini, que até me trata de patroa. E vive me fazendo mimos.

— Ora, você merece, Tiana. Mas diga: para onde foi João?

— Rio de Janeiro. Lá tem uma camarada que coleciona quadros seus. O menino foi na esperança de encontrar o retrato de Salomé, ou senão alguma pista de onde esse quadro se acha. Está na procura desde a morte do gringo. A propósito, me diga uma coisa: como foi mesmo que o camarada morreu? João Batista só me disse que ele caiu do céu.

— Foi lá na Europa. Harry tinha costume de saltar de pára-quedas, gostava do esporte. Da última vez, alguma coisa falhou. Salomé me avisou pelo Skype, que é um telefone do computador. Foi a última vez que falei com ela. Depois, nunca mais fizemos contato. Nossa amiga sumiu no mundo.

— Entendo. É pelo fel da viuvez. Minha irmã me contou que quando perdeu o marido sua vontade era sair correndo, fugir pra onde ninguém a encontrasse. Só não fez isso por causa dos filhos. Pelo que vejo, a doidinha era mesmo apegada ao gringo.

— Sim. Mas eles estavam separados: Harry na França, ela na África do Sul.

— Salomé na África? Fazendo o que?

— Trabalhava lá, num programa da Unesco. Quando soube da notícia, pegou o primeiro avião. Mal chegou pro enterro. Ficou na França uma semana, em casa de parentes. Depois, ninguém sabe que rumo tomou. O certo é que não voltou à África do Sul.

— Então foi ela quem avisou a João da morte do outro. Quando você mandou recado, ele já sabia. E pouco depois viajou, seguiu para as terras de francês. Disse que nos últimos tempos o gringo morava lá, numa cidade chamada Leão, à beira de um rio por nome Rosne, essas coisas de gringo brabo.

— Rhône, Tiana. Lyon.



— Como queira. Disse João que ia saber dos parentes do defunto quem tinha ficado com o quadro, com o retrato da pecadora. Não sei se chegou a encontrar-se com ela. Não creio. Outro dia perguntei se ele tinha notícia da diabinha, por onde andava. O menino me respondeu em tom de charada: “Está no Cajueiro”. E nunca mais tocou no assunto.

— Ah, tomara que ele tenha sorte. Mas agora adeus, Tiana. Tenho de ir. Tome também este xale, é o meu presente. Parabéns!

— Obrigada, Maria Si, não precisava se incomodar.

A velha acompanhou a visita até a porta, despediu-se e voltou para a sala de jantar. Pediu a Nini que tirasse a mesa. Em seguida, pegou a boneca e a levou para seu quarto, onde a pôs sentada numa cadeira.

— Fique à vontade, menina. E me diga: donde vem você? Ah, nem me conte que já sei. Esses olhos verdes, a carinha de anjo, o ar de riso, essa malícia... Eu te conheço, pecadora! Você é mesmo que ver sua mãe.

...

Com passos lentos, João Batista percorreu mais uma vez toda a galeria. Demorou-se pouco na ala especial em que estavam seus quadros. Dedicou-lhes um olhar fatigado, que transparecia decepção. Via só uma ausência. Afastou-se logo, dirigindo-se ao gabinete do marchand. Bruno o recebeu com um sorriso largo e uma pergunta:

— Então, Mestre, quando teremos nova safra?

— Depois que você me atender e me encontrar aquele quadro.

O velho empresário suspirou:

— Está difícil, homem. Você sabe que tenho procurado. Me diga uma coisa: porque tanto o quer? Perdoe, mas acho esquisito um pintor de sucesso, com uma produção que nem a sua, empenhar-se tanto em reaver uma obra antiga, pouco falada.

— É a primeira. Nela está meu começo, a raiz de tudo que fiz em matéria de arte.

— Percebo o que sente, mas não compreendo. Você mudou muito de lá para cá. Avançou, descobriu coisas novas, está numa ótima fase. Não é hora de nostalgia. Mas deixa pra lá, já tivemos essa discussão e sei que é inútil. Está chegando o Marcos, que eu fiquei de te apresentar. Ele era amigo de Harry. Tem-me ajudado na busca doida em que você me envolveu.

João Batista apertou a mão do homem grisalho, atlético e muito elegante, que o cumprimentou com um sorriso:

— Prazer, Mestre. É verdade, sou até hoje amigo de Harry, pois não o esqueço. Fomos vizinhos quando ele morava no Leblon. Colegas de escola, companheiros de aventuras. A gente era unha e carne. Passamos muito tempo sem nos ver, depois que ele se mudou para a França, mas de vez em quando ele aparecia e nossa amizade se revigorava. Foi Harry quem primeiro me falou de sua arte, que muito admirava. Harry... Até hoje, acho difícil acreditar que ele morreu. Ainda o imagino vivo, mesmo depois que visitei seu túmulo.

— Tenho esta mesma sensação, Marcos. A notícia só me alcançou coisa de uma semana depois da fatalidade. Eu me achava no Pantanal. Não levei celular nem notebook: nessa viagem, queria desligar-me um pouquinho do mundo. Só na volta achei o recado de Salomé.

— Eu fiquei sabendo por um amigo comum, de New York. Ele me ligou duas vezes, só me encontrou na terceira. Harry já tinha sido sepultado. Mesmo assim fui a Lyon, fui ao Saint Rambert. Por puro acaso, me deparei lá com sua querida, que foi levar-lhe flores. Conversamos um pouco e marcamos encontro para o dia seguinte. Ela não compareceu. Fui à casa da tia que a hospedou e fiquei sabendo que Salomé tinha viajado, sem dizer para onde.

— Sim. Foi-se embora de repente. E ninguém a encontra, ninguém dá notícia.

— O quadro que você procura eu vi em Lyon, na casa onde eles moravam, coisa de cinco anos atrás. Depois da separação, Harry mudou-se para um flat.

Não sei que destino ele deu à tela. Não consta do seu inventário. Mas duvido que ele a tenha vendido, ou dado de presente: Harry adorava esse retrato. Tenho apenas uma hipótese: deve estar com ela, Mestre. Com sua modelo. Mas Salomé sumiu no mundo.

Jotabê balançou a cabeça, despediu-se dos amigos e dirigiu-se ao elevador. Enquanto esperava que se abrisse a porta metálica, Marcos foi a seu encontro e lhe ofereceu carona:

— Bruno me disse que você está hospedado no apartamento de uma prima, na Lagoa. Deu-me o endereço. É perto de onde moro. Venha comigo que lhe deixo em casa.

No percurso, o camarada abriu o jogo:

— Eu lhe disse que vi em Lyon o quadro que você procura. Foi na casa de nossos amigos. Fiquei muito impressionado. Ainda custo a crer que foi sua primeira tela.

— Antes disso, eu fiz muitos esboços. Desenhava bastante, só não conseguia pintar como desejava.

— Então foi uma estréia fantástica. Não sai da minha memória aquela imagem de mulher divina e demoníaca: rosto de anjo, corpo radioso, com labaredas a brotar-lhe do sexo, iluminando uma gruta, seu estranho nicho rupestre. Cumprimentei Salomé, disse que ela tinha um retrato de deusa. Sabe o que nossa amiga respondeu? Disse que primeiro tinha ficado muito orgulhosa dessa pintura, mas por fim descobriu que não a retratava. E sentiu um ciúme danado. Num dia em que estava muito zangada pensou até em destruir o quadro. Só não o fez porque não era seu. Bom, agora você já sabe o que receio... Permita, amigo, que eu lhe faça uma sugestão: reconstitua sua obra. Pinte de novo essa tela maravilhosa.

— Não sei se posso. Em todo o caso, muito obrigado. Pela carona e pela sugestão.

...

Entretida a trocar mensagens no computador, Psiquê nem viu o marido que vinha chegando de surpresa. Tinha antecipado o retorno. Viu-se logo suspensa no ar, carregada e beijada com arrebatamento, entre os risos da empregada e os gritos alegres das crianças: uma pequena festa que o casal prolongou com mais ardor no quarto e recomeçou no banheiro, sob as duchas. Até serenar. Um vento agradável os recebeu na varanda, onde jantaram pouco depois. Só mais tarde, quando os meninos já dormiam, os dois se lembraram de desfazer a bagagem.

Hermano deixou por último a entrega do presente: duas telas onde se via a mesma imagem, figurada em estilos distintos, bem marcantes.

— Encontrei numa galeria de Salvador. Esta da direita é de Mestre Rui. A outra é de nosso amigo...

— João Batista — completou Psiquê, mal escondendo a perturbação. — Ele queria copiar a linda Senhora dos Prazeres que o velho pintou. Acabou fazendo outro quadro, também muito bonito, mas em tudo diferente.

— É uma tela maravilhosa — retrucou o moço. — No seu quadro, a santa se parece muito com você.

— Nunca posei de santa. Eu pedi a João um retrato, ele nunca fez. Começava e não terminava.

— Ora, aqui está!

— Não, de jeito nenhum. Percebo que esta Senhora tem meus traços, é parecida comigo. Mas não me retrata. Aliás, eu nem sabia da existência deste quadro. Tenho certeza de que não foi feito na altura de nosso convívio. Não me reconheço nele. Tem qualquer coisa que me assusta.

— Sinto muito — disse o marido, um pouco sem graça. — Vou botar a pintura onde você não a veja. Também podemos vendê-la com bom lucro.

— Nada disso. Presente seu, nunca venderei. E o quadro é mesmo bonito. Vou pôr na saleta onde guardo as coisas de papai. Tenho certeza de que ele gostaria muito dessa terrível...

— Nossa Senhora dos Prazeres. Tua imagem.

— Não, meu bem. Um fantasma que sonhou comigo.

...

Depois que tomou uma xícara de café com leite e comeu singela banda de pão, João Batista disse à prima que ia dar uma volta. Alice protestou:

— Onde vai assim, com tanta pressa que nem comeu direito?

— Não é pressa, querida. É que de manhã não tenho muito apetite. Vou apenas dar um passeio na beira da lagoa, fazer exercício.

— De terno e alpercatas? Que figura! Porque não vai de bermuda, camisa de malha?

— Bermuda eu não trouxe, nem usaria hoje. Botei o paletó por causa da friagem.

— Sim, o dia está esquisito: céu claro e temperatura baixa. Quero dizer, baixa para o Rio de Janeiro. Treze ou quatorze graus, calculo. É uma frente fria que veio do sul. O outono carioca às vezes tem esses arrepios. Mas não sei se isso justifica seu figurino.

— Não estou bonito?

— Bom... Se é pra chamar a atenção, espere aí: vou dar-lhe um toque definitivo.

Enquanto falava, Alice pegou um cravo branco do vaso florido sobre um console e o colocou na lapela do primo. Ele protestou, com um sorriso:

— Será que assim não fico fresco demais?

— Com essa cara de São Jiló, nem que eu lhe pusesse uns balangandãs você passaria por gay. Ainda está aflito, não é? Procurando o retrato da sumida... Abra os olhos, homem: com tanta mulher nesta terra, com uma prima que lhe dá

quando pede, porque prender-se a amor passado? Ah, não é isso? Então o que é? A tela? Um retrato não vai esquentar-lhe a cama... como você esquentou a minha.

...

Com suave firmeza, a vizinha segurou Nini pelo braço e a fez sentar-se na cadeira. Falando em voz baixa, impôs sua calma à criatura:

— Respire fundo, descanse um pouco. A velha está bem, não está? Ador-meceu. Tomou o calmante direitinho. Agora é você quem precisa sossegar. Limpe as ideias e conte o que aconteceu. Não se avexe, fale devagarzinho.

— Ai Dona Alzira, me perdoe, foi o susto que eu tomei, fiquei zonha das ideias.

— Vamos lá, comece do princípio.

— Eu tava na cozinha, botei a panela no fogo e fui cortar as verduras. De repente a velha entrou chorando, a me dizer que a menina tinha fugido. De começo, não entendi. Menina? Que menina? Mas finalmente atinei que ela falava da boneca. Aí eu disse pra ela que era nada não, boneca não foge, a senhora sente na sua cadeira de balanço e espere só um pouco que vou procurar. Ela saiu, pensei que me atendia, aí eu voltei às verduras, cuidei das panelas e das travessas, escorri o macarrão, com essas coisas me distraí. Era tempo de botar a mesa, eu gosto de tudo na hora certa. Quando chego na sala, o que vi foi a cadeira vazia. Pensei que ela tava no quarto, fui chamar. Nada. Rodei a casa, nem sinal de Tiana. Fiquei aflita. Corri para a rua. Pergunta que pergunta, por sorte o rapaz da oficina viu a velha sair com o bule na mão. Me ajudou a procurar. É um bom moço. Eu tava com raiva dele porque outro dia o desassuntado mexeu comigo, na procissão: essas ousadias de passar a mão no bumbum da gente, vê se pode, não respeitou Nossa Senhora. Zanguei, mas hoje vi que o sem-vergonha é bom moço. Herege, mas caridoso. Então eu acho que a Virgem perdoa. Vai daqui, vai d'acolá, nós encontramos a velha na feira. Sim, senhora: na feira, carregando o bule que nem se fosse uma lanterna pra

alumiar o caminho, sendo que era meio dia, tudo claro. Bule não alumia, eu sei, foi um modo de falar para que a senhora veja como ela carregava o Bicudo, pois chama de Bicudo e conversa com ele, na caduquice dos oitenta e cinco. E tinha gente que ria, que arreliaava. Chico da oficina espanou os moleques, deu cascudo, e a velha sempre chorando, insistindo com a gente que a filha tinha sumido, eu expliquei ao rapaz que era a boneca e deu um trabalho danado convencer Tiana de que era melhor voltar para casa. A senhora sabe, com uma pessoa caduca o jeito é caducar: eu disse que a menina não tinha fugido não, estava escondida, fazendo arte, criança gosta de esconder. Ela se conformou. Então viemos e ainda tive de procurar a boneca, deu trabalho mas finalmente achei, no pé da cama da velha, a toalha em cima, parecia que tinha mesmo escondido, por certo caiu quando a velha se levantou e a toalha que foi ao chão fez o mistério, mas o diacho da boneca tava mesmo com cara de sonsa, parecendo que dava risada. Tiana ralhou, botou a pestinha de castigo. Eu dei razão, veja só, parece que fiquei doida...

...

Jotabê despediu-se da prima e foi dar seu passeio em volta da Lagoa. Depois de uns vinte minutos de caminhada, notou que um carro buzinaava para chamar-lhe a atenção. Um homem jovem, de camisa estampada e óculos escuros desceu o vidro do automóvel e indagou:

— Baiano?

— Sim! — confirmou João.

Imediatamente o rapaz estendeu-lhe um envelope, dizendo em voz baixa:

— Está tudo aí, retrato e telefone. Se apresse que a peça já chegou.

Ato contínuo, o vidro escuro tornou a subir e o carro acelerou, saindo em disparada. Jotabê ficou um momento paralisado, sem saber o que faria. Por fim,

abriu o envelope e encontrou em seu interior o retrato de uma bela mulher, que aparentava trinta anos de idade, tinha cabelos negros, vestia saia escura e blusa branca, muito elegante. Pendia de seu ombro uma bolsa de grife. Estava ao lado de uma escada, no que parecia ser a saída de uma estação de metrô.

Depois de contemplar longamente a foto, João Batista pôs o envelope no bolso do paletó e seguiu caminho. Andou por mais uns vinte minutos, tomando o rumo do parque. Estacou a poucos passos de uma banca de revistas onde viu uma jovem senhora trajada com um tailleur verde claro, tendo no ombro uma bolsa Vuitton e na mão um i-phone. João não precisou conferir: era a dama do retrato. Deu-lhe bom dia e anunciou:

— Minha senhora, há pouco um desconhecido me deu uma foto que deve ser sua. Está aqui.

Num gesto rápido, a mulher pôs a mão direita dentro da bolsa e com a outra recolheu o envelope, agradecendo em voz baixa, de um modo um tanto seco:

— Muito obrigada. Passe bem.

Imediatamente dois homens surgiram, um de dentro e outro de trás da banca. Num relance instantâneo, um deles mostrou a João o revólver que logo ocultou de novo, afundando a mão armada no bolso do paletó. A dama ordenou:

— Traga o carro, Velho. E você, Coisinha, fique comigo.

Feito isso, ela passou os olhos pela fotografia, que logo repôs no envelope.

João fez meia volta e saiu calmamente. O tal Coisinha fez menção de o deter: segurou-lhe o braço, mas logo o soltou, a um aceno da patroa.

“Deve ser uma ricaça, que só anda com seguranças. Desconfiada como poucas. Vai ver, essa foto a compromete”, João concluiu. E continuou seu passeio. Andou por mais uns dez minutos. Quando se preparava para voltar, levou um esbarrão. Era o Coisinha, que lhe encostou o revólver nas costelas e lhe indicou o carro próximo. João entrou em silêncio no veículo e o brucutu se acomodou a seu



lado, no banco de trás. No volante, o Velho (um mulato que parecia ter, no máximo, quarenta anos); a seu lado, a bela mulher. Depois de percorrer um labirinto de ruas o automóvel chegou rapidamente à garagem deserta de um pequeno edifício. Aí João teve de saltar. Coisinha disse:

— Acabou o conforto, Mané! — E o fez entrar na mala do carro.

Aos trancos, Jotabê fez uma viagem que parecia interminável. Sentiu alívio quando o fizeram sair em outra garagem. Tinha o corpo dolorido e a cabeça quente. Pensou que ali se acabariam suas aventuras e desejou que fosse logo. Em silêncio, foi levado ao primeiro andar da casa, que tinha a aparência de um sobradão. Numa saleta, os dois homens o revistaram cuidadosamente, obrigando-o a tirar a roupa, que depois lhe devolveram (menos as alpercatas). Finda a revista, eles o fizeram entrar no amplo escritório onde a moça esperava, sentada atrás de um bureau. Coisinha entregou-lhe a carteira apreendida, resmungando:

— Deixe conosco, Doutora. Num instante a gente faz o pássaro cantar.

Mas a criatura retrucou de modo cortante:

— Saíam os dois. A conversa é comigo.

A dupla obedeceu. A mulher indicou a João a cadeira a sua frente, pedindo, com fria gentileza, que ele contasse como tinha recebido o envelope. Depois de ouvir-lhe o breve relato, ela examinou seus documentos, abriu um notebook e concentrou a atenção na tela do aparelho. Por fim chamou os camaradas que se mantinham à porta e ordenou:

— Voltem depressa à Lagoa. Procurem lá, perto da banca, um homem vestido como este cavalheiro. Quando o acharem, tragam para cá. Atenção, não quero falhas. É minha cabeça que está em jogo.

— E esse aí? — o Velho falou.

— Está em boas mãos, não se preocupem— ela cortou. — Andem logo, que o tempo corre.

Assim que a dupla saiu, ela disse a João:

— Você terá de esperar, meu amigo. Lamento muito, mas é preciso. E convém que me obedeça. Fique frio. Não faço questão de apagar um artista. Sim, parabéns! Acabo de ver o seu site. Um pintor de sucesso, com várias exposições no Brasil e no exterior. Não é todo dia que encontro uma pessoa tão ilustre. Famoso e original: já correu mundo, porém mora numa cidadezinha do interior da Bahia, não é mesmo?

— É uma cidade histórica muito importante — João protestou.

— Bom, eu não entendo muito de história. Só cuido de negócios.

Dizendo isso, ela tirou da bolsa uma pistola que depôs na mesa com ar displicente.

— Espero que a senhora também tenha calma — o pintor ponderou, com um sorriso leve.

— Não se preocupe. Não sou de perder o equilíbrio à toa. Gosto de resolver as coisas com tranquilidade. Nunca me precipito, rapaz. Se você mantiver a cabeça fria, nos entenderemos. Percebo que estou lidando com um homem inteligente. Não vai fazer bobagem, não é? Aliás, devo dizer que aprecio sua atitude. Sei que está com medo e não é sem motivo. Mas sabe controlar-se. Outro já teria mijado nas calças com as caretas do Coisinha. E um cabeça de bagre certamente pensaria em meter-se a besta comigo, agora que estamos sós. Iria pro inferno chorando sangue.

— Não tenho essa intenção.

— É claro que não tem. Mas agora me conte...

— O que mesmo...?

A moça levantou-se, pôs a pistola no cinto, contornou a mesa e aproximou-se do pintor, tocando-lhe o peito:

— Porque botou um cravo na lapela? Isso é fora de moda, uma coisa de novecentos e antigamente, uma frescura.

— Ideia de minha prima. Estou hospedado em sua casa. Ela achou engraçado porque saí de terno e alpercatas. Acrescentou-me este enfeite por pura gozação.

— Se estou certa, foi isso que o complicou. Mas então... Tem parentes no Rio de Janeiro?

— Só essa prima, que nem é parente de verdade. Os pais dela eram amigos dos meus. Moravam em Salvador, onde fiz meus estudos. Me acostumei a chamá-los de tios, daí...

— Entendo. Essa dona é casada?

— Separada.

— E com certeza se diverte com o primo que não é primo.

— Bem, acontece — João confirmou.

A mulher sorriu. Ficaram os dois em silêncio por quase um minuto, a olhar-se nos olhos. Por fim ela voltou à mesa, mexeu nas gavetas, tirou lápis e papel:

— Já que é artista, desenhe alguma coisa. Assim você relaxa.

João aceitou. Desenhou pássaros, muitos pássaros. Depois rabiscou com traços ágeis o trecho da Lagoa onde se tinha dado seu encontro com a interlocutora. Povoou de animais o trecho. Nas águas calmas do último desenho, gansos e patos rodeavam um hidroavião. Na banca da margem, também figurada, soltavam-se das revistas grandes araras, cobras e lagartos. Por fim, quase sem querer, João desenhava a mulher que o observava. Pôs sua figura no céu, com os pés numa nuvem. Surpreendeu-se ao perceber que a transformava numa espécie de Madona. Com isso, acabou relaxando. Já quase acabava esse desenho quando escutou a voz dos homens que retornavam da expedição. A moça que eles chamavam de Doutora tomou do artista os papéis, guardou tudo numa gaveta do bureau. Só depois mandou que entrassem os recém chegados.

Velho e Coisinha traziam um prisioneiro descalço, com uma fita adesiva colada à boca, os pulsos atados por um fio de náilon. Era um homem branco,

magro e grisalho, de um metro e setenta, por aí. Vestia um terno cinza e tinha um cravo na lapela. Velho o empurrou para a frente e falou:

— Já viu o figurino, Doutora? Nós encontramos o mané perto da banca, andando pra cima e pra baixo, feito um pateta. Eu indaguei e ele confirmou que era o Baiano, aí eu lhe disse que a encomenda estava no carro. O babaca entrou sem desconfiar. Coisinha encostou o bico da máquina no ouvido do pau-de-arara, que ficou quieto. Quando chegamos na garagem do edifício, ele se agitou, tentou pegar a pistola. Por isso amarramos o boneco, colamos silêncio no seu focinho. Não se incomode, ninguém viu a brincadeira.

— Tirem-lhe a mordança. Como é, malandro? Pode fazer um favorzinho pr'a gente? Ficarei muito agradecida.

— A senhora manda.

— Ótimo. Ligue pra este número no bilhete que lhe entreguei. Do seu celular, é claro. Mas no viva voz, entende? Diga que o serviço foi feito. Depois pergunte onde vai pegar sua recompensa. Velho, você anota.

O prisioneiro obedeceu. Mas tinha a voz trêmula. Do outro lado soou uma resposta ambígua:

— Saquei, saquei. Tenha calma, você logo receberá o que merece.

E cortou-se a ligação.

A moça ficou irritada:

— Baiano burro! Sujou o lance. Mas não tem nada, não. Os meninos estão com vontade de brincar, não é mesmo? Levem esse porco pro laboratório.

Coisinha sorriu, tirou do bolso a fita adesiva e colou de novo um pedaço nos lábios do prisioneiro apavorado. João Batista empalideceu. A moça acariciou-lhe os cabelos, sorriu, falou com uma ponta de ternura:

— Esse desgraçado não merece pena. Com você, posso ter entendimento. Com ele, não. Se acalme, vamos tomar um café. Não quer? Prefere leite? Será leite. Vamos à copa. Eu lhe faço um sanduíche. Depois trataremos de nosso acordo.

João recusou o sanduíche, mas tomou um gole do leite, que achou muito doce. Quando acabou, voltaram à sala e a moça pediu:

— Por favor, assine seus desenhos. Quero guardá-los como lembrança. Eu posso pagar.

— Não é preciso. Aceite de presente — ele disse. Mas fez também seu pedido:

— Doutora, (vírgula necessária) me deixe ir embora. Já está tudo esclarecido, não? Fui confundido com um assassino pelo miserável que me entregou seu retrato. Eu mesmo, estupidamente, me identifiquei como baiano. Agora entendo que era só o apelido do sujeito. Fui curioso demais, abri o envelope e vi a foto. Quando a encontrei, logo a reconheci. Entreguei-lhe tudo. Se tivesse má intenção, não agiria assim.

— Foi o que pensei. Apostei nessa hipótese. Por conta disso você está vivo. Percebe? Eu podia simplesmente me afastar, deixar que Coisinha lhe apagasse lá mesmo. Seria fácil: ele te seguiu e você nem notou. Pra ele, seria um serviço à toa, muito simples. E se o pegassem, não tinha problema: ele é sangue bom, bico selado. Nunca iria me incriminar. É meio burro, mas tem juízo. Acontece que eu pensei também outra coisa: “Este camarada pode ser um bobo que entrou na história errada, mas também pode ser um sacana muito do malandro, que espera negociar, alegando que merece recompensa por não ter cumprido um trato com a outra galera. Talvez acredite que assim me engana e fica na minha cola, esperando o melhor momento pra fazer o estrago; aí ele ganha duas vezes”.

— Nossa! Que novela complicada a senhora imaginou!

— É uma coisa que acontece, querido. No meu ramo, quem não desconfia se ferra. Eu tenho que pensar em todas as possibilidades. Por isso eu lhe trouxe para cá. Nas asas da dúvida, entende? Mas confesso que fui com sua cara. Por estranho que pareça, curti sua figurinha (meio ridícula, me desculpe): um boneco de terno e alpercata, cravo na lapela, entre doido e palhaço. Maluco-beleza, como dizem. Gostei. E o jeito como me olhou... Taí um tipo de homem que me

deixa curiosa. Claro que não foi só isso. Eu precisava checar a história, né? Se te eliminasse sem mais nem menos, faria uma estupidez. Em todo o caso, é verdade que gostei de você: não deixei que te levassem pro laboratório... Sabe? O porão em que os meninos barbarizam.

— Eu lhe agradeço muito. Mas peço que me solte: já sabe que não sou malandro, não represento nenhum perigo.

— Será mesmo?

— Que ameaça pode representar um maluco-beleza para uma pessoa como a senhora?

— Meu bem, eu não te conheço, não sei se é discreto ou fofoqueiro. Sei que de vez em quando dá entrevistas. É verdade que só fala de arte e de sua terra, da tal cidadezinha importantíssima. Pelo menos foi o que li no seu site. De qualquer modo, é um homem famoso, que atrai jornalistas. Um pintor conhecido. Por sinal, muito bom. Vi no site umas fotos de seus quadros. Confesso que fiquei orgulhosa quando você me desenhou pisando numa nuvem, feito uma Virgem Maria. Uma blasfêmia, Deus te perdoe. Confesso que adorei. Mas se um desenho parecido com esse me cai, por azar, nas mãos de um delegado estupidamente honesto, a santa aqui se ferra.

— Seu receio não tem fundamento. O que eu lucraria com isso, doutora?

— Sei lá! A boa história rolando nos jornais. É publicidade, coisa que sempre dá dinheiro.

— Não sou astro de cinema, nem de tevê, nem cantor. Não atraio o grande público. Ninguém compraria meus quadros só por causa de uma história. Tampouco tenho motivo para ir atrás de delegado. Nunca me relacionei com polícia.

— Quero crer. Meus amigos acham que você tem pinta de detetive. Imaginam que estava procurando jeito de plantar-se em nosso meio, a fim de investigação.

— Um detetive com meu faro não duraria muito.

— Também acho. Não embarquei nessa onda deles.

Nisso estavam quando o Velho bateu na porta e chamou a Doutora com ar constrangido.

— O bicho deu trabalho. Soprou uns nomes, mas parece que não sabia o motivo da encomenda nem a identidade do sacana que deu a ordem. Deve ter lidado só com intermediários, arraia miúda. E a gente não pôde ir mais longe porque teve um problema.

— Como assim?

— Posso falar na frente do papagaio?

— Fale, porra. Desembuche!

— Quando Coisinha pegou o maçarico, o bruto ficou doido. Partiu pra cima do meu colega, deu-lhe uma cabeçada tão forte que o derrubou. Aí eu tive de atirar.

— Deu em carniça?

— Infelizmente.

— Porra, vocês só fazem merda. Livrem-se do presunto. Desovem o miserável longe daqui, em outra zona da cidade. E chega de cagada.

— Perdoe, Doutora. Quanto a esse aí, como é que fica? Temos de dar um despacho, não? Ele entrou no castelo da gente, já sabe de cor a nossa cara. E com certeza está na trama.

— Já falei que eu cuido dele. Não pedi sua opinião, não me guio por suas certezas. Por hoje, me basta o que aprontou. Ande logo, chame o idiota do seu colega e vão fazer o que eu disse. Levem o presunto na caminhonete, não quero sujeira no meu automóvel. E não se esqueça de quem manda aqui.

— Esqueço não. Vá desculpando o mau jeito, chefe.

Depois que o Velho saiu, a mulher ficou imóvel, calada, coisa de um minuto. Por fim, voltou-se para João e desabafou:

— Porcaria de vida! Já não suporto mais essa droga de função: lidar o tempo todo com bandidos imbecis. E olhe que esses dois não são dos piores. Pelo

menos são fiéis. Já provaram isso, correndo riscos a fim de me proteger. Mas são umas bestas. Assim que sair dessa enrascada, vou a Brasília falar com o deputado. Tenho feito muito por ele, levantando grana gorda no cu da organização. É hora de Sua Excelência cumprir a promessa, me colocando em outro setor. Numa coisa mais tranquila, mais limpa. Eu tenho iniciativa. Posso até abrir um negócio bom, tipo uma igreja, ou uma faculdade. Isso é tão limpinho que lava qualquer dinheiro. Aí eu vou ser mais útil. E logo me arranjo, acerto minha vida. Pode ser lá na Bahia. Ultimamente, a organização ganhou muita força em Salvador. Já governamos um bom pedaço de tua capital. Contamos com gente de farda, de beca... Mas deixa pra lá, meu bem. Você não tem nada com isso. Nosso assunto é outro. Aqui e agora, nos encontramos no mesmo barco.

— Como assim?

— Na canoa furada. Me faça um favor, me responda a uma perguntinha.

— Pois não.

— É sobre uma coisa que ainda me encabula: sua atitude, me entregando o envelope. Me parece que foi mesmo um gesto espontâneo, irrefletido. Já saquei que você é um tipo ingênuo. Tolo, apesar de inteligente. Uma graça. Mas não teria outra razão?

— Sim. Eu fiquei fascinado quando vi sua fotografia. Ao lhe encontrar, não resisti.

— Por que?

— Me senti atraído por sua beleza de um modo muito especial.

— Há um mundo de mulheres bonitas no Rio de Janeiro...

— É verdade. Deixe ver se me explico melhor. Sou pintor, como a senhora já sabe.

— Pode me chamar de você. Mas continue.

— No começo da minha carreira, eu desenhava muito, porém não pintava. Parece que tinha alguma coisa me travando. Daí conheci uma mulher que me



fascinou e me fez pintar. Minha primeira tela foi um retrato dessa criatura. Me apaixonei.

— Rolou um romance?

— Ficamos juntos um mês e pouco. Depois ela me deixou, voltou para o marido.

— Que graça! Chifrou os dois...

— Foi só abandono. Parece que não tenho muita sorte com mulher. Minha ligação mais longa foi com uma antiga namorada com quem vivi dois anos e meio.

— Ela também te largou?

— Sim. Me deixou por um rapaz muito mais moço.

— Tadinho do meu pintor! Corno duas vezes!

— Não, isso não. Nenhuma delas me traiu.

— E a dor de cotovelo, não teve? É o que conta. Mas não es quente. Eu gosto de corno. Com chifre, o homem fica maneiro, interessante, fácil de laçar. Oh, desculpe, meu bem. Não se aborreça comigo, eu sou um tanto amalucada. Só queria dizer que gosto do seu jeito. Voltando ao assunto: segundo entendi, me pareço com tua primeira mulher, que infelizmente era de outro...

— Sim, você tem a mesma luz.

— Ai, que lindo! Você pensou em me paquerar, não foi?

— Quando lhe entreguei o envelope, imaginei que você aceitaria bater um papo. Queria pedir-lhe que me servisse de modelo para um quadro. Mas sua atitude me desanimou. Foi muito seca. E os seus companheiros não pareciam nada amistosos.

— Lamento, pode crer. Lamento de verdade. Nunca mais eu tive essa alegria de uma paquera tranquila. Mas veja, ponha-se no meu lugar: eu estava dando um tempo antes de ir a um encontro de negócios, num barzinho que tem ali perto. Um acerto de trégua, digamos assim. A esse tipo de encontro, nunca vou de primeira. Antes, mando alguém sondar o ambiente, saber se está tudo certo, se

não tem arapuca. Só compareço depois que recebo o sinal positivo. Sucede que o olheiro demorou a dar o toque. Eu tava justamente ligando pra ele quando você surgiu, com aquela história da foto. Meu alarme tocou.

— Entendo.

— De qualquer modo, foi sorte minha você aparecer, baralhando o esquema do sacana que armou para mim. Ainda não sei quem é o desgraçado. Tanto pode ser a figura que pediu o encontro como alguém de perto. Acho até mais provável que seja uma pessoa do nosso lado. Do jeito que armou, sabia de meus hábitos. Além disso, o filho da puta se preocupou muito em disfarçar: contratou um pistoleiro vagabundo, tolo o bastante pra não perceber que não sairia vivo da empreitada. Pois é, também temos isso na organização: traíra, gente que puxa o tapete dos outros, disputando vantagem. Percebe agora porque eu disse que nós dois estamos em perigo? A diferença é que a gente sabe quem tá querendo sua caveira.

— Sim?!

— Meus bons ajudantes, Velho e Coisinha. Os dois são casca grossa, resolvem tudo na bruta. Com eles, caiu na rede é churrasco. E tem outra coisa: estão com raiva de você.

— Porque?

— Ciúme.

— Ora, ciúme?!

— Peraí, não pense mal. Nunca tive chamego com nenhum dos dois. Não sou idiota. Mulher que dá a subordinado perde a autoridade. Eles me tratam com todo o respeito, sabem que não sou para seu bico. Mas ciuam de mim. Quando tenho caso com chefia, eles não se incomodam, porque aí é natural, tá no código. Eles prezam a disciplina. Mas se boto os olhos em gato de fora, se encrespam. Esquisito, mas é assim que funciona. Sacou? Eles perceberam que você se amarrou em mim, que seu olhar me acaricia. E eu gosto. Isso não toleram. Sei o que

estão rosnando pelas minhas costas: “Só faltava a Doutora se engraçar com esse veado da florzinha. Tá se arriscando à toa e botando a gente no fogo”.

João sorriu:

— *Veado da florzinha...* É assim que me vê?

— Eu? Não! Fruta não abre meu apetite. Mas vamos ao que importa. Gostei de você, já disse. E de certo modo lhe devo a vida. Vou dar-lhe uma chance. Venha comigo.

— Para onde?

— Pra longe daqui. Eu posso simplesmente deixar que você saia, mas isso em nada lhe ajudaria. Pois uma coisa é certa: você não teria tempo, nem chance de fuga. Este sítio é meio deserto. Eles te encontrariam no pedaço com a maior facilidade, antes que você chegasse à estrada e conseguisse uma carona. Entende agora? Se eles te encontram, babau: te apagam feio, longe de meus olhos. Não terei como impedir a barbaridade. Sacou?

— Sim.

— Pois então venha comigo. Depressa! O que está procurando? As alpercatas? Deixe pra lá. Coisinha tem essa mania, quando bota as unhas num cristão nunca toma nada de valor para si, mas fica com o calçado. Coleciona.

João obedeceu. Daí a pouco estava no Renault, ao lado da Doutora. Ela tocou por uma estrada de barro, depois pegou o asfalto e rodou um bom pedaço. Adiante, enveredou de novo por uma trilha esburacada. Finalmente parou, à beira de um barranco. De trás das nuvens saiu um sol glorioso. Quando eles desceram do automóvel, a mulher falou:

— É aqui, meu amor. Desça por este barranco até onde tem um pequeno lago. Costeie o lago pela direita e siga em frente. Mais adiante, verá um riachinho. Atravesse o riacho que logo verá uma estrada boa, uma rodovia bem movimentada. Pare um carro, diga que foi assaltado, perdeu até os sapatos. Mas se esqueça de mim e de meu pessoal. Se lembre só de uma coisa: na polícia tem muita gente da Organização.

— Fique tranquila, nada falarei. E muito obrigado mesmo, querida. Posso dar-lhe um beijo?

A mulher fez que sim e João beijou-a no rosto.

O pintor já se voltava para o barranco quando a criatura lhe puxou o braço com delicadeza e falou:

— Lugar escabroso, eu sei. Trilha difícil, passagem dura. Mas não tem outro jeito. Assim, pelo menos, eles não te pegam, não te maltratam. Entende? Me perdoe, querido.

Dito isso, ela abraçou o pescoço de João e deu-lhe um beijo na boca, bem demorado. Em seguida desvencilhou-se, enxugou uma lágrima com as costas da mão e mandou que ele se apressasse. O pintor caminhou para a beira da escarpa, procurando com os olhos o caminho por onde descer. Para além das moitas que se agarravam tenazmente ao active pareceu-lhe ver um reflexo de luz, o sinal do lago. Sorriu de novo, encantado:

— Linda paisagem!

O violento empurrão o projetou para a frente, em queda livre, bracejando no ar por uma nuvem de segundos. Caiu sobre um arbusto a que tentou agarrar-se, mas soltou os galhos ásperos ao receber o novo golpe que lhe rasgou as costelas com um queimor instantâneo. Rolou pela ribanceira por um tempo frenético, até que seu corpo encontrou sossego de areia e relva. Tentou ainda levantar-se, num último esforço, mas logo desistiu: deixou-se ficar estirado, com a boca e os olhos bem abertos, buscando alento. Viu, então, dois vultos que se aproximavam: um homem alto e esguio, de olhos agudos, cabeça coroada por um topete desafiador, vinha pouco atrás de outro, baixo e atarracado. Ambos vestiam ternos impecáveis. O comprido falou:

— Mergulhador, veja quem é!

O baixinho debruçou-se sobre o corpo inerte:

— É Mestre João, já vi o sinal. Tomou leite com mel, parece. Não respira bem.

— Há furos de sangue no seu peito.  
— Foi a garra da fera. Veja os talhos nas mãos e nos pés descalços. Queda grande, com certeza. Ele se aproxima do olho d'água.  
— Sim, já vem para nossa lagoa.  
— É sua hora, Imperador!  
... A pomba com raios de sol... A moça nua dançando... O menino do carneirinho... Cosme com o cesto de cajus... Tiana com a boneca, Tiana com o bule... Nossa Senhora dos Prazeres...

João sorriu e fechou os olhos. Solenemente, os Pajens cantaram:

***Quando passares o rio Jordão...***

# Alumbres

## I

O coveiro foi atrás de ajuda. Marido ficou sozinho com as dores de sua mulher. (A criança era de vir daí a um mês, segundo o médico, mas apressou-se junto da tumba do parente). Ai, que aflição! Por sorte, apareceu atrás das cruzes a baiana de mantilha branca. Foi quem pegou o menino e cortou-lhe o umbigo com uma lâmina curva, que imitava a meia-lua do balangandã. Quando o doutor chegou, o pequeno já estava no mundo. Tinha choro fraco. Vizinhas disseram: “Não vai se criar”. Não foi assim, que ele cresceu e prosperou. Ficou um homem de boa estampa. Anos mais tarde, a mãe entrou para a Irmandade da Boa Morte. Já era viúva. Quase completa um centenário. O filho, como é de lei, o mundo pegou para si.

## II

Logo que se formou no colégio, o rapaz mudou-se para a capital. Tinha fortuna, era bonito e inteligente, mas estava sozinho no mundo. Esperançoso, meteu-se em política. Tocou para o sertão por conta de belos projetos. Seu valor fez inimigos. Cansado de muitas disputas, ele foi repousar na praia, numa aldeia distante. Adormeceu na beira d’água. A Senhora com seu branco véu aproximou-se e falou:

— Jorge Hermano, toque em frente, busque o Passará da Serra. Chegando à casa estrelada, diga que a Madrinha o mandou. Seja brando e determinado, receba o que oferecerem. Mas se o dom for de muito preço, tome cautela. Evite o doce da traição.

O rapaz aceitou esse nome novo, *Jorge Hermano*. Saiu, procurou, achou. Passará da Serra estava no ponto de virar cidade. Bem no centro, tinha um

armazém com a tabuleta: *Sete Estrelo*. Ligava-se a uma casa branca com seis janelas, uma porta só. Nos batentes dessa única entrada, de cada lado, tinha uma cobra pintada. Os bichos pareciam subir pelas paredes rumo ao telhado, coleando um pouco. Mas era domingo, comércio fechado. À frente do solar, numa cadeira de balanço, tinha um senhor de cabelos brancos. O recém-chegado o cumprimentou com um bom dia. Não teve resposta: o velho dormia de olhos abertos. Quando o peso do sono fez pender a cabeça branca, o visitante tomou licença. Na sala, encontrou uma dona grisalha. Apresentou-se:

— Sou Jorge Hermano, foi a Madrinha quem me mandou.

A dama apontou-lhe uma cadeira.

— Seja bem-vindo, filho pródigo. Não se aborreça com meu espanto: aqui, só o povo da Ciência me dá o nome de Madrinha. Quem o enviou deve ter mistério. Você se parece muito com um rapaz que eu criei. O nome também está certo.

— O nome?

— Nesta região, todo Jó Germano vem de meu avô: João de Baru, o Ganga do antigo quilombo, um herói que iludiu a morte. Virou Encantado. Tinha muitas mulheres. Emprenhou até a irmã do fidalgo. Sou sua bisneta, venho da filha mais nova da baronesa. Dela eu herdei os olhos de gato. Meu nome é Maria Mercedes, meu apelido é Cobra Preta. O velho Honório me chama de irmã, porém somos primos. Ajudei a criar sua filha, que está no colégio da capital. Hoje eu tomo conta da casa, o velho toca o negócio. Mas já não tem o vigor de antes. Você bem pode ficar aqui, trabalhando no armazém. Esta casa é grande. Vou arrumar-lhe um aposento.

O moço aceitou a oferta, a senhora tinha autoridade. Por coisa de um ano ele foi caixeiro, mas logo cresceu de fortuna. O armazém prosperou e o velho deu-lhe sociedade.

### III

Às vésperas do quarto aniversário de sua chegada, Jota Hermano viu uma moça entre as cobras da casa branca, conversando com Dona Mercedes. Era a filha do velho Honório, de volta do colégio. Luz gostou muito da companhia do rapaz. O tempo todo lhe fazia agrados. Mas logo lhe contou que dois homens a disputavam. Com um deles se casaria. Com qual? Estava por decidir. Os candidatos esperavam num hotel, não muito longe: Luz tinha prometido dar-lhes a resposta dentro de três dias, depois da festa de maioridade. Não os queria no baile. Alegou que a presença deles podia perturbar sua escolha.

Depois de contar-lhe tudo isso, a moça pediu ao novo amigo que fosse o mensageiro de sua decisão. Dona Mercedes se recusava. Tinha até resolvido voltar ao quilombo, tomando distância da história, que não lhe agradava nem um tico. A troca de muitos beijos, o rapaz aceitou o encargo.

Na festa, ele foi o par da jovem. Dançaram de perder o fôlego. Quando saíram os convidados e o velho se recolheu, Luz chamou a seu quarto o amigo novo, a fim de entregar-lhe a mensagem. Deu-lhe um envelope branco, com o endereço do hotel, mas sem a indicação do destinatário: no interior, ela disse, estava o nome do eleito. A mensagem devia ser entregue ao porteiro, segundo a combinação.

O rapaz se dispôs a tudo. Luz serviu-lhe bebida forte, em taça de prata. Logo depois, tirou a roupa. Mas o velho chamou com um gemido. Estava fraco, passava mal.

O moço deu socorro ao sócio, deitou-o na cama, foi chamar o médico. A moça ficou a cuidar do pai. Não estava aflita. Quando o médico chegou, o velho já melhorava. Luz exigiu do amigo que fosse logo cumprir o trato. Quando o viu morder os lábios, acrescentou:



— Sossegue, nada perderá.

Embora encabulado, ele foi. No automóvel que pouco usava.

No meio do caminho, Dona Mercedes o atalhou. Tinha nas mãos uma bolsa.

— Eis a paga de seu trabalho, o dinheiro que mereceu. Pegue e vá embora.

O que tem na capanga supera em muito o que está deixando. Em nome de Deus, vá logo, antes que o amor o mate e coma. A panela já está no fogo, meu parente. Só sua carne está faltando. Me dê o envelope.

O rapaz hesitou, disse que era homem de palavra, sua promessa devia cumprir. Mas a dama tinha autoridade e ele devia-lhe gratidão. Entregou o envelope, que Dona Mercedes abriu na hora. No papel florido — ela mostrou — estava escrito: *J. Hermano*.

— Vão unir-se contra ti os ciumentos. São duas feras.

O rapaz sentiu um calafrio.

— Ai! Que será de Luz?

— Há de fazer outros cativos — a Cobra Preta respondeu — Ela é de todos a mais forte. Quanto a você, Hermano Jorge, acabou-se o tempo deste nome. Procure um outro que soe sossego.

Dali mesmo ele torceu caminho, de volta para sua terra. Mas antes parou na aldeia de pescadores. No sono da lagoa, disse-lhe a Voz:

— Não volte para sua cidade. Nunca mais.

## IV

O rapaz ficou na aldeia por coisa de um ano. Mudou-se depois. E tornou a mudar-se. A cada vez, chegava mais perto de sua saudade. Acabou por instalar-se na beira do rio, na cidade que olha para a sua. Passeando, de vez em quando chegava à boca da ponte. Mas não a transpunha. Um dia, não resistiu. Tomou leite com mel e penetrou nas ruas antigas. À porta da casa onde ele tinha morado, uma bela mulher o chamou:

— Venha, querido! Eu não te esperava hoje, mas num instante ponho a mesa. E logo depois te faço a cama.

Ele não hesitou. Depois de servir-lhe a janta, a formosa o levou pela mão para o quarto. Na cama perfeita eles se amaram ardentemente, pela noite toda. Quando o cansaço os venceu, ela disse:

— Por três vezes gozamos juntos. Isto é bom sinal. Tua Lucina vai frutificar.

Dormiram abraçados. De manhã, o rapaz acordou cedo, deixou a mulher na cama e saiu. Sentia-se alegre, mas um tanto fraco. Bebeu um copo de mingau comprado num tabuleiro. A baiana tomou-lhe a bênção. Ele riu e seguiu caminho, rumo da casa na outra cidade. Queria um banho, mudança de roupa. No meio da ponte, encontrou um moço que parecia sua cópia. Deteve-se espantado. O outro também o olhou com surpresa e comentou:

— Nunca vi ninguém tão parecido comigo! Se não fosse por seus cabelos, diria que somos gêmeos.

— Ah, com certeza não somos— respondeu ele. E seguiu em frente.

À porta de sua casa, a empregada o olhou com espanto:

— Meu senhor, que lhe aconteceu? Porque fez isso? É uma pintura?

Sem dar resposta, ele foi entrando. Já no quarto, pegou a roupa, mas não vestiu. Desistiu de banhar-se. Sentia fraqueza, muito sono. Deitou-se logo e dormiu sua pedra. Quando acordou, já era noite. Foi lavar o rosto. Ao mirar-se no espelho, viu que estava de cabelos brancos. Então se banhou, mudou de roupa e saiu pela rua escura. Andava bambo. Atravessou a ponte com passos entorpecidos e seguiu com dificuldade rumo à casa onde achara amor. Talvez Lucina explicasse...

No meio de uma praça deserta, faltaram-lhe as forças. Sentou-se num banco. Viu então a Senhora de mantilha branca.

— Madrinha, o que faço?

— Você vem comigo.

## V

Oito meses depois, com a barriga na boca, lá se foi Lucina com o marido visitar a tumba do parente. Em cima da lápide, uma cobra preta. A bolsa rompeu-se.

— Coveiro, marido, estou parindo. Me acuda, Mãe!

## Álbum

O sono vaporoso da moça aprofundava-se, uma cisterna a encher-se gradativamente. Homem grisalho conferiu o termômetro. A febre cedeu. O remédio tivera ótima resposta. Aliviada a tensão, pesaram os olhos dele. Água fria no rosto, rápido alongamento no banheiro: o doutor recuperou-se e voltou animado para o quarto, onde os olhos aflitos de Dona Francisca beberam-lhe o sorriso. A adormecida sorriu também. A claridade tocou a vidraça, o vento espelhou um latido alegre. Despontou um cheiro de café. Xícara quente, sabor de vitória. Com prazer, ele escutou a própria voz explicando à mulher aflita:

— Não foi nada demais, não teve crise propriamente.

— Obrigada, Doutor. Me perdoe o alarme, fiquei assustada e o tirei da cama porque meu coração ainda treme.

— A senhora fez bem.

O médico estava feliz. Próximo era o fim de uma longa luta, que um mês atrás parecia perdida. Deitou no bloco de receitas uma lista de recomendações e saiu quando o sol já cantava de galo. Voltou no fim da tarde. Pôs o termômetro sob a axila delicada e paciou na poltrona. O médico procurou ser discreto, mas seu coração palpitava. Na paciente, surgiu-lhe a mulher bonita. Os olhos fugitivos acharam o álbum na mesa de cabeceira. Dona Francisca sussurrou:

— É a mania dela, coisa de moça estouvada. Estragou os retratos de família, as fotos antigas. Agora parei de reclamar. Quem é que briga com filha doente?

Augusto folheou o álbum com encanto. Esqueceu-se do termômetro, sorriu encabulado quando Dona Francisca o lembrou. Conferida a boa temperatura, tornou às páginas fantásticas, inteiramente absorto. Ao erguer os olhos, deu com o sorriso da moça. Desculpou-se sem saber de quê, tomou o estetoscópio. Terminado o exame, louvou a recuperação. E elogiou a artista. Radiante, ela ofereceu:

— Leve. É um presente para você.

— Obrigado, mas está claro que não posso. É álbum de família, não? Dona Francisca vai zangar-se.

— Por favor, aceite, é de coração. Dou com alegria para quem valoriza. Mamãe já me disse muitas vezes que botei a perder suas fotos. Assim como está, o álbum não lhe importa. Não é, mãe?

— Realmente — a boa senhora confirmou. — Já não se parece com minhas lembranças. É fantasia de minha filha. Arte, ela diz. Doideira, penso. Malineza de moça estouvada. Se o doutor aprecia, leve. Com a gratidão que bem merece.

O médico ficou um segundo hesitante, na briga com o desejo. Um novo apelo o convenceu:

— Trabalhei nele ainda ontem, pensando em você. E me senti muito melhor — disse-lhe a moça, corando de novo.

Beijaram-se com os olhos. Dona Francisca acompanhou o médico até a porta.

— Meu caro, eu lhe devo tudo: sem minha filha, eu não viveria. Mas tenho que lhe pedir uma coisa, um favor especial.

— Às ordens, Dona Francisca. Diga em que posso lhe servir.

— Este álbum que Genoveva lhe deu, não deixe que corra por outras mãos. Quer dizer, além das suas, da sua mãe e de seu pai. Os dois são velhos amigos nossos, gente de toda a confiança. Quando eu soube que o senhor... Sim, está bem... Quando eu soube que você era filho de Liá, ergui as mãos para o céu e minha esperança renasceu. E lá no hospital, ao ouvir de seus lábios que Genoveva pulou a fogueira, ah, eu lhe juro: meu primeiro pensamento foi pedir a Deus todas as bênçãos para sua mãe, a mulher adorável que o pôs no mundo. Saiba que eu lhe vi menino, carreguei nos braços o broto de minha salvação.

— Fique tranquila, Dona Francisca. Guardarei o álbum com todo o cuidado. Nunca recebi um presente que me agradasse tanto. É arte pura. Sua filha tem muito talento.

— Meu bom amigo... Meu filho... Me perdoe a ignorância. Eu já vi que não entendo nada de arte. Fiquei muito irada quando vi o que Genoveva tinha feito com as fotos da família. Achei um desrespeito, uma loucura. Tomei o álbum de suas mãos, escondi, pois ainda tinha umas páginas sem estrago. Porém no dia em que ela entrou no hospital e ouvi palavras de desengano, me vi na boca do desespero. Jurei fazer qualquer coisa que ela me pedisse. Então... Taí o que ela quis. Na cama da clínica, Genoveva ficava um tempão a olhar as figuras. Às vezes delirava com as imagens dançando na sua ideia. Dizia que estava fotografando, pintando. Você talvez tenha visto.

— É verdade, creio que vi. Ficava curioso, com vontade de perguntar o que tinha naquele volume sempre a sua cabeceira, ou aberto em seu colo. Mas ela o fechava imediatamente quando percebia o olhar abelhudo.

— Era isso mesmo. Fazia mistério, porém não largava. Com a melhora, pensei que a mania era de passar. Em vez disso, aumentou: ao chegar em casa, nesta convalescença que você tem acompanhado com tanta dedicação, a menina logo reclamou suas máquinas, seus estojos, suas canetas. Mesmo com o coração apertado, entreguei-lhe tudo: ajudei a completar a maluquice.

— Não é maluquice, Dona Francisca. É arte, criação legítima.

— Está certo, já que você considera. Aliás minha filha sempre diz o mesmo, toda hora me lembra de que se formou em Belas Artes, lá em Salvador. Pra mim, mais do que o estudo pesou a influência de um velho maluco: o finado Cosme Três Almas, com quem ela gostava de conversar. Era tão esmiolado que morava em Cachoeira mas dizia a todo o mundo que não, que era morador de Cajueiro, um lugar inventado por ele. Foi quem ensinou Genoveva a fotografar e lhe deu as primeiras aulas de desenho. Daí, minha filha mudou para artista. Não choro o leite derramado, mas bem que ela podia fazer suas pinturas sem a queima das minhas lembranças. Outra coisa me assusta: a menina falou que tem o álbum inteirinho copiado no computador. Eu não entendo de novidade, mas sei que o

diabo dessa máquina conversa com o mundo inteiro, é uma porta aberta para os olhos maus. Por favor, fale com ela, diga que não espalhe essa cópia na tal da rede. Garanto que ela vai lhe ouvir, mais do que a mim.

Ao chegar em casa, Augusto Jeová mostrou logo o presente à mãe. Liá estudou o grande álbum com muita atenção.

— Compreendo a zanga de Francisquinha. A caprichosa alterou as fotos de um jeito furioso. Mordeu paisagens com a tesoura, enfeitou com pincel maluco, trocou por outras, promoveu misturas. Fez carnaval de seu povo: mudou feições com lápis de cor, bordou as memórias com fantasia. Passou muita tinta nos antepassados, maquiagem de leve a grave. Não teve dó, só bico de pena. Transformação de vivos e mortos, é o que percebo. Veja, menino, o que ela fez: batoque no beijo da avó, mãe de seu pai; cajus e flores enramadas nas barbas do tio materno; brincos no Comendador, gravata no cavalo dele. E a mãe de sua mãe com um tatu no braço. Tatu tatuado, né? A arteira trespintou. Olhe só: uma sereia com um bebê, uma velha ninando um lagarto, uma coruja ao pé da noiva, que deve ser sua própria mãe. Meninos de bigodes, meninas de pince-nez, macaquinhos no piano da mestra... Que beleza! Genoveva tem talento, mas exagera. O retrato do avô paterno é o mais engraçado. Ela adaptou.

— É o que parece.

— Não há dúvida. A danada pegou uma foto de corpo inteiro do patriarca e fez uma espécie de montagem, não é? Encaixou em outra e acrescentou-lhe umas finezas de pincel. Veja essas letras rrrrr que saem da boca do morto. Na fotografia original não tinha, evidentemente. O esquife em que ela o deitou, as velas, as flores, são, pode crer, um empréstimo: taí um defunto fantasiado. Mas a invenção tem fundamento. Brota de uma história famosa.

— Como assim? De que história?

— De uma proeza de Olegário, seu avô paterno. Ele não era daqui, veio do Rio de Contas, da Chapada Diamantina. Era parente de Germano, o enge-

nheiro que o povo chama Galo de Trovão. Dá-se que Germano também nasceu naquela cidade linda, perto da Serra das Almas. Tanto o tio como o sobrinho se estabeleceram no Vale do Paraguaçu por conta de bons casamentos. O mais velho chegou primeiro e ficou em São Félix. O mais novo se plantou no lado cachoeirano, não sei quanto tempo depois. Formaram família grande, cada qual seu ramo. Esse quadro tem a ver com um apelido que Olegário trouxe da Chapada.

— Um apelido?

— Já te conto. Um dia lhe disseram que um compadre seu tinha morrido num lugarejo no topo da serra. Na mesma da hora, ele montou a cavalo e partiu para o rancho do finado, que ficava no ermo, a coisa de duas léguas do arraial mais próximo. Quando nosso herói chegou, já era noite. Encontrou na sentinela apenas a viúva, um rapazote (o filho do casal desfeito) e uma irmã do falecido. Estavam desolados, não só pela morte do pobre homem como também pela falta de uma prece de encomenda. Com a passagem das horas, crescia a aflição da viúva, que era muito religiosa. O tempo todo ela se queixava: “Não está certo enterrar um cristão que nem um bicho. Meu Belarmino era homem bom, não merece esse paganismo. Antes que saia no triste carregio, precisa ter reza de missal, capricho de choro forte e mais gente na lamúria, que esse é o direito de quem morre justo, de bem com Deus. Não quero que Belinho vire alma penada e venha puxar meu pé no sétimo dia, ou fazer careta pro menino.”

— Pobre mulher... Que maluquice!

— Loucuras de antigamente. Hoje tem outras, talvez piores. Marinês me contou que há pouco tempo foi a um velório em Amargosa e encontrou o defunto sozinho. A família estava em outra sala, assistindo a um programa de televisão. Mas voltemos à história do grande homem. A comadre rogou-lhe que ficasse velando o morto enquanto ela mesma, o filho e a cunhada iam em busca do padre,



que estaria no arraial para a missa do padroeiro. Olegário ponderou que seria melhor se os três ficassem, enquanto ele se incumbia da embaixada. A viúva teimou, alegando que o padre dificilmente daria ouvidos a um maçom com fama de ateu. Nosso herói ficou sozinho na vigília. Era uma noite fria, de vento cortante, que as paredes do casebre mal coavam. O café que restou estava gelado. A meia garrafa de cachaça num instante secou. O coitado tremia no banco de sua caridade, contando as horas negras e maldizendo a beatice. Por fim lhe acudiu uma idéia salvadora: ele se levantou e foi argumentar com o defunto.

— Como?

— “Belarmino, meu amigo, estou aqui de caroara, com o rabo a esfriar na dureza de uma tábua que mais parece um picolé de madeira, com os ossos doídos, a pele magoada pela navalha da ventania. Já você, que nada sofre, não tem frio nem calor, está no aconchego desta linda caixa forrada, num conforto que não lhe aproveita. Vamos trocar?” Assim ele disse e não esperou resposta: pegou o compadre e o estirou no banco da melhor forma que pôde. Em seguida, deitou-se no esquife. Não demorou a adormecer. No primeiro sol, a viúva chegou com os seus, mais o padre, o sacristão e meia dúzia de beatas boas de choro. O sacristão foi quem deu o alarme: “Gente, o defunto está roncando!” Aí foi um corre-corre, uma gritaria medonha. Olegário despertou com a celeuma e deu de cara com a viúva de tranca em punho, pronta para exemplar o herege. Ele saltou do caixão correndo, montou no cavalo e escapou a galope.

— Que aventura!

— Chocante. Mas passado um tempo, nosso herói superou o trauma: fez as pazes com a comadre e substituiu o defunto de maneira muito mais agradável. É o que dizem as más línguas. — Percebo. Talvez por isso a artista tenha posto aqui uma bela mulher de preto, com a tranca na mão, chorando e rindo ao mesmo tempo.

— Exatamente. A história se espalhou por muitas léguas, da serra ao Recôncavo. Anos depois dessa aventura, Olegário se mudou para a cá e logo na chegada, na estação da estrada de ferro, foi reconhecido por um carregador de nome Abel, que botou a boca no mundo: “Gente, chegou o Ronca Defunto!”

— Mãe, que história! Parece mais...

— Invenção do povo, eu sei. Mas era o próprio herói quem contava, divertindo-se muito com a aflição passada. Talvez enfeitasse o caso... Porém duvido. Era homem sério. Casou-se aqui, com Dona Marise, e botou no primeiro filho o nome de Belarmino. Repare, cá esta ele: sua paciente recortou a foto desse tio e o botou no quadro, velando o ronco do pai. Gosto do arranjo. Reconstitui a velha história de um jeito novo, com um realismo que passa da conta.

— E agora, nesta página, você reconhece alguém?

— Francisquinha multiplicada. Pelo jeito, a filha reproduziu-lhe a fotografia, que modificou com retoques, de modo que a criatura muda aos poucos, sempre com muito charme. Sete Franciscas!

— Mas a última é...

— Marilyn Monroe. Quero dizer, parecidinha. Rica homenagem, não?

— Dona Francisca é ainda bonita, deve ter sido um pedaço de mau caminho quando era moça.

— Seu marido também foi um belo homem. Infelizmente, morreu cedo. Olha ele aqui, remando numa nuvem. Embaixo, observe, ele comparece de novo, num retrato quase normal. Só os sapatos foram coloridos. Verdes, que nem pepinos.

— Sua mulher, ao lado, tem um pincel na mão direita.

— Francisca pintava, sim. Mas não sapatos. Naquele tempo, tinha Trabalhos Manuais no colégio. A gente fazia umas pinturas em pratos de louça. Era moda. A foto terá sido tirada em sala de aula.

— Mas olhe agora, mãe: nesta página que parece encartada no álbum, a artista fez uma nova composição. É a foto repintada de um cinema. A imagem na

tela sugere um filme passando. Taí a cena: uma mulher em trabalho de parto. O corpo da parteira não deixa ver o delivramento. Com uma só mão ela entrega o bebê a um homem de chapéu azul.

— A moça parideira também é mostrada fora da tela. No primeiro quadro à esquerda, já viu?

— Sim, de pé na plateia, como se estivesse entrando no cinema.

— Tem mais, meu filho. Pouco adiante se vê de novo a barriguda caminhando na rua de uma grande cidade, em meio à neve.

— Bom, neste caso posso interpretar. A moça eu conheço: é Laís, prima de Genoveva. Ela se consultou comigo quando esteve aqui e me contou uma história que pode ter sido a fonte da composição. Falou-me que sentiu as dores do parto dentro de um cinema, em New York, num dia de inverno. Lembra-se de Laís, mãe?

— Claro. Filha de Vera mais Germano.

— Ela me disse que entrou no cinema porque estava cansada e com muito frio. Mal se acomodou, pegou no sono. Assistiu a um filme por fazer, bem diferente da fita que passava no tempo real. Entende? Um sonho mostrou-lhe a história que um de seus irmãos pretendia filmar. Jura Laís que acordou quando “viu” seu bebê na tela, fazendo piruetas. Foi um alarme: ela só teve tempo de sair e pegar um táxi. Quase pariu no automóvel.

— Entendo, agora. Mas a confusão nunca cessa: tua artista trocou o filme. Em vez da aventura do velho Germano, o parto da filha dele. Pra complicar, tem mais um personagem. Na tira de baixo, um pouco atrás da barriguda. Já viu? É uma pessoa muito conhecida.

— Marilyn Monroe.

— Piscando o olho para Santo Antônio.

— Com essa, eu desisto. É coisa louca demais.

— Não desespere, filho: há método na maluquice. Tua paciente gosta de mistura, faz coquetel de histórias. Você não se lembra, mas Marilyn teve um culto aqui em São Félix. O dentista Lisboa era fanático. Adorava a grande loura, não a tirava da cabeça. Ele teve com Francisca um namoro curto, coisa de um mês. Nossa amiga o largou ao descobrir que não passava de um dublê da americana. Chiquinha era uma das poucas louras da cidade e naquele tempo sua beleza impressionava. Não que ela se parecesse tanto com a gringa, mas para o namorado imitava bem. Maluco é maluco.

— Quando nada, era a beleza loura daqui...

— Exatamente.

— De que modo acabou o romance?

— Juca deu pra falar inglês com Francisca sempre que os dois estavam juntos. Foi então que ela desconfiou. O tarado queria o namoro em modelo de filme americano. Não deu certo. Quando levou o fora, ele voltou-se inteiramente para sua estrela. Vivia escrevendo cartas de amor a Marilyn. Nunca teve resposta, mas não desanimou. Sua devoção beirava a loucura. Em sua casa tinha fotos da atriz tomando toda a parede de um quarto. Defronte ele botou um espelho com a mesma dimensão. O cômodo se tornou uma espécie de museu, muito visitado. No fim, virou capela.

— Vixe! Como foi?

— Quando teve a notícia da morte de Miss Monroe, Juca passou o dia todo chorando. Encheu de flores o cômodo que lhe consagrou. Muita gente foi ver. Era fervorosa a visitação. Dona Laurinda, sua cozinheira, ficou muito impressionada. Juca lhe disse que a moça foi vítima de assassinato. Ele atribuía a morte da artista aos Kennedy e à CIA. Ficava furioso quando diziam que não, que foi suicídio. Só a pobre Laurinda lhe deu razão. Já era devota da pop-star, que ela chamava de Dona Estrela e considerava um espírito elevado. Rezava pra ela, acendia velas.

— Por onde anda o apaixonado?  
— Mudou-se para Salvador e se amasiou com um travesti que fazia o tipo Marilyn. Foram felizes para sempre.

— Happy end!  
— Pois é. Mas vamos adiante. Olhe, cá está o avô materno da pintona. Outro retrato realista.

— Que está dizendo, mãe? Realista?! O Comendador está sentado numa cadeira de rodas, em mangas de camisa, com as bochechas e a ponta do nariz muito vermelhas, segurando uma boneca. A senhora sempre me disse que ele era um homem sisudo, sério, o tempo todo engravatado...

— Sim, era um mangangão da política, foi prefeito e deputado. Um tipo lorde. Faziam-lhe muita reverência, mas à boca pequena zombavam. Fantasiavam que o Comendador dormia de gravata e fez os quatro filhos sem tirar o paletó. Dá-se, porém, que ele teve duas vidas. E na segunda mudou muito.

— Duas vidas?

— Já idoso, o grande homem caiu de cama com uma febre esquisita e quando se recuperou, era outro: risonho, leve das idéias. Só cuidava em brincar com os netos, com a criançada. Virou menino. Eu frequentava sua casa, pois era colega de escola e muito amiga de Francisquinha. Me lembro do velho na cadeira de rodas, cantando, batendo palmas, sorrindo e comendo doces em batizados de boneca. A foto deve ter sido tirada numa dessas festinhas. A neta só interferiu pintando um pouco o rosto do avô. E colorindo sua boneca.

— Ela com certeza retrabalhou as fotos no computador, após a primeira mudança, feita à mão. Mas vamos lá, mãe, me ajude. Não reconheço muita gente neste álbum. Só umas três ou quatro pessoas: Laís, com quem estive há pouco, o velho Cosme, João e Dona Francisca. Me lembro dela e de seu finado marido, mas não de Genoveva. Já esse camarada do próximo retrato me parece conhecido, porém não lembro direito.

— É um tio torto de Francisca. Foi adotado pelo Ronca-Defunto. Ele também se acha transformado na foto. Não usava óculos nem dreadlocks. Fantasia de tua paciente, assim como o anjo que lhe abana a cabeça. Era teu xará. Namorou com tua tia, só não se casaram porque papai se opôs. Foi assim que meu velho perdeu a amizade do Ronca Defunto. Isso afastou nossas famílias. Os mais velhos, quero dizer. Eu continuei amiga de Francisca. Só nos perdemos de vista quando me mudei para Salvador com marido e filho. A propósito, me pergunto se foi certo voltar para cá, trazendo você da capital, onde faria melhor carreira. Sei que só veio por nossa causa, porque tanto seu pai como eu entendemos de enfrentar a velhice em nossa cidadezinha.

— Mãe, estou contente aqui em São Félix. Gosto da terra onde nasci. Sou homem de interior, não quero cidade grande. Se me mudar algum dia, será para um recanto menor, de preferência uma vilazinha. Mas a gente falava de Dona Francisca. Eu quase não vejo vocês duas juntas...

— Não andamos de cambão, mas a amizade continua. Recentemente nos encontramos no supermercado. Francisquinha me disse que deve tudo a você. Claro: a vida da filha... Minha amiga chega a ser dramática quando fala nisso. No supermercado, fez uma cena que me deixou avexada.

— Como foi, mãe?

— Mal me viu, largou a cesta que tinha nas mãos, num esparrame de frutas, abriu os braços e falou bem alto: “Liá de Deus, benditos sejam os teus seios, que alimentaram minha salvação! Bendito seja Jeová!” Aí todo o mundo olhou para meus pobres peitos, que eu cobri com as mãos instintivamente, me sentindo ridícula. Um leso que comprava salame bradou: “Aleluia!” e um bando de mulheres tontas começou a bater palmas. Eram crentes, vinham de um culto. Ria não! Eu fiquei um minuto sem graça, perplexa. Logo que tive ação, peguei Francisca pelo braço e a arrastei para fora, jurando que se ela continuasse com a cena

eu era capaz de dar-lhe uns tapas. Acabamos num barzinho próximo, onde a obriguei a tomar cerveja. Só então ela se controlou. Aprenda, doutor: para carola estabanada, bebida de espuma é um santo remédio. Pobre Francisca! Apesar de sua gratidão, gosto muito dela.

— Bom, mãe, voltemos ao álbum. Esta mulher de duas cabeças, com a barriga oca e uma lâmpada acesa dentro...

— Só reconheço uma das cabeças, que é de Betinha, irmã de Francisca. A outra deve ter sido implantada pela artista. Os dois homens que a circundam são amigos da família. Esse de paletó e gravata, chapéu de jornal, era um advogado famoso. O padre com chifres de carneiro é o mesmo que te batizou. Junto dele tem um anjo chorando, já viu? É Dasdô. Garota jeitosa, muito meiga, não teve sorte na vida. Se enrolou com um malandro. O gajo foi-se embora e deixou a consequência. Dasdô não desanimou: labutou e criou o filho. Mudou-se para a capital a fim de que o menino crescesse num meio mais adiantado. O garoto morreu baleado por bandidos na Suburbana. Tinha dívida com a turma do pó. Dasdô entrou num abatimento que não teve cura. Me lembro da visita que lhe fiz no hospital, na véspera de seu falecimento. Ela me mostrou o retrato do garoto e disse com voz fraquinha: “Lá se foi o menino que tanto me doeu!”

— Pobre mulher! E esses tipos na foto maior?

— Bom... Aí, Genoveva misturou retratos de gente com cartas de baralho, não é? Difícil saber de quem se trata. Quanto mais olho, mais fico em dúvida. Na outra página, pior: estão todos mascarados, com fantasias malucas. Reconheço apenas este, o graúdo com uma crista. É Germano Galo de Trovão, primo em segundo grau de Francisca.

— De braços dados com duas mulheres, uma loura e outra negra...

— Oxente, meu filho, não conhece mais Santa Bárbara? A artista copiou uma estampa bem conhecida, só lhe tirou a espada e o cálice. Quanto à negra, era muito amiga de Germano: Teté de lansã. Já essa outra foto não tem mistério:

trata-se de nossa artista com uma menina no colo. Que vem ser ela mesma.

— Eu não tinha notado...

— Não? Acredito muito, estou roxa de acreditar. Mas agora me diga: porque gostou tanto do álbum de sua paciente? Só pela graça da arte? Pois sim, me engane que eu gosto! Esse entusiasmo, essa ternura toda... Natural. Já vi o retrato da última página. Vai dizer que não reparou? O desenho derradeiro: o homem de terno branco, com um bebê pendurado na gravata e uma bonequinha no bolso. Não há dúvida, meu filho: é você! De cabelos azuis, mas inconfundível. A boneca também é um retrato: é mesmo que ver quem a desenhou.

.....  
.....  
.....

Aprovo, sim. E fico contente. Genoveva é doidinha, como todos os artistas do Vale, mas é boa moça. E linda, concordo. Apenas uma coisa me preocupa: só quero ver como ficarei no seu novo álbum...



## Celerilume

O animal luminoso ergueu-se na vertigem da correnteza, sobre a vagina do vale. Deslizou no vento múltiplo, entre as arraias coloridas, dançou nas ruas do rio aéreo. Finalmente desceu à terra com sua crista embandeirada, enquanto seus olhos bebiam a chuva. Assumiu o corpo do trem. Atravessou a ponte musical despertando rápidos sinos, provocou balões. Contemplou as meninas órfãs, que rezavam com cara de sono. Sorriu à pequena Jaci (“Oui, ma Mère, eu pequei. Mea culpa, mea maxima culpa. Juro que nunca mais eu guardo retrato de homem nu”). Brotou um vento que sacudiu a roseira e quando a pétala caiu a moça ficou arrepiada, a menina de se lembrar. Cantaram galos de fogo. Os olhos do Viramundo já se voltavam para outro lado, pingando faíscas na Estrada de Ferro. Uma linda mulher apareceu, rodeada de promessas. Subiu às nuvens o clamor: *Fogo do Céu, me queima!* Anjo Arlequim enfeitou-se com o sorriso da graciosa, que seus espelhos multiplicavam. Ao girar para a banda oposta, que nem catavento, viu as Meninas no passeio. Saias e fitas flutuavam, tocadas por um canto suave. Lucineu amigo pairou sobre elas em forma de arara vermelha, brilhou um segundo, mas não ficou. Seguiu adiante, atraído por forte perfume: o cheiro do fumo novo que se enrolava em coxas morenas. No pátio da fábrica, em proporção de cigarra, cantou e estalou. Adiante incorporou-se à lenta procissão dos bois e provocou o estouro. Zebu no quintal, zaiada de moças, deus, que alegria! O Assanhado logo cedeu ao chamamento do pássaro antigo: portas-fora da cidade, tocou por massapês, no batalhão da cana caiana. No barro, mudou-se em cobra e escorreu a sarapintar-se até o caramanchão. A mulher dormia na rede, com o filho nos braços, um seio para fora da blusa. *Ai, que bom ser Encantado!*

Barriga cheia, Lá Ele seguiu pelo rio, peixe rompante em vaivém sinuoso: por duas vezes tocou a espuma do mar e voltou às águas doces. No mangue de

Maragogipe, ergueu às nuvens sua cauda, que ficou a neblinar. Um pedaço virou palmeira em berço mole de mariscos. Escama que cintilava caiu em morros de sal, na altura da Margarida. Trem Doido fez a volta em São Roque, passou em Coqueiros e Nagé, deixou anéis. Daí a pouco, já estava de novo à beira do antigo porto cachoeirano, piscando os olhos do farol. Piscava e dançava com velas brancas nas costas. De repente, cresceu para o fundo, subiu de novo e esguichou. *Olha a baleia que entrou no rio!*

Já foi, já era.

O São Serelepe deixou nas águas mansas o dorso escuro com cintilações de prata, a roupa do leviatã. Pés no barro, formou-se a fera terrena que lá vai: subiu a encosta de Muritiba soprando seus foles, cortou a cabeça e guardou-a debaixo de uma grande árvore, enquanto seu corpo escorria, ladeira abaixo. Fez-se uma carne com o visgo das jacas maduras, rolou sobre as plumas do sol e saiu a voar por cima da represa. Derreteu-se logo: passou às asas dançarinas do Martim Pescador. Trinou alegre para as amigas na porta do cafofo, disfarçou-se de gato marisco e foi ouvir a conversa. Luana apontava um grupo de moças que vinham andando pelo jardim: “São as filhas do finado Germano. As garotas de Dona Vera, que Deus a tenha. Há muito não apareciam no vale.” Preta corrigiu: “A mais velha ficou, ensina hoje na Faculdade. Seguiu o caminho da mãe. E danou a parir que nem ela”. Um silvo agudo confirmou os partos. O gato repentino virou-se em ave transparente e seu olho de estrela concentrou-se no grupo. “Oh, aquelas meninas!” — lembrou-se a arara-de-daqui-a-pouco, deixando cair em leque as plumas aéreas sobre a colcha de retalhos na janelinha do cafofo. Bico cintilante nas flores do vaso: o vermelho da rosa tiniu de doer, o vento formigou. Luana fez a crônica: “Helô ficou aqui mesmo, com seu homem, suas crianças. Luísa era muito namoradeira, mas por fim se casou e aquietou o facho. É uma boa médica. Lia pegou profissão de dar conselho a maluco. Já Laís é advogada, se juntou com um gringo”. Pausa: canto de sabiá. Luana, de novo: “Os dois irmãos — Germano

Filho, mais Hermano — tomaram rumos diferentes. Mas são ambos artistas.” Moreninha suspirou: “Ah, os rapazes, minha paixão! Tomara que voltem.” Começou a brisa a despetalar-se e agitou a veste do Coisa-Nenhuma, sua roupa de vidro. “Dois-Dois te perdoe, mulher assanhada. Olha que ambos têm ouro nos dedos. Já chega o que você fez naquele tempo.” Um coro de abelhas evoluiu na direção da janela. O fogo das rosas crepitava. Lu retrucou: “Assanhada, eu não era, não. Mas senti um celerilum...”

Ao som do nome faiscante, o Arisco deu um salto para trás e estendeu as asas rubras até as nuvens, com um grito metálico. Assim refluíu no céu de outrora e pousou num galho de árvore antepassada, próximo às pequenas. De cabeça para baixo, a arara balançava-se, provocando a garota inquieta: “Helô! Helô!” Voz infantil se encheu de glória: “Ela sabe meu nome!” Roupa-de-Cores gozou a pequena algazarra, gritando junto. Por algum tempo, deixou-se levar em triunfo, na ponta do cabo de vassoura que a danadinha arranhou — *Avé arará!* — mas por fim, com um trino agudo de saudação à estouvada, voou adiante.

No triz de um estalo, Moleque Ninguém chegou à praça onde tocavam as filarmônicas: Minerva e Lira Ceciliana, em grande guerra de dobrados. Foguetes juntaram-se ao fundo estrondo de uma salva de canhão. Colégios desfilavam com bandas marciais, muita bandeira, muito verde-amarelo. Pronto, lá foi o Eledá enrolar-se nos pés do Caboclo, mordendo a lança, debaixo da pele multicolor do grande dragão.

O bicho gostou de lembrar-se do barco enfumaçado, do movimento das tropas entre gritos e ribombos, na velha vila em polvorosa. O sino tocava alarmes, um incêndio rompeu numa casa elevada que os negros canhões martelaram desde o navio, soprando fogo na praça. No tumulto, um homem caiu sobre o seu tambor e a moça vestida de soldado gritou furiosa, entrando no rio à frente de um grupo verde, com a baioneta calada na mão. “Todos ao Paraguaçu! A maré vazou, meus amigos. Abordem o barco! Fogo nos marotos!”

Sangue nas águas, brilhos de ouro. O Caboclo sorriu, orgulhoso: “Vencemos! Hoje tem festa na aldeia.” A seus pés, o dragão animou-se e lambeu os beijos, antegozando o gosto bom da jurema, a dança, a comida santa. Mas quando os discursos começaram na porta da Câmara, Espírito Leve adormeceu.

Já despertou num outro dia. Através dos olhos da fera imóvel, divisou o grupo de meninas vestidas de anjo que seguia na direção do Carmo. Copiou essa forma alegremente e assim entrou na Ordem Terceira, acompanhando a dama de branco. Ajoelhada diante do Senhor dos Passos, Laura rezava contrita. No que o sangue brotou da coroa de espinhos e começou a escorrer pelo rosto divino, o anjo cacheado — “a cara de Laís” — estendeu a língua devota e aparou a gota que mais parecia um bago de uva, gostosamente engolido. Foi instantâneo: antes que Laura piscasse, o esquecido colar de pérolas abraçou-lhe o pescoço: um cordão de lágrimas frias, distraindo sua atenção. “Estou caduca. Não reparei que tinha posto esta joia” — pensou a mulher —. E saiu para a rua. Na porta do velho sobrado, viu o homem que parecia dormir na espreguiçadeira. “Desfrute bem este sono, meu caro primo. Daqui a pouco, tua querida chegou da escola e te encontrou assim, com este rosto calmo, de quem dorme a céu purinho, sem queixas nem vexames. Um homem tão forte ainda, quem esperava? Mas foi uma bela passagem”. Ao sopro dessas palavras, o vulto esvaiu-se. Laura tateou com a mão curiosa o próprio pescoço de onde o colar efêmero tinha sumido. “Estou caduca!” Logo, porém, a dança multicolor de uma borboleta a distraiu. Bela, tão bela que já voou...

Bailava o Lucineu sobre os oitizeiros do parque, admirando o palácio redondo, a miragem do Circo. O entusiasmo foi tanto que lhe acendeu um frenesi de calor laranja. Abanou-se com as duas asas, rapidamente esgarçadas até o limite do vento puro e deixou-se cair sem corpo na grama festiva. Embora invisível, entrou por debaixo da lona, já assoviando. Pato Rouco levantou o colega pelos cabelos e o ergueu até a cama elástica, onde deram saltos maravilhosos. Surgiu a bela dançarina sobre o potro, excitando os trapezistas, os grandes

tigres, os homens, toda a platéia. Um olho multicolor cresceu de dentro para fora e engoliu o pequeno mundo.

Jogo de trevas: apareceu no lugar a missa de panos pretos. Com lágrimas nos olhos, Maria Psiquê recitava o poema do pai:

***Olhos na barra do tempo, cantei  
o célere lume  
— e o fogo eterno me consumiu.***

Resmungo das beatas, coro sinistro: “Esse homem se condenou.” Zune que zumbe, os marimbondos fervilham. Vera fala alto, linda de brava. Sua boca de nunca xingar tira o selo na matriz: PUTA QUE PARIU! Rumor de escândalo. Pássaro Tonto assobia, a mestra fica vermelha. O marido: “Falar a verdade não é vergonha. É poético.” Lágrimas nos olhos, ela sorri. Proclama que Cosme era um anjo. Coisinha assente, relembra: no enterro, Laura viu três.

Pronto, agora ele volta, o Ararisco em tremeluz. Inquieto, girou e encontrou de novo o grupo de moças com uma dona madura, de rosto amável. Preta logo a reconheceu: “É a tia delas, Elisabeth. Filha de uma senhora tão linda que todo o mundo se apaixonava.” O Anjo, que bem ouviu, toca realejo com a folha de ficus, saudando a belíssima sombra. E bate palmas para chamar a atenção. Mas não o escutam. Preta continua: “A toda formosa morreu cedo. Deixou essa órfã, que foi criada por Dona Sinhá — a mãe de Vera, que é a mãe das quatro acoli. Ai, meu Deus! Ela também já se foi, Vera dos Olhos de Coruja, Vera do Galo de Trovão...”

Para trás, para trás, para trás... Outra sombra surge, na face oculta da lua: um jovem ensopado de chuva ergue-se perigosamente na balaustrada de uma janela de sobrado. À luz dos relâmpagos, agita os braços e solta o cocoricó. Gritos das vizinhas apavoradas. Rompe a trovoada. O riso claro da menina-moça, lá defronte, corta as vidraças. Fecha-se um olho de laranja no meio do céu.

Camaleão estala os dedos e fala alto, no tom da morena: “Grande homem!” Preta concorda: “É verdade. Mas quase morre da própria virtude: denunciou uma roubalheira na empresa onde trabalhava e os ladrões trataram tocaia. Por sorte, o bandido se enganou”. Morena ajunta: “Foi isso mesmo. Bate-pau atirou num vagabundo de sua igualha, pensando que era o nosso amigo. Germano, que homem! Ateu e querido de Deus. Igual ao tio, o Ronca Defunto.”

Feed forward. O Elemento deu um salto de longos anos, bateu no muro, abriu janela no Rio de Janeiro. Apareceu a senhora a conversar com o homem mais moço: “Você era bem pequeno, primo. Eu morava em Salvador, fui passar as férias em sua casa. Dora, minha amiga, junto. Me lembro do velho sobrado cheio de sorrisos. Suas irmãs, queridas meninas... O teu mano mais velho era um projeto de Don Juan. E você, uma graça de garotinho.”

Rápida neblina. A tela de plasma é rasgada por um toque de berimbau e o Qualquer-Coisa se divide em dois: **H. e G.** Viola toca: *Lá vem Germano com seu Germano, lá vem Germano com seu irmão. São dois anjinhos da cara suja, mestres na estrepolia do Cão.* Enrugou-se o muro por um instante, até que a fresta se abriu de novo. A bela senhora suspirou, cheia de saudade: “Gê girava, um cata-vento amoroso. Ora a adorada era eu, ora a Dora. Você, menino, era meu fiel”.

Fechou-se a pedra, o Buliçoso virou a página. Sombra Fogosa virou peixe, mergulhou na Lagoa Encantada e saiu no Dique de Tororó. No espelho aquático apareceram a capital e o grande colégio.

Pompas do 31 de março. Auditório cheio. Diretor se aproxima do tablado para o discurso celebrativo. Um vulto se antecipa: vem da janela, da lateral, num quase-voo de arremesso. Gritos de espanto, susto espalhado, risos que espoucam. O bicho tomba e se levanta, cambaleia com passo frouxo, mas finalmente estufa o peito e se endireita, muito digno, ante as gargalhadas gerais. Autoridade estaca, assombro com iras vermelhas: ovante, um peru de gravata abre a roda e gruguleja entre as bandeiras, soleníssimo. Palmas. Assobios. O coro dos estudantes

ecoa: **GLUGLUGLU! GLUGLUGLU! VIVA O NOSSO DIRETOR!**

Trem de Risco aplaude, troca de canal. Bar Sete Portas. Bate-Copos. O Jovem H confraterniza com o pintor. “Não se zangue comigo, Mestre, mas ainda me caso com sua mulher.”

Corte rápido. A bela Psiquê, furiosa, invade a casa dos amigos. “Dona Vera, me desculpe a inconveniência, é urgente: quero falar com seu filho. Com Hermano, sim. Com aquele moleque desaforado. Ele me paga!”

Casamento três meses depois.

O Malemolente bateu palmas, fechou a cortina de pedras e saiu a dançar com o estandarte da próxima chuva. Dançou até que cansou. Entrou na casa do Congo de Ouro e sorveu um pote de jurema. Bêbado, resolveu partir. Saiu, então, à procura do corpo. Apanhou sua cabeça lá em Muritiba. Em São Félix, recolheu as vértebras. Encontrou a cauda a dançar no mangue de Maragogipe. Sua lúcida pele, a cachoeira de suas escamas, a carne dourada, o sexo ardente, ele achou aqui. Mas uma coisa lhe faltou:

*Onde estará meu coração?*

*Quem foi que pegou?*

*Devoraram meu coração, meu Deus!*

*Aqui!*

*Então o Santo rompeu no choro, com violão e cavaquinho.*

*E o céu bebeu o Celerilum.*

## Leão, seu sono

Leão era um moço bonito de dezessete anos. Morava com a mãe nas cercanias do Iguape. Um dia ele saiu para jogar bola num arrabalde mais distante e o temporal o surpreendeu na volta. Enquanto corria para refugiar-se ao pé de uma grande árvore, ele foi atingido por um raio. O barco aéreo da tempestade foi-se embora tão de repente como veio. Coisa de duas horas depois, debaixo de um sol de não se acreditar, viajantes acharam o corpo do rapaz imóvel no chão. Estatelado, ele parecia morto. Mas respirava. A mãe, coitada é que teve o choque maior. Era fraca do peito, ao lhe chegar a notícia do acidente seu coração não resistiu.

No povoado só tinha o posto de saúde e um velho médico, Doutor Javé. Ele teve pena. Levou para casa o garoto, que deixou em observação no quarto das visitas. Hospital era muito longe. Um dia cego girou sobre o Leão imóvel na cama emprestada. O segundo lhe amanheceu com boca de vento febril, um sopro de fantasia. A mulher do médico (uma linda senhora, por nome Sofia Xequiná), levantou-se bem cedinho e foi ver o desfalecido. Tinha acordado pensando no moço, que não se cansava de admirar. Perturbou-se: notou que o jovem, mesmo lesado, reagia ao sono da madrugada feito um homem de vigor. O desejo a embriagou: depois de tirar-lhe a roupa toda, Sofia deitou-se nua sobre o adormecido que a natureza inflamava. E o comeu de beijos. E cavalgou-lhe o corpo.

Minutos depois, Leão acordava, molhado de gozo. Mas a centelha do seu juízo ainda era fraca. Sofia lavou e vestiu o jovem que tinha possuído. Com carinho, puxou-lhe a palavra. Lentamente, conseguiu que ele reagisse, formando palavras. Mas Leão tremia a cada verbo, estranhando tudo — até seu nome. Javé deu-lhe remédios.

Pouco a pouco, a mente do moço pegou a clarear: ligeiros fachos. O casal lembrou-lhe o acidente do raio e contou-lhe, com muito jeito, a passagem de sua mãe. Ele não se desesperou. Ideia vaga, muito vaga.



Javé quis adotar o salvo da tempestade. Sua mulher aceitou, mordendo os lábios. Amava o marido. Arrependia-se do rompante, receava outra tentação. Só concordou porque não via outro jeito: se negasse, prejudicava um inocente que estava no mundo sem ninguém.

Correu o tempo: teve sol e chuva no balaio da novidade. O marido de Sofia festejou-lhe a gravidez. Ela chorou de queimar os olhos, nas agulhas do remorso. Contou-lhe tudo.

Javé dos Santos perdoou a mulher. Falou que acolheria o fruto do ventre amado. Mas percebeu que não podia ser, ao mesmo tempo, pai da criança e de quem a gerou. Então os dois combinaram que Leão tinha de mudar-se.

Sofia se abriu com a amiga viúva. Narrou-lhe o acontecido.

Eva chorava seu defunto, sentia falta de homem, mas não queria entregar-se a qualquer um. Os machos que a rondavam só queriam vantagem: o gosto da fruta e o de se gabar. Isso, ela não admitia. Criar um garoto talvez ajudasse...

Dama de preto levou Leão para casa. Deitaram-se juntos e ele dormiu no mesmo instante. De manhã, a carne manifestou-se.

A viúva ficou satisfeita. O rapaz era bom, era respeitoso. E cuidava da chácara.

Pode-se dizer: um casal com duas vidas. Nas horas claras, um trato de cerimônia, pouco diferente de uma patroa com seu empregado. Mas dormiam juntos, em cama larga. De manhã, a dama acordava cedo e gozava do amor encoberto, vestido de sono. Depois, quando o moço despertava, já a achava composta.

Com o tempo, ela pegou um chamego diferente: pegou mania. Chamava o rapaz pelo nome do desaparecido — João Velho — e o vestia com as roupas deste. Largou o luto.

O moço tinha lampejos. De vez em quando lhe vinham lembranças fortes: do bom doutor e de sua mulher (que andavam longe, tinham-se mudado), de um menino que esses dois lhe mostraram, da morta sua mãe. Vinham-lhe versos

e cantigas, tiras de palavras. A dama ficava irritada . Um dia, foi pior: quando ela despertou, na flor da madrugada, já achou o rapaz acordado — duro, sim, mas com os olhos abertos — numa alegre recitação:

*hipotenusa ocidental do cardume*

*vírgula*

*bomba trator telescópio*

*salina da silva do pai horizonte*

*cavalo sassafrás*

*porcelana canjica sutiã*

*tainha nebulosa*

*mamão tapioca maneira do mundo*

*envelociclopédia*

[PAUSA]

*xispeteó palácio caranguejo*

*com olho de jiló*

*toque de tocandira*

*sururu*

*rochedo benedito*

*bônus infeccioso*

*cápsula grumo buceta*

*zodíaco salobro*

[PAUSA]

*roncos de carrapicho  
vidraça do tatu não obstante  
português pica-pau madrugada satélite  
espuma no pistom lanterna língua roxa  
cristaleira da santa crueldade  
pólvora pedra pomes  
calango micro-ondas televisão meleca  
maxixe de mulher esparramada  
hipocampo bandeja  
de cumulus nimbus  
carapaça bongô repórter aleluio  
navio manga rosa do afeto que se encerra  
novelo de librina  
sapucaia merengue carimã  
do lábaro que ostentas estrelado  
revertério de argola buzina do meu toque  
sereia ponto com*

Eva achou graça não. O moço falava em carretilha, com pausas rápidas e rudes. Depois, danou-se a assobiar. Imitou dezessete pássaros. Quando serenou, até parecia lúcido. Disse que não era velho, recusou o chapéu do defunto. Aí, foi muito: a dama brigou. Chamou o coisinha de ingrato. Ele respondeu que tantum

ergo sacramentum, this is a pen, it is not a table. E saiu para a rua sem destino, recuperando o vocabulário. Ganhou o areal da beira do rio. Mugia e tugia, toava e entoava: hinos, samba, jingle-bells. Roncos e gemidos, brados redobrados, interjectos verbos, xingas, ladainhas. Vieram os países e as capitais, os afluentes do Amazonas, os ossos do corpo, as capitánias hereditárias, os doze apóstolos, índia, teus cabelos, nesta sagrada colina, mamãe, eu quero mamar. Quando chegou na beira da mata, ele estava empolgado. Acudiram o cisne branco, o símbolo augusto, o já raiou. Foi azar dos bandidos. Em pleno alvoroço de entusiasmo, ele viu a moça se debatendo numa rede de pesca que dois malandros de pernas compridas carregavam: ia a rede suspensa de uma vara, que eles apoiavam nos ombros. Entender o negócio, de fato, ele não entendeu; porém, se a pátria amada for um dia ultrajada...? Leão arrancou um galho de pau ferro e saltou sobre os inimigos, cantando. Os dois largaram sua carga no chão, deram seus pulos, mas não tiveram como reagir. Em cima do espanto, veio cacetada: lenha com música, um pouco entrecortada, porém vibrante:

— *As margens plácidas!* — invocava o rapaz.

E batia.

— *Um raio vívido!* — bradava. - *De amor e esperança!*

E tornava a bater.

Os mequetrefes largaram faca, largaram revólver: nada lhes valeu. Danaram-se a correr aos pinotes, com o lombo retalhado, as ventas em sangue, o terror gelado no coração. Nem quiseram saber como o cruzeiro resplandece: dispararam pela brenha adentro, de cabeça quebrada, uivando e peidando. Leão — *Salve! Salve!* — rasgou as malhas com os dedos, libertou a presa. Descobriu que era um homem forte. Seu juízo clareava. Carregou a beleza nos braços, levou-a para a casa na beira do rio, deu-lhe água da moringa, enxugou suas lágrimas. A morena pediu que a botasse na cama. Tadinha! Medo horroroso de ficar só, depois de tanto zuê. O homem bom acudiu: consolos, afagos, carinhos e dengos, deitou-se com ela e fechou os olhos.

— Durma não! Pode olhar, que eu sou bonita — a moça protestou.

Com pouco, eles dois estavam nus. Daí, pegaram a brincar — a morena instruindo.

Depois da sétima lição, o aluno viu-se um tanto cansado, mas com o juízo perfeito. Sentiu precisão de história e descobriu quem era, dizendo. Tomou sua vida.

Luana era esperta, sabia de um tudo. Interpretava:

— Javé mostrou que é santo, mulher dele é alma boa. Mas Eva, a dama, pegou tirania. Está muito enganada: João Velho mentiu que morreu, para mal dos inimigos. Vive numa serra com os caboclos. Brigou com os Dois de Paus, tomou as mulheres do bando. Eles estão no desespero: quando podem, caçam fêmeas nos povoados. Com aquela rede pegaram minha irmã. Mas ela queria. Eu, não. Portanto, você me salvou. Agora, a força dos pernaltas vai acabar. Estão desmoralizados. Finou-se o bando. Sabe como é? Corre no Brasil que os valentões levaram surra de um homem só, fugiram de calça mijada, chorando sangue na brenha. E debaixo de música. João Velho tira partido: tomará o governo deles, o que restou. Os Dois de Paus estão de perna quebrada. Penso que minha irmã vai dar-lhes um grande castigo, com seus tremendos poderes, antigos e novos. Vá, meu amor, diga o certo à Senhora Eva. Mas volte logo.

Quando Eva soube da notícia — de que era vivo seu marido — foi logo dizendo a Leão que adeus e muito obrigada, já não podiam ficar juntos, ela não era traíra. Depois jogou as alianças no riacho, onde só o peixe podia achar.

Traíra do rio.

A dama honesta queria divórcio, novo casamento.

— Mas não com menino que perdeu a graça, viu tudinho: já não é inocente. Preferível um homem de rédea curta. Você mudou, eu logo vi. Caiu na rede da esperta.

Leão partiu no mesmo dia com a namorada, que entendeu de ver a irmã mais velha: a última das gêmeas, Ana Lu. Esta já os esperava defronte da casa caiada, toda de branco: torso, bata, saia rendada. De cada lado da porta principal, tinha um jaburu montando guarda.

Ana Lu deu festa. Depois, pegou a arupemba, os búzios, o copo d'água cristalino, o baralho do Egito, as velas, o notebook, e botou mesa para o casal:

## |)

*Você, Menina, meu vaso de graça, dona dos enredos, princesa dos pássaros, Luana, Luíla... Não há poder que te resista, a teus enleios de Liá. Ai, pecadora! Ai, Santa! Três vezes Santa! Flor de inocência, mãos criminosas na tela do amor. Teu barco flutua com sete esplendores no rio das sombras. Sabedoria que enreda os enganos, olhos que brilham na escuridão. Quem se aproxima, Xequiná? A Santa Mercedes?*

*O Caçador corre de noite, com a chusma de sonhos. Flor que alumia, dama noturna carrega o vidente nos ombros. Lá vem a pastora dos tigres, a Rainha que monta a cavalo na tempestade e reúne os mortos. Oiá dos Olhares, oh admirada! Ela traz a centelha que me atravessa, assopra nos meus ouvidos. Por sua lei, eu digo e calo.*

*Agora é depois: João Velho partiu. Foi coroado pelo raio. Ouve, planta de Arirá! Vejo um ramo de luz nos joelhos de minha irmã. Já floresce em belo vale a plantação de vocês. Bênção das Folhas, com o puro mel na língua da Cobra Preta. Dou valor.*

*Deixo livres os homens Silvestres, de amor trocado. Mas prenderei os Dois de Paus. Serão escravos de nossas imagens, querida irmã. Até que a doidice lhes cure a soberba e a graça dê fruto na boca da morte.*

Três pássaros cantaram.

O homem que escrevia a história sentiu dormir o sonho nos olhos.

Ana Lu fechou o jogo.

## **CODA**

Enquanto fugiam da cheia em frágeis canoas, os vizinhos, muito assustados, ainda viram o casarão em chamas cercado pelas águas.

Menino de cabelos brancos achou alianças na boca do peixe.

Moça pariu no cemitério.

Os Silvestres nunca mais voltaram.

## Procissão

Levei o sonho comigo, deixei a dormir a sonhadora. Fui ver Tia Lúcia, que estava entretida com seu tapete de fuxico, rico em retalhos. A seu lado, a amiga de sempre cabeceava: Dona Jovina, que nós também chamamos de tia, por sua amizade com mamãe. A velha Lúcia Lis, negra de olhos risonhos, recebeu-me com beijos. Sua visitante, que cochilava, acordou, deu-me um beijo também e participou da conversa, lá do seu modo. Ajudou-me com aquele sonho, tão difícil de adormecer. Só estranhou o belo brinquedo que eu carregava: um navio de barro, tripulado por diabinhos.

— É obra de um artista daqui, que aprecio muito. Estou levando para minha mulher.

— Coitada! Não tinha outro presente? Leve perfume, um corte de pano bom, uma joia... Não achou nada melhor do que esses demônios em Cachoeira?

— Ora, Jovina, não seja boba. O navio é bem bonitinho.

— Até você, velha caduca? Que boniteza tem isso? Tome juízo!

— Tomarei, algum dia. Mas fale, rapaz: quando chegou?

Depois de muita prosa, fiz meu pedido:

— Tia Lúcia, Tia Jovina, por favor, me ajudem. Quero lembrança de uns doidos.

— Ora, menino! Doidos? Porque?

— Tome tento, rapaz! Sou doida não. Minha memória está boa. Lúcia Lis está de prova: eu cá não caduco, nem caduquei.

— Claro que não, Tia Jovina. Deixe explicar. É que eu estive com Laura. Ela contou-me um sonho maravilhoso. Quero escrever sua visão. Mas para isso, preciso lembrar-me direitinho de nossos malucos.

— Olhe, menino, Laura é ótima pessoa, é prima torta de sua mãe. Mas você me perdoe: o que ela fala, nem sempre se escreve. Vou te contar um caso.



— Estou ouvindo, Tia Lúcia.

— Anos atrás, um trabalhador do sítio de sua prima sumiu sem aviso, de uma hora pra outra. Pouco depois, correu a notícia de que ele tinha morrido. Laura aviou uma revelação. Sonhou com o desaparecido a contar-lhe que tinha sido morto numa emboscada e enterrado em boca de lapa, aqui perto. Tanto falou e repetiu que acabou se convencendo da história. Uma tropa de desocupados saiu atrás de sua indicação. Acharam mesmo uma ossada numa loca, na mata do Engenho. Foi grande a livrosia... Mas pouco depois, o sumido apareceu: vivo e contente, cheio de saúde.

— Segundo eu penso, era de outro o esqueleto que eles encontraram.

— Com certeza, Jovina. Mas Laura não se deu por achada. Passou uma descompostura no pião reaparecido, que chamou de alma falsa, manequim de fantasma, espírito mentiroso, não sei mais o quê. O apelido de Alma Falsa pegou. O sujeito ficou tão envergonhado que acabou indo embora de vez.

— Mas Tia Lúcia, este sonho d'agora foi bonito.

— O sonho já é uma pequena loucura, não? A tonta sonha com doidos, imagine -se o que será.

— Não sou tonta, não. Só tirei um cochilo. Você é que está sonhando, Lúcia.

— Pode ser, Jovina, pode ser. Mas então, meu filho, você quer que eu me lembre de destrambelhados feito sua prima?

— Não, Tia Lúcia. Quero saber dos doidos de rua. Aqueles malucos de pedra, mais consagrados. Alguns dos que Laura recordou no sonho, eu conheci. Outros não eram do meu tempo. Como Pititinga e Changó...

— Um par de mulheres miúdas, a velha mais a revelha. Viviam de robe pela rua, atavam fitas de várias cores no cabelo. Andavam juntas, geralmente. Os moleques atenazavam: "Pititinga! Changó!" E a infeliz da mais moça entendia de ficar braba, descompunha: "*Seu tanta coisa, filho de coisa!*" Não tinha jeito: onde aparecesse ela sozinha, também lhe gritavam: "*Pititinga, cadê Changó?*" Uma zaiada dos infernos.

— E o Chico Bicho...?

— Coitado! Era a vida toda batendo com a mão em concha na orelha lá dele, a cabeça inclinada de banda. A cada batidinha que dava, fazia com os beiços um fogueteio: **Pô! Pô! Pô!**

— E Boca de Jia...

— Rasgada, suja, muito xingadora.

— E João Maluco...?

— Deste, você deve lembrar-se: era um negro alto, bonito e besta, de fato um maluco do pão.

— Ele já deve ter morrido.

— Sim, meu filho.

— Quem morreu, Lúcia?

— João Maluco, Jovina.

— Requiescat in pacem.

— Amém. Sossegue, mulher! Não precisa esse latinório, que nem na igreja se usa mais. Vamos lá, meu filho.

— Calixto Marechal...

— Ah, coitado, voltou da Itália com os tiroteios da guerra na cabeça, emboscando alemães pelas esquinas, explodindo com tiros de boca.

— E o Caga-Brilhante...

— É verdade! Engoliu a joia e teve de desengolir, com óleo de rícino e bons penicos.

— Maria Cadê o Gato...

— Muito amostrada, não era? Mas brava!

— E Olívio Alves de Medina...

— Seu Cu, muito famoso.

— Oxente, Lúcia, de que está falando?!

— De Seu Cu.

— Arre, que velha desaforada! Negra caduca! Porque não se dá ao respeito? Nós fomos criadas juntas e este rapaz que está lhe ouvindo até podia ser seu filho.

— Sossegue, Jovina! Eu estava falando de Mestre Olívio, homem graúdo. Olívio Alves de Medina, você conheceu?

— Ora, irmãzinha, quem de nosso tempo deixou de conhecer Seu Cu nesta Cachoeira?

— Sai pra lá, velha tonta! Olhe que fomos criadas juntas e este rapaz que está lhe ouvindo até poderia ser seu filho!

— É, poderia. Mas a mãe dele era muito minha amiga. Vera... Não era? Requiescat in pacem.

— Amém.

— Mas o que teve Seu Cu?

— Já expirou, há muito tempo.

— Depois então, Deus lhe dê luz.

— Assim seja! E você, menino, me diga: que diacho de sonho foi esse de Laura, com tanta doidice?

— Ela contou-me que ontem, ao deitar-se na sua cama, viu-se logo em São Francisco do Paraguaçu. Junto das ruínas do velho convento, assistiu a passagem de uma procissão muito bonita, com um mundo de imagens. No primeiro andor, vestida com roupas de seda e ouro, um livro de prata sobre os joelhos, vinha a velha Changó, muito serena. A seu lado, toda graciosa, com um jeitinho de menina moça, trajando vestido azul e mantilha branca, Pititinga estudava a lição.

— Ai, que loucura!

— No andor seguinte, vinha o Chico Bicho, magnífico em seu burel, com beija-flores em revoada sobre a cabeça, canários nos ombros. Uma onça pintada lambia-lhe os pés.

— Eita!

— O terceiro andor era o de Boca de Jia, com uma roupa de nuvens e raios rendados, uma coroa de cristal na cabeça. Atrás, vinha João Maluco, risonho, com uma túnica branca e um manto verde. Na mão direita, ele segurava o globo do mundo.

— Jesus!

— Seguia-se o andor do Marechal, Calixto da Guerra, muito heróico, vestido com uma armadura dourada e montado num cavalo branco. Seu manto vermelho esvoaçava e de vez em quando ele catucava com a lança um dragão com cara de gringo.

— Valha-nos Deus!

— Perto, o Caga Brilhante era todo esplendor, com uma auréola diamantina e um camisolão de safiras. Depois se avistava Maria Cadê o Gato coroada de sol, pisando na lua, com um vestido de estrelas e pérolas frescas. A seu lado, com uma roupa de ouro, a Princesa tocava piano.

— Virgem!

— Derradeiro vinha Seu Cu, entre rolos de incenso, com a figura de um papa.

— Oxente, menino, de que está falando?

— Do Papa, Tia Jovina. Do Papa!

— Eh, mulher! Mas conte, meu filho: como acabou o sonho de Laura? O que mais ela disse?

— Falou que no fim do cortejo tinha um andor vazio. E acrescentou: “Que nem meu juízo.”

Ficamos calados, um bom tempo.

A velha Jovina voltou a cochilar.

Por fim Tia Lúcia indagou:

— Você... Como foi que a deixou?

— Dormindo profundamente.

— Quem, Lúcia?

— Laura, Jovina. A prima de Vera.

— Requiescat in pacem.

## Estranjas

Aqui sempre tivemos um tantinho de estrangeiros. Portugueses? Com estes, nós temos o parentesco que ninguém nega, uma ligação histórica, um laço de sangue: em princípio, não deixa espaço para maiores estranhezas. Dá-se, porém, que esta foi a terra onde se brigou pela Independência, briga de verdade. Com o remoto quebra-pau, a distância entre nós e eles se formou. Houve um chega-pra-lá, um arreda. Procuramos a diferença com fogo de batalha e fortes fantasias. Deram-se mútuas excomunhões. Ficam vestígios, não é? Minha avó, por exemplo, ainda há pouco falava dos *marotos* em tom de deboche. E de *marotos* ela procede, ao menos em parte. Celebra o barro tupi, o sumo africano, trata com muxoxo a farinha do reino. Diz que é da maniçoba: folha de mandioca e dendê. Birra pura. Ora, todo o mundo sabe onde está o pé da quizumba: os portugueses, por cima da carne seca, estrangeiravam tanto os índios como os pretos, rebaixados a escravos. Quando nada de começo, os únicos cidadãos eram eles, os brancos nascidos de matrimônio. Mas os mestiços se multiplicaram, entraram na disputa pelo bom lugar. Começou a inana, com tricas e pinimbas. Teve uma revolta, mais outra, destempero e corda de força. Vai que vai, nativos de todas as cores se assanharam, cresceram nas peles: a história correu, a canoa virou. Houve o mata-marotos, as ingrisias, houve a paz com seus arranjos. Por fim, o luso se desiludiu de nossa terra, virou estrangeiro onde antes mandava. É o que está nos documentos. Ressalvo que isso não se deu com todos os lusitanos: muitos adotaram o novo país. Vó Juliana garante que até Santo Antônio se bandeou, no meio da guerra: juntou-se a Ogum e jurou bandeira do lado de cá, tanto que hoje é coronel de nosso exército. Dom Pedro também virou casaca, soltou seu berro no Ipiranga. Com o tal do brado retumbante — e muita bomba na Bahia — se fez, por fim, a Independência. Mas só para os brancos, não é? Por muito tempo. Aí está:

minha avó é negra sacudida, do tipo que a gente chama cabo-verde. Atribui seus cabelos lisos à mistura antiga de africano com índio, na banda materna. Reconhece que teve português na linhagem do pai, mas proclama sua preferência pelo povo de cor. Fala sempre da África, que em sua imaginação é uma Bahia muito grande, toda preta. Quando lhe falo da grandeza do continente, dos vários povos africanos, dos muitos países que tem lá, das cidades onde se falam dúzias de línguas, ela acha bonito, porém não muda sua ideia, replica logo: Eu sei, menino, eu sei. Aqui também o africano é variado, além de misturado. Tem angola e tem jeje, o nagô tanto pode ser um ijexá como um queto, que bebe de Oió, pinta-se de efan, de outras correntezas. A variação vem de longe, a cada hora fica maior. Malê, grunci e mussurumim já teve em nossas águas e povo como esses não acaba: muda o nome, se disfarça, de um jeito ou de outro continua. Inda tem o congo, não tem? E o angola, não pense que é um só, tem cabinda, monjolo e patação, assim como o jeje pode ser marrim ou mindubi, senão savalu. Ainda por cima, nós somos caboclos, pois o africano juntou-se com os índios da terra. Tem preto Aimoré e negra Tupinambá, duvide não, Sultão das Matas me garante. Também são caboclos o Boiadeiro e o Marujo. Isso quer dizer que somos crioulos de todas as fontes, alguns com branco atravessado. A caboclada se multiplicou no barro preto, às vezes caiado. Na Bahia toda não há branco sem tisne crioulo. Disso você não entende, meu filho, deixe comigo, me fale só dos estrangeiros, mas preste atenção pra não confundir: tem o português lusitano, tem o galego e tem o gringo, que já é outra categoria. Você devia saber, pois é chegado a uma galeguinha. Essa menina quase loura, que me olha risonha, uma graça, não me deixa mentir. Se acanhe não, minha filha: eu conheço bem sua avó, sua família toda e já lhe queria bem antes de ver a beleza de seu rosto. Sua avó eu sei que é baiana da Cachoeira, com sangue africano, mas você puxou o povo da Europa, a parte galega. Herdou dos dois lados, a pele saiu em moreno claro. E ficou um lindo resultado. Veja meu neto como está derretido. Ele tem razão, você além de bonita é ótima

peessoa, eu sinto com os olhos e meu coração percebe, sua presença me alegra. Foi por sua causa que Bento se meteu a estudar o fuxico de antigamente. Acho bom. Desse pessoal você entende um pouquinho, filho. Não tanto como eu, mas entende. Fale dos santiagoos. Depois passamos aos outros. Eu gosto de ouvir. Então está certo, vó, eu falo. Galegos aqui sempre teve, é um mundo de gente, história deles na concha da baía não se esgota em conversa pouca. Vou logo ao que me interessa. De todas as levas de espanhóis no bojo do Recôncavo, o mais influente veio a ser um homem galício, não da gema: era fruto de duas Espanhas, apenas filho de galega. Assim escreve tia Nice e Lia mesmo confirma. Pois é, vovó: se chama Lia esta linda mulher que lhe apresentei. Olhe para ela, preste atenção, guarde seu nome junto do meu. Galega não, cachoeirana e neta de sua amiga Sinhá. O cabelo é castanho claro, já viu? Ela veio ao mundo bonita do natural, da cabeça aos pés. Sim, descende de Don Luis. Por sua causa, lembrarei a história do grande homem. Contam que ele brotou de pago valenciano, mas foi da Galícia que chegou, com um carregó de maldição. Morou em Salvador um tempinho, passou por Santo Amaro muito rapidamente e se estabeleceu em Cachoeira. Mas fale, Juli, você conhece o assunto, eu já estava esperando sua autoridade me interromper. Diga que eu anoto. Muito bem, garoto, assunto: esse branco deu sorte, casou-se com a neta da negra Terência, curou-se da disgrama com o axé da velha, uma africana de muito valor, conhecimento profundo. Eis que a mãe de sua sogra era mulher de partido alto, gente grande entre os nagôs da Cachoeira. Tornou-se juíza da Boa Morte, reinou com os mistérios de Nã Buku. Estou certa, menina? Você brotou desse enxerto. Conheço bem sua origem, sou de Santiago do Iguape. A sogra de Dom Luís, por nome Veridiana, era a filha mais nova do português João Bernardo, que se casou com uma patrícia chamada Judite. Estou certa? Então continuo. Essa Dona adoeceu de moléstia braba, golpe de vento de paralisia. Só andava nos braços das mucamas. Apegou-se muito à escrava Terência, que seu marido engravidou. Adotou-lhe as meninas:

queria ser mãe e não tinha condição de gerar criança. Contam os antigos que ela mesma determinou: Tu que me amparas, Terência, tu hás de parir por mim. Vem, Bernardo, faz-me um filho nesta mulher que é rija e fresca, de peitos bons e limpa de natureza. O portuga fez logo dois. Ou antes, duas. No leito de morte — segundo a boca dos mais velhos — a madama ditou a alforria da escrava e tornou herdeiras as moças que lhe adotou, Veridiana e Celeste. O marido, como pai que era, aceitou de boa vontade o decreto da agonizante. Resultado é que as filhas dele tiveram duas mães: a branca do papel, a negra da natureza. Veridiana pariu Valéria de um cabra chamado Joaquim Moreno e foi justamente com essa Valéria que se casou o galego. Brotou Sinhá. Dê lembranças, minha filha. Gosto muito de seu pessoal. Mas você, menino, me fale agora do povo da estranja que entrou pelo nosso. Sim, obedeço. Quando manda minha avó, tenho de falar. Mas saibam todos: foi há tempo, eu falei e o dia voou, passaram-se meses, agora escrevo meu discurso pelas curvas da lembrança. Não só a Ibéria nos legou sementes da parte branca. Muitos holandeses foram comidos em Itaparica por via de sexo e boca, ou senão afogados. Mas algum ficou. Tem uma Ilha dos Franceses na Bahia de Todos os Santos, no seio do Iguape de minha avó, onde o Guai se encontra com o Paraguaçu. Lá uns piratas foram apanhados no contrabando de pau-brasil e levaram tremenda tunda, muita da bomba de navio luso. Foram-se embora debaixo de pau. Vieram outros. Por toda a história, teve francesia em nossas terras. E hoje ainda nos chega gente daquele pedaço de mundo — pouca, mas importante. No século passado, ingleses acorreram com trilhos e tramas: foram os mestres da ferrovia que corta recôncavo e sertão, hoje quase abandonada pela burrice dos governos. Não há dúvida de que os britânicos deixaram suas mudas, eles também. Já estavam presentes desde muito: ajudaram na guerra da Independência, batendo em seus aliados para ficar com nosso dinheiro. Depois teve os Beatles e os Rolling Stones e Caetano foi para Londres, aqui em Santo Amaro todo mundo sabe. Mas falo dos que acolhemos, volto atrás.



No começo do século vinte, chegou-nos ao massapê nova onda loura: um punhado de alemães plantando fábricas de charutos em Cachoeira, São Félix, Maragogipe. A guerra varreu quase tudo, cortou seus negócios. Ficaram sobras, poucas obras. Italianos também comparecem, no interior e na capital. O Mestre Thales de Azevedo historiou seu derrame pela Bahia inteira. Não, senhora, não acabou por aí. Além de Europa e África, outros cantos do mundo nos deram brotos. Têm chegado a nossas praias sírios e povo do Líbano, tocando comércio. Logo-logo eles se espalham, afundam sertão adentro. Sim, é assim desde muito: temos em nossa mistura hebreus de todas as tribos e um número forte de antepassados das arábias, tudo junto nas carnes de Portugal. A correnteza humana acolhida no bojo baiano a cada instante cresce em variedade. No século vinte, os japoneses também se incrustaram no Recôncavo. Acabou? Não, meu leitor. Segue o reboiço. É a você que me dirijo, pois nesse ponto minha avó dormiu. Foi a cerveja, mais o conhaque de aperitivo e o peso da feijoada, regime que ela faz é esse. Também me volto para a prima de Araçatuba, escrevo o que lhe falei em São Paulo. Acontece que estou em Salvador. A conversa com vovó foi em Santo Amaro. De repente, não sei como, a minha memória pousou no Sampa. Mariá pergunta o que a gente sabe dos estrangeiros na pobreza de meu Recôncavo, indaga quem aparece, quem não aparece. Como posso lhe respondo, já respondi. Rabisco de longe o que terei falado e quase me escuto, mas é tudo letras, elas me tornam outra pessoa, de modo que as falas são duas, três, não sei quantas. Minha namorada interfere, minha irmã caçula também, vó Juli fala até dormindo e tanto presente como ausente governa a conversa. Coro de mulheres, vozes e silêncios misturados, reconstituo como posso, destacando minha fala que é masculina, menos atravessada. Vovó quer Américas. Vou falar com ela e dirigir-me a Mariá. Será que dá certo? Veremos. Você, irmãzinha, concorda com este arranjo? Lia também está me ouvindo, eu sei que está. Olho para o continente que fica arriba no mapa: os gringos dos Estados Unidos circulam por nossa terra, volta e meia se incorpo-

ram. Em Cachoeira, a cada agosto, aparecem bandos de turistas negros vindos de lá dos States para a grande festa de Nossa Senhora da Boa Morte. O ritual misterioso lhes recorda a fonte africana que prezam, mas desconhecem. Esses turistas escuros são muito simpáticos, eu mesmo fiz amizade com uma boa dúzia. Só ainda não percebi porque a Virgem no caixão lhes fala tanto, mexe com o sonho de suas raízes, marca sua negritude. Católicos, eles não são. Tampouco entendem de candomblé. Mas se encantam com as cerimônias que veem na festa cachoeirana — a procissão das Irmãs negras, a sentinela da Mãe do Céu — e ainda mais com o que não percebem, com os ritos fechados. (Não, não estranho: o invisível é muito forte). Salve, Negramérica! Brancos daquelas bandas também nos visitam. Sempre tem alguns que criam raízes em nosso meio, como foi o caso do Maifrém de Itaparica, um lourinho que chamava todo o mundo de “my friend” e acabou assim nomeado, com pequena adaptação. Daqui a pouco — não cabe dúvida — a família Maifrém será antiga e tradicional: não dou dez anos para que se torne quatrocentã. Ai, olha só: no que relembro essas coisas, minha avó acorda e discorda. Explicando melhor, ela se refere ao que eu disse antes — : decreta que preto não é gringo, por muito que enrole a santa língua. Quer que eu fale dos vizinhos: dos que nos mostram, dos que não vemos. Eu tento fazer o que ela manda. Mariá de Araçatuba me pediu a mesma coisa. Começo. Não sei porque, aparecem menos em nosso Recôncavo os americanos de perto: não é sempre que encontramos uruguaios, paraguaios, argentinos, povo próximo. Mais rara ainda é a visita de gente do cabeçalho do mapa deste trecho de mundo voltado para a África. Pessoal do outro hemisfério nos procura com maior frequência. A turma sem escola custa a crer que os Estados Unidos estão mais longe que a Venezuela, ou a Colômbia. Também é difícil que cheguem a esta terra os andinos da banda oeste da Sul-América. No meio do povaréu daqui, há quem confunda Peru e Bolívia, a nação do Equador com a linha do mapa. O Chile tem rua em Salvador, tem certa fama — criada, dizem, por um navio de boas

lembranças. Para alguns dos meus conterrâneos, essa rua vem a ser o sinal do mundo chileno. Estou pensando em Tia Quina e seu baralho geográfico: ela garante que Roma fica pertinho do Uruguai, lá em Salvador. Sossegue, Tia Quina, é brincadeira, você sabe que na cidade baixa não tem papa, que os uruguaios são gaúchos de grandes pampas, sabe muita coisa. Sim, senhora, o Chile goza de boa fama, nos dá uma certa nostalgia porque não encosta no Brasil. Sofremos quando sua terra treme, aparece no noticiário, os mineiros presos na barriga do morro, pior foi o pinochet. O Equador é outro vizinho que não encosta, e pouca notícia temos de lá. O que mais me lembro é Galápagos, o Arquipélago de Galápagos, gravei por causa do nome sonoro e daquelas tartarugas enormes, sem falar em Darwin, que visitou essas ilhas em um navio com nome de cachorro, por sinal ele esteve também em Salvador. Sim, eu já disse que sou ignorante e é de ignorância que estou tratando, nessa matéria sou mestre. Boliviano, vizinho próximo, quase não chega por aqui, mas em São Paulo tem aos montes, foi lá que me aproximei de alguns, antes eu mal sabia de suas montanhas irrespiráveis que para subir eles tomam coca e não ficam doidos como o resto do mundo. Sabia que lá morreu o Che, que não tem mar e tem uma praia, um porto aberto no Peru. Pronto, acabou minha ciência. Bela Bolívia, me perdoe, adiante eu aprendo alguma coisa. Olho de novo para o norte de nosso vasto continente, a crista da Sulamérica. Vejo a Venezuela que nada em petróleo, Chávez metendo raiva nos gringos, aparece muito no noticiário, assim como o índio que hoje manda na Bolívia. Da Colômbia, a gente sabe que planta café e encosta na fita do Panamá, dono suposto de um canal sempre às ordens dos gringos ianques. Já as Guianas quase nunca nos aparecem fora das aulas de geografia. Os bons alunos dirão que uma é parte da França, outra foi inglesa, a que era da Holanda virou Suriname. Xente, o que foi? Só o assobio de minha irmã, a miúda esperta, treze anos, muita manha. Ela me assopra agora que no Suriname tem até javanês, além de preto que entrou pro mato e virou índio, mesma coisa na Colômbia. Ponto para a caçula, mas não vou

basear-me na sua ciência. Ela tem a geografia na ponta dos dedos, facilmente me dá quinau: vai ao computador, consulta o google e volta cheia de lições. Eu quero ver se retrato a imagem que o zé-povo da minha região faz dos vizinhos américos. Vamos arriba, seguindo o mapa sem muita ordem, no ritmo turvo do conhecimento da gente simples reconcavã. Se aquiete, menina! Estou falando com a outra, a de São Paulo. E quem escuta é minha namorada, que vovó teima em chamar de galega só por causa do tataravô. Me dirijo primeiramente a Mariá e destaco um país favorito de nossas boas impressões. Sim, do México todo o mundo gosta no recôncavo, mesmo sem conhecer. Será por conta do cinema, da música perfumosa, dos costumes de bizarria. A rigor, tudo que chega de lá nos encanta, por pouco que seja. Dou exemplo: num abaçá de São Roque, vi um Caboclo de Aruanda que usava sombrero. Viva Zapata! Da Guatemala, boa vizinha dos nossos caros mexicanos, pouca notícia nos chega: quase nenhuma. Quem passou por escola sempre se lembra dos maias, índios muito civilizados — que nem os astecas donos do México, que tinha maias também, por sinal tem ainda. Mexicano aparece muito na minha terra — em filme e novela. Aí se entorta o geográfico, porque nesse ponto a gente se lembra dos incas e fala do Peru. Ai, Santa Rosa de Lima, esta moça que eu namoro já estive em Machu Pichu, quer me arrastar para a cordilheira, um dia eu irei, como não? Mas volto à América Central. Sim, querida, a prima também me censurou: por sedução mexicana, saltei Nicarágua e Costa Rica. Me desculpe. Sou sincero: dentro de um corpo, não me lembro de ter visto sequer um nicaraguense nas borda de Todos os Santos. Achei um deles encadernado na casa de Lia, o amor de minha vida, que está me cutucando: era um livro, Canto Cósmico, ou cantiga do mundo. Não, minha senhora, não é leitura corrente por aqui. Por obra do acaso, minha Nicarágua ficou sendo esse poema de Dom Ernesto Cardenal. Me lembro também dos sandinistas com seu fuzuê. Mas quem, por aqui, sabe de Sandino? Arre, muito poucos. Não vou seguir pelo caminho de Lia, que a coisa fica complicada. Numa conversa com vovó, ela

falou de Macondo (tinha acabado de ler o romance do bamba colombiano, um cabra chamado Garcia Márquez) e a velha Juli achou tudo familiar, identificou vários conhecidos. Agora meu bem me interrompe de novo, com voz de zanga: é que passei muito ligeiro pela graça da Guatemala, sequer me lembrei de Miguel Ángel Astúrias, dos seus homens de milho e do esplêndido Popol Vuh, ciência quiché que ele traduziu. Explico que não estou tratando de saberes, apenas descrevo a ideia que nosso povo tem dos colegas de América. Ideia vaga, reconheço: tanto a deles quanto a minha. Acontece que Lia não é padrão: além de ter viajado mais do que todo o mundo aqui, gosta de livros como poucos. O que não sabe por ter visto, sabe por letras. Vou mudar seu nome de Lia para Lê. Mariá também acha graça das nossas simplificações, mas dá-se que ela morou em São Paulo, na grande metrópole, onde vive gente do mundo todo; de resto, Araçatuba tem escolas melhores que essas daqui. E minha irmã mais nova é outra parada, tudo descobre em sua máquina. Peço que elas sosseguem e sigo tateando minha ignorância, pouco menor que a do povão de meu Recôncavo. Da Costa Rica sei alguma coisa, conheço um cidadão de lá em carne e osso. Com ele aprendi que em sua terra tem grandes vulcões, excelentes músicos. O camarada se chama Ulhoa, Mário Ulloa que assim se escreve, um bamba supremo no violão. Na Bahia toda, é mestre deste instrumento e tanto nos impressiona com suas artes que já representa um pedaço de mundo canoro: tornou-se o país de onde veio, pois eu falo Costa Rica e a turma responde Mário Ulloa, mas o danado não se aquieta, o povo logo lhe muda a origem: já me garantiram que Ulloa é guatemalteco, nicaraguense, hondurenho; dizem outros que nasceu nas Antilhas, que é do Panamá, de Belize e de Itapoã. Meu palpite: Santo Amaro. Roberto Mendes foi com ele tocar chula para as cholas, acho que lá em Cochabamba. 'Xa pra lá. Pouco sabemos das ondas de Honduras, mas Tegucigalpa, que nome lindo! Parece uma égua nadando. Já El Salvador nos confunde: quem tem menos letras logo imagina que é mesmo nossa capital em boca de espanha, o nome divino a reboque do artigo velho.

Ah, do Caribe corre a fama no Recôncavo inteiro: principalmente da Jamaica, por causa do reggae e do calipso. Também se fala do Havaí que inventou o luau e os gringos americanos avacalharam. Sabemos ainda que os mesmos gringos colheram na rede Porto Rico (falou em riqueza, eles não vacilam). E Bahamas? Férias de milionário. Já do pobre Haiti só se conta desgraça, aos montes. Coitados! Depois da escorcha dos franceses, tirania e terremoto. E de vez em quando a porra de um furacão passa por lá. Mas deles se tem conhecimento, quando nada. O mesmo não se dá com a República Dominicana, sua vizinha: há quem acredite que lá só tem frades. Sim, para a gente pobre daqui, a América do meio é um mundo desconhecido. Das Antilhas — com poucas e boas exceções — nós mal ouvimos falar. Martinica está na lembrança dos carnavalescos só fantasiada: os mais velhos sonham com Chiquita Bacana e com sua filha, que visitou Santo Amaro em cima de um trio-elétrico, de braços dados com Caetano Veloso. Já perdi a conta dos santamarenses que garantem ter trepado com a moça. Muito dada, muito dada. Mas vamos adiante. Cuba é que tem senhora fama: uns arrenegam, outros louvam, todo o mundo faz ideia: rumba, Fidel, comunismo... Na cabeça de Zé Povo, a ilha cabulosa ficava pertinho da Rússia, que já foi a casa do diabo e o paraíso do fim da história, quando a China parecia outro mundo, o outro polo do perigo, ou da promessa: mundão amarelo e vermelho, com cara de Mao, fazendo montanhas de gente atrás do muro e tocando na Índia com tremeliques, com a esquisitice dos orientais. (A associação que a gente faz é política e polêmica: sabe-se que chins e cubanos se desentendem ao ler pela mesma cartilha). Agora, Cuba flutua menos, por assim dizer: deslizou em contra-corrente, já sem russos: fechou-se no seu Caribe e ferve sozinha dentro de um ovo de Colombo, quase defronte da Disneylândia. Exagero? Talvez. Reconheço que essa geografia maluca melhorou um bocado ultimamente. Nem tanto em função da escola: uma fácil fonte de informações sobre a colcha de retalhos internacional de que o nosso povo dispõe é o futebol. Sobretudo no que toca a nossos vizinhos das Américas.

Pergunte e qualquer um dirá: Uruguai e Argentina são as potências que rivalizam conosco, o Paraguai vive encostando, a Colômbia começou a tomar ousadia. Quem não tem o toque de bola pode ver-se desconsiderado: para nossa plebe, Canadá é terra de cachaceiro e Alaska é sobra de qualquer coisa. Isso acontece com muito país — a menos que intrigue e espante, como a dita Cuba, com seu Che que pintou o sete e ficou a cara de Jesus Cristo. Além do mais, ele era argentino. Isso já é muita aproximação. Explico: dos vizinhos todos, os argentinos são os que mais aparecem por aqui. Eles chamam atenção, provocam vivo interesse: inspiram cuidado, pinimba, amor e ciúme. Gente rival nas eternas brigas da bola, com eles temos as turras fraternas, mas também criamos forte amizade, mesmo porque na Argentina nasce até baiano — haja vista o nosso Carybé, filho dileto de Salvador por parte de Oxossi: um nagô da gema, ogã do Terreiro de Afonjá, Deus lhe fale n’alma. E Roberto Mendes fez um maxixe para as muchachas de Buenos Aires. Deu-se bem. Tá bom, não posso ser injusto com o Paraguai, todo o mundo aqui conhece alguma coisa a seu respeito: lembra-se a história daquela guerra infeliz, o comércio que lá é uma china, de tudo que tem no mundo eles negociam e tem as guarânicas e o lago azul de Ipacarái, muita coisa boa. O Uruguai goza da mesma simpatia. Os países do Mercosul hoje são familiares, principalmente os de lá de baixo. Roberto Mendes fez cinco filhos em Montevideú. E lá tem o Galeano que sabe de todos os nascimentos. Lia, querida, me perdoe, eu não quis desviar o assunto, foi vovó que cismou com o povaréu dos hermanos, sei lá porque, daí Mariá veio com outra pergunta, uma indagação que calhou melhor com o limite de meu pobre conhecimento, essa história de saber como a gente imagina a geografia americana e quem é que aparece da vizinhança na concha do massapê, eu segui sua trilha. Mas claro que me interesso por tuas raízes, tanto a nagô como a espanhola, mais a portuguesa, dou valor a tudo teu, aliás foi por aí que comecei e não quero mudar de assunto. Pronto, eu te amo, já calei a boca. Então escute, tagarela. Tinha lá em casa um retrato de Don Luís, que a gente chamava

de vovô maldito, me fazia um certo medo, por sinal ele ficava perto de um relógio de pêndulo, ou seja, na mesma parede, e não sei como os associei, desenhei meu avô com corpo de relógio. Maldito, a gente dizia, mas era por causa da história que todo o mundo contava, que ele foi expulso de casa, amaldiçoado. Mamãe sempre falou que seu pai era um homem bom e vó Sinhá fazia incenso na recordação do marido, ninguém jamais levantou a voz contra seu caráter. O pai dele — o boca de praga — é que dava medo, mas sucede que eu identificava esse pai com o filho, isto é, com o retrato: eu via na mesma figura o praguejador e sua vítima. Os dois se chamavam Luís, na minha cabeça de menina a coisa ficou atrapalhada. Bem que tentei a separação: fiz dois desenhos, o avô querido com cara de santo, o pai dele com chifrinhos e língua de fora, ambos em corpo de relógio. Quando lhe mostrei os desenhos, mamãe ralhou em defesa do antepassado, mas deu risada, fiquei na dúvida. Vó Sinhá tinha em casa o retrato dos pais, Joaquim e Valéria, e uma grande tela em que seu avô João Bernardo se exibia com a esposa legítima, Dona Judite. Nada, porém, nem quadro nem desenho, retrato nenhum de minha trisa nagô — a vó de verdade. Embirrei. Mamãe sempre falava com emoção dessa vó preta que pegaram na África e trouxeram num navio imundo e venderam feito um bicho e teve as filhas e cuidou do espanhol desesperado, tirou-lhe a praga porque era cheia de sabedoria, só assim ele teve sossego de dormir direito depois de anos com fantasma, a negra era mesmo bonita do coração. Eu peguei amor à trisa que não conheci mas imaginava igual a Teté, a madrinha de meu irmão, boa Dinda de todos nós, lá Teté que nos dava cocadas e me punha no colo e me chamava de Ziri, foi ela quem me falou da grande fama de minha antepassada e me encheu de orgulho e levou-me a Dona Vitalina, uma velha esperta de cento e três anos e Dona Vita me contou que lá Terência foi grande dama do mistério da Boa Morte, lalodê no Obá Tedô, juíza sagrada, soberana entre as principais da Casa Estrela, com ciência que todos reverenciavam, de modo que o povo não esquece, formou uma lenda, diziam até



que ela virou garça e voou de volta para a África. Tinha poder sobre os fantasmas, tanto os mortos como os vivos. Dinda também me falou que vó preta era Nanansi, perguntei o que significa essa palavra e ela explicou que de vez em quando minha trisa se transformava na mais velha das mães d'água, a poderosa Nanan. Muito depois, quando cheguei aos dezessete, fui a uma festa no Terreiro do Ventura com Teó, minha irmã por parte de pai. Adorei, era tudo muito bonito, as danças deslumbrantes, Teó ia me dizendo quem era quem, Sobô com gestos de fogo riscando a noite, Eziri no seu banho sagrado, a divina Serpente a colear em corpo de moça, a grande procissão dos voduns, cada qual mais lindo. Detive meus olhos numa senhora que dançava de um jeito solene, curvando-se para a terra e se erguendo num floreio majestoso, cheio de força e serenidade, e Teodora me falou que era Nanan, aí Ela veio dançando e me deu um abraço, eu peguei a chorar, minha avó, minha avó, e Ela passou a mão na minha cabeça, me deu vertigem, quando vi estava num quarto com uma senhora que me dava água de beber e me chamava pelo nome, Teó segurando minha mão. Eu tinha perdido a consciência mas não tive medo nem susto, era uma sensação muito boa, como se eu flutuasse no coração daquela noite que nem um peixe do céu. No outro dia, mana Teodora me levou pra jogar os búzios com um velho chamado Boboso e ele disse: minha filha, quem reina em sua cabeça é a bela Eziri, a Oxum dos nagôs, a moça encantada, mas Nanan lhe acompanha, é o vodun de sua avó que ficou com você. Eu fiquei tão alegre que bati palmas, tratei logo de dar presente para as duas, sempre dou. Dois anos depois eu fiz uma viagem à Espanha, passei uns dias em Madri, daí fui a Valencia conhecer a família, foi ótimo. Peguei a festa de São José, nit de plantá e nit de cremá, numa noite fazem esculturas de madeira e de papelão, formosas, de muitas cores; na outra, queimam tudo. É muito louco, adorei. Em Elx me mostraram o retrato de Don Luis, o Velho, o que expulsou vovô: tinha uma cicatriz na testa, efeito de um jarro que sua mulher lhe atirou. Segundo contam, eles brigavam muito, de vez em quando se estapeavam, mas

nunca se separaram. Na versão valenciana, vovô foi mandado embora pelos dois, meteu-se na briga e pegou a sobra, saiu xingado de pai e mãe, nunca mais voltou, eles em vão mandaram buscar, escreveram, queriam que o primogênito retornasse, mas nada, a mágoa era muita, só tiveram notícia quando ele já estava casado, então escreveu, duas ou três vezes. Mostraram-me um retrato de vovó com minha mãe no colo e um cartão com letra desbotada, sua última correspondência. Sim, sabiam lá que ele se tinha casado com uma negra, por sinal meus primos se admiraram de me ver tão clara, eu brincava dizendo que me pintei. Conheci os parentes, gostei, curti a Espanha, mas me identifico mesmo é com o povo da banda de cá. Me ligo muito na figura da vó nagô, por sinal mudei meu nome incorporando o seu: hoje me chamo Lia Terência Nandoji de Torres, com o casamento não vou alterar, está me ouvindo? Gostei demais da tua avó, Juli é uma graça, um encanto de menina que nunca envelhece. Quero viagem neste fim de ano, Peru e Chile. Se você não for comigo, chamo Juli, garanto que ela vai. Oxente menina, vou fazer a mala, sua vontade é minha lei, se quiser eu mudo o nome agora mesmo, não sou mais Bento, pode me chamar de Terêncio. Eu digo e me benzo. Daqui pra diante, já sei: será viagem todo fim de ano. Galega coisa nenhuma, olhe direito, vovó: quem pegou seu neto foi uma cigana. Passei horas nesta maluquice, puxando conversa com três pessoas ao mesmo tempo na casa desarrumada de minha memória. Dormi pesado e acordei tarde. Nem tomei o café direito, com minha irmã me apressando, a dizer que Lia tinha telefonado, estava em Cachoeira, de tarde ia a Santo Amaro onde combinamos de nos encontrar. Era feriado, a gente ia ter um longo fim de semana, mamãe nos esperava em casa de tia Zulmira. Lica ia comigo, a mana. Estava ansiosa por essa viagem. Partimos. Depois do almoço em casa de Tia Zu ainda tirei uma soneca. Mal acabei de lavar o sono, minha noiva chegou. Demos um bom passeio de namorados. Fomos visitar o Museu do Recolhimento dos Humildes, onde Dona Canô largou a chupeta, mas nem bem entramos minha irmã apareceu esbaforida a dizer que

vovó tinha chegado e se achava em casa de Tia Zu enfrentando um conselho de família, precisava muito de nossa ajuda. Não demoramos a acudir. Encontramos Juli sentada numa poltrona diante de um semicírculo formado por filhos, filhas, genros e noras. Cumprimentamos a parentela e nos sentamos perto da velha querida, que nos recebeu com expressão de alívio. A pausa foi curta, que logo Tia Zu disparou numa fala roxa: Mãe, deixe de loucura, na sua idade isso não tem cabimento, setenta e cinco já fez, precisa de paz e sossego, não invente moda pelo amor de Deus. Juli mordeu os lábios, mamãe deu um suspiro, tio Joaquim franziu o nariz e imitou a mulher dele que balançava a cabeça com ar incrédulo, Tia Rosa e seu esposo se entreolharam, Tio Totonho fungou feito locomotiva, eu pensei que diabos estará acontecendo. Aí o mundo parou um pouco. Minha avó deixou que o silêncio escorregasse devagarzinho e se voltou para Lia, ignorando o resto da humanidade: Vou me casar, galega, fiquei noiva na semana passada. Então Lia bateu palmas, deu-lhe parabéns com abraço forte e beijos nas bochechas, eu imitei, Lica também, olhares de gelo caíram sobre nós e a voz sombria de Tio Joaquim besourou um como são as coisas, minha pobre mãe está caducando e ainda acha quem alimente seu desatino, cê já viu, Zulmira? Sim, senhor, a mocidade de hoje não liga pra nada, tudo pra eles é curtidão. Aí Tia Filó armou um beijo, brotou que um assunto de família não é da conta de estranhos e eu logo me encrespei, seu remoque visava Lia, evidentemente, mas antes de mim Vó Juli reagiu: Ora, Filomena, largue de ser besta, nada mais estranho que sua burrice, a galega é noiva de meu neto, amiga minha do coração, você me respeite. E minha mãe: É isso mesmo, largue de ser besta, como que minha nora pode ser uma estranha, para mim é filha. Patrícia, um muxoxo com boca de ciúme, toda vermelha, as palavras pisadas: Xente, nora aqui sou eu, assim como Chiquinho é genro legítimo, pois temos papéis, temos aliança benta na igreja. Mas Chico néris, queria mais era escapar daquela situação, encolheu os ombros, pegou no bolso o mudinho, botou no ouvido, alô, alô, e deslizou até a porta, aos poucos ganhou a rua, foi ver

se tinha peixe-boi no Subaé. A discussão já ameaçava tomar novo rumo quando Tio Totonho averbou-se, calma no Brasil, o assunto é outro, todos aqui são da família, não vamos perder o foco, o problema é que mamãe pirou, percebem? E tia Filó de acordo, temos de encarar a verdade, mamãe está caducando. Então eu pensei pisaram na bola, é-vem tempestade, mas Vó Juli voltou-se de novo para Lia, muito serena: Taí, menina, o chato de filho é que a gente não pode mandar à puta que pariu. Lia pisou de leve no silêncio: Meus caros, vó Juli é uma mulher inteligente, tem experiência, não pode ser tratada como garotinha sem juízo, nos conhecemos há pouco mas já tivemos longas conversas, posso garantir que está lúcida. Ao que tia Filó: mas minha filha, essa decisão que ela tomou de uma hora para outra, me diga se não é desatino, pra mim está claro que a família tem de intervir, é nossa responsabilidade. E meu bedelho: minha avó sempre foi assim, seus amigos a chamam de Maria Surpresa porque ela resolve as coisas na chispa, quando menos se espera Juli aparece com uma novidade, no fim dá tudo certo, não sei o que estão estranhando. E Lica, lépida: Pelo que sei, quem caduca dá uma leseira geral, não aprende mais nada, tem uma pane nos conhecimentos, não é? Com minha avó é o contrário, cada dia ela amanhece mais sabida. Mamãe até hoje não se acostumou direito com o computador, tento ensinar mas ela resiste, parece que fica com medo. Já vovó foi num instante, hoje ela navega na internet com toda a tranquilidade, por sinal Bento lhe deu um I Pad, perguntem se ela se apertou. Como podem falar em caduquice de uma pessoa assim? Diga, Lia, você que é psicóloga, se a acusação faz sentido. Faz não, irmã: este diagnóstico não se sustenta. Deixemos, pois, que ela explique sua decisão, diga porque deseja casar-se e nos conte quem é o felizardo, como se conheceram. Minha mãe concordou, tio Totonho acenou de modo hesitante e Juli pegou sua deixa: Está bem, vou falar, porque agora tem aqui pessoas de cabeça limpa, sem bestagem de preconceito, sem bagaço de cana e cocô de cabrito no lugar do miolo. Foi mesmo pela internet que conheci meu noivo. Passamos meses conversando de longe e

quando estava pra inteirar um ano de lenga-lenga, marcamos encontro. Ele mora num condomínio de Lauro de Freitas. Eu só lhe disse que minha casa fica no Tororó depois de ter certeza de suas intenções. Primeiro ele me deu as referências, explicou como vive, onde trabalha, quem são seus amigos. Não sou boba, não. O primeiro encontro foi num shopping, os seguintes, tirante os últimos, em lugares públicos, não dei moleza, não comecei na cama redonda. Por fim ele me apresentou a irmã, me deu telefones, endereços da família em sua terra, já escrevi e tive resposta, meu endereço ele só ganhou semana passada. Eu sou prevenida, conheço o mundo, não sou assim de dar mole à toa, dei com segurança. Já li nos jornais que pela internet se aplica muito golpe, os sites de namoro podem levar a pessoa a uma armadilha, tem ladrão e tarado na rede, sei muito bem. Por sinal tenho falado com minhas netas, dou conselho, peço cuidado. Elas me ouvem, graças a Deus. Eu também sei ouvir. Bento foi um que me falou das malandragens que tem na net, eu tomei nota de tudo direitinho, não dou passo em falso. Além do mais, tenho experiência. Quando fiquei viúva, passei um tempão sem pensar em amores, mas antes desse noivado namorei bastante. Pela rede, quero dizer. E só com estrangeiros. No começo era de mentirinha, por pura diversão. Tudo principiou quando este meu neto chegou lá em casa falando nos gringos e nos hermanos, fiquei curiosa. Ele observou que nós, brasileiros, por muito tempo ficamos embiocados no país sem dar muita atenção aos colegas da nossa América. Isso melhorou um pouco na política nova, com o Mercosul e outras diplomacias, mas ainda estamos em falta, com muita ignorância no particular. Bento fez até uma pesquisa sobre o que a gente do recôncavo sabe do estrangeiro, dos vizinhos principalmente. Logo descobriu que é muito pouco. Aliás, ele mesmo só se interessou pelo assunto depois que se apaixonou por essa menina que é muito estudiosa e gosta de viajar. Uma vez ela foi à Argentina, passando pelo Uruguai, daí esticou até o Peru, a Bolívia, sei mais o quê. Bento ficou aqui, chupando o dedo. Ora, ele sabe que Lia não se aquieta, vive sonhando com outras terras,

principalmente as americanas, tudo por influência de livros, ela adora livros. Aí meu neto pegou interesse. Também pudera, a galega é meio cigana e danada de bonita, não vai deixar solta no mundo, ou ele se geografa ou acaba perdendo o doce. Por influência dos dois, comecei a prestar atenção aos mapas, reconhecendo minha terrível ignorância continental. E dei sorte que Lica me ensinou a navegar na internet, pois nessa rede a gente conversa com a terra inteira. Claro que tenho limitações: não conheço a língua inglesa, a que hoje se fala por toda a parte: não vou muito além do good bye, do fuck you e do hot dog. Já o espanhol é parecido, então procurei conversa com o povo de perto. Namorei pela internet com a América do Sul quase toda, só me escaparam as Guianas. Senti uns arrepios com o papo de um negão da Colômbia, mas pela conversa notei que ele é mulherengo demais. Daí avancei pra cima, tive flertes deliciosos com rapazes da Guatemala, da Nicarágua e do México. Peguei até um chamego dos Estados Unidos, um chicano. Em geral eu fingia que era mocinha; quando pediam retratos, eu mandava fotos de boazudas das revistas. Uma vez enviei a de uma vedete dos anos sessenta, devidamente photoshopadas por Lica — e um venezuelano se apaixonou. Fiquei com pena e confessei nossa malandragem, mas não teve jeito, ele continua amando a defunta. Então fiquei mais cuidadosa. Como disse, eu queria apenas me divertir. Pensei até em estudar castelhano, pois às vezes a coisa esquentava de um modo muito interessante, mas com a diferença de línguas eu perdia parte da sacanagem. Quando cansei dessa molequeira, passei a apresentar-me direito, como senhora idosa, como quem realmente sou. E não me faltaram admiradores. Numa dessas rondas, no que andava atrás de um galego para distrair, pois acho engraçado o povo de Lia, dei com um português solitário. Só por desfastio comecei um papo, muito na base da brincadeira. Um portuga, imaginem! Conversa vai, conversa vem, percebi que o marotinho era um homem interessante, um viúvo da minha faixa, de boa cabeça, terno e sensível, de gênio alegre. Arre, foi a única vez que investi na Europa, e logo descobri que o danado

mora na Bahia, quase em Salvador. Deu logo a tentação: a gente não estava longe, não custava se conhecer. Pouco a pouco fui me envolvendo no xodó virtual, e vi que ele também se amarrou. O negócio pegou fogo. Daí vieram os encontros. Sebastião se mostrou mais vistoso em carne e osso do que nas fotos. Não parece ter sua idade, assim como ninguém me dá meus setenta e quatro e meio. Ele é dois anos mais moço do que eu, mas pouco se importa com a diferença. Quando me viu, ficou encantado, gostou logo do material, que realmente é bem conservado, modéstia à parte. Sim, tivemos vários encontros, alguns ardentes. E resolvemos nos casar. É só isso, é tudo. Tenho dito. Hum, hum, 'zericórdia, vixe que coisa, ai Jesus, o coro formou-se: Mas minha mãe, Mas minha sogra, Mas Dona Juli. Por fim mamãe exigiu silêncio e pronunciou-se: Mãe, a senhora tem certeza de que gosta desse homem? Tem confiança? Se gosta e confia, case. É só o que lhe digo, e foi bem assim que a senhora falou na minha vez.

### **GOSTO E CONFIO, TREPO E ARREPIO.**

Eita resposta! Tia Filó quase tem xilique, a indagadora ficou vermelha, dei uma boa gargalhada e olhares secos me esfaquearam. Juli, serena, continuou:

Meus filhos, minhas filhas, vou contar a vocês uma novidade: eu não sou mais virgem. Dei aos dezessete, casei-me aos dezoito. Vivi muito bem com meu marido, ainda tenho saudades. Penei solidão quando ele se foi. Mas sabem de uma coisa? Não me acostumo com vida de donzela. Não sou beata de ficar em casa com o terço na mão, esperando a morte. Detesto bingo e programas de melhor idade, velho não quer dizer idiota. Não me agrada meter-me na vida dos filhos, por isso não aceitei morar com nenhum. Na casa de Tororó fico à vontade, só com Gerusa, que tem pouco trabalho, pois quando quero assumo a cozinha e a faxineira vai toda semana. Tenho as visitas de vocês, tenho a boa conversa dos netos, mas vocês têm seus cuidados não é? E os meninos têm lá seus programas, seus compromissos. Vó é de vez em quando, senão chateia. Eu lhe agradeço, Beatriz, porque me fez a pergunta certa. Sorte sua que puxou aos filhos, está

ficando inteligente. Gostei do maroto, por isso quero casar-me. Besteira dizer que em nossa idade não se usa: cadê a lei que proíbe? Cadê o mandamento? Temos pouco tempo, tanto ele como eu. Daqui a pouco a máquina emperra de vez, assim é a vida, nós sabemos. Mas que sejam cinco ou dez anos, vamos desfrutar. Se não der certo, a gente separa; se der, um enterra o outro. Esta é a lei do matrimônio. Quando a fala de vovó chegou a esse ponto, minha mãe já tinha lágrimas nos olhos. Foi a primeira que concordou. Tia Zu cedeu com um suspiro, os outros ficaram calados. Chico, recém-chegado de sua etérea expedição, falou que tinha esquecido uma coisa, saiu e voltou com cervejas, só a mulher dele não quis. A espuma da loura é um santo remédio: aos poucos, o ambiente desanuviou-se. Meus tios Totonho e Joaquim logo ficaram bêbados, talvez por causa da emoção. Mamãe encontrou um vinho especial que a irmã guardava, fez um brinde, a velha Juli aceitou e ninguém se atreveu a recusar. Patrícia e Lia emendaram uma conversa casual sobre roupas, num instantinho ficaram irmãs. Ainda houve um momento de suspense, quando Lica e vovó mexeram no I Pad, acionaram o Skype e Dom Sebastião entrou na conversa, elegante que nem um príncipe, mas provocando boas risadas com seu sotaque. Espalhou-se a alegria, que encerrou nosso último conselho de família. Tomara que acabe para sempre essa porra de instituição.

A cerimônia teve dois casais. Quando acabou, vovó chamou Lia a um canto e lhe disse: Tu me amparaste, menina, tu hás de parir por mim. E me catucou: Bentinho, vê se me fazes uma bela criança nessa galega que é rija, de bons peitos e limpa de natureza. Mas Sebastião fez cara de espanto e interpelou minha avó: Juliana, que se passa? Não queres ter filhos, cachopa? Receias parir? E saímos da igreja às gargalhadas, de braços dados, todos os quatro.



## A Devoção do Diabo velho

Só tive tempo de puxar a moça pelo cotovelo, com força. Ela se desequilibrou e quase caiu. Não tombou porque a segurei pela cintura, com um novo puxão. Apenas o livro que ela trazia rolou para a sarjeta. Na dança maluca do chega-  
-pra-cá inesperado, a bela mulher viu-se, por alguns segundos, colada a meu corpo. Desvencilhou-se rápido, empurrando meu peito, e estalou-me um tapa no rosto. Recuei aturdido, abrindo os braços para mostrar que não tinha más intenções. Foi só então que ela olhou pro lado e viu os cacos do vaso despedaçado, as flores confusas e a terra negra no passeio. É possível que só nesse instante tenha ouvido o baque, o som já passado. Ao mesmo tempo, uma senhora grisalha veio do outro lado da rua, seu bom conselho na boca: — Que é isso menina? Não bata no rapaz, ele salvou sua vida. Se esse trem pegasse na sua cabeça, adeus!

Falou e apontou para o alto. Um vulto branco dava as costas à janela do sobrado de onde o vaso tinha caído. A dama oportuna acusou:

— Foi aquele miserável. Juro que ele fez de propósito.

A moça lançou um olhar furioso na direção indicada e xingou com força:

— Diabo velho, vá para o inferno!

Com o brusco giro de corpo, quase ela caiu: o salto de seu sapato se descolou, preso numa brecha entre os paralelepípedos. Foi amparada por sua amiga.

Eu fiquei sem ação. Gaitada que brotou da esquina me pegou ainda de braços abertos, feito um João-bobo na loja do sem jeito. Um coro de risadas se acendeu na barbearia próxima, multiplicou-se no bar da beira. Sacudi a cabeça e fiz meia volta para seguir meu caminho, todo sem graça. Mas a boa senhora não deixou, segurou meu braço e fez um discurso:

— Venha cá, seu moço, faz favor! Entre em minha casa, beba um copo d'água. Foi só um quase, não consinta que dê nos nervos. Tenha paciência.

Me atenda, me entenda: não deixe a menina assim, com cara de cuíca, ela precisa se desculpar. Veja como está escabiada. Segure o braço dela, pegue o livro, o rabim do sapato. Ajude, que desencabula. O senhor é um cavalheiro, bem se vê, um homem de qualidade. Não fique com esse ar de tatu sem toca, não tem porque. Não era pro senhor, o diabo velho é que merecia o catiripapo, eu sei. Mas não esmoreça, foi só um tapa de mulher. Também não ligue a burburinho de desocupados. Entre em nossa casa, acompanhe a dama. Sentem-se os dois na sala e conversem. Assim é melhor. Nada de sair estapeado e escarreirado, como quem fez uma coisa feia. O senhor salvou uma vida, isso é tudo de bonito. Sei que ninguém gosta de bofetada, mas essa foi de muita honra, eu lhe garanto. Foi cheia de moral. A moça lhe esquentou a bochecha, botou sua cara no tom do tomate, porém o certo é o certo: ela só estava se defendendo, embora muito da enganada. Não teve culpa no bofete. Em nome de Deus, não deixe que a pobrezinha engula a boa palavra e faça papel de desassuntada.

Obedeci à carretilha. A moça também, com o rosto em fogo. Nessa altura, já nos rodeava um punhadinho de curiosos, que a sábia senhora fez afastar-se, agitando os braços de um modo significativo. Apanhei o livro, recolhi o sapato atijado fora com tanta força que me atingiu a canela. Um rapazote risonho me entregou o salto solto. Com a inocência das mãos ocupadas, me aproximei da gata brava. Ela tocou no meu braço, murmurando: — “Ai, moço, me perdoa!” — e deslizou comigo para o refúgio oferecido por Dona Andresa.

Afundamos nas poltronas da boa senhora, que logo mandou buscar copos d'água para os dois. Uma esguia menina-moça atendeu a essa ordem, prendendo a risada. Quando me viu encostar o copo ao rosto, que ainda me ardia, criaturinha não aguentou: sua bela gargalhada borbulhou feito champanhe. Foi um santo remédio: caí na risada também. E a salva-do-jarro me acompanhou. Rimos que nem uns tontos. Quebrou-se o gelo. Dona Andresa comemorou:

— Estão abestalhados, mas antes assim. Pelo menos, se entendem, não é? Viva Santo Antônio!

Depois, mudou de tom:

— Graças a Deus tudo acabou em paz, porém o susto foi grande. As minhas pernas ainda tremem. Vi com estes olhos o assassino empurrar o vaso e quase assisto a passagem dessa garota que carreguei nos braços. Aquele miserável me deixou com palpitações.

— A senhora tem certeza? Eu realmente enxerguei um vulto na janela do sobrado e logo depois vi o jarro despencando. Mas não notei o gesto do filho da mãe.

A boa mulher confirmou:

— Eu notei, vi claramente.

Aí me indignei. Fui logo me levantando, disse que ia tirar satisfações com o desgraçado que quis o crime e provocou a confusão. Porém a moça me reteve:

— Não, não faça isso. Não lhe fica bem puxar briga com um velho maluco. Ele é mesmo um filho da praga, mas já está nos seus noventa. Um caco caquético.

— No entanto, quase lhe deixa a caveirinha escangalhada — disse Dona Andresa. Eu propus que a gente fosse à delegacia:

— Alguma providência se tem de tomar.

A garota retrucou:

— É perda de tempo. A polícia não fará nada, pode crer. Mês passado, o diabo velho me encontrou na rua, me insultou com os nomes mais feios do mundo e me ameaçou com sua bengala. Chamei um guarda, que lhe deu um esbregue, mas prender, não prendeu: disse que não adiantava, que o peste seria logo solto. É difícil botar na cadeia um homem chocho dessa idade, um mané caduco. O soldado ainda acrescentou que faria um papel ridículo, sujeito a vaias e protestos, se levasse em cana o leguelhé de perna bamba. Não me conformei, fui com meu pai dar queixa. Sabe o que aconteceu? O delegado fez a intimação,

ordenou que os policiais chamassem o acusado para se explicar e eles voltaram dizendo que o pobre velhinho estava de cama. Nós insistimos: já era a terceira desfeita que o sapo coroca me fazia. Aí o homem da lei chamou a senhora que toma conta do infeliz, Dona Josefina. Passou-lhe um sabão, disse que ela não deixasse o traste sozinho, pois seria responsável pelos atos lá dele e acabaria presa se o tihoso aprontasse outra. Dona Josefina chorou muito, passou mal, quase tem um ataque. Ela está nos cinquenta e lá vai fumaça, é viúva sem filhos, só tem esse parente e esse emprego: trabalha para o velho diabo, toma conta dele, mora em sua casa. O salário que vem do maldito é sua única fonte de renda. Eu tomei sua defesa. Não queria, nem quero, prejudicar a velha Zefa.

— Se bem entendi, esse doido costuma lhe importunar.

— É só me ver que o porqueira fica azucrinado, me descompõe e faz ameaças.

— Será que tem raiva de mulher bonita?

— Nunca tive notícia de que ele implicasse do mesmo jeito com outras mulheres, bonitas ou feias.

— Posso perguntar-lhe porque ele embirra com você?

— A birra não é comigo propriamente, é com minha avó. Que já morreu há muito tempo. Mas essa é uma história comprida. Depois lhe conto, se quiser ouvir. Agora o senhor me diga...

— *O senhor?* Eu sou mais velho do que você, mas não tanto assim. Pelo menos, não tanto quanto o sujeito lá do sobrado.

— Não, pelo amor de Deus, não se compare com o estrupício! Agora já sei que estou tratando com gente boa: um moço bonito e educado, generoso, o oposto daquela coisa. Perdoe o mau jeito. Eu só falei com cerimônia porque ainda estou encabulada. Por favor, diga quem é você e de onde veio, para que eu lhe agradeça melhor.

Não me fiz de rogado. Conte que sou Henrique, filho de Henrique, e nasci em Cachoeira mesmo, do ventre de Maria Dalva.

— Um parto abençoado — brinquei —: de minha mãe tenho Anjos, de meu pai tenho Sacramento. Quando eu estava entre quatro e cinco, mudou-se a família: primeiro, para Vitória da Conquista; depois, para terras de Minas Gerais. Da infância cachoeirana ficou-me pouca recordação. Minha juventude foi nas Alte-rosas. Estudei em Belo Horizonte, lá me formei em medicina e fiz residência num grande hospital. Há coisa de dois anos estou de volta à Bahia. Moro em Salvador. Cachoeira, mal conheço. A lembrança é fraca, mas poderosa: de um jeito que não compreendo, tenho esta cidade sempre comigo. No entanto, depois de adulto só lhe fiz uma visitinha. Antes desta, quero dizer. E logo senti que pertenço mesmo a seu vale de mistérios. Vim há pouco rever as ruas por onde meus sonhos passeiam às cegas. Cheguei ontem. Estou na casa de uma tia, Maria Preta, que é viúva e mora sozinha. Eu não queria dar trabalho, porém ela não deixou que eu ficasse na Pousada.

Quando concluí, a dona da casa também se apresentou, de um modo quase solene:

— Pois seja bem-vindo e disponha de mim. Meu nome é Andresa, filha única de Jorge e Luzia Gomes, que hoje se encontram no mundo da verdade. Sou de Ogum e da Jurema, católica e apostólica. Romana era minha avó. Na Rua da Faísca, eu vi a primeira luz. Tenho três filhos e uma neta, Tina Cristina, que está passando este mês comigo. Me lembro de uns Henriques de antigamente: um era rosalvo, alemãozado, morador de São Félix; o outro era filho de um português, o velho Robustiano, que se juntou com uma preta do Caquende e morou com ela na Rua do Fogo.

Confirmei que Robustiano era o pai do meu pai. Dona Andresa arrematou, com ares sábios de quem domina o parentesco e as cerimônias do lugar:

— Então, se é assim, Maria Preta deve ser sua prima. É filha de Zá, por batismo Creusa, cuja irmã, Dona Justina, foi mulher de Robustiano, logo mãe de

seu pai. Portanto, Maria Preta vem a ser prima dele. E também sua, claro, mas pulando um degrau. Sem dúvida, você lhe dá o nome de tia por causa da diferença de idade, de geração. Tá vendo que conheço seu povo? Preta é da minha irmandade. Senhora distinta, filha do velho Prisciliano e viúva de Chico Relógio. Estou certa?

— Sim, totalmente.

— Agora sei direitinho quem é você, meu amigo: gente boa, mesmo. Conheci seus pais. Só não me lembro direito do menino que você foi. Não é como esta moça, que eu vi nascer e crescer. Sou muito amiga da mãe dela, Dona Li, batizada Elisabeth. Mas diga você, minha filha: se apresente ao rapaz, mostre sua qualidade.

A bela jovem atendeu com um sorriso:

— Me chamo Luíla. Herdei este nome de minha avó, a mãe de minha mãe. Meu pai se chama Feliciano. Tenho um irmão, Francisco, que é casado e mora em São Félix, e uma irmã chamada Lélia. Sou a mais moça. Estudo Comunicação aqui mesmo, em Cachoeira. Agora temos Universidade, você sabe? E Federal! No momento em que esbarramos, eu ia à casa de uma colega, devolver um livro. E você, Henrique, para onde estava indo?

Respondi que procurava uma galeria onde estivera anos atrás, o *Pouso da Palavra*. Acrescentei, com um pouco de manha, que não me lembrava direito do lugar. A moça, então, ofereceu:

— Venha comigo, eu lhe mostro.

Dona Andresa protestou:

— Ué, vocês já vão? Luíla, espere um pouco, não vai sair de minha casa com os pés descalços. Tina, traga pra ela uma sandália. Empréstimo a sua, que Luíla tem os pés pequenos e os teus já cresceram sua conta. O sapato, leve depois no Seu Raimundo. Mais tarde, ela pega na tenda.

— Obrigada, tia. Das amigas de mamãe, é você a que eu mais amo.

A despedida foi com beijos de amizade velha, que eu também ganhei.

Já na rua, foi diferente: uma senhora comentou com a vizinha, de uma janela para a outra:

— Tá vendo como é a mocidade de hoje? Os dois esbarram, brigam aos tapas, depois saem por aí com a cara mais limpa do mundo, se encostando um no outro.

Eu ri. Luíla também. E logo ficamos de mãos dadas.

— São uns descarados! — a velha concluiu.

...

Quando chegamos ao Pouso da Palavra, convidei a garota a tomar alguma coisa comigo: uma cerveja, um guaraná, o que fosse. Luíla prontamente aceitou:

— Tá bem. Eu vou depois à casa de Jana. Não posso devolver o livro dela nesse estado. Veja, a capa estragou-se um pouco, na queda. Mais tarde ajeito e entrego. Agora quero mesmo é te fazer companhia.

Pedimos batidas, mas num instante esquecemos os copos, o tira-gosto, as gravuras, os quadros, as estampas que eu queria ver, os livros e os posters, a galeria inteira, a cidade e a bola do planeta. Ao mesmo tempo, tudo era presente, vivo, completo. O mundo se abriu para nós de um jeito novo, delicioso. E muitos beijos brotaram de nossas bocas.

Só uma sombra insistiu, continuou a mexer-se na minha cabeça: eu estava intrigado com o diabo velho, preocupado com sua sanha, sua implicância com Luíla. Perguntei como foi que isso começou. A moça respondeu:

— Foi desde a primeira vez que ele me viu, tem mais de um ano. Eu vinha do prédio do colégio, onde ainda funcionam alguns cursos da universidade. Perto do mercado, do lado do Pitanga, me deparei com a criatura que vinha no sentido oposto, no mesmo passeio. De começo, não lhe prestei muita atenção. Era apenas um desconhecido, um velho alto e magrela, de cabeça branca. Notei que ele fixou o olhar em mim e ficou paralisado, com ar de assombro. No que

me aproximei, ele gritou: “Maldita! Maldita!” Tomei um susto, depois comecei a rir. E ele, a xingar. Um senhor que estava ali perto, gritou-lhe: “Respeite a moça, velho safado! Deixe de ousadia!” Aí ele se voltou contra a criatura, ameaçando com a bengala. Tratei de me afastar. Não sei como acabou aquela discussão. Mas me lembro de que o desgraçado disse claramente meu nome, no meio da xinga. Contei o caso a mamãe, a meus parentes e amigos. Todo o mundo ficou perplexo. A cega Caetana e Tia Andresa é que me deram explicações um tanto vagas dessa loucura.

Nisso o celular da moça tocou e eu fui ao banheiro enquanto ela atendia. Quando voltei, ela me disse que sua mãe tinha ligado, chamando para o almoço. Luíla respondeu-lhe que tinha prometido almoçar comigo em um restaurante, mas Dona Li insistiu: queria ver a filhinha, estava aflita com a notícia do perigo que ela correu. E quanto à promessa — alegou — não havia problema: era só me levar de convidado. Todo o mundo lá teria gosto em me conhecer.

Pensei que só encontraria em sua casa o pai, a mãe e a irmã de Luíla, mas além do irmão com a esposa lá estavam também uma prima, uma colega e uma vizinha. Fomos recebidos com chuva de perguntas e grandes cumprimentos. Tivemos de descrever o acontecido, de que todo o mundo ali já sabia.

— É o correio nagô — Luíla explicou-me.— Pode crer que a notícia já corre pelo Vale do Paraguaçu inteiro. Vai de boca em boca, de cada uma ganha um aumento.

Dito isso, ela tratou de contar o caso a seu pessoal, do modo mais simples possível:

— Gente, juro que não vi direito. Estava bem do meu, caminhando pela calçada, quando senti que puxavam meu braço com força. Quase caio, mas então fui agarrada e imaginei o pior. Reagi com um tapa de maluca, antes mesmo de entender o que se passava. Só depois vi que este homem maravilhoso me livrou de morte certa: foi quando avistei o vaso quebrado no chão e Tia Andresa correndo para me conter. Fiquei morta de vergonha, mas Henrique foi muito



gentil. Ele é um anjo! Quanto ao diabo velho, xinguei sem ver. Quem viu e apontou foi nossa amiga.

Eu fui mais interrogado, quase pesquisado. Me expliquei como pude, no entrecorte das perguntas:

*... Sim, a princípio eu andava pelo meio da rua mesmo, que não tinha carros; depois fui encostando mais para a direita, atraído pela paisagem. Já estava à beira da calçada, quando....*

.....

*... Não, senhora! Ela ia um pouco à frente. É que me detive por duas vezes, fazendo fotos com o celular. Emparelhamos perto do sobrado. Por sorte, avistei o vaso que despencava e agi na base do reflexo. Seriam onze e trinta, por aí.*

.....

*... É verdade: enxerguei um vulto branco na janela. Mas não reparei na pessoa, nem no gesto. Isso quem viu foi Dona Andresa.*

.....

*... Cardiologista, cinco anos de formado. Cirurgião. Trabalho numa grande clínica, um dos maiores hospitais de Salvador.*

.....

*... Henrique Sacramento. Herdei o nome dele, quase igual. A diferença está nos Anjos. Os meus são maternos.*

.....

*... Era um jarro de barro, de tamanho médio.*

.....

... Um sobradão, perto de uma oficina de nome engraçado.

.....

... Moro na Barra com minha mãe, Maria Dalva. “A caçula de Natanael, viúva de um Rico pobre” — é assim que ela se apresenta. Por isso me lembro sempre do avô de Catu, que não cheguei a conhecer.

.....

... Sim, isso mesmo: **O Beijo da Fortuna**. Tem uma placa pintada, com o subtítulo, que achei muito curioso: **Oficina de Tote, O Estóico**.

.....

... Mamãe nasceu em Catu. Meu pai é que era daqui.

.....

... Graças a Deus, raiva nenhuma. Entendi perfeitamente a reação de Luíla. Só fiquei um pouco aturdido: ela é bem mais forte do que parece.

Ganhei muitos agradecimentos, porém não faltou a gozação. Lélia, irmã de Luíla, comentou que eu era um moço “bem apanhado” e prometeu seguir a receita da irmã:

— O próximo bonitão que aparecer por aqui, eu já sei como trato: dou-lhe uns sopapos e faço um denço, mordo e assopro. Vai ser um amor roxo!

Luíla discutiu com o pai, que pretendia dar parte da ocorrência ao Delegado.

— Eu estava tranquilo — disse o bom homem — pois Dona Josefina falou que ultimamente seu tio não saía mais de casa. Agora uma coisa ficou clara: mesmo dentro do covil, o diabo velho é perigoso. Ele tinha de ser internado num manicômio, com camisa de força e tudo. Mas taí o problema: nesta cidade que todo o mundo glorifica e que uma vez por ano se torna capital da Bahia, não há

clínica de maluco. Por certo tempo, ficamos até sem promotor. Se o delegado não tomar as providências devidas, eu mesmo vou lá e puxo as orelhas do velhote.

— Calma, pai! Henrique também queria: se deixo, ele ia bater na porta do borocochô, procurando uma briga absurda. E ainda por cima dava queixa. Ficou zangado, tomou minhas dores, mas teve juízo, me atendeu. Foi melhor assim. O senhor também se aquiete, que a tempestade já passou. Prometo aos dois que fico longe daquela casa maldita. Se o diabo velho sair da toca, Tia Andresa dá-lhe uma surra com o pano de prato. Ela jurou. O resto é perda de tempo. Não gastem vela com ruim defunto.

Houve um pequeno tumulto de intervenções, a discussão cresceu um pouco, mas Dona Li impôs silêncio e tocou a conversa para outro rumo, perguntando por meu povo. Falei de Tia Preta, que ela conhecia da igreja. Daí, passou-se a tratar de parentes, amigos e conhecidos, com os donos da casa mapeando meu pessoal. (O povo do Recôncavo, logo vi, adora este assunto de parentelas. Pelo menos os mais velhos).

Assim que deu, fiz também minhas perguntas. Fiquei sabendo que o velho implicante se chamava Diogo e quando moço foi apaixonado pela avó de Luíla.

— Acho que vovó lhe deu um chute e o corno até hoje não se conforma — disse Lélia. Dona Li repreendeu a estouvada:

— Menina, respeite a memória de sua avó! Minha mãe era mulher direita, muito digna. Jamais daria atenção a um cafajeste dessa laia. O tal Diogo não passa de um maluco sem vergonha. O mais são leras do povo, das línguas de trapo.

— É isso mesmo, Lelinha: respeite Luíla, venere Luíla! — a caçula completou.

Perguntei a origem do nome incomum. Dona Li fez que não me ouviu. Em compensação, mostrou-me um retrato da senhora sua mãe: uma linda mulher, muito elegante, com uma expressão sonhadora. Imaginei a neta mais moça da bonita vestida com aquelas roupas antigas e concluí que ficaria igual. Dona Elisabeth, que Lélia puxou mais, não se parecia muito com a mãe. Nem com

a filha caçula. Ainda que certos traços aparecessem nas quatro, Luíla se distinguia das mais próximas, puxava a distante. Era da fôrma antiga, por assim dizer. A dama da foto aparentava uns trinta anos, sua xará e descendente se achava em seus dezenove. Calculei que se as duas fossem sincronizadas, a semelhança seria ainda maior. E logo me veio a suspeita de que a sincronia se deu na cabeça broca de Diogo.

O cozido amainou a conversa, que tornou a crescer depois da sobremesa, girando, de novo, em torno de mim. O pai de Luíla me indagou:

— Rapaz, me explique uma coisa: você falou que há dois anos está morando em Salvador, mas nesse tempo todo só veio aqui uma vez. Da capital para cá, é um pulo... Não tem amor à Cachoeira?

— Tive uma luta com a saudade, que ainda me fere. Só agora tomei coragem para a segunda visita.

— Ué, porque?

— Meu pai nasceu aqui. Me falava muito de sua terra. Vivia me contando histórias do Recôncavo. Teve de mudar-se para outras bandas, onde achou emprego razoável. Fixou-se, por uns tempos, em Vitória da Conquista; daí foi parar em Minas, em busca de melhoria. Era pobre, vivia labutando. Quando, finalmente, ele se aposentou e eu acabei de me formar, nos mudamos para a Bahia, porque tive convite, vim compor o staff de uma clínica de Salvador. Só então meu velho conseguiu rever sua terra. Já estava doente, foi sua última viagem. Chegou a Cachoeira em cadeira de rodas. Circulamos pouco. Mesmo assim, o passeio deu-lhe grande alegria. Foi um dia de pura felicidade. O derradeiro que ele teve.

Luíla notou que eu estava emocionado. Apertou minha mão com força e decretou:

— Venha comigo, Henrique. Eu lhe disse que o meu jardim é o mais bonito de Cachoeira e ainda não provei. Além disso, temos que combinar uma coisa. Dá licença, minha gente.

— Já estão assim, cheios de segredos? — A prima indagou.

— E dos melhores — atestou a moça.

Refugiados no jardim, combinamos, entre beijos, uma série de passeios. Depois fomos para uma varanda onde ficamos a sós, mas por pouco tempo. Dona Li foi logo me fazer um convite:

— Por favor, almoce de novo com a gente, amanhã. Hoje foi só um cozidinho improvisado, mas dia de domingo é outra coisa: caprichamos na feijoada. Dessa vez, será em sua homenagem.

— Obrigado, virei com alegria. Viva o domingo! Mas que ninguém fale mal do sábado: o cozido foi maravilhoso. Já estou com receio de ganhar alguns quilos nesta visita a Cachoeira.

— Não, eu não deixo — disse Luíla. — Quero que mantenha a forma. Portanto mexa-se, rapaz: vamos caminhar até São Félix.

— Nós estamos de partida para lá, de automóvel — seu irmão anunciou. — Já que vocês querem exercício, não ofereço carona. Mas fico esperando, não esqueçam. Passem lá em casa.

...

Cumprimos a promessa, porém chegamos muitas horas mais tarde: nosso caminho foi cheio de pausas, rodeios, encantamento. Depois, Luíla emprestou o carro do irmão e fomos a Muritiba, a fim de que eu pudesse ter a mágica visão do vale, tanto na subida como na descida. Na volta, tomamos café com Francisco e Maria Clara, sua mulher, que falou um pouco do velho Diogo:

— Ele voltou para Cachoeira ano retrasado, vindo das terras do Centro Oeste, onde morou quase a vida toda, depois que saiu daqui. Segundo contam, foi-se embora ainda novo, com vinte e poucos anos.

— Portanto, a família dele é cachoeirana — deduzi.

— A mãe. O pai era do Mato Grosso do Sul. Ambos morreram há muito tempo. Dizem também que Diogo tinha um irmão gêmeo, de quem ficou inimigo. O irmão já faleceu.

Neste ponto, Francisco brecou:

— Chega de falar nessa peste. Tá na hora do noticiário, vamos ver a televisão.

Na telinha apareceu um senador gaguejante com seus bigodes de lama. O noticiário dava nojo. Luíla e eu decidimos sair. Andamos um pedaço pela beira do rio, depois fomos a um caruru.

Na sala havia um oratório, mesa com muitas iguarias, roda de crianças que comiam de mão. Eram sete, sentadas no puro soalho. Teve reza, samba dos meninos. Depois os adultos foram servidos, cada convidado com seu prato na mão. Finalmente passamos para outra sala, onde a turma jovem se reuniu a fim de curtir um som. O grande sucesso era um rapaz que imitava Michael Jackson. Dançamos sem parar. Já passava das duas da manhã quando deixei Luíla em sua casa e fui dormir. No outro dia, acordei cedo. Minha namorada me ligou avisando que daí a pouco passava para me pegar: passeio de barco. Assim me tirou de um sonho cabuloso, em que meu pai aparecia ainda moço, a dizer que dentro do Paraguaçu tem outro rio, “muito maior”. Fomos de carro até o cais e embarcamos às nove horas.

Foi lindo o passeio, nunca mais esqueço. Voltamos queimados de sol, a tempo para a feijoada. O almoço começou quase às duas e terminou às quatro da tarde, a poder de gula, cervejas, muito bate-papo. Por volta das cinco, Luíla e eu fomos à casa de Dona Caetana, uma quadra adiante. Sorri quando Lu me apontou a velha senhora à janela: é que ela parecia contemplar a rua, com uma expressão muito atenta. Perguntei baixinho:

— Você tem certeza de que ela é cega?

— Bem, às vezes tenho essa dúvida... Vó Caetana sempre sabe de tudo que acontece na cidade. E ficar à janela é um de seus hábitos. Ela diz que assim toma fresca e ouve o que se passa no mundo.

— Vocês duas têm algum parentesco?

— Não. Ela é avó de um antigo namorado meu. Foi um namoro bobo, acabou depressa, mas fiquei apegada a seu pessoal, à velha principalmente. Vó Caetana conheceu minha avó. Contou-me coisas que mamãe esconde.

...

*Ela foi a mulher mais bonita de Cachoeira, no seu tempo. Eu era meninota, tinha olhos acesos quando a conheci. Só nunca pude ver o sinal, a meia lua que essa dama tinha na coxa, perto da virilha. Não era mancha simples, nem jenipapo comum. Era um sinal bem desenhado, capricho da natureza. Escutei de bocas puras, portanto dou fé, mas repito que nunca vi. Naquele tempo, mulher não usava essas tangas de maiô, nem se exibia de calçola na frente das outras, ou das crianças. Porém a notícia estava no mundo: a luazinha chamou a atenção da parteira, das babás, da família e da vizinhança. Em toda a cidade, muito se comentou. Seu nome parece que veio daí.*

*Luíla cresceu em beleza. Tinha um ror de apaixonados. Tornou-se um sonho de glória para os homens da cidade ver o famoso sinal. Só dois conseguiram. E um deles não passou de olhar. Melhor dizendo, a conta é de um e meio. O marido viu e aproveitou, que não era bobo. Quanto ao outro — já lhes digo — foi uma história mais complicada.*

*Estou falando de uma mulher de opinião, inteligente, caprichosa. Não era soberba, como alguns diziam. Apenas gostava de escolher. Seu primeiro namorado foi Pedro de Nane: uma breve alegria. Pouco depois, ele mudou-se, foi para a Chapada e se casou com uma moça de lá. Namoro dos dois acabou sem mágoa. Ficaram amigos. Sempre que Pedro aparecia em Cachoeira com sua esposa, Luíla visitava. Com os outros, ela nunca teve a mesma consideração. Dava as costas e pronto, não queria saber. Gelo nos olhos. Me lembro de Juca chorando versos, do Mestre Jovino a dar com a cara na porta, do deputado que ela desprezou, homens graúdos de rastros,*

*galãs famosos na berlinda. Nem falo de Diogo, que caiu de quatro no desengano e nunca mais se levantou. O premiado da meia lua foi o promotor. Além dele — segundo a boca do povo — um pobre coitado teve a sorte. Mas sem desfrute, compreende? Foi um catrumano que a enchente por pouco não carregou. O infeliz deixou sua casa nadando, na correnteza medonha. Salvou-se das águas por milagre, mas pegou uma febre horrorosa e foi curtir seu delírio nas ruínas da igreja do Amparo, que outro abrigo não achou naquela noite de aflição. No dia seguinte, foi carregado para o hospital. As almas caridosas não puderam fazer a entrega: leitos não havia mais. Já iam largando seu carregamento na porta da Misericórdia, quando a moça Luíla, que ia passando, viu aquele homem arquejante numa padiola e se condoeu: mandou que o levassem para sua casa. Lá o botaram na cama dos hóspedes. O pai dela era um médico muito caridoso, deu-lhe apoio. A mãe se conformou. E Luíla cuidou do flagelado.*

*Apesar do zelo da moça, o pobre não resistiu. Sentindo que o fim estava próximo, ele chamou sua benfeitora, agradeceu-lhe os cuidados e fez o pedido extremo: que lhe deixasse ver a marca da beleza. Então Luíla ergueu o vestido e mostrou. Contam que o agonizante se benzeu e disse sorrindo as últimas palavras: “Obrigado, moça, agora posso morrer em paz. E com certeza vou pro céu: já vi a porta!”*

*A história espalhou-se pela cidade, no galope das línguas ruins. Uma empregada de boca infiel viu a cena, espalhou. A maioria condenou a moça. “Indecência! Blasfêmia! Sacrilégio!” No dia seguinte, quando a boa dama entrou na igreja e sentou-se no banco de sempre, várias senhoras se afastaram. Porém o promotor deixou o lugar onde estava para ficar ao lado dela. Pouco tempo depois, deu-se o casamento de Luíla com o homem da lei.*

...

O neto da velha, um rastafari muito simpático, encheu a sala com seu *boa tarde*. O rosto cego se iluminou:



— Querido, vamos ensaiar?

— Oxente, vó! A senhora tem visitas, gente boa: Luíla, que a senhora tanto gosta, e o rapaz que acabamos de conhecer.

— Mas eles deixam. Gostam de música, pois não?

— Claro que sim!— nós confirmamos. Feliz, a velha nos explicou:

— Ensinei o menino a tocar violão quando ele inda era um tico de gente. Agora, estou aprendendo com o aluno antigo a guitarra elétrica. Adoro um reggae. Meu neto fez parte de um conjunto que era o máximo. Hoje, há outro grupo em formação, com gente nova, muito boa. Mas tenho saudades do primeiro. Eu adorava quando a turma toda vinha aqui, a elite do reggae cachoeirano. Faziam reunião antes do ensaio, com aquela conversa da bíblia nova, de Jah, do imperador. Sempre tinha um fumo bom. Minha filha implica, mas eu adoro.

O rapaz sorriu mansamente, pegou a guitarra, fez uns acordes. A velha pegou a cantar: *No woman, no cry...*

Ficamos com eles um pouquinho, curtindo a música. Quando saímos, eu disse a Luíla:

— Engraçado, parece que ela não quis falar de Diogo.

— É verdade, a velha Caetana tem suas venetas. Mas pode estar certo de que Tia Andresa falará.

...

*Dona Madalena nasceu no Iguape, aqui pertinho. Casou-se com um negociante, por nome Inácio da Moura Gomes, natural de Goiás, estabelecido em Salvador. Eles se conheceram na capital, se casaram na Igreja da Conceição. Moraram por uns tempos aqui em Cachoeira. Só mais tarde foram para o sertão goiano, onde o homem herdou uma fazenda. Parece que seus negócios na Bahia não deram muito*

*certo. Em Goiás, o casal prosperou e a família cresceu: Madalena teve gêmeos, Diego e Diogo. Mas apareceu uma nuvem.*

*Mabaços costumam ser unidos, não é? Com esses, porém, dava-se o contrário. Viviam brigando por ticos e tacos, sombra de minhoca. Mordiam-se muito. Não combinavam em nada. Torciam por times diferentes, bandas rivais. Tudo que um queria, o outro contrariava. Enquanto o pai era vivo, lhes punha freio; depois que ele morreu, as turras dos dois foram ficando cada vez piores.*

*Madalena sofria muito. Além das pinimbas, as dificuldades: não conseguiu tocar a fazenda. Os filhos também não tinham jeito para isso. Então ela vendeu tudo e voltou para cá, buscando o apoio da família. Seu irmão Asdrúbal, um forte comerciante, empregou os sobrinhos, cada qual na gerência de uma loja. E se deu bem. Pois eles se matavam no trabalho, cada um procurando ser melhor que o outro. A rivalidade virou-se em ódio. Em casa, os moços não se falavam. A mãe ralhava, não ouviam. “Mãe, não se meta! Isso é briga de homem”.*

*E tudo piorou quando Diogo conheceu Luíla.*

*Na época, ela estudava em Salvador, no Instituto Feminino. Chegando de férias, foi a um baile na Esportiva, encontrou o moço bonito, dançou, gostou, namorou. Nada soube do mabaço, nessa noite de romance. É que os gêmeos se evitavam: em festa a que um deles ia, o irmão nunca se achava. E por nada no mundo um dos dois se referia ao outro.*

*Foi esse o princípio da confusão.*

*Veja só: no dia seguinte, lá vai a moça passear e encontra o belo rapaz no Jardim Público. Encantada, aproxima-se, dá-lhe um beijo. O felizardo gostou da surpresa. Retribuiu com entusiasmo, até demais: com uma ousadia que fez a criatura desconfiar. Duas palavras, e viu-se o engano. Luíla zangou-se. Deu as costas ao atrevido e foi à procura do outro. Era uma pessoa muito franca. Quando encontrou o namorado de verdade, abriu o jogo, contou-lhe tudo.*

*Diogo não se conformou. Disse à querida duras palavras, que a magoaram profundamente. Chamou seu gesto de imprudência, leviandade. Na mesma hora ela rompeu, sentindo-se injustiçada: afinal, não sabia que o rapaz amável do baile da véspera tinha uma cópia de carne e osso, nem que podia ser tão grosseiro (foi assim mesmo que ela falou). Aí o bisonho se arrependeu, quis voltar atrás. Pediu desculpas. Luíla não aceitou.*

*Desesperado, lá se foi Diogo à procura do irmão, a fim de tomar satisfações. Diego deu testa: disse que realmente beijou a moça e ela gostou, quem quisesse que se doesse. Era assim e acabou, choro de corno não adiantava, ele estava no páreo pra ganhar. A conversa virou uma briga feia, que se apartou com muito trabalho.*

*Separados, os dois teimosos só cuidaram de uma coisa: de fazer a corte a Luíla. Mandaram-lhe flores, brindes, joias, cartas apaixonadas. Nas cartas, ambos lhe declaravam amor e xingavam-se um ao outro.*

*A moça não gostou da disputa. Ao contrário, ficou muito aborrecida. Pegou buquês, presentes, cartas, botou tudo num cesto e levou para Dona Madalena: “Minha senhora, seus filhos estão me importunando. Eu sou moça de família, mulher decente. Nada aceito de atrevidos que não sabem se respeitar. Tanto me ofendem seus pedidos como o que mandam para mim. Não amo, não desejo, não quero nem um, nem outro. Lamento ter conhecido os dois. Por sua honra, pela bênção de sua mãe, fale com eles que me deixem em paz.”*

*A pobre senhora ficou vexada. Deu razão à moça. Chamou os gêmeos, ordenou que parassem com sua loucura. Disse que já não suportava seus desatinos. Exigiu o fim das brigas. Eles juraram obedecer. Mas pouco depois se pegaram, no campo de futebol.*

*Dona Madalena adoeceu de desgosto. Rogos e choros, nada adiantava: os desaforados continuaram turrando. Trocaram socos na porta da igreja.*

*Dessa vez, foi a polícia que os separou. E levou os dois para o xilindró. Porém os desgraçados não dormiram lá, como era bem merecido. Foram soltos pela mão da amargura: chegou ao delegado a notícia de que a mãe deles estava morrendo.*

*Aí começou o castigo. Um pesadelo, amigo meu! Plantaram-se os gêmeos de cara quebrada ao pé do leito da agonizante — e ela botou os dois pra fora. Negou-lhes a bênção.*

*Foi um baque. Naquele tempo, bênção de mãe era coisa séria, ainda mais nessa circunstância. Os mabaços, o padre, os irmãos, os amigos da moribunda, todos pediram, com lágrimas nos olhos, que ela tivesse piedade. Madalena retrucou-lhes: “Que bênção darei? De mãe? Os dois não me consideram. Me tratam com desprezo, sempre brigando, sempre alegando que são machos. Todo varão de valia tem um pouco de mulher: quando nada, um toque da criatura que o pariu. Mas esses dois parecem feitos da sombra do pai, do seu pior. Não são homens verdadeiros: desfazem da porta do nascimento. Sua força de macho só lhes serve para machucar. Com que palavras benzerei a quem nunca me escutou?”*

*Depois de muita súplica e rogo, ela concedeu: “Darei minha bênção aos ingratos que me mataram de mágoa, mas ajunto uma penitência e exijo seu juramento: quem na vida nunca me ouviu, terá de obedecer ao que agora mando, pela boca fria da morte. Assim Deus os abençoe! Agora saiam os dois, me deixem morrer em paz. Basta que vão a meu enterro. Minha irmã vai lhes dizer qual é meu último desejo”.*

*Foram-se os gêmeos para outro aposento e a criatura expirou.*

*Na manhã do dia seguinte, a tia, com toda a reserva, chamou os dois ao quarto dos fundos, a fim de lhes transmitir as ordens da finada. Entregou-lhes dois vestidos pretos e comunicou a sentença:*

*“Madalena exigiu que vocês vão a seu enterro com essas roupas. Para se lembrarem de que nasceram de mulher. E da vergonha, que nunca tiveram. E do respeito, que lhe negaram. Se agora não obedecerem, em vez de bênção, colhem maldição”.*

*Os mabaços ficaram desesperados. Quem é que não teme praga de mãe? Por outro lado, não queriam passar vexame.*

*Sua tia Zefa deu um jeito: disfarçou, maquiou os dois. Deu-lhes perucas, chapéus com rendas velando o rosto, luvas compridas, botinas fêmeas. Asdrúbal espalhou que os sobrinhos estavam passando mal, não poderiam ir ao enterro. E o povo atribuiu sua ausência à ruindade de sua natureza. Também não faltou quem comentasse a aparição de duas damas muito estranhas, que foram mudas ao cemitério e voltaram caladas.*

*A família arranjou desculpas, encobriu a história. Os gêmeos, porém, sabiam que segredos são fracos: são vasos de porcelana passados de mão em mão, numa corrida de cegos. No dia seguinte, partiram os dois, cada qual com um destino diferente. E nunca mais se encontraram. Ainda moço, Diego morreu no Rio, dizem que em cima de uma quenga. Diogo morou em Goiás até há pouco: tem dois anos que voltou à Cachoeira — ninguém sabe porque, nem para que.*

...

Eu tinha ido à casa de Tia Andresa — que passei a chamar assim, imitando Luíla — com a desculpa de uma visita médica, pois no dia em que nos conhecemos ela se queixou de palpitações. Valorizei meu pretexto com uma consulta em regra: conferi sua pressão sanguínea, dei-lhe amostras de remédio, requisitei para ela os exames de rotina. Depois, pedi que me falasse do diabo velho. Escutei a história dos gêmeos enquanto fazia hora para me encontrar com Luíla. A querida estava assistindo aula no prédio do Museu Hansen Bahia.

Ao sair da casa da amiga, vi um homem debruçado na janela de onde tinha caído o vaso da confusão. Dessa vez, eu estava com uma boa máquina fotográfica, com objetiva e tudo. Tirei a foto do velho. Depois, fui esperar minha namorada no *Café com Artes*. Em pouco ela chegou:

- Eu devia ter levado você para a faculdade. A aula de filosofia foi ótima.
- Querida, também senti sua falta e quisera lhe acompanhar, mas não

seria correto. O professor logo notaria que não sou da turma. E talvez não gostasse do penetra.

— Ah, ele não liga, não. De vez em quando, pessoas curiosas da cidade assistem suas preleções. Ninguém impede, nem ele reclama. Hoje, foi genial. Apareceu lá uma senhora aposentada que resolveu se instruir e acompanhou a sobrinha, uma garota da minha classe. A velha disse que tinha vontade de saber o que é “essa tal de filosofia”. Ficou o tempo todo na primeira fila, muito atenta. O professor discorreu sobre o pensamento de Platão. Leu trechos de um dos seus diálogos, que fala no demônio de Sócrates. Quando a aula já estava acabando, a velha interveio: “Professor, eu já vi esse demônio. Ele costuma aparecer no fim da tarde, na boca da ponte. Plantou-se lá depois que Sócrates morreu daquele jeito horroroso, bebendo veneno que nem um rato. É verdade, a mulher dele não presta, mas o coitado cedeu à fraqueza por lhe faltar a luz do Evangelho. O encosto segue em busca de desgraceira. Hora dessas, amonta no lombo de outro infeliz. Tá só escolhendo. Eu já disse ao pastor que é urgente uma pregação de descarrego, com insorcismo no capricho, de uma ponta a outra da ponte, pra ver se o mau elemento se afasta. Mas o Reverendo não quis me ouvir. Quem sabe o senhor falando...?” O professor ficou sem jeito, não sabia o que responder. E minha colega teve um piti. Mas eu confesso que adorei, ri um bocado. Queria que você visse a cena.

— Se eu estivesse lá, só prestaria atenção em você. Nem que Sócrates aparecesse com três demônios dos mais sábios.

— Verdade? Me conte o que fez na minha ausência.

— Visitei Tia Andresa, que me contou a história de sua avó com os gêmeos.

— Fantástica, não? O que achou?

— Isso mesmo: fantástica. Na verdade, não sei se creio.

— Porque?

— É uma história muito **bem** contada. Feito uma novela. O lance da morte da mãe dos gêmeos até me lembrou uma ópera. A mulher agonizando com

aquele discurso todo... Me lembrei da Traviata, a tuberculosa que canta árias magníficas no leito de agonia.

— Não exagere, a Madalena não chegou a tanto.

— Teve uma retórica admirável no drama da bênção. E Tia Andresa só parece que lhe ouviu as últimas palavras, ou escutou uma gravação. Um texto caprichoso, bem elaborado.

— Isso é do jeito de narrar do povo daqui, dos mais velhos. Tudo que eles relatam ganha um acento dramático. Já ouvi Tia Andresa contar essa história diversas vezes. Ela sempre acrescenta alguma coisa, aperfeiçoa as falas, melhora as cenas. Mas não muda o enredo, nem lhe falta convicção. Tem seu estilo, porém não acho que invente o caso.

— O enredo me pareceu incrivelmente patético. Os mabaços no enterro, vestidos de mulher... Parece coisa de cinema. Por outro lado, meio que acredito. Não sei o que pensar. A outra história é também cabulosa e ainda assim me convenceu.

— Que outra história?

— A do sinal. A que ouvimos de Dona Caetana.

Luíla corou. Eu me expliquei:

— A narrativa da velha cega tem uma força tamanha que só pode ser verdadeira. No mínimo, retrata o espanto da cidade com uma mulher muito especial.

— Entendo perfeitamente. Minha avó deve ter sido uma pessoa extraordinária, não? Para assanhar desse jeito a imaginação do povo...

— Eu vou além: ela há de ter feito uma coisa fora do comum, já que impressionou seus conterrâneos de um modo tão forte e duradouro. Por isso, acabo acreditando na história do gesto caridoso. E confesso que admiro tua antepassada: sua coragem, sua pureza, sua misericórdia...

— Puxa! Já estou com ciúmes de vovó...

— Carece não. Tudo isso, e mais a beleza, ela deixou para você.

— Teus olhos, querido, me fazem assim.

Almoçamos juntos no Beira Rio. Depois, fizemos uma pequena viagem (no meu carro, mas com Luíla na direção): fomos a Coqueiros. Voltamos tarde e jantamos em São Félix com Francisco e Maria Clara. Passeios, namoro... Não pensamos em mais nada.

...

No dia seguinte, quando eu me preparava para sair, minha tia avisou que uma senhora queria falar comigo. Pedi que ela entrasse e a criatura foi direta:

— Doutor Henrique, vim lhe fazer um pedido. O senhor não me conhece, nunca me viu, talvez nem queira. Ainda assim, tenho esperança de que me atenda. Me chamo Josefina. Sou sobrinha de um pobre velho, Diogo da Moura Gomes. Não lhe peço muito. Apenas rogo que seja correto, não testemunhe contra meu tio. Ele é apenas um velho caduco, não é assassino. O que aconteceu foi um acidente. Sei que a moça é sua namorada, mas o senhor não precisa maltratar gente fraca por amor dela.

— Não pretendo maltratar ninguém. Nem eu, nem Luíla. Foi ela quem não quis dar queixa do que a senhora chama de *acidente*. Nós preferimos esquecer. Só lhe peço que controle a ira de seu tio.

— Agradeço a boa vontade, sua e da moça. Sei que ela tem bom coração. Quanto a meu tio, ele já está sossegado. Reconheço que em outras ocasiões o velho agiu como um louco, ofendendo sua namorada. Estava com o juízo perturbado. Não era com ela sua zanga, mas com a outra: a criatura que já morreu, uma mulher que lhe causou muito sofrimento.

— Pelo que sei, ele maltratou a avó de Luíla com palavras feias, por conta de um simples engano. E repetiu o despautério com a neta.



— A neta é inocente. A avó, que Deus a perdoe.

— Senhora, o que está dizendo?

— O que os mais velhos me contaram: ela brincou com o sentimento de dois homens do mesmo sangue. Era uma mulher muito bonita, sedutora. Tinha um monte de apaixonados. Namorou meu tio Diogo, depois o outro; daí voltou ao primeiro e repetiu a mudança. Dizia (lá ela!) que estava escolhendo, mas como os dois eram parecidos, não acabava de se decidir. Por sua causa, eles brigaram, de briga feia. Minha tia ficou doente, foi ao encontro dessa dama e lhe pediu misericórdia. Ela falou: “A senhora não se incomode, não me interessa nenhum dos dois. Um sem o outro não é nada; juntos, acabam sobrando.” Quando soube dessa conversa, um deles se conformou. O outro, não. Diogo ficou perturbado, recomeçou a briga inútil. A mãe dele morreu de desgosto.

Fiquei irritado, reagi:

— Por favor, Dona Josefina, me poupe! Não conheci Dona Luíla Fontes, mas gosto dela. Não fale assim de quem já morreu e merece todo o respeito.

— Em nome de Deus, perdoe. Eu só falei por desabafo. É natural que o senhor pense dessa maneira: tem seu motivo de coração. Retiro o que disse. Por mim, não se abala o nome da morta. Já estou de saída. Confio na sua palavra, no que o senhor me prometeu.

...

Depois que Dona Josefina partiu, fiquei um tempo transferindo fotografias da máquina para o notebook. Fiz um longo emeio para minha mãe, com muitas fotos em anexo: vistas de Cachoeira e São Félix, uma dezena de retratos de Luíla. Depois fui a uma barbearia, cortar cabelo. Atendeu-me um senhor idoso:

— Às suas ordens, Doutor Henrique.

— Já nos conhecemos? Não me lembro de quando...

— Eu sou um simples barbeiro, porém o senhor é uma pessoa famosa.

— Eu? Nesta cidade?

— Não tenha dúvida. Ainda há pouco, Zezito me disse: “Tem freguês ilustre a caminho. Lá vem o Doutor Henrique Apanhado.”

— Sacramento — corriji.

— Como disse?

— Este é meu nome: Henrique dos Anjos Sacramento.

— Desculpe. O Apanhado que Zezito falou deve ser apelidação.

— Bem nova, por sinal. Até para mim.

— Não sei ao certo, mas imagino que lhe deram essa alcunha por conta do acontecido, a história do vaso que o Diogo maluco atirou na moça. Graças a Deus que o senhor agiu. E acabou apanhado, né? Por aquela beleza.

— Pelo que vejo, todos já sabem da história.

— Sim. É a última novidade. Mas a raiz do assunto vem de antigamente: do tempo em que eu era menino, chegando a moço. Tenho, agora, meus setenta e quatro. Não parece, eu sei. Estou firme e forte, pressão de doze por oito. Cabelo branco, mas careca pouca. E boa memória. Meu nome é Apolônio, para lhe servir.

— Prazer. Já que tem essa idade e memória boa, talvez se lembre de Dona Luíla. Por acaso a conheceu?

— Claro. Conheci e me apaixonei. Mas ela nunca soube disso. Eu era apenas um fedelho. Apaixonar-se por Dona Luíla foi moda, regra e costume, quase uma lei para a rapaziada de meu tempo. Até os guris que nem eu.

— O que sabe sobre Diogo, nesse particular?

— Ora, Diogo foi mais um... Ou melhor, mais dois. Porque teve o irmão, por nome Tiago. Eles eram gêmeos. Dona Luíla encontrou Tiago em São Félix, teve um namorico. Veio pra cá, namorou o irmão. No que este soube do precedente, danou-se. Proibiu que ela falasse com o outro. Aí ela disse que se era assim, não falava com ele também. Diogo encrespou-se, disse uma léria. Dona Luíla não engoliu: sapecou-lhe um tapa na cara.

— Um tapa?!

— Sim, senhor! Dos bons. Tanto que ele tonteou. E acabou o romance. Depois, Tiago e Diogo brigaram de murro. Até a mãe deles, que foi apartar, levou uns catiripapos. O menos ruim pediu perdão e viajou para São Paulo. Diogo, o bruto, nem se desculpou. Mudou-se para o Mato Grosso, fronteira do Paraguai. E ficou de juízo mole. Castigo, sabe? A velha morreu rogando praga. Aqui ficou-lhe uma parenta: Zefinha de Zefa, uma prima dos gêmeos, bem mais nova. Hoje, ela toma conta do doido.

— Homem, você está caducando — interferiu o tal Zezito, outro velho bem disposto —. Tiago não era irmão, era **primo** de Diogo.

— Você é que está caduco. Onde já se viu primo gêmeo?

— Isso de gêmeo foi confusão que o povo fez. O nome do bruto, que o pai botou, era Diego, herança do avô paraguaio. Virou Diogo aqui, por preferência da mãe viúva. Depois, ele mesmo formou um rolo, inventando que tinha um mabaço. Era diversão de maluco: às vezes ele se vestia de um jeito diferente e dizia que era Diego. No comum, se fantasiava de Diogo, que no fim das contas era ele mesmo, quer dizer, tanto quanto o outro. Chegou a namorar uma moça em São Félix e outra aqui em Cachoeira, enganando as bobas com esse truque besta. Mas com Luíla, mulher esperta, ele se ferrou. Foram duas paixões numa só, de modo que o infeliz torrou os miolos. Entrou em desespero ao ouvir o não e quase se estupora ao ver a amada com o primo Tiago. O desatino foi tanto que ele mesmo se estapeou.

— Deixe de ser besta! Você está por fora, mal viu as pessoas de que fala. Só tem setenta anos, não é? Naquele tempo, ainda fedia a leite.

— Sim, mas sei o que digo. E tenho juízo. Você ficou desmiolado e caduco, não fala coisa com coisa. Expus a verdade que meu pai me contou.

— Teu pai não era mudo?

— Não. Emudeceu depois do derrame.

— Tome cuidado! Esses delírios são um mau sinal. Fale com o doutor, tome logo uns remédios, senão daqui a pouco você derrama também.

A conversa esquentou, as vozes subiram de tom. Um rapaz interveio com jeito de autoridade:

— Amigos, tenham calma que já explico. Domino este assunto, sou historiador. Permitam que eu dê meu parecer.

— Já que abriu a boca, fale, Evangelho! — disse Apolônio, com evidente má vontade.

— De acordo com minhas pesquisas, o menos errado é mestre Zezito. Mas nosso ilustre barbeiro tem sua parte de razão. Diogo namorou a famosa Luíla. O namoro não durou por culpa dele mesmo, de seu ciúme doentio. A moça tinha uma renca de admiradores, a quem não ligava muito. No entanto, por mais que ela se mostrasse fiel, o apaixonado não se convencia, sempre duvidando da amada. Este é o núcleo comum de muitos relatos. Agora vem outra parte, que recuperei há pouco tempo.

— Como assim?

— Pesquisando, claro. De acordo com um depoimento que colhi outro dia, eis o que se deu: mordido pela suspeita, o cara teve uma nóia, bolou uma ideia venenosa: resolveu testar a fidelidade da moça. No carnaval, disse que ia viajar, botou uma fantasia muito bem feita e foi ao baile, onde passou a noite toda arrastando asa para a própria namorada. Tanto fez, tanto paquerou, que ela caiu na conversa do desconhecido, deu-lhe um sorriso e um beijinho. Então o infeliz tirou a máscara e fez um escândalo.

— Quanta vontade de ser corno! — exclamou um senhor negro que até então ouvia tudo calado, com um sorriso brando nos lábios.

O rapaz continuou:

— A moça tinha gênio forte. Ofendeu-se, considerou-se traída e encerrou o

assunto com um tapa na cara do escandaloso. Um abelhudo que presenciou a cena escreveu uma crônica, que tentou publicar no jornal da cidade, mas não conseguiu: o editor-chefe barrou, temendo o pai de Luíla, um homem de muito prestígio na política. Porém o finado Cosme, que era amigo do cronista, ficou sabendo de tudo e fez um poema a respeito.

— Grande prova! Isso é que é um historiador das cucuias.

— O poema não seria nada se não fosse a convergência de muitas versões que recolhi, trabalhando com a metodologia da história oral.

— Ou seja, com base em fofoca. Só sendo muito besta para crer em lero.

— Não ligo a crítica de ignorantes.

— Grande sábio é você, um Evangelista de botequim.

— Gente, parem com isso! — o senhor negro cortou. — Essa briga de vocês, mexendo com vivos e mortos, não é boa coisa. Ao menos respeitem o cavalheiro, ligado a uma neta dessa dama antiga, que Deus a tenha.

Foi um santo remédio: o barbeiro concentrou-se no que fazia, o historiador saiu de nariz empinado e Zezito o acompanhou resmungando.

...

Cabelos cortados, voltei para casa, tomei um banho e fui ao encontro de Luíla que me esperava na porta do museu. Conversamos um pouco, trocamos beijos e nos despedimos logo, que ela tinha aula a manhã toda. Passeei um pouco. Fui ao ateliê de um escultor chamado Louco, ou Filho de Louco, uma coisa assim. Comprei umas peças muito bonitas, assisti um ensaio da Lira Ceciliana e fui almoçar com Tia Preta. Falei das histórias que tinha ouvido na barbearia e da confusão em que elas me deixaram. Minha tia explicou:

— Meu filho, esta cidade de Cachoeira é um grande novelo de histórias. Pra cada cada telha, dez enredos. Aqui, a pessoa que morre não tem um passado só. Se for simples criatura, tem dois ou três; se tiver natureza forte, compõe uma dúzia

de existências antes de expirar. Há gente que desde o berço vai se espalhando nas ideias dos outros e nunca mais se reúne, não se ajunta no próprio de uma pessoa. E quando não é assim, na primeira pá de terra o defunto se multiplica. Possivelmente isto se deu com a avó de sua namorada. Eu não conheci a criatura, mas se duvidar, me lembro. Sei que era linda, filha de um graúdo; que era alegre e namoradeira; que se casou antes dos vinte e morreu ainda nova, com coisa de trinta anos, deixando a filha miudinha (quem criou Dona Li foi a tia). Já o enredo que o tal historiador lhe contou parece um caso que ouvi de mamãe.

— Como era esse caso, tia?

— Ela contou que uma moça bonita, gente importante de seu tempo, namorou com um homem horroroso de ciumento, tipo um Diogo. Cansada de tanta agonia, a moça deixou o traste por um primo dele, da capital. Esse namoro novo durou só o tempo de um baile. O rapaz já estava com as malas feitas para a volta e nenhum dos dois queria compromisso. Entende? Nem ele, nem ela. Era passatempo, distração de rapaz com moça. Mas o desprezado não se conformou. Sofreu porque quis a dor de cotovelo, não é? Já não tinha nada com a dona. Mas tinha vocação de corno, que é uma tendência fatal. Fez logo um plano para se vingar.

— Um plano?

— Depois. Ele sabia que o primo era vassoura, dava em cima de tudo que é rabo de saia. Foi então a Salvador, procurou o povo de um teatro, pagou caro para que o vestissem de mulher, com peruca e chapéu de laço, sutiã com enchimento, peitos e bunda bem armados, todos os apetrechos de fêmea. Dizem que ficou mesmo uma moça completa, bonitinha. Essas coisas de maquiagem, não sabe?

— Sei... Imagino.

— Era o tempo do carnaval. O malvado foi ao baile no clube que o primo frequentava e pegou a lhe dar bola. Daí a pouco estavam namorando. O par dançou a noite inteira entre abraços e beijos. O plano do ciumento era atrair o

primo odiado para um hotel onde o mataria com um tiro de pistola, no fim da festa. Com o carro da fuga à porta, ele só tinha de trocar de roupa e meter o pé na estrada. Passaria o resto do carnaval em Feira de Santana, garantindo a desculpa.

— O álibi.

— Exatamente. Mas quis o destino que a comédia tomasse outra direção. Em pleno baile, deram ao galã a notícia de que sua tia de Cachoeira estava às portas da morte. Ao ouvir isso, a dama de mentira saiu correndo, aos prantos: foi à pensão, mudou de roupa às pressas e se mandou, rumo do porto, a fim de pegar o navio na derradeira maré. Na sua aflição, entrou no vapor ainda com brincos nas orelhas. Chegou à cabeceira da agonizante chorando com boca de batom, sombra nos olhos e unhas pintadas. A mãe infeliz acabou de morrer com o susto. Foi um escândalo. Dizem que saiu num jornal de Salvador uma reportagem sobre “A Falsa Diana”. Não, eu não li. Passo-lhe o caso do mesmo jeito que escutei, da boca sincera de minha mãe.

...

Depois do almoço, me deitei numa rede e fiquei lendo uma revista médica. Mas logo adormeci. Acordei quase duas horas depois. Tomei novo banho, só para alívio do calor, troquei de roupa e fui me encontrar com Luíla, em sua casa. Ficamos um bom tempo namorando em sua varanda. Conversei também com Dona Li. Pedi licença para fotografar o retrato da senhora sua mãe e perguntei-lhe, de novo, a origem do nome herdado por minha querida. A explicação foi bem simples:

— Segundo a tia que me criou, o nome de mamãe era pra ser Lucília, mas o escrivão errou e acabou ficando assim. Pensei em fazer a correção no batismo de minha caçula, mas Feliciano ponderou que desse jeito a homenagem ficaria torta. Ele gosta muito do nome da filha, acha poético e original.

Concordei.

No fim da tarde, Luíla e eu fomos ao bar do atracadouro, onde encontramos Lélia e um pequeno grupo de colegas, que as duas irmãs prontamente me apresentaram: Antônio, Inês, Janaína, Calu, Morcego, não sei mais quem. Conversa vai, conversa vem, contei-lhes o que tinha ouvido na barbearia. Comecei dizendo a Luíla:

— Meu bem, me falaram que sua avó bateu no namorado.

— Ai, meu Deus! Em qual?

— No Diogo, justamente. Deu-lhe um tapa daqueles. O homem quase vai a nocaute.

— Tradição de família — disse Calu.

— Mas tem uma diferença — Luíla protestou: — Ela bateu no diabo velho, eu dei num dos Anjos.

— Diferença pouca. De acordo com a bíblia, diabos e anjos são da mesma raça.

— Neste caso, não — teimou Luíla.

— Diabos, anjos... Tudo muito simples, segundo escalão. Eu sou radical — disse Lélia, voltando-se para um rapaz de cabelos compridos que vinha chegando: — Venha cá, Jesus!

— Lé, querida, que bom te ver!

— Chegou na hora certa. Estou a fim de te dar uns tapas.

— Ué, porque?

— Porque eu te adoro. E na minha família é assim que as mulheres conquistam seus homens.

— Calma, gatinha, pegue leve! Afinal, você já me conquistou.

— Então, venha logo e me dê um beijo, senão...

— O que?

— Eu te crucifico.

— Ai, meu São Surubim, como o tempo anda quente por estas bandas!



Cadê o violão, Morcego? Toque aí alguma coisa que refresque as almas — pediu Inês.

A cerveja rolou com vontade entre a cantoria e o bate-papo. Fiquei sabendo que Jesus se chamava Gerson, era ator e gostava mesmo de Lélia; que o Morcego era poeta; que Inês era filha de Lucidênia, grande costureira. Janaína disse que tinha feito um curso de dança do ventre e queria viajar para os Estados Unidos com Antônio, aliás Mestre Fumaça. O Mestre tinha convite para ensinar capoeira em Miami. Eles também participavam de um grupo de samba. Depois fui apresentado a uma jovem negra, belíssima, que conversava em francês com um senhor idoso, a quem chamava de Tonton. Apareceu ainda um rapaz de nome Roque, famoso na cidade. Calu contou que ele tinha recebido o espírito de Che Guevara numa sessão de Caboclo.

Além desses, havia lá outros amigos de Luíla, na maior parte seus colegas. Todos sabiam de nosso caso, pareciam me conhecer.

Lá para as oito e meia, confessei que tinha fome, não só de tira-gosto. Daí fui com a querida ao restaurante próximo. Comemos uma bela moqueca, depois ficamos um longo tempo conversando, namorando, fazendo planos. Expliquei que teria de viajar logo cedo, no dia seguinte, atendendo a um pedido do diretor do hospital:

— Minhas férias acabam no domingo, mas Celso, o diretor, é meu amigo e está com um problema lá. Pediu ajuda, não posso negar-lhe. Devo-lhe o emprego. Participarei de uma junta e possivelmente de uma cirurgia. Também tenho de resolver uns negócios que deixei pendentes. Volto na sexta de tarde, passo o fim de semana contigo.

...

Passava das dez e meia quando cheguei à casa de Tia Preta, depois de deixar Luíla na sua. Li as mensagens no computador, respondi algumas e fiquei por uns poucos minutos contemplando as fotografias que tinha arquivado.

Foi quando reparei melhor no retrato de Diogo. Me impressionou a expressão amarga do seu rosto riscado de rugas, vincado por um sorriso sardônico, em contraste com a estranha pureza de seus olhos azuis. Passei depressa a outras fotos: de Luíla, de Tia Preta, dos meus novos amigos. Em seguida, desliguei o notebook e fui me deitar. Peguei logo no sono, pesado e profundo. Acordei por volta das seis e meia, abalado por um sonho esquisito.

Com os olhos fechados, eu me vi num lugar estranho, árido, envolto em branca penumbra: calcava um chão seco de terra preta, à margem do que parecia um rio de areia. Do chão violento se destacavam lajedos, grandes rochas crespas e cinzentas. Nenhuma árvore, nenhuma vegetação. Seria um deserto, mas estranhamente povoado: caminhava por ali uma multidão sombria de homens e mulheres vestidos com roupas extravagantes, numa dança mole. Parecia um carnaval veneziano em câmara lenta, sem música.

Segui o povo fantasiado que se dirigia a um morro. Notei que subiam por uma ladeira e desciam por outra. No que cheguei ao topo, me vi sozinho. Avançando através da névoa, de repente dei com uma cruz. Não era como as outras que eu já tinha visto: em cima e embaixo, prendia-se a arcos de madeira, do mesmo lenho, como se estivesse inscrita numa roda cortada, interrompida lateralmente em duas seções iguais, simétricas. Senti uma arrepios quando reconheci no crucificado o rosto irônico do velho Diogo, tal e qual o fotografei. Entre assustado e curioso, dei mais um passo à frente. Só então percebi que me ladeavam duas pessoas: à minha direita, um homem que me lembrou o historiador da barbearia; à minha esquerda, uma mulher alta e elegante, com um vestido longo e um chapéu na cabeça. Não vi seu rosto. No que me voltei para ela, escutei uma voz tenebrosa que vinha da boca do suplício:

— *Afastem-se!* A graça de Deus é insuportável.

Nesse momento, a cruz disparou a girar, que nem uma roda mesmo. Senti que me deslocava, empurrado para trás pelo sopro do rodopio. Cheguei assim à planície onde dois mascarados abriam uma cova. Acordei apavorado.

...

Foram dias de muito trabalho, tanto a quarta como a quinta-feira: duas cirurgias longas, complicadas. Celso estava com a mão direita um pouco machucada por causa de um pequeno acidente e as operações eram inadiáveis. O colega ficou muito grato:

— Desculpe interromper suas férias. Nosso pessoal anda sobrecarregado: entramos em alta estação de enfartes. Sobrou pra você, que estava perto e é meu amigo. Mas não se preocupe, terá sua compensação.

Visitei meus pacientes. Eles tinham ficado aos cuidados de um colega muito atencioso, mas se mostraram felizes por me ver. Quando perguntei ao italiano safenado como ele se sentia, o homem respondeu em sua língua, dizendo, de um modo bizarro, que estava aceso na vida:

— Sono ancora trafitto dal mio raggio di sole.

No que eu me despedia, ele me deu de presente um livro: uma coletânea de poemas de Salvatore Quasimodo.

Passei a manhã da sexta-feira a tratar de negócios que vinha adiando. Depois do almoço fui a um shopping com minha mãe, comprei presentes para Tia Preta e Luíla. Depois levei o carro ao mecânico para uma revisão. Acabei saindo um pouco tarde, cheguei a Cachoeira ao anoitecer. Luíla me esperava. Jantei em sua casa, depois de tomar um café com a tia (rito indispensável). Do jantar nós saímos para uma festa de aniversário. Voltamos de madrugada.

No dia seguinte, demorei a acordar. Já era perto de meio dia quando fui com Lélia, Jesus e Luíla à feira. Eles compraram temperos, farinha, bebidas, parte da munção para o churrasco de domingo (das carnes cuidaria Francisco). Eu simplesmente me diverti, em passeio pelas barracas. Mas acabei comprando, também, um monte de coisas: requeijão, doce de banana, licor, dendê, amendoim e castanha para mamãe. Depois tomamos umas cervejas em um bar do mercado.

O almoço foi demorado, seguido de muita conversa. Partimos de tardinha rumo ao sítio do pai de Luíla, nas proximidades da Lagoa Encantada. Laura foi com Francisco e Maria Clara (Jesus não: ele tinha ensaio). Minha namorada viajou comigo, no meu carro. Seus pais ficaram. Tinham compromisso para o domingo, bodas de prata de uma comadre.

Na saída da cidade, me encontrei com Júlio, um colega que vinha chegando para o plantão na Misericórdia. Conversei com ele um pouco, depois segui em frente, com Luíla me orientando. Logo chegamos a uma bela chácara. Cavalguei pelas redondezas, passei com minha querida até que o sol se pôs. Na volta, curtimos um ajantarado e muita conversa no amplo quintal, ao redor de uma mesa de pedra. Cantoria, uísque, cerveja... Francisco bem queria romper a madrugada com o violão, mas a bebida não deixou. Recolheu-se lá para as duas da manhã, com Maria Clara. Lélia também foi deitar-se por essa altura. Fiquei conversando com Luíla mais um pouquinho. Depois ela me levou ao quarto que tinham reservado para mim.

E um lindo sinal me fascinou.

...

Os olhos de minha querida brilharam quando eu lhe disse que tinha conseguido antecipar minhas férias — as primeiras de casado, não contando a lua de mel. A rigor, elas começariam na quarta-feira por vir, mas Celso me deu um dia de folga, a terça. O outro (aquela segunda) eu troquei com Júlio, com vantagem para os dois: acertamos que eu daria seu plantão em Cachoeira, pois ele tinha problemas a resolver na capital. Logo depois do café propus a meu bem:

— Se você quiser, nós vamos agora mesmo. De tarde, visitamos nossos amigos, damos um passeio. De noite, eu vou trabalhar e você fica em casa com seus pais. Amanhã, a gente toca para o sítio.

Luíla tratou logo de arrumar as malas. Chegamos cedo, pegamos o almoço delicioso de Dona Li. Fiz uma sesta que se prolongou além do previsto. Só visitei Tia Preta.

...

Plantão monótono. Já de madrugada, me lembrei do livro que tinha levado, presente do velho Giacomo. Logo na primeira página, achei o poema a que ele tinha feito referência, muito tempo atrás. Só ao ler esse texto compreendi o que o amigo dissera: dei-me conta da citação. Os versos lapidares ressoaram na minha cabeça: *Ognuno sta solo sul cuor della terra / Trafitto da un raggio di sole / Ed è subito sera*. Justamente nessa altura fechei o livro e me volvei para a janela aberta, mirando o céu pálido da antemanhã, onde se via ainda a foice do crescente. Tive a sensação absurda de que a noite não acabava. Bem ao contrário, me pareceu que ela estava a chegar, devorando o sol. Saí da ilusão quando a enfermeira me chamou:

— Doutor, a ambulância acabou de trazer um paciente muito idoso. O caso me parece grave.

Corri para examiná-lo, acionando logo a emergência. Isordil sob a língua, analgésicos, balão de oxigênio: os recursos usuais. O eletrocardiograma confirmou minha clara suspeita: enfarte. Providenciei o monitoramento cardíaco. A princípio, houve uma reação tímida, mas cerca de vinte minutos depois o pulso da criatura tornou a falhar. Pressão caindo, sinais vitais cada vez mais fracos, parada cardíaca... Iniciei o procedimento de reanimação. Desfibrilador, massagens, tentei de tudo. Em vão.

Eu já sabia quem era o paciente, mas a rigor só o reconheci depois: quando seu corpo deixou de ser objeto de minha disputa desesperada com a morte. Ele tinha no rosto o debuxo de um estranho sorriso, como o que eu tinha fixado na fotografia de três anos atrás. Os olhos azuis pareciam vivos ainda. Os cabelos brancos e ralos acentuavam sua palidez.

Dona Josefina esperava na recepção. Fui eu mesmo dar-lhe a notícia funesta, junto com meus pêsames. Ela agradeceu de olhos secos, dizendo que já esperava esse desenlace.

— Noventa e três anos, quase todos de muita tristeza. Foi dura sua quota. Hoje, seu dia chegou.

— Como a senhora percebeu que ele estava passando mal?

— O velho costumava acordar bem antes do sol. Ficava andando pela casa. Penso que enxergava no escuro, que nem um gato: nunca acendia a luz. Dessa vez, acendeu. Quando fui ver, ele estava sentado na poltrona, com a mão no peito. Respirava mal. Eu liguei imediatamente, pedindo a ambulância. Tal como no mês passado, quando ele teve uma crise parecida e Doutor Júlio o medicou. Então ele reagiu muito bem. Mas na sua idade, a saúde é um vidro. Meu tio não podia mesmo aguentar outro ataque.

— Sim, foi o que aconteceu.

— Agora, Doutor, me dê licença, deixe que eu veja o pobrezinho. Depois tomarei minhas providências. Por sorte, meu tio deixou tudo acertado. As despesas do enterro já estão pagas. Tenho aqui o cartão, os documentos. Vou ligar para a funerária e depois vou em casa pegar a roupa, as coisas dele. Eu mesma o visto, se me permite. Há de ser velado aqui, na igreja da Misericórdia. Até isso ele previu.

Assenti com a cabeça e voltei a minha sala para escrever o atestado de óbito. Em seguida, fui atender outro paciente, que me aguardava: um bêbado com um ferimento feio no braço e a cabeça quebrada. Uma queda, ele disse. Mas o ferimento era de faca.

Depois do curativo, fiz minha higiene e fui tomar um café. Quando já estava terminando, a enfermeira veio me chamar entre espantada e indignada:

— Doutor, aquela mulher é uma louca!

— De que se trata?

— Veja o senhor mesmo. E fale com ela, que não quer me ouvir.

Quando cheguei ao quarto em que jazia o defunto, tive uma surpresa. Ele estava trajado com roupas de mulher: um longo vestido negro, de mangas compridas. Tinha o rosto coberto por uma espécie de mantilha e calçava sapatos de pano escuro. Nas mãos cruzadas, uma dália branca.

— Minha senhora, isso não está certo — disse a enfermeira. — Nós não podemos permitir uma coisa dessas. Ele era homem, não mulher. Traga as roupas apropriadas.

— Foi o finado quem quis assim. Está escrito com sua letra. Mês passado ele me entregou os papéis com sua determinação. Sou a única parenta, sou a herdeira. Faça-lhe a vontade.

— Mas é absurdo! A senhora pense no que vão dizer...

Eu intervim:

— Ela tem razão. É vontade do morto e direito seu. Nós não podemos interferir.

— Mas doutor, será um escândalo! Vão dizer que consentimos numa loucura, que não tivemos respeito...

— Por favor, amiga, deixe que ela faça como quiser. Assunto encerrado — decidi.

— Obrigada, doutor — disse Josefina. — Os homens da funerária já estão chegando. Pedirei que botem logo meu tio Diogo no caixão e levem para a capela.

...

Quando saí do hospital, vi que já havia um grande número de pessoas às portas da Misericórdia. Reconheci a cega Caetana com sua filha Marieta, seu neto rastafari e Evangelista, o historiador. Eles me cercaram:

— Como foi, doutor?

— Um enfarte. O Senhor Diogo teve uma parada cardiorrespiratória e não o conseguimos reanimar.

Dona Marieta falou, um pouco encabulada:

— Minha mãe insistiu. Disse que queria **ver** o finado.

A velha explicou:

— Eu não enxergo, mas tenho ideia. Percebo as coisas, sinto o que existe. Taí esse povo todo a murmurar, porque nada entende. **Eu sei**. O senhor agiu certo dando sua autorização. Afinal, era a vontade do morto vestir-se daquele modo. E ele tinha seus bons motivos.

Um grupo de passantes logo nos rodeou. Dando-se conta (não sei como) do aumento de sua audiência, a velha falou mais alto:

— Não tem nada de escândalo, desrespeito nenhum. Ao contrário, se trata de uma devoção.

Evangelista pegou caneta e bloco, começou a anotar. Dona Caetana prosseguiu:

— A mãe dele o vestiu com roupas de menina até os sete anos de idade. Foi promessa. Pra ele escapar, depois que a irmã faleceu.

— Irmã?

— Isso mesmo. A irmã mabaça, que morreu de moléstia ruim, antes que completasse um ano. Se chamava Diana. Mais tarde, o menino também adoeceu e a mãe quase fica louca. Aí prometeu às almas essa devoção.

— Mas não lhe bastou cumprir o voto na infância? Porque agora, depois de morto...?

— Por causa de uma paixão que tinha de purgar. Ficou devendo à alma da mãe.

...

Quando cheguei em casa, todos já sabiam do acontecido. Luíla me perguntou:

— A que horas vai ser o enterro?

— Às cinco da tarde. Você quer ir?

— Não. Quero mandar umas flores para meu pobre inimigo.



— Então me dê o dinheiro que eu compro e entrego — disse Tia Preta, que lá estava com ela, tomando o café de Dona Li —. Levarei também um ramo seco para o viajante. Um sinal para o povo do outro lado. Rogo que guardem o infeliz. Pedirei que nenhum de seus sonhos se derrame na banda dos vivos, nenhum de seus desejos se volte para cá.

— Depois de muitos anos, ele voltou a sua terra. Todo o mundo se indagava porque. Na certa, desejava morrer aqui — ponderou Luíla. — Saudades, imagino. Lembranças do amor. Ou do ódio... Nunca saberemos.

— Amor e ódio, tudo junto, num tenebroso raio de luz — eu murmurei. — E uma tremenda devoção.

— O que está dizendo?

— Sei lá! Na verdade, não sabemos nada, nem mesmo quem era esse homem.

— Oxente, um pobre diabo. Que Deus o tenha! — Tia Preta rezou.



**Projeto Gráfico**  
Fundação ADM

**Capa e Ilustração**  
Augusto Mattos

**Produção e Impressão Gráfica**  
Fundação ADM

**CTP e Impressão Gráfica**  
Grasb

**Formato 20 x 21**

Tipologia das famílias Open Sans, A Massa Falida 1  
Cartão Supremo 300g/m<sup>2</sup> capa - Alto alvura 90g/m<sup>2</sup> miolo - 400p.

**Tiragem: 2000 exemplares**

Ano: 2015